



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE

**PERCEPÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS INTERDIALETAIS: O /S/ EM CODA
SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

JOÃO PESSOA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE

**PERCEPÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS INTERDIALETAIS: O /S/ EM CODA
SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de doutor em Linguística.

Orientador: Rubens Marques de Lucena (UFPB)

JOÃO PESSOA
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

H519p Henrique, Pedro Felipe de Lima.

Percepções sociolinguísticas interdialetais: o /S/
em coda silábica no português brasileiro / Pedro Felipe
de Lima Henrique. - João Pessoa, 2023.
248 f. : il.

Orientação: Rubens Marques de Lucena.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Sociolinguística. 2. Coda silábica. 3. Variação
interdialeto. I. Lucena, Rubens Marques de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'27(043)



ATA DE DEFESA DE TESE DE
PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e três (28/02/2023), às oito horas e trinta minutos, realizou-se, via Plataforma Google Meet, a sessão pública de defesa de "Tese intitulada **PERCEPÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS INTERDIALETAIS: O /S/ EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO** apresentada pelo(a) doutorando(a) **PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE**, Graduado(a) em Letras pelo(a) Universidade Federal da Paraíba - UFPB, orientando do Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (PROLING-UFPB), que concluiu os créditos para obtenção do título de **DOCTOR EM LINGUÍSTICA**, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (PROLING - UFPB), na qualidade de Orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte as Professoras Doutoras Carolina Gomes da Silva (Examinadora/PROLING-UFPB), Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (Examinadora/UFPB), Livia Oushiro (Examinadora/Unicamp) e Elisa Battisti (Examinadora/UFRGS). Dando início aos trabalhos, o Senhor Presidente, Rubens Marques de Lucena, convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao Doutorando para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguido pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o conceito APROVADO. Proclamados os resultados pelo Sr. Presidente, foram encerrados os trabalhos e, para constar, foi lavrada a presente ata, que será assinada juntamente com os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 28 de fevereiro de 2023.

Observações

A Banca Examinadora gostaria de destacar a qualidade do trabalho apresentado, mencionando a qualidade da revisão teórica, do tratamento empírico dos dados e da análise quantitativa dos dados. Nesse sentido, a Banca recomenda sua publicação, condicionada à estrita observação das sugestões para correção, edição e alteração apontadas nos documentos em anexo.

Documento assinado digitalmente
RUBENS MARQUES DE LUCENA
Data: 17/03/2023 14:36:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena
(Presidente da Banca Examinadora)

Documento assinado digitalmente
CAROLINA GOMES DA SILVA
Data: 17/03/2023 15:31:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Carolina Gomes da Silva
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
LIVIA OUSHIRO
Data: 17/03/2023 15:26:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Livia Oushiro
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
JULIENE LOPES RIBEIRO PEDROSA
Data: 21/03/2023 18:20:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa
(Examinadora)

Documento assinado digitalmente
ELISA BATTISTI
Data: 16/03/2023 18:18:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Elisa Battisti
(Examinadora)

Para Jan Dodd (*in memoriam*) e Dermeval da Hora,
com todo o carinho.

AGRADECIMENTOS

À grande força que rege o universo, por todas as combinações de variáveis que me trouxeram até aqui.

Aos meus pais, Valdês e Gilvanete, por todo amor e apoio dados desde o meu nascimento até aqui, pelos ensinamentos, horas de sono perdidas, alimento, educação e, principalmente, pelo exemplo do que é fazer e dar o seu melhor por quem se ama.

A meus irmãos, Valdês Júnior e Maria Gabriela, pela cumplicidade, apoio nas crises, companheirismo na pandemia e pela construção de uma base sólida e dialógica do que é ser e construir uma família.

Aos meus familiares, que exerceram grande influência sobre a minha formação humana, dentre os quais cito minhas avós Iraci e Lúcia, meus tios Nicodemos, Isaura (*in mermoriam*), Janete e Valdenice, e meus queridos primos Jaquicilene, Silvânia, Tiago e Noele.

Aos meus professores, responsáveis não só pela minha formação intelectual, mas, principalmente, por servirem de inspiração para o tipo de profissional que eu viria a ser. Da educação infantil, cito tia Omenita, tia Sandra (minha alfabetizadora) e tia Marizete; do ensino fundamental, Kilson, Gilberto, Aparecida, Janaína, Rubens e Elizabete (minha professora de Língua Portuguesa); do ensino médio, cito Rejane, Brasileiro, Franklin, Cleomar, Marconi (*in memoriam*), Adolfo, Ana Bernadete e Analice (minha musa inspiradora que acabou se tornando minha madrinha); do ensino superior, Márcio, Marco Valério, Vanessa, Daniela, Josete, Gláucia, Carmen e Walkíria; e da pós-graduação, Ferrari e Leonardo.

Ao Laboratório de Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB) por ser um terreno fértil a partir do qual tantos pesquisadores talentosos foram formados. O VALPB foi a minha segunda casa e conviver com professores como Dermeval, Juliene e Rubens, e com outros bolsistas de Iniciação Científica (e agora colegas de profissão) como Fernando, Ingrid e André, deu-me um norte sobre que tipo de pesquisador eu gostaria de ser.

A Dermeval da Hora, meu eterno orientador, por ter acreditado em mim e nas minhas potencialidades desde tão cedo. Certamente eu não estaria aqui sem todas as portas que se abriram apenas por ser seu orientando; um exemplo de profissional e de ser humano, sempre generoso e pai de tantos filhos acadêmicos, família da qual tenho orgulho de pertencer.

Ao meu orientador, Rubens Marques, por ter abraçado a missão de me ajudar a concluir este trabalho no meio do caminho. Pelas leituras, sugestões, conversas e, principalmente, pela acolhida em momentos tão difíceis pelos quais tantos de nós passamos durante a pandemia.

Aos membros avaliadores desta tese, Livia, Elisa, Carolina e Juliene, pela cuidadosa leitura deste texto e pelas valiosas contribuições para a construção de um trabalho melhor.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB, pelas disciplinas ofertadas, apoio aos seus estudantes e pela estrutura material e imaterial oferecida para a elaboração desta pesquisa.

Aos governos do PT, pelos investimentos em uma educação superior pública de qualidade.

À CAPES, pela bolsa de doutorado sanduíche concedida, que me possibilitou experienciar vivências acadêmicas transformadoras como pesquisador na Universidade de York.

Aos meus supervisores na Universidade de York, Paul Foulkes e George Bailey, pela acolhida no Departamento de Linguística, pelas discussões a respeito dos experimentos e orientações sem as quais esta tese não teria os contornos aqui apresentados.

A todas as pessoas que fizeram minha estadia na Inglaterra mais calorosa. Em primeiro lugar, a Lucileide e Walter, pela acolhida em Londres durante a quarentena; a Jan (*in memoriam*), por me receber na sua casa em York, por me apresentar lugares incríveis e pelas longas conversas que tivemos sob o calor da sua lareira; a Eduardo, pelo companheirismo e cumplicidade a mim devotados, por ter me ensinado como as coisas funcionavam naquele novo ambiente, por ser meu Dom Quixote; aos meus queridos colegas do HRC, Shirin, Akbar, Frederico e Mariana, pelos almoços juntos, pelas trocas de experiências culturais e pelo carinho com o qual me abraçaram numa realidade atípica. Minha experiência em York não seria a mesma sem vocês.

Aos respondentes dos meus testes, aos que auxiliaram na sua divulgação e aos participantes que emprestaram sua voz para a confecção dos estímulos utilizados nos experimentos.

Ao Instituto Federal do Rio Grande do Norte, por ser uma instituição que incentiva a formação de seus docentes oferecendo espaço, tempo e recursos, sem os quais este trabalho não teria sido concluído. A todos os colegas de profissão que se tornaram grandes amigos a partir de nossa convivência nos *campi* Macau e Santa Cruz, dos quais cito André (e sua esposa, Patrícia), Alberto (*in memoriam*), Nicomedes, Karlão, Julio Cacho, Chico, Ellen, Suzete, Thamyres, Liliane (e seu marido, Ranyer), Mariana, Fernanda, Ju, Camila, Mayra, Layse, Analu, Ana Elisa, Lucileide (e seu marido, Walter) e Jerônimo.

Aos meus amigos-irmãos-cúmplices, os *Power Rangers* do *campus* Macau, que se cristalizaram como refúgio de acolhimento nos nossos encontros anuais de terapia coletiva.

Josenildo, Efraim e Demóstenes, muito obrigado pela escuta ativa, pelos conselhos e por me mostrarem a importância do que é ser uma comunidade LGBTQIAP+ viva, afetuosa, atuante no trabalho e na vida.

Aos meus amigos presentes, irmãos e irmãs que a vida me deu e que são minha base, desde os tempos mais remotos da minha infância, como Ana Márcia; dos tempos do João XXIII, como Jephesson; da época do CEFET, como Cinthya e Felipe Pereira; dos tempos da Universidade, como Valnikson, Bruna, Jon, Jéssica, Sofia, Fabiana, Beatriz, Will, Fernando, Raisal, André e Laís; e daqueles amigos que a vida se encarregou de pôr no meu caminho, como Joseane, Felipe, Alyne, Djair e Hamilton. Todos vocês são responsáveis também por este trabalho.

A Ingrid, pela parceria na minha vida acadêmica e pessoal, pela leitura atenta desta tese em tantos momentos diferentes e, principalmente, pelo apoio nas situações mais difíceis e decisivas nessa jornada tão árida e, por vezes, tão solitária.

A Anderson, meu melhor amigo, pela irmandade com a qual me impulsiona, me acolhe, me incentiva, me motiva, me aconselha, me adverte e, principalmente, me inspira a ser uma pessoa melhor. Obrigado pelo seu exemplo e pela sua existência.

A todos os meus alunos, com os quais aprendi o meu lugar no mundo sendo professor.

A mim mesmo, por não ter desistido.

RESUMO

O objetivo principal desta tese foi o de investigar de que maneira ouvintes de comunidades de fala distintas com relação ao uso das variantes mais recorrentes do /S/ pós-vocálico percebem, processam e avaliam as variantes alveolares e palatoalveolares na fala de outras pessoas. Para isso, 240 ouvintes brasileiros, entre 18 e 30 anos, de seis capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, João Pessoa e Natal) foram submetidos a duas tarefas de percepção. Na primeira, 32 de estímulos gravados por falantes do português brasileiro foram apresentados a dois grupos distintos de cada comunidade de fala para que fossem julgados pelos ouvintes a partir de alguns atributos positivos e negativos, 16 dos quais apresentavam pronúncias alveolares ou palatoalveolares do /S/ pós-vocálico produzidas por um(a) mesmo(a) informante. Após esse julgamento, eles precisavam indicar de que cidade esse falante seria. A segunda tarefa consistia numa combinação entre um teste de discriminação e identificação. Os mesmos juízes, após completarem a primeira tarefa, deveriam julgar o quão diferentes soavam duas pronúncias do /S/ em 16 pares de estímulos gravados por um outro informante, 8 dos quais eram compostos por uma pronúncia palatoalveolar e outra alveolar. Após indicarem o grau de distinção percebido numa escala em cujas extremidades estavam os indicadores "totalmente igual" e "totalmente diferente", os ouvintes deveriam escolher qual das duas pronúncias percebiam como proeminente em sua comunidade e qual delas era mais usada por eles mesmos. Entre os principais resultados com relação ao experimento de discriminação, constatou-se que algumas restrições linguísticas como o vozeamento da fricativa e a posição da coda na sílaba parecem exercer influência sobre a percepção do contraste entre os pares, independente da comunidade de fala do ouvinte. Sobre os testes de categorização, verificou-se que os participantes têm consciência da forma como sua comunidade se comporta com relação ao /S/ pós-vocálico, na medida em que os padrões de distribuição das variantes palatoalveolares e alveolares encontrados em dados de produção correspondem aos padrões de categorização aferidos entre os ouvintes considerando seu dialeto de origem. Além disso, verificou-se que eles apresentam identificação dialetal frente à variável, já que os padrões de categorização aferidos considerando seu dialeto de origem correspondem aos escolhidos para a própria forma de falar. Com relação aos resultados dos testes de percepções sociolinguísticas, foi detectada diferença na avaliação do rótulo "sotaque" entre os ouvintes de todas as comunidades de fala, para os quais os falantes eram percebidos com mais sotaque quando ouvidos pronunciando fricativas palatoalveolares. Entre os ouvintes de Porto Alegre e Natal, a avaliação foi mais severa entre mulheres do que entre homens, e entre os pessoenses, foi maior em contextos em que a fricativa era precedida pela consoante [k]. Os falantes, quando pronunciaram as fricativas como palatoalveolares, foram julgados pelos ouvintes de Porto Alegre como menos confiáveis e menos inteligentes, pelos ouvintes de Recife como menos convencidos e pelos ouvintes de Natal e de João Pessoa como mais engraçados. No que diz respeito à escolha das cidades para representar a origem do falante, verificou-se que Recife foi mais escolhida para representar a origem daqueles com pronúncias palatoalveolares, principalmente por ouvintes do Nordeste, enquanto o Rio de Janeiro foi mais escolhido nessas mesmas condições entre os ouvintes do Sul e Sudeste. São Paulo e Porto Alegre foram mais escolhidos quando os falantes pronunciavam as fricativas como alveolares, principalmente entre os ouvintes dessas comunidades de fala. Os resultados aqui reportados ampliam o conhecimento sobre as fricativas em coda no PB, trazem luz sobre reconhecimento interdialetal entre falantes do PB e a formação de índices relacionados à sua origem, bem como apontam para possíveis significados sociais vinculados a variantes dessa variável e sua saliência distribucional e sociocognitiva.

Palavras-chave: Percepções sociolinguísticas. /S/ em coda silábica. Variação interdialetal.

ABSTRACT

The main goal of this thesis is to investigate how listeners from different speech communities perceive, process, and evaluate alveolar and post-alveolar variants regarding the use of the post-vocalic /S/ in the other's speech. For that, 240 Brazilian listeners between 18 and 30 years old from six Brazilian cities (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, João Pessoa, and Natal) took part in two perception tasks. In the first one, two distinct groups from each speech community listened to 32 recorded stimuli produced by Brazilian Portuguese speakers. 16 of those stimuli had alveolar or post-alveolar pronunciations of the post-vocalic /S/ produced by the same informant. The listeners judged the speakers based on positive and negative attributes, and after this evaluation, they had to indicate the speaker's city. The second test combined discrimination and an identification task. After completing the first task, the same judges had to show how different the two /S/ pronunciations sounded in the 16 pairs of recorded stimuli produced by another informant. These pairs were composed by a post-alveolar and an alveolar articulation. The degree of distinction was observed based on a point in a scale ranging from "totally equal" to "totally different", given to the listeners. After that, they had to choose which of the two pronunciations they perceived as prominent in their community and which was more commonly used by themselves. Among the main results regarding the discrimination experiment, we found that some linguistic variables, such as the voicing of the fricative and the position of the coda in the syllable, seem to influence the perception of the contrast between the pairs, regardless of the listener's speech community. On the categorization tests, we verified that the participants are aware of how their community behaves about the post-vocalic /S/, as the distribution patterns of the post-alveolar and alveolar variants found in production data correspond to the categorization patterns observed among the listeners considering their dialect of origin. In addition, they showed dialectal identification by the listeners concerning the variable, as the categorization patterns to adduce their townsman's way of speech corresponded to those selected for their own speech. About the results of the sociolinguistic perception tests, we detected a difference in the evaluation of the "accent" label among listeners from all speech communities, for whom speakers were perceived as having accent when listened to pronouncing post-alveolar fricatives. Among the listeners from Porto Alegre and Natal, the evaluation was higher among women than among men, and among those from João Pessoa, it was higher before the consonant [k]. When pronouncing post-alveolar fricatives, the speakers were judged by listeners from Porto Alegre as less reliable and less intelligent, by listeners from Recife as less smug, and by listeners from Natal and João Pessoa as funnier. Regarding the choice of cities to represent the origin of the speaker heard, we observed that listeners, especially those from the Northeast, have mainly chosen "Recife" to indicate the origin of speakers with post-alveolar pronunciations. At the same time, Rio de Janeiro was more chosen in these same conditions among listeners from the South and Southeast. São Paulo and Porto Alegre were most chosen when speakers pronounced alveolar fricatives, especially among listeners of these speech communities. The results reported here expand knowledge about fricatives in coda position in Brazilian Portuguese, spot the interdialectal recognition among Brazilian speakers and the indexicality related to their origin, and give some clues about possible social meanings linked to variants of this variable and its distributional and sociocognitive salience.

Keywords: Sociolinguistic perceptions. /S/ in syllable coda position. Interdialectal variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das realizações palatoalveolares do /S/ em coda silábica interna e externa em cada uma das capitais do Brasil.....	29
Figura 2 - Gráficos com a distribuição da palatalização de /S/ em coda medial por 6 pessoenses, a depender do Contexto Seguinte, do Instrumento de Coleta e do Tipo de Coda. Legenda: P = Palatalização, NP = Não palatalização.....	46
Figura 3 - Porcentagem das respostas dadas às perguntas (a) "Falar assim é comum onde você mora?" e (b) "Você fala assim?" a partir da apresentação dos estímulos com a variante palatoalveolar em coda externa e antes de /t/	56
Figura 4 - Nuvem de palavras com avaliações da variante palatoalveolar para o /S/ em coda medial antes de /t/ (a) e para o /S/ em coda final (b).....	57
Figura 5 - Nuvem de palavras com avaliação sobre o contexto geográfico associado à variante palatoalveolar para o /S/ em coda medial antes de /t/ (a) e para o /S/ em coda final (b)	58
Figura 6 - Porcentagem de respostas sobre possibilidade da variante palatoalveolar ser gatilho para preconceito linguístico	58
Figura 7 - Percepção da palatalização do /S/ em função do contexto linguístico	59
Figura 8 - Gráficos com a proporção das escolhas (a) para o dialeto pessoense e (b) para fala do participante de acordo com o "Contexto fonético seguinte"	66
Figura 9 - Mapa de percepção dialetal entre o sul da Holanda e o norte da Bélgica	79
Figura 10 - Mapa dialetológico da região de fronteira entre Bélgica e Holanda	80
Figura 11 - Áreas indicadas pelos respondentes e classificação com relação à similaridade de sotaques	81
Figura 12 - Grau médio de classificações de diferença de sotaques para os entrevistados do sudeste de Michigan-EUA	82
Figura 13 - Mapa desenhado à mão por um informante de Michigan sobre os dialetos do Estados Unidos	83
Figura 14 - Mapa de composição gerado por computador a partir de 147 mapas desenhados à mão por respondentes de Michigan sobre áreas dialetais dos Estados Unidos.....	83
Figura 15 - Linhas desenhadas por falantes de Carlisle (a), Crewe (b) e Hull (c) para dividir o território do Reino Unido considerando a forma de falar do Norte e do Sul	85
Figura 16 - A percepção das áreas dialetais da Escócia (a) e da Inglaterra (b) entre os entrevistados do lado escocês (esquerda) e inglês (direita) da fronteira	86
Figura 17 - Mapa desenhado à mão por um entrevistado de 19 anos da cidade de Chicago, nos Estados Unidos.....	88

Figura 18 - Avaliação intelectual e emocional de áreas dialetais do Japão por estudantes secundaristas	88
Figura 19 - Avaliação de sotaques do português do Rio Grande do Sul considerando os atributos “correto” (a) e “agradável” (b) por entrevistados de Porto Alegre	89
Figura 20 - Média de avaliação para os atributos “correto” (a e c) e “simpático” (b e d) para variedades do Inglês americano por respondentes de Michigan (a e b) e Alabama (c e d) (na escala de 1 a 10, 1 representa a avaliação mais baixa e 10, a mais alta).....	90
Figura 21 - Nove cidades indicando uma dimensão Norte-Sul dos Estados Unidos	95
Figura 22 - Porcentagem de produção do -r por falantes de Nova York considerando classe social e estilo	101
Figura 23 - Campo indicial para a soltura do /t/ no inglês americano	108
Figura 24 - Campo indicial de (-r) em São Paulo	118
Figura 25 - Visualização da página do primeiro bloco de testes.....	127
Figura 26 - Visualização da página do segundo bloco de testes	128
Figura 27 - Oscilograma e espectrograma do estímulo E3, produzido pelo falante B, e marcação da fricativa alveolar na gravação.....	136
Figura 28 - Oscilograma e espectrograma do estímulo E4, produzido pelo falante B, e marcação da fricativa palatoalveolar na gravação	137
Figura 29 - Página do teste utilizada para validar a produção pós-alveolar do estímulo E2 .	142
Figura 30 - Espectrograma e Oscilograma dos estímulos O1 e F1	150
Figura 31 - Página do teste utilizada para validar a produção pós-alveolar do estímulo O4 .	154
Figura 32 - Histograma para representar a distribuição das respostas dadas pelos informantes no teste de percepção.....	159
Figura 33 - Boxplots com distribuição das observações do grau de distinção (acima de 50) considerando cada uma das variáveis preditoras.....	160
Figura 34 - Gráfico de efeitos e gráfico de valores preditos a partir do modelo de regressão linear misto com dados filtrados tendo como variáveis preditoras a posição da coda e o vozeamento da fricativa	164
Figura 35 - Bloxplots com distribuição das avaliações de cada pronúncia por atributo entre os ouvintes de São Paulo e Porto Alegre	185
Figura 36 - Bloxplots com distribuição das avaliações de cada pronúncia por atributo entre os ouvintes de Recife e Rio de Janeiro	192
Figura 37 - Bloxplots com distribuição das avaliações de cada pronúncia por atributo entre os ouvintes de Natal e João Pessoa.....	198

Figura 38 - Gráfico de efeitos e gráfico de valores preditos a partir do modelo de regressão linear misto para avaliação do atributo "sotaque" entre ouvintes pessoenses..... 205

Figura 39 - Gráficos de valores preditos pelos modelos de regressão logísticas utilizados para estimar a probabilidade de escolhas para a origem dos falantes considerando a pronúncia escutada e a comunidade de fala dos ouvintes 214

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das ocorrências do /S/ pós-vocálico em dados do NURC.....	32
Gráfico 2 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em São Paulo	33
Gráfico 3 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Porto Alegre.....	34
Gráfico 4 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final no Rio de Janeiro	35
Gráfico 5 - Variação da fricativa alveolar /s/ no Rio de Janeiro-RJ (amostra Censo 1980)	36
Gráfico 6 - A variação da fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ (amostra ALiB).....	37
Gráfico 7 - A realização da fricativa alveolar /s/ no Rio de Janeiro-RJ (amostra Censo 2000 e EJLA)	38
Gráfico 8 - A realização da fricativa alveolar /s/ na comunidade Cidade de Deus.....	39
Gráfico 9 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Recife.....	41
Gráfico 10 - Disposição das variantes do /S/ em coda na cidade de João Pessoa.....	43
Gráfico 11 - Ocorrência da palatalização de /S/ em coda por 6 pessoenses, a depender do Instrumento de Coleta (Entrevista, Leitura e Inquérito Fonético) e do Tipo de Coda (Medial e Final). Legenda: P = Palatalização, NP = Não palatalização.....	45
Gráfico 12 - Palatalização por comunidade de fala e classe natural do segmento seguinte	54
Gráfico 13 - Percepção da distinção entre as variantes alveolar e palatoalveolar para o /S/ em coda antes de /t/	60
Gráfico 14 - Distribuição das pronúncias preferidas dos ouvintes para a fala dos telejornalistas, dos pessoenses e para a própria fala.....	61
Gráfico 15 - Histograma da distribuição das avaliações de acordo com o grau de diferença..	65
Gráfico 16 - Distribuição e dispersão das respostas com relação às variáveis “Classe natural” e “Contexto fonético seguinte”	65
Gráfico 17 - Graus de semelhança – teste de classificação por similaridade em Florianópolis (a) e Porto Alegre (b).....	70
Gráfico 18 - Correlação entre os testes de associação implícita e explícita–FLN	71
Gráfico 19 - Correlação entre os testes de associação implícita e explícita–POA.....	72
Gráfico 20 – Diferenças na indicação regional (de norte a sul) de vozes femininas e masculinas para cada variante de /ay/ (da mais ditongada à mais monotongada)	95

Gráfico 21 - Proporção das escolhas para a variante mais recorrente na comunidade de fala do ouvinte considerando seu dialeto de origem	166
Gráfico 22 - Proporção das escolhas para a variante mais recorrente na comunidade de fala do ouvinte considerando seu dialeto de origem e o contexto seguinte à fricativa	168
Gráfico 23 - Efeitos do modelo de regressão logística misto considerando a escolha da variante palatoalveolar pelos ouvintes para caracterizar a fala de sua comunidade	172
Gráfico 24 - Valores preditos pelo modelo de regressão logística misto considerando a escolha da variante palatoalveolar pelos ouvintes para caracterizar a fala de sua comunidade.....	173
Gráfico 25 - Proporção das escolhas para a variante mais recorrente na fala do ouvinte considerando seu dialeto de origem	174
Gráfico 26 - Proporção das escolhas para a variante mais recorrente na fala do ouvinte considerando seu dialeto de origem e o contexto seguinte à fricativa	176
Gráfico 27 - Gráfico de efeitos do modelo de regressão logística misto considerando a escolha da variante palatoalveolar pelos ouvintes para caracterizar a sua fala	180
Gráfico 28 - Valores preditos pelo modelo de regressão logística misto considerando a escolha da variante palatoalveolar pelos ouvintes para caracterizar a própria fala.....	181
Gráfico 29 - Proporção da convergência de escolhas da variante mais frequente na comunidade do ouvinte e na sua própria fala considerando sua cidade natal e o contexto seguinte.....	182
Gráfico 30 - Estimativas referentes ao modelo com (à esquerda) e sem (à direita) a variável "ouvinte" como efeito aleatório.....	183
Gráfico 31 - Valores preditos pelo melhor modelo de regressão linear misto para o atributo "sotaque" entre as respostas dos ouvintes paulistanos.	187
Gráfico 32 - Valores preditos considerando o gênero dos ouvintes gerado a partir o modelo escolhido para analisar a avaliação do "sotaque" por ouvintes porto-alegrenses	190
Gráfico 33 - Distribuição da distinção entre os pares de fricativas por gênero dos ouvintes de Porto Alegre	191
Gráfico 34 - Valores preditos considerando a frase estímulo e a pronúncia gerado a partir de um modelo para avaliação do "sotaque" por ouvintes recifenses	193
Gráfico 35 -Valores preditos pelos melhores modelos de regressão linear mistos para os atributos "convencido" e "sotaque" entre os ouvintes recifenses.....	195
Gráfico 36 - Valores preditos pelo melhor modelo de regressão linear misto para o atributo "sotaque" entre os ouvintes cariocas	197
Gráfico 37 - Gráfico de valores preditos considerando o gênero dos ouvintes gerado a partir o modelo escolhido para analisar a avaliação do "sotaque" por ouvintes natalenses	201

Gráfico 38 - Distribuição da distinção entre os pares de fricativas por gênero dos ouvintes de Natal	202
Gráfico 39 - Valores preditos a partir de um modelo de regressão linear misto para avaliação do sotaque considerando a pronúncia ouvida e a comunidade de fala do ouvinte	207
Gráfico 40 - Proporções de escolhas das cidades por pronúncia escutada e comunidade de fala do ouvinte	210

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo dos resultados de trabalhos sobre acomodação do /S/ pós-vocálico entre comunidades com comportamentos distintos.....	53
Quadro 2 - Ordem de apresentação das páginas do teste completo	128
Quadro 3 - Frases estímulo para o primeiro experimento considerando o contexto seguinte, vozeamento e tipo de coda	130
Quadro 4 - Todos os estímulos utilizados no primeiro teste de percepção	131
Quadro 5 - Conjunto de estímulos escutados por cada grupo no primeiro experimento	132
Quadro 6 - Distribuição do número de avaliações por tipo de comunidade, cidade e grupo de ouvintes	133
Quadro 7 - Lista de falantes por gênero e comunidade de fala	134
Quadro 8 - Espectros de frequência das fricativas utilizadas nos estímulos do primeiro experimento com pronúncia alveolar (em vermelho) e palatal (em preto)	138
Quadro 9 - Métricas controladas para a categorização das fricativas e validação dos estímulos do primeiro experimento	140
Quadro 10 - Variáveis provenientes do questionário do teste de percepção.....	143
Quadro 11 - Variáveis consideradas para o experimento de percepções sociolinguísticas ...	145
Quadro 12 - Estímulo para o segundo conjunto de testes	149
Quadro 13 - Espectros de frequência das pronúncias alveolares e palatoalveolares dos estímulos do segundo experimento	151
Quadro 14 - Métricas controladas para a categorização das fricativas e validação dos estímulos do segundo experimento	153
Quadro 15 - Variáveis consideradas para o segundo experimento	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência global das variantes do /s/ em coda silábica no estudo de Macedo (2004) sobre dados de Recife.....	41
Tabela 2 - Variáveis favorecedoras à palatalização e seus respectivos índices alcançados no estudo de Macedo (2004) sobre dados de Recife.....	42
Tabela 3 - Associação entre preferência de pronúncia quanto à palatalização do /S/ em coda medial na fala do apresentador e as atitudes linguísticas.....	62
Tabela 4 - Associação entre a percepção da forma de falar do pessoense quanto à palatalização do /S/ em coda e as atitudes linguísticas.....	63
Tabela 5 - Associação entre a percepção da própria fala quanto à palatalização do /S/ em coda e as atitudes linguísticas.....	63
Tabela 6 - Resultados: distribuição das respostas dos participantes para o teste de avaliação do (s) em coda por grupo amostral.....	73
Tabela 7 - Médias de avaliação aferidas a partir das respostas dos universitários de Michigan para habitantes de regiões dialetais do norte e do sul do país.....	92
Tabela 8 - Respostas por região para a variante alveolar e palatal da variável “-ing”.....	94
Tabela 9 - Modelos de regressão linear mistos com posição da coda e o vozeamento da fricativa como efeitos fixos e o ouvinte como efeito aleatório, considerando uma amostra com dados filtrados (a) e uma com todas as observações (b).....	163
Tabela 10 - Melhor modelo de regressão logística misto ajustado para a associação da variante à fala da comunidade.....	171
Tabela 11 - Modelo de regressão logística misto tendo a associação da variante à fala do próprio ouvinte como variável dependente, cidade do ouvinte e o contexto fonético seguinte como efeitos fixos e o ouvinte como efeito aleatório.....	179
Tabela 12 - Resultados de um modelo de regressão linear misto tendo como VD a avaliação do "sotaque", "pronúncia" escutada pelos ouvintes paulistanos como VI e o ouvinte e estímulo como efeitos aleatórios.....	187
Tabela 13 - Resultados de modelos de regressão linear mistos para as respostas dos ouvintes porto-alegrenses considerando os atributos "confiável", "inteligente" e "sotaque".....	189
Tabela 14 - Resultados de modelos de regressão linear mistos para as respostas dos ouvintes recifenses, considerando o atributo "convencido" e "sotaque" (com e sem a frase estímulo como efeito aleatório).....	194
Tabela 15 - Resultados do melhor modelos de regressão linear misto ajustado para as respostas dos ouvintes cariocas considerando o atributo "sotaque".....	196

Tabela 16 - Resultados de modelos de regressão linear mistos para as respostas dos ouvintes natalenses considerando os atributos "engraçado" e "sotaque".....	200
Tabela 17 - Resultados de modelos de regressão linear mistos para as respostas dos ouvintes pessoenses considerando os atributos "engraçado" e "sotaque"	203
Tabela 18 - Resultados do modelo de regressão linear misto para as respostas para o atributo "sotaque" considerando a pronúncia ouvida e a comunidade de fala do ouvinte	206
Tabela 19 - Resultados de modelos de regressão logísticas utilizados para estimar a probabilidade de escolhas para a origem dos falantes considerando a pronúncia escutada e a comunidade de fala dos ouvintes	212

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 - A FRICATIVA CORONAL PÓS-VOCÁLICA NO PB	28
1.1 AS VARIANTES DO /S/ EM CODA NO PB.....	28
1.2 ESTUDOS CONSIDERANDO A FRICATIVA PÓS-VOCÁLICA EM SEIS DIALETOS BRASILEIROS	31
1.2.1 <i>Dialetos em que a variante alveolar predomina</i>	32
1.2.2 <i>Dialetos em que a variante palatoalveolar predomina</i>	34
1.2.3 <i>Dialetos com predominância de ambas as variantes</i>	42
1.2.4 <i>Migração e acomodação</i>	47
1.3 ESTUDOS RELACIONADOS À PERCEPÇÃO DO /S/ EM CODA NO PB	54
1.3.1 <i>Percepção e atitudes no discurso metalinguístico</i>	55
1.3.2 <i>Percepção, atitude e avaliação inferidas a partir de abordagens indiretas</i>	59
CAPÍTULO 2 - PERCEPÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	76
2.1 PERCEPÇÃO DIALETAL	78
2.1.1 <i>Dialetologia perceptual e identificação dialetal</i>	79
2.1.2 <i>Avaliação social de sotaques regionais</i>	87
2.2 O LUGAR DA PERCEPÇÃO NOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS.....	98
2.2.1 <i>Indicialização e registro: o papel do significado social na variação</i>	106
2.2.2 <i>O papel da saliência na investigação da variação sob a perspectiva do ouvinte</i>	111
2.3 PERCEPÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS NO BRASIL	116
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....	125
3.1 PRIMEIRA PARTE - EXPERIMENTO DE PERCEPÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS. 129	
3.1.1 <i>Design experimental</i>	129
3.1.2 <i>Gravação, edição e validação dos estímulos</i>	134
3.1.3 <i>Variáveis, hipóteses e análises estatísticas</i>	142
3.2 SEGUNDA PARTE - EXPERIMENTO DE DISCRIMINAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DIALETAL	147

<i>3.2.1 Design experimental</i>	148
<i>3.2.2 Gravação dos estímulos</i>	150
<i>3.2.3 Variáveis, hipóteses e análises estatísticas</i>	154
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS	158
4.1 RESULTADOS DO EXPERIMENTO DE DISCRIMINAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DIALETAL	158
<i>4.1.1 Experimento de discriminação</i>	158
<i>4.1.2 Experimentos de categorização</i>	165
4.2 RESULTADOS DO EXPERIMENTO DE PERCEPÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS ...	184
<i>4.2.1 Resultados para avaliação dos atributos entre as cidades onde a forma alveolar predomina</i>	185
<i>4.2.2 Resultados para avaliação dos atributos entre as cidades onde a forma palatoalveolar predomina</i>	191
<i>4.2.3 Resultados para avaliação dos atributos entre as cidades onde as duas formas são produtivas</i>	197
<i>4.2.4 Resultados para a indicação da origem dos falantes escutados no experimento</i>	208
4.3 DISCUSSÃO GERAL: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS, IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E LIMITAÇÕES.....	216
CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	228
ANEXOS	245
APÊNDICES	247

INTRODUÇÃO

*Se fala chiando não temos responsabilidade sobre isso. Boa sorte*¹

Esse tuíte em tom jocoso foi postado pela conta oficial da prefeitura da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, na rede social *twitter* em resposta a polêmicas envolvendo o comportamento de uma participante em um *reality show* com voluptuosa audiência na TV aberta à época. A participante, apesar de nascida na Paraíba, cresceu na cidade de Caruaru-PE, a partir de onde formou sua identidade dialetal. Para entender o contexto da resposta do perfil da prefeitura, é necessário observar a sequência de tuítes que a geraram: (1) "essa mulher tem que ser rebocada daqui de Pernambuco"², postado pelo perfil @aquarlano e repostado por @eugatopret0, que acrescentou (2) "Alô @prefjoapessoa manda vim buscar pfvr"³, ao qual o perfil da prefeitura respondeu com a frase utilizada como epígrafe desta introdução.

A brincadeira feita pelo perfil institucional utilizando um traço linguístico aparentemente distintivo entre o dialeto paraibano e o pernambucano traz à tona questões curiosas referentes ao fenômeno reportado como "falar chiando". Esse rótulo é comumente utilizado por falantes pessoenses para indicar a ocorrência de uma articulação fricativa ou africada (realizada com constrição parcial entre articuladores na região palatal ou palatoalveolar) presente na fala de pessoas de outras regiões (ver HORA, 2011). No português brasileiro (doravante PB), essas pronúncias são variantes decorrentes de duas regras variáveis produtivas em diversos dialetos do país: a palatalização das oclusivas coronais /t/ e /d/, como em "[tʃ]ia" e "po[dʒ]e", e a palatalização do /S/ pós-vocálico, como em "ba[ʃ]ta" e "mai[ʃ]". Já que, no dialeto pernambucano, a variante africada não é recorrente entre seus falantes (ver CARDOSO *et al.*, 2014), infere-se que o rótulo foi utilizado para referir-se à variante palatoalveolar do /S/ em coda silábica, produtiva entre os recifenses e identificada como estereótipo de sua comunidade pelos pessoenses (ver HENRIQUE; HORA, 2015). Esse episódio reforça, então, a provável saliência desse fenômeno entre os falantes de João Pessoa e a sua utilização como marcador identitário frente ao falar recifense.

Não foi aleatória a escolha desse exemplo como porta de entrada para as discussões

¹ Tweet postado em 01 de fevereiro de 2022 às 11h55min pelo perfil @prefjoapessoa. Disponível em: <https://twitter.com/prefjoapessoa/status/1488526389351493636>. Acesso em: 27 maio 2022.

² Tweet postado em 31 de janeiro de 2022 às 11h21min pelo perfil @aquarlano. Disponível em: <https://twitter.com/aquarlano/status/1488336763974307840>. Acesso em: 27 maio 2022.

³ Tweet postado em 01 de fevereiro de 2022 às 11h43min pelo perfil @eugatopret0. Disponível em: <https://twitter.com/eugatopret0/status/1488523371591647241>. Acesso em: 27 maio 2022.

desenvolvidas no decorrer desta tese, já que abordará pelo menos três dos pontos principais atrelados ao episódio descrito: percepções sociolinguísticas, identidades dialetais e o comportamento do /S/ pós-vocálico no PB, objeto central de observação e análise neste texto.

Diversas línguas do mundo apresentam comportamento variável com relação à fricativa /S/ em posição de coda silábica (ver MARTINEZ, 2011; AHLERS; MEER, 2019; PEDROSA; LUCENA, 2019; ROGERS, 2020). No PB, sete variantes fonéticas foram documentadas para a realização dessa variável linguística, que podem ser agrupadas em pares pelo seu ponto de articulação: as formas alveolares, como em "ca[s]ca" e "ra[z]ga"; as palatoalveolares, como em "ca[j]ca" e "ra[ʒ]ga"; as glotais, como em "ca[h]ca" e "ra[h]ga"; e o apagamento, como em "caØca" (CALLOU; MORAES; LEITE, 2002), das quais as formas alveolares e palatoalveolares são as mais recorrentes a depender da comunidade de fala.

Diversos estudos de produção de base fonético-fonológica (HAUPT, 2007; PEDROSA, 2009; BASSI; SEARA, 2017), sociolinguística (SCHERRE; MACEDO, 2000; HORA, 2003; BRESCANCINI, 2003; MACEDO, 2004; RIBEIRO, 2006; CUNHA; SILVA, 2019) e dialetológica (JESUS; MOTA, 2009a, 2009b; CARDOSO *et al.*, 2014) já analisaram essa variável em diversas comunidades de fala do Brasil. Os dados neles discutidos apresentam a recorrência dessas variantes nessas comunidades de fala, sua estratificação (quando existente) nessas comunidades, características acústicas de sua produção que têm ajudado a entender os seus caminhos dentro do sistema linguístico do português falado no Brasil. Percebe-se, por exemplo, que algumas regiões têm preferência pela variante alveolar, como São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Goiânia; outras, pela variante palatoalveolar, como Florianópolis, Rio de Janeiro, Recife e Belém.

Entretanto, algumas comunidades apresentam ocorrências recorrentes de ambas as variantes alveolar e palatoalveolar, como é o caso de Salvador, Natal e João Pessoa. Em algumas delas, o uso da pronúncia palatoalveolar é fortemente restrita a alguns contextos linguísticos específicos, como é o caso de João Pessoa e Natal. Dados de produção apontam que os falantes dessas cidades parecem articular o /S/ em coda com constrição mais posterior quando este segmento precede as consoantes coronais /t/ e /d/, como em "pa[j]ta" e "de[ʒ]de", independente de sexo/gênero⁴, faixa-etária ou escolaridade (HORA, 2003; HORA; PEDROSA, 2009; CUNHA; SILVA, 2019; HENRIQUE; AMORIM; HORA, 2022), e, em investigações

⁴ Há uma discussão corrente entre sociolinguistas sobre o papel da categoria "sexo" a partir dos estudos de gênero mais recentes. Para mais informações, ver Bucholtz (2002), McElhinny (2014), Freitag (2015), Freitag e Severo (2015); Severo (2015), Meister e Freitag (2016) e Genuino (2019).

mais recentes e de forma menos abrangente, antes da coronal /n/, como em "a[ɣ]no" (HENRIQUE; AMORIM; HORA, 2022).

A observação da distribuição das ocorrências dentre as diversas variáveis independentes consideradas pelos pesquisadores nesses estudos de produção, sejam elas de natureza linguística ou social, é um valioso instrumento para o entendimento do possível avanço ou estabilidade da variante palatoalveolar nos dialetos brasileiros. Ela ajuda a elucidar questões referentes ao problema das restrições relevantes para explicar seu uso e do encaixamento dessa variante na matriz linguística e social dessas comunidades, nos termos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]).

Entretanto, questões relacionadas ao problema da avaliação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) também são essenciais para entender não apenas o prestígio e/ou estigma vinculados à variante pelos falantes dessas comunidades, mas possíveis significados sociais mais complexos a ela associados. Nesse sentido, a mudança de foco de investigação desse fenômeno da produção para a percepção poderia ser vantajosa ao oferecer dados sobre discriminação e categorização de variantes sonoras considerando, além das variáveis já tidas como relevantes em dados de produção, novas, de outra natureza.

Alguns trabalhos já foram realizados considerando a avaliação da variante palatoalveolar por ouvintes brasileiros a partir de diferentes metodologias. Na comunidade de João Pessoa, por exemplo, em um estudo com abordagem direta (na qual a percepção é aferida considerando respostas conscientes dos participantes sobre a variação), os pessoenses parecem perceber a pronúncia palatalizada como estereótipo das comunidades do Rio de Janeiro e Recife (HENRIQUE; HORA, 2015; HORA, 2011), dado ratificado por episódios como o descrito na primeira parte desta introdução. Em testes de percepção realizados com o intuito de avaliar a influência do estilo na escolha de determinadas variantes como preferidas, os ouvintes pessoenses demonstraram perceber a diferença entre as variantes alveolar e palatoalveolar antes de /t/, preferir a variante alveolar para a fala de telejornalistas, mas preferir a variante palatoalveolar para a fala de pessoenses e para a sua própria fala (LOPES, 2012).

Outro teste de percepção, realizado pelo autor desta tese em sua pesquisa de mestrado, objetivou avaliar o grau de distinção, em uma escala numérica, entre as duas pronúncias do /S/ em coda medial pelos ouvintes considerando como contexto precedente não apenas a coronal /t/, como no estudo realizado por Lopes (2012), mas todos os contextos fonéticos possíveis. Também avaliou o grau de consciência sobre a distribuição dessas variantes em sua comunidade de fala considerando esses contextos linguísticos, bem como a identidade do ouvinte sobre a similaridade entre a sua forma de falar e a de sua comunidade frente ao comportamento da

variável em questão. Como resultados, os respondentes distinguiram todos os pares de variantes na mesma proporção, independente do contexto; mostraram ser conscientes do uso da variante palatoalveolar na sua comunidade e utilizaram o mesmo padrão de respostas para caracterizar sua própria fala, revelando um alto grau de identificação dialetal.

A partir dos estudos até então desenvolvidos na cidade de João Pessoa, tanto de produção quanto de percepção, percebe-se que esta comunidade pode ser um interessante observatório para investigar os caminhos percorridos pela variante palatoalveolar no PB. Tem-se que: (i) é uma das cidades em que as duas variantes (alveolar e palatoalveolar) são recorrentes entre seus falantes, com distribuição semelhante entre todos, independente do sexo/gênero, faixa-etária ou escolaridade; (ii) seus ouvintes percebem, na mesma proporção, a distinção entre as duas formas em todos os contextos seguintes possíveis; (iii) eles reconhecem que utilizam a forma palatalizada antes de consoantes coronais, preferem essa variante para sua fala nesses contextos mas, em discursos explícitos, apontam que o "chiado" é estereótipo de fala de outras comunidades que não a sua, além de preferirem a variante alveolar para contextos mais formais, mesmo antes das consoantes coronais. O que ainda não se sabe, até agora, é se existem significados sociais indicializados entre os falantes dessa comunidade à variante palatoalveolar e se eles são sensíveis aos contextos de uso da variável em sua comunidade, nos termos das pesquisas mais recentes da terceira onda da sociolinguística (ECKERT, 2008, 2012).

Comparando esses estudos envolvendo a comunidade de João Pessoa com os dados de produção de outras cidades brasileiras com diferentes distribuições de uso das variantes alveolar e palatoalveolar para o /S/ em coda silábica, alguns questionamentos referentes à percepção podem ser levantados: Essas diferentes configurações de produção observadas em diferentes regiões também afetam a percepção desses sons pelos falantes que os usam (ou não)? Eles conseguem reconhecer a forma como pronunciam essa variável e esse padrão corresponde ao de sua comunidade? Existem significados sociais associados a essas diferentes variantes? Elas são diferentes a depender do padrão de uso da comunidade? Essa associação entre variantes e significado social é sensível aos contextos estruturais, como contexto seguinte, posição da coda ou vozeamento do contexto seguinte?

Esta tese foi concebida, outrossim, em torno das questões norteadoras acima colocadas. Dessa forma, seu objetivo geral é investigar como ouvintes de comunidades de fala distintas com relação ao uso das variantes mais recorrentes do /S/ pós-vocálico percebem, processam e avaliam as variantes alveolar e palatoalveolar na fala de outras pessoas. Como objetivos específicos, postulou-se: (i) verificar se o mapeamento da distinção entre alveolares e palatoalveolares é diferente a depender do tipo de comunidade de fala de onde o falante é

proveniente (se de comunidades onde a variante alveolar predomina, representadas aqui por São Paulo e Porto Alegre, se de comunidades onde a variante palatoalveolar predomina, representadas por Rio de Janeiro e Recife, ou se de comunidades onde as duas pronúncias são frequentes, como João Pessoa e Natal), e se variáveis que restringem o uso da variante palatalizada em sua comunidade também afetam a proporção de contraste entre os pares de variantes; (ii) averiguar se os falantes dessas comunidades são conscientes sobre o comportamento da variável em seu dialeto; (iii) investigar se esses ouvintes possuem forte identificação dialetal com relação ao fenômeno, ou seja, se a distribuição da escolha das variantes para caracterizar a fala da comunidade corresponde ao mesmo padrão utilizado para caracterizar a própria fala; e (iv) analisar como os falantes desses diferentes dialetos avaliam abaixo do nível da consciência variantes alveolares e palatoalveolares considerando atributos positivos e negativos, bem como se essa avaliação também sofre influência das restrições estruturais que operam na escolha das variantes em dados de produção em algumas comunidades, como o contexto fonológico seguinte.

Pensando nesses objetivos, algumas hipóteses foram elaboradas a partir da revisão da literatura referente ao comportamento da variável no PB tanto em dados de produção quanto de percepção, assim como outros estudos canônicos envolvendo percepções sociolinguísticas (ver capítulo 2). A primeira delas é a de que a comunidade de fala do ouvinte, bem como restrições linguísticas que se mostraram favoráveis ao uso de uma ou outra variante nessa comunidade (como o contexto seguinte, vozeamento e tipo de coda) influenciam a forma como seus falantes percebem a distinção entre as variantes alveolar e palatoalveolar⁵. A segunda é a de que os falantes são capazes de reconhecer os padrões de distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico de sua comunidade de fala considerando os contextos favorecedores ao uso de uma ou outra variante, bem como apresentam forte identificação dialetal frente a essa variável, dado que escolhem para sua fala os mesmos padrões escolhidos para a comunidade. Presume-se, em terceiro turno, que ouvintes provenientes de dialetos em que a variante alveolarizada é predominante tendem a avaliar pessoas que usam a forma palatoalveolar de forma mais negativa, assim como falantes provenientes de comunidades em que esta variante é predominante tendem a avaliá-la de forma mais positiva na fala de outrem. Pessoas originárias de dialetos com ambas as variantes presentes em seu vernáculo avaliam de forma distinta a pronúncia palatoalveolar no discurso de um falante a depender do contexto linguístico em que

⁵ A premissa que subjaz a essa hipótese é a de que os *inputs* aos quais os ouvintes são expostos podem exercer influência sobre a percepção de determinadas variáveis linguísticas, conforme apontam resultados de estudos sociofonéticos como o de Foulkes (*et al.*, 2010) e Soriano (2016).

aparece, tendendo a avaliá-la de forma mais negativa quando precede consoantes não coronais.

Para testar essas hipóteses, 240 ouvintes brasileiros, entre 18 e 30 anos, de seis capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, João Pessoa e Natal), escolhidas a partir de sua configuração dialetal frente ao uso do /S/ pós-vocálico, foram submetidos a duas tarefas de percepção. Na primeira, 32 estímulos gravados por falantes do PB foram apresentados a dois grupos distintos de cada comunidade de fala para que fossem julgados pelos ouvintes a partir de alguns atributos positivos e negativos, 16 dos quais apresentavam pronúncias alveolares e palatoalveolares do /S/ pós-vocálico produzidas por um(a) mesmo(a) informante, nos moldes de um *matched-guise*. Dessa forma, cada grupo executou oito avaliações referentes ao /S/ em coda, cada uma produzida por um(a) informante diferente. A segunda tarefa consistia numa combinação entre um teste de discriminação e identificação. Os mesmos juízes, após completarem a primeira tarefa, deveriam julgar o quão diferentes soavam duas pronúncias do /S/ em 16 pares de estímulos gravados por um outro informante, 8 dos quais eram compostos por uma pronúncia palatoalveolar e outra alveolar. Após indicarem o grau de distinção percebido numa escala em cujas extremidades estavam os indicadores "totalmente igual" e "totalmente diferente", os ouvintes deveriam escolher qual das duas pronúncias percebiam como mais frequente em sua comunidade e qual delas era mais usada por eles mesmos (para mais detalhes dos experimentos, ver capítulo 4).

Dentro desse contexto, a presente pesquisa visa colaborar com o marco teórico sobre o estudo da variação linguística no Brasil, na medida em que busca entender como valores sociais são associados a formas fonéticas, o papel de aspectos/representações estruturais da língua nesses processos de discriminação e categorização dos sons por parte dos ouvintes de diferentes dialetos do PB, principalmente no que se refere ao /S/ em coda silábica, bem como a utilização dessa variável na construção da identidade dialetal desses falantes. Os dados aqui levantados e analisados certamente podem contribuir para o estado da arte da terceira onda dos estudos variacionistas e oferecer pistas interessantes sobre um campo ainda pouco explorado na sociolinguística brasileira.

Com vistas a atingir seu propósito, esta tese está dividida em quatro capítulos. O primeiro foi destinado à explanação de estudos de produção e percepção de natureza dialetológica e sociolinguística a respeito da variável objeto de análise central desta tese: o /S/ em coda silábica no PB. Serão apresentadas, preliminarmente, as possíveis realizações desse segmento documentadas em uma quantidade expressiva de estudos, assim como uma breve síntese histórica sobre a entrada das consoantes palatalizadas no sistema fonológico do PB. Em um segundo momento, serão discutidos resultados de estudos com foco na produção do

segmento fricativo em seis capitais brasileiras (Porto Alegre – RS, São Paulo – SP, Rio de Janeiro – RJ, Recife – PE, João Pessoa – PB e Natal – RN), escolhidas considerando a configuração de distribuição das variantes fonéticas dessa variável entre seus falantes. Nessa seção também serão reportados resultados de trabalhos sobre acomodação dialetal envolvendo as fricativas entre falantes migrantes para comunidades distintas em relação ao comportamento dessa variável no vernáculo de sua comunidade. Por último, serão discutidos resultados de estudos de percepção com foco no /S/ em coda realizados com falantes do PB, situados na interface entre percepção de fala e sociolinguística.

O segundo capítulo apresentará uma discussão sobre a percepção da variação linguística. Num primeiro momento, a atenção estará voltada a pesquisas envolvendo a identificação e avaliação de variedades regionais, grande parte delas compondo uma agenda conhecida por "dialetologia perceptual". Num segundo momento, o lugar da percepção nos estudos sociolinguísticos será o foco, bem como seu papel na investigação do significado social da variação. Questões envolvendo identidade, estilo, crenças, avaliações e atitudes frente a variantes de diversas naturezas serão discutidas a partir da apresentação de conceitos como indicialização e campo indicial, registro, agentividade e saliência sociocognitiva. O terceiro momento será dedicado à apresentação de resultados de estudos recentes envolvendo percepções sociolinguísticas desenvolvidos no Brasil.

O terceiro capítulo apresentará uma descrição detalhada dos princípios metodológicos sob o quais este trabalho foi desenvolvido; o *design* experimental utilizado; a gravação, edição e validação dos estímulos; a descrição de cada variável preditora e seus níveis; as hipóteses de pesquisa, bem como os testes estatísticos a serem utilizados para sua testagem.

No quarto capítulo serão apresentados os resultados das estatísticas descritiva e inferencial realizadas a partir dos dados obtidos pelas duas tarefas de percepção descritas na metodologia. Em um primeiro momento serão descritos os resultados dos testes de discriminação e categorização da segunda tarefa, com os pares de palavras e, posteriormente, serão apresentados os resultados dos testes de associação subjetiva entre os trechos de fala e os atributos. Num terceiro momento, esses dados serão discutidos sob a ótica das teorias apresentadas, bem como comparados aos resultados anteriores, a fim de validar ou refutar as hipóteses estabelecidas e traçar novos paralelos a partir dos quais os dados podem ser interpretados.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais, com os resultados dos principais achados, sua contribuição para o estado da arte dos estudos variacionistas e possíveis desdobramentos.

CAPÍTULO 1 - A FRICATIVA CORONAL PÓS-VOCÁLICA NO PB

Neste capítulo, serão discutidos resultados de estudos de produção de natureza dialetológica e sociolinguística a respeito da variável objeto de análise central desta tese: a fricativa pós-vocálica no PB. Serão apresentadas, preliminarmente, as possíveis realizações desse segmento documentadas em uma quantidade expressiva de estudos, assim como uma breve síntese histórica sobre a entrada das consoantes palatalizadas no sistema fonológico do PB.

Em um segundo momento, serão apresentados resultados de estudos com foco na produção do segmento fricativo em seis capitais brasileiras (Porto Alegre - RS, São Paulo - SP, Rio de Janeiro - RJ, Recife - PE, João Pessoa - PB e Natal - RN), escolhidas considerando a configuração de distribuição das variantes fonéticas dessa variável entre seus falantes. Nessa seção também serão reportados resultados de trabalhos sobre acomodação dialetal envolvendo as fricativas entre falantes migrantes para comunidades distintas em relação ao comportamento dessa variável no vernáculo de sua comunidade.

Por último, serão discutidos resultados de estudos de avaliação e percepção com foco no /S/ em coda silábica realizados com falantes do PB. Essas pesquisas estão situadas na interface entre percepção de fala e sociolinguística.

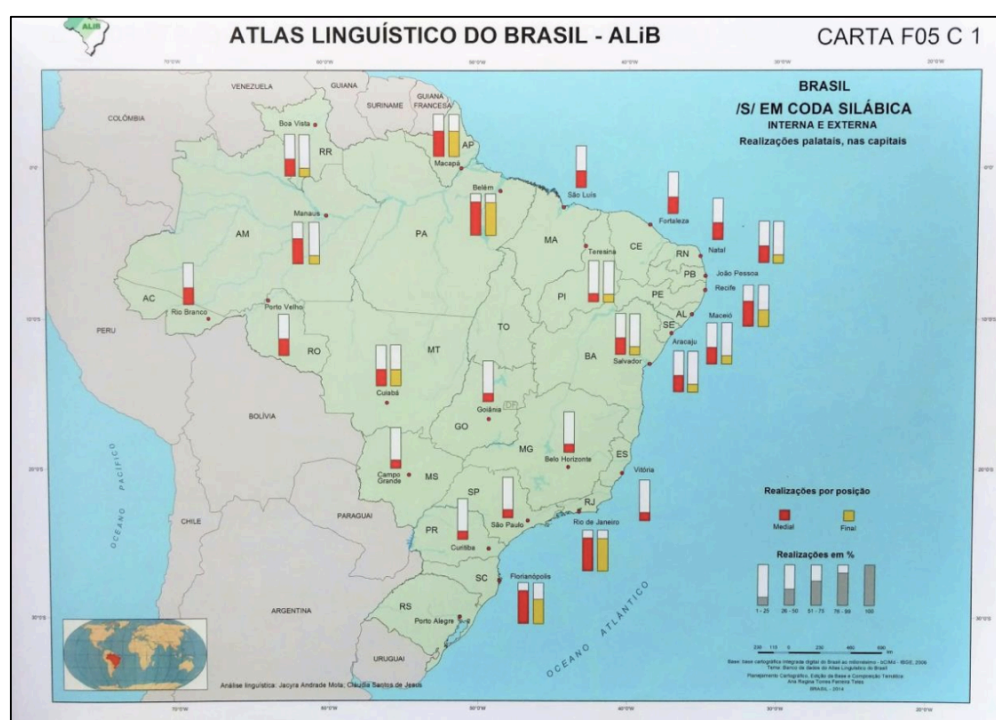
1.1 AS VARIANTES DO /S/ EM CODA NO PB

O /S/ pós-vocálico apresenta comportamento variável em diversas línguas e dialetos ao redor do planeta. Segundo Martinez (2011), pelo menos 8 variantes foram reportadas para essa variável entre os diversos dialetos do espanhol americano, das quais cinco são fricativas ([ɣ], [z], [ʃ], [h], [θ]), duas oclusivas ([k], [ʔ]) e o seu apagamento. Alguns dialetos do alemão apresentam neutralização entre a pronúncia alveolar [s] e palatoalveolar [ʃ] para a fricativa pós-vocálica em alguns contextos seguintes específicos (BUKMAIER; HARRINGTON; KLEBER, 2014), algo parecido com um fenômeno reportado como retração do "s" recorrente em dialetos do inglês americano, europeu e australiano em *onsets* complexos como /sti/ (BAKER; ARCHANGELI; MIELKE, 2011; STEVENS; HARRINGTON, 2016; STEVENS; HARRINGTON; SCHIEL, 2019; BAILEY *et al.*, 2022).

No que se refere aos dialetos do português europeu, três pares de variantes foram documentadas como realização do /S/ em coda silábica: as alveolares [s, z], as ápico-alveolares [ʃ, ʒ] e as palatoalveolares [ʃ, ʒ] (BASSI, 2016). Com relação ao PB, segundo Callou, Moraes

e Leite (2002), Hora (2003) e Pedrosa (2009), a partir de dados de variação em diversas comunidades de fala do Brasil, essa variável apresenta como variantes a forma alveolar – [s, z] –, a palatal (ou palatoalveolar) – [ʃ, ʒ] –, a aspirada – [h, h̥] –, e o zero fonético – Ø. Segundo os autores, a pronúncia mais frequente na maior parte dos dialetos brasileiros, de forma geral, é a alveolar. Em alguns dialetos, no entanto, a forma palatalizada parece ser mais produzida por seus falantes. Dados coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014) apresentam a distribuição da variante palatalizada entre as capitais brasileiras considerando a posição da coda (Figura 1). Capitais como Florianópolis, Rio de Janeiro, Recife, Belém e Macapá apresentam essa configuração dialetal.

Figura 1 - Mapa das realizações palatoalveolares do /S/ em coda silábica interna e externa em cada uma das capitais do Brasil



Fonte: Cardoso *et al* (2014, p. 111).

Estudos de base sociolinguística, alguns dos quais serão discutidos de forma mais detalhada nas seções seguintes deste capítulo, ratificam as distribuições aferidas em pesquisas dialetológicas, como é o caso do ALiB.

A oposição alveolar vs. palatoalveolar, no que se refere à pronúncia predominante para a fricativa coronal pós-vocálica nas diversas comunidades de fala do Brasil, já aconteceu em

processos de mudança envolvendo a língua portuguesa. Segundo Cardeira (2003), Mattos e Silva (1996) e Teyssier (2001), encontra-se a primeira referência a variantes palatoalveolares para realização do /S/ implosivo no PE em Verney (1746). Entretanto, já havia registros do grafema "-x" em palavras como "seix"⁶, o que sugere uma neutralização dessa pronúncia em relação às que eram comuns para o segmento já no século XIV no Noroeste do país e em Lisboa (CARDEIRA, 2003).

Segundo Hora e Pedrosa (2009), a hipótese mais aceita é que, por volta do século XVI e mais fortemente no século XVII, uma mudança de produções nas sibilantes para as variantes palatalizadas tenha acontecido em alguns dialetos do português europeu, principalmente na área meridional do território português (TEYSSIER, 2001). Prista (1994) aponta que colonos que vieram para o Brasil no século XVII, após a expulsão dos holandeses, foram responsáveis pela chegada da pronúncia inovadora no PB. Considera-se, então, que a realização da fricativa pós-vocálica como palatoalveolar teve início no Brasil em meados do século XVII e, por volta dos séculos XVII e XIX, já era conhecida por parte dos brasileiros (FURLAN, 1989 *apud* BASSI, 2016).

Bassi (2016) pontua que o sistema de fricativas na região da capital portuguesa, por volta de 1807 - 1808, época da imigração da corte portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, já estava relativamente mais padronizado, caminhando para uma simplificação. Sendo a produção palatoalveolar a mais recorrente nesse dialeto e com, nos termos de Furlan (1989), o profundo "reaportuguesamento" operado no Rio de Janeiro com a chegada da Corte de D. João VI, a pronúncia lisboeta pode ter servido de modelo culto para os residentes na então nova capital do império português.

Silva Neto (1976) aponta para a dificuldade em identificar se a pronúncia palatoalveolar recorrente no Rio de Janeiro é uma herança do contato linguístico com o português lisboeta ou se a inovação foi operada de forma independente no PB. Furlan (1989) advoga pela primeira hipótese já que, segundo o autor, a produção palatalizada é mais recorrente em áreas portuárias dos séculos XVII e XIX, que tinham forte influência portuguesa. Noll (2008, *apud* BASSI, 2016, p. 217) por outro lado, acredita ser a segunda hipótese a mais verossímil, considerando os seguintes argumentos: a) segundo testemunhos, o português europeu era estigmatizado entre os habitantes da colônia (dificultando a assimilação dos traços ligados à pronúncia europeia); b) não há relatos de que o português carioca, nesse período, já apresentava ocorrências da variante palatoalveolar (os primeiros indícios de sua aparição

⁶ Ocorrências verificadas em documentos provenientes de Mosteiros no Noroeste de Lisboa, datados de 1350 (CARDEIRA, 2003).

apenas foram reportados no início do século XX, em classes mais abastadas); c) outras características do português lisboeta, como a redução das vogais átonas, não foram assimiladas pelos falantes cariocas; d) a pronúncia do /s/ na sequência -sc-, em palavras como "crescer" e "nascer", é predominante palatoalveolar no português lisboeta, mas alveolar na variante carioca (sendo a palatalização consequência do contato, a pronúncia carioca deveria seguir o padrão lisboeta); e e) a pronúncia palatoalveolar também é recorrente em outras regiões do Brasil além do Rio de Janeiro, como em Florianópolis, Santos, Recife e Belém. Sobre esse último argumento, o autor afirma que:

A constelação geolinguística no Brasil deixa claro ser impossível que uma irradiação do chiamento possa ter ocorrido a partir do Rio de Janeiro para o resto do país. O desenvolvimento do chiamento em Belém, no Norte do país, demonstra, por fim, que também o chiamento no Rio de Janeiro pode ter sido iniciado de maneira independente, sem estar diretamente associado à presença da Corte portuguesa (NOLL, 2008, *apud* BASSI, 2016, p. 217).

Observa-se, dessa forma, que não há consenso sobre a introdução e avanço das variantes palatoalveolares em determinados dialetos do PB. Na próxima seção, serão apresentadas as distribuições dessa e de outras variantes do /s/ pós-vocálico em alguns dialetos do Brasil.

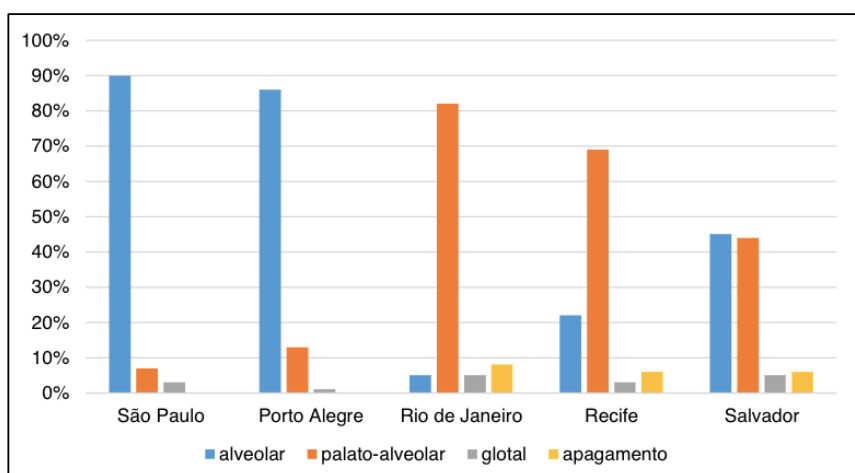
1.2 ESTUDOS CONSIDERANDO A FRICATIVA PÓS-VOCÁLICA EM SEIS DIALETOS BRASILEIROS

Consoante ao que foi apresentado nas considerações iniciais desta tese, seis capitais brasileiras foram escolhidas para a aplicação dos experimentos de percepção desta pesquisa. Essa escolha se deu a partir da observação da distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico em dados de produção de natureza dialetológica e sociolinguística. Observando a Figura 1, por exemplo, observam-se as altas taxas de ocorrência das variantes palatoalveolares em cidades como Rio de Janeiro e Recife, assim como a baixa produtividade dessas variantes em cidades como São Paulo e Porto Alegre. Também é possível observar dados mais dispersos em cidades como João Pessoa e Natal. Esta seção discutirá os resultados de pesquisas relacionadas ao comportamento dessa variável nos dialetos dessas capitais, escolhidas considerando os critérios acima apontados, de modo a oferecer um parâmetro comparativo para os resultados a serem discutidos a partir dos dados de percepção levantados por esta pesquisa.

1.2.1 Dialeto em que a variante alveolar predomina

Porto Alegre e São Paulo foram as capitais escolhidas para representar comunidades de fala brasileiras cuja variante predominante para o /S/ pós-vocálico é a alveolar. Poucos foram os trabalhos de cunho sociolinguístico que se debruçaram sobre esta variável nessas cidades devido à percepção de que o uso da variante alveolarizada era praticamente categórico. O mais importante deles foi o de Callou e Moraes (1996), que analisaram 9.026 ocorrências do /S/ pós-vocálico em 5 capitais brasileiras (Porto Alegre/RS, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e Recife/PE) a partir de dados de fala coletados pelo projeto Norma Urbana Culta (NURC). Seguindo o protocolo "diálogo entre informante e documentador" (DID), foram gravados 6 informantes em cada cidade, estratificados com relação ao sexo (feminino e masculino) e à idade (25-35 anos; 36-55 anos; e 56 anos ou mais). A distribuição das variantes pode ser observada no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Distribuição das ocorrências do /S/ pós-vocálico em dados do NURC

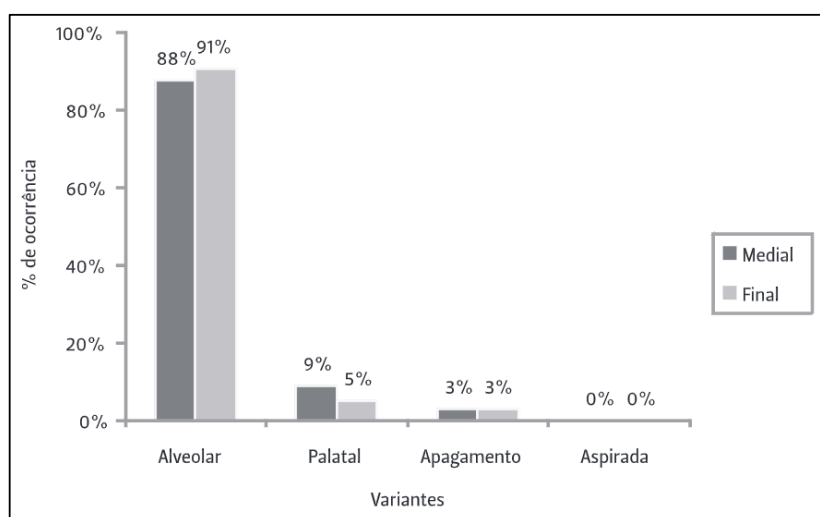


Fonte: Callou e Moraes (1996, *apud* BIASIBETTI, 2018, p. 33).

Observando a distribuição das variantes no corpus analisado, percebe-se o significativo predomínio da variante alveolar em São Paulo (90% das ocorrências) e Porto Alegre (86% das ocorrências). Esses dados também foram apresentados levando em

consideração a sua distribuição de acordo com a posição do /s/ na palavra (se em coda medial ou coda final). No Gráfico 2, pode-se observar essa distribuição para a cidade de São Paulo.

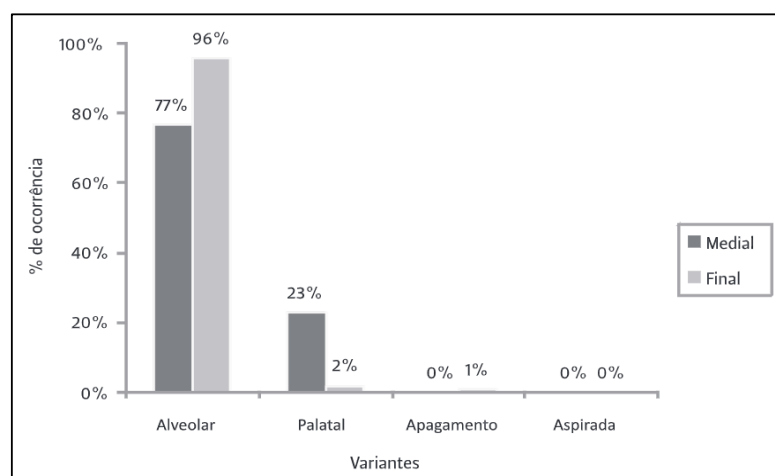
Gráfico 2 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em São Paulo



Fonte: Callou, Moraes e Leite (2002, *apud* HORA; PEDROSA, 2009, p. 118).

Em ambos os contextos, a variante alveolar é predominante (88% para coda medial e 91% para coda final). Com relação à coda final, a variante palatoalveolar apresenta uma taxa de ocorrência levemente maior em coda medial (9%) em relação à coda final (5%). O apagamento e a variante aspirada apresentaram a mesma escassa proporção em ambos os ambientes (3% e 0%, respectivamente). Os resultados de Porto Alegre, sumarizados no Gráfico 3, apresentam resultados semelhantes quanto à recorrência da variante alveolar em ambos os ambientes (77% em coda medial e 96% em coda final). A diferença de proporções entre a coda medial e final com relação a distribuição da variante alveolarizada é coerente com o maior número de ocorrências da variante palatoalveolar em coda medial (23%) em relação à coda final (2%), já que a aspiração e o apagamento apresentam praticamente a mesma distribuição em ambos os contextos.

Gráfico 3 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Porto Alegre



Fonte: Callou, Moraes e Leite (2002, *apud* HORA; PEDROSA, 2009, p. 119).

Segundo os dados do NURC analisados por Callou e Moraes (1996a) e Callou, Moraes e Leite (2002), não houve diferença nas distribuições das variantes com relação ao sexo e à faixa-etária, o que indica, segundo os autores, estabilidade da variável em ambas as comunidades de fala.

1.2.2 Dialectos em que a variante palatoalveolar predomina

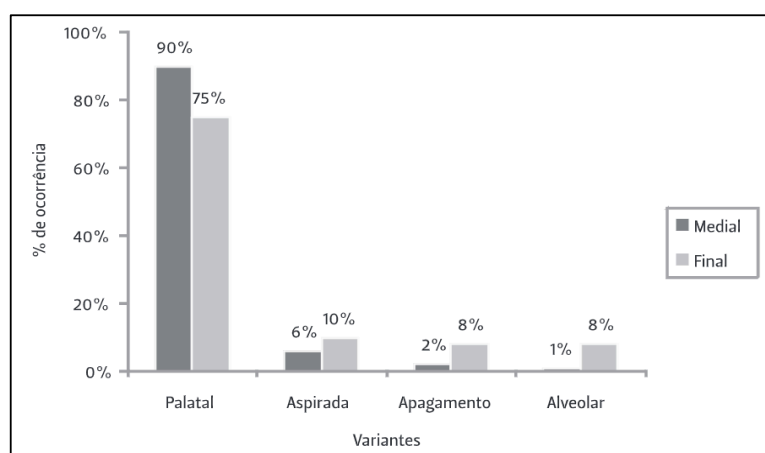
O primeiro estudo de base sociolinguística a analisar as variantes do /S/ pós-vocálico no Rio de Janeiro foi o conduzido por Callou e Marques (1975). As análises tiveram por base gravações de 36 participantes entre 20 e 45 anos, realizadas entre 1970 e 1972. Esse corpus estava estratificado com relação ao sexo (feminino e masculino), escolaridade (analfabetos, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e lugar de residência no Rio de Janeiro (Zona Sul, Campo Grande, Jacarepaguá, Zona Norte, Madureira e Centro). Entre os instrumentos de coleta, foram utilizados questionários (que abordavam questões relacionadas à biografia do informante, números de 1 a 30, dias da semana, meses, partes do corpo etc.) e descrição de imagens com objetos que induziam à pronúncia do /S/ em coda pelos participantes. Das 2.669 ocorrências observadas, 85% foram de pronúncias palatoalveolares. Com relação aos fatores linguísticos que pareciam favorecer o aparecimento dessa variante, as autoras destacam a posição da fricativa na palavra (posição final absoluta e medial) e o vozeamento do contexto seguinte (consoantes vozeadas). No que se refere às variáveis extralinguísticas, as autoras observaram que a dimensão diatópica (Campo Grande e Jacarapaguá) e a escolaridade do

informante (nível superior) também pareceram exercer influência sobre o uso mais expressivo das palatoalveolares.

O trabalho de Reis (1992, *apud* BRITO, 2016), conduzido a partir da análise de entrevistas realizadas em 1991 com 12 falantes cariocas universitários, foi o segundo a analisar a variável de acordo com os pressupostos labovianos. Os participantes foram estratificados considerando o sexo (feminino e masculino) e idade (18 a 25, 26 a 39 e mais de 40 anos). Os instrumentos de coleta utilizados pelo pesquisador foram a lista de palavras, leitura de texto e conversação livre, escolhidos para oferecer um *continuum* estilístico nos termos de Labov (1972). A análise desses dados fez Reis (1992, *apud* BRITO, 2016, p.32) constatar que a variante palatoalveolar era mais frequente no estilo "conversa casual", na fala das mulheres e dos informantes mais jovens (18 a 25 anos). As variantes alveolares, glotais e o apagamento, agrupadas sob o rótulo "variantes não palatais", foram encontradas mais frequentemente na fala de homens jovens, o que o fez especular sobre uma possível associação entre essas variantes e esse perfil de informante. Segundo Brito (2016), o trabalho de Reis (1992) é importante porque traz luz sobre a possibilidade de fatores sociais influenciarem o uso das variantes palatalizadas no português carioca, além de ser o primeiro a trazer uma abordagem estilística sobre o fenômeno.

Analisando os dados do NURC (descritos na seção 2.2.1), Callou e Moraes (1996a, 1996b) apontaram para a predominância da pronúncia palatalizada entre os dados dos falantes cariocas, com um percentual de ocorrências de 82%, conforme é possível verificar no Gráfico 1. O Gráfico 4 apresenta a distribuição das variantes considerando o tipo de coda.

Gráfico 4 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final no Rio de Janeiro

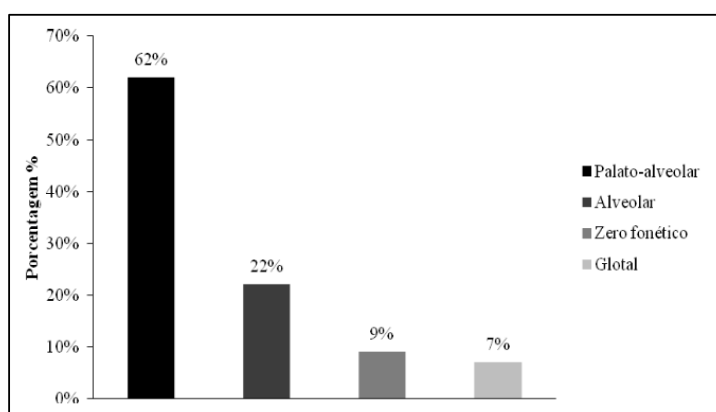


Fonte: Callou, Moraes e Leite (2002, *apud* HORA; PEDROSA, 2009, p. 117).

Verifica-se a partir desses dados que a variante palatal é mais recorrente na coda medial do que na coda final, mesmo comportamento reportado para as outras capitais.

Scherre e Macedo (2000) também analisaram o comportamento do /S/ pós-vocálico do Rio de Janeiro a partir da observação de 3.914 ocorrências extraídas de gravações de 18 informantes da amostra Censo 1980, estratificados por sexo (feminino e masculino), faixa etária (07 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 50 anos) e nível de escolaridade (1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental e Ensino Médio). O Gráfico 5 apresenta a distribuição das variantes nessa amostra, a partir da qual observa-se o predomínio da forma palatoalveolar, que corresponde a 62% das ocorrências.

Gráfico 5 - Variação da fricativa alveolar /s/ no Rio de Janeiro-RJ (amostra Censo 1980)

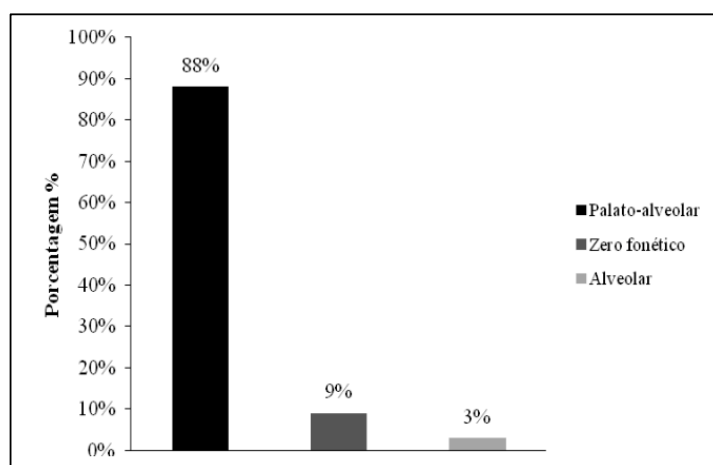


Fonte: Scherre e Macedo (2000, *apud* BASSI, 2016, p. 71).

A partir de uma análise estatística inferencial realizada com a ajuda do VARBRUL, Scherre e Macedo (2000) apontam como fatores linguísticos condicionantes para o uso da palatoalveolar: o contexto seguinte à fricativa (consoantes surdas), o tipo de item lexical (verbos e nomes próprios) e a posição da fricativa na palavra (posição medial). No que diz respeito às variáveis extralinguísticas relevantes apontadas pela rodada, o sexo (feminino), escolaridade (baixa escolaridade) e a idade (mais jovens) foram selecionados.

Bassi (2011), a partir de um recorte dos dados do ALiB que contemplava informantes com alto nível de escolaridade da zona urbana, encontrou um percentual de 88% de ocorrências da variante palatoalveolar em detrimento das outras variantes na cidade do Rio de Janeiro, conforme a Gráfico 6.

Gráfico 6 - A variação da fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ (amostra ALiB)



Fonte: Bassi (2011, *apud* BASSI, 2016, p. 73).

Fatores linguísticos como a posição da coda na palavra (coda medial), tonicidade (sílabas tônicas), contexto precedente (vogais coronais), contexto seguinte (pausa), vozeamento do contexto seguinte (desvozeado) e número de sílabas (trissílabos) foram os apontados nas análises como favorecedores ao uso da pronúncia palatalizada. Com relação aos fatores extralinguísticos, sexo (masculino), faixa etária (18 a 30 anos), escolaridade (baixa) e estilo (conversa semidirigida) foram apontados como relevantes para explicar o uso da palatal na comunidade carioca.

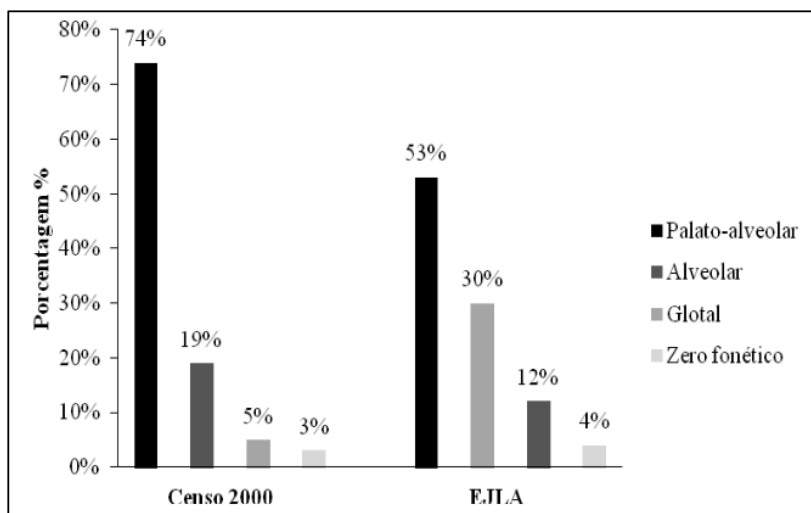
Melo (2012) também desenvolveu um trabalho analisando uma das variantes do /S/ pós-vocálico: a realização glotal. Para isso, comparou suas ocorrências em duas amostras de fala: Censo 2000⁷ e EJLA⁸. No Gráfico 7 é possível observar a distribuição das variantes encontradas em cada um dos *corpora*. Em ambos, a variante palatoalveolar é a predominante. Entretanto, no corpus Censo 2000, a taxa de ocorrência dessa variante (74%) foi maior do que a encontrada no corpus EJLA (53%). O perfil social dos informantes pode ser um indício sobre

⁷ A amostra Censo de 2000 consistiu em 32 horas de registros coletados entre 1999 e 2000, com base nos mesmos parâmetros da amostra do censo de 1980. Melo (2012) observou que, embora a amostra do censo de 2000 fosse composta por informantes de quatro faixas etárias, assim como a amostra do censo de 1980, foram selecionados para o estudo informantes de apenas duas faixas etárias (15 a 25 e 26 a 49 anos) (MELO, 2012, *apud* BASSI, 2016, p. 74).

⁸ Segundo Melo (2012), a amostra do EJLA foi composta por 14 indivíduos e foi construída entre 2008 e 2009. A amostra recebeu o nome das iniciais das instituições em que esses indivíduos cumprem medidas de internação socioeducativa: Escola João Luís Alves localizada na Ilha do Governador, município do Rio de Janeiro-RJ. Todos os informantes que compuseram a amostra do EJLA eram do sexo masculino e tinham entre 14 e 20 anos no momento da entrevista. As entrevistas incluem métodos sociolinguísticos labovianos e duram de 30 a 60 minutos (MELO, 2012, *apud* BASSI, 2016, p. 74).

a maior recorrência da variante palatalizada no corpus composto por pessoas com alta escolaridade, o que pode relevar pistas sobre o status dessa variante para a comunidade.

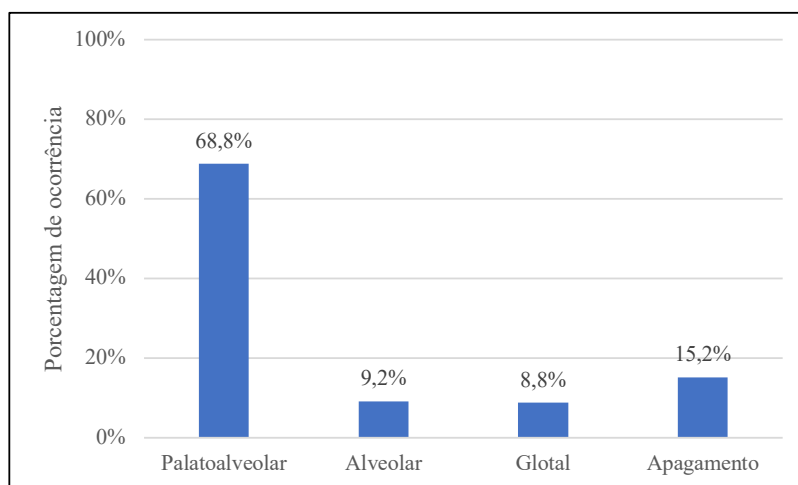
Gráfico 7 - A realização da fricativa alveolar /s/ no Rio de Janeiro-RJ (amostra Censo 2000 e EJLA)



Fonte: Melo (2012, *apud* BASSI, 2016, p. 75).

Com o intuito de investigar a relação entre língua e identidade na Cidade de Deus, uma das maiores favelas do Rio de Janeiro, Brito (2016) analisou a variação no uso do /S/ pós-vocálico considerando 12 variáveis preditoras, 6 de natureza linguística (vogal precedente, contexto seguinte, tonicidade, estrutura silábica, categoria gramatical e palavra) e 6 de natureza social (idade, sexo, raça, origem regional, escolaridade e falante). Um total de 4.804 ocorrências da variável foram analisadas num corpus composto por entrevistas sociolinguísticas realizadas com 22 residentes da comunidade, no qual o autor verificou a predominância da variante palatoalveolar (68,8%, $n=3.212$) em detrimento das outras variantes, conforme pode-se observar no Gráfico 8.

Gráfico 8 - A realização da fricativa alveolar /s/ na comunidade Cidade de Deus



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados de Brito (2016).

Os dados foram analisados estatisticamente a partir de testes de regressão logística executados no Rbrul, e cada rodada tinha variáveis dependentes com apenas dois níveis (uma das pronúncias vs. o conjunto das outras). A rodada que analisou o efeito das variáveis preditoras no uso da variante palatoalveolar apontou a vogal precedente ([+ anterior]), o contexto seguinte (consoantes dorsais e pausa), a categoria gramatical (artigos, pronomes e numerais), a tonicidade (tônicas) e a estrutura silábica (dissílabos e monossílabos) como significativas.

Bassi (2016) retornou ao estudo da mesma variável objetivando comparar seu comportamento no Português Brasileiro-PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ) e no Português Europeu-PE (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT), sob a abordagem da Geolinguística Pluridimensional. A amostra analisada correspondente ao dialeto carioca foi composta de gravações realizadas a partir de questionários fonético-fonológicos, semântico-lexicais, discursos semidirigidos e leituras de texto, aplicados a 8 informantes distribuídos em duas faixas etárias (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos), em dois níveis de escolaridade (até a 7ª série do ensino fundamental e ensino superior), e de ambos os sexos. Esse recorte foi retirado do banco de dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

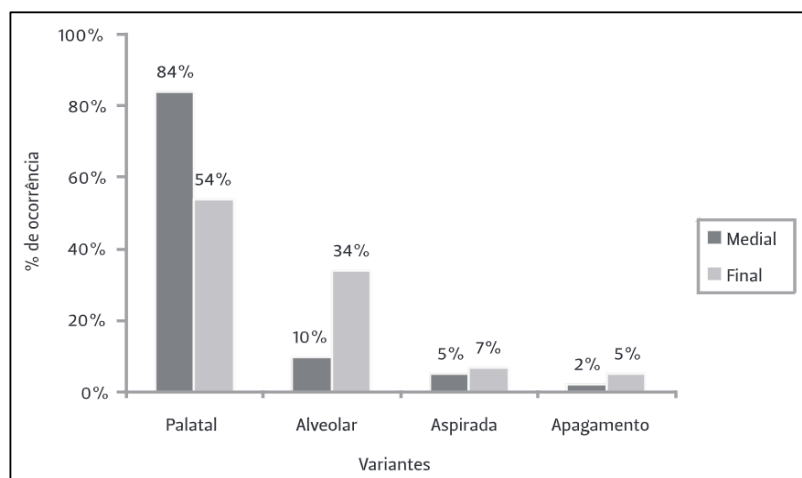
Nesse corpus, Bassi (2016) verificou um percentual de 98% (n= 385) para a proporção de realização da fricativa palatoalveolar no Rio de Janeiro-RJ. Como fatores linguísticos favorecedores ao processo, a pesquisadora aponta o contexto precedente (vogal labial), contexto seguinte (pausa), o vozeamento (desvozeada), a tonicidade (tônico), a posição na palavra (coda

final seguida de consoante). No que tange aos fatores extralinguísticos, foram apontados a faixa-etária (jovens), a escolaridade (baixa) e o sexo (masculino) como favorecedores ao uso das formas palatais.

A partir dos dados reportados sobre a variante palatoalveolar do /S/ em coda no Rio de Janeiro, observam-se resultados relativamente divergentes: enquanto o estudo de Callou e Marques (1975) sinaliza para a maior recorrência da variante entre falantes mais escolarizados, Scherre e Macedo (2000), Bassi (2011, 2016) e Melo (2012) apontam uma maior frequência de uso entre os menos escolarizados. Essa divergência também acontece quando se considera o sexo/gênero do participante: Reis (1992) e Scherre e Macedo (2000) apontam que o uso da variante palatoalveolar é mais recorrente entre as mulheres, enquanto Bassi (2011, 2016) indica que ela está mais presente na fala dos homens. As taxas gerais de ocorrência dessa pronúncia também variam bastante entre cada um dos estudos: as pesquisas cujo envelope de variação era composto por participantes menos escolarizados e/ou de classes sociais mais baixas apresentaram taxas de aplicação menor, a exemplo de Scherre e Macedo (2000) (62%) e Melo (2012) (53%, considerando os dados da EJLA). Algumas variáveis estruturais, entretanto, mostraram-se razoavelmente consistentes com relação ao condicionamento do uso da variante palatalizada, principalmente a posição da coda no vocábulo e o vozeamento do segmento seguinte (e, conseqüentemente, o vozeamento da própria fricativa).

Recife-PE foi a segunda cidade escolhida para representar as capitais com a forma palatoalveolar como prototípica entre seus falantes. Com base nos dados no NURC, Callou e Moraes (1996b) e Callou, Moraes e Leite (2002) também apontaram a predominância dessa variante na fala dos recifenses, com uma taxa de aplicação de 69%. O Gráfico 9 apresenta as distribuições levando em consideração o tipo de coda. Observa-se, desse modo, que, em coda medial, a forma palataliza é mais frequente, assim como ocorre em outras comunidades de fala já descritas neste capítulo.

Gráfico 9 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Recife



Fonte: Callou, Moraes e Leite (2002, *apud* HORA; PEDROSA, 2009, p. 117).

Macedo (2004), a partir de uma amostra maior retirada do mesmo corpus analisado por Callou e Moraes (1996b) e Callou, Moraes e Leite (2002), analisou o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no falar culto de Recife. Foram utilizados 12 inquéritos do projeto NURC-Recife, a partir dos quais 5.369 ocorrências da variável foram observadas, das quais 76% foi de pronúncias palatoalveolares, como se pode observar na Tabela 1.

Tabela 1 - Frequência global das variantes do /s/ em coda silábica no estudo de Macedo (2004) sobre dados de Recife

VARIANTE	APLIC./TOTAL	FREQUENCIA
Palatal	2.980/3.911	76%
Alveolar	931/3.911	24%

Fonte: Macedo (2004, p. 48).

Utilizando-se do pacote computacional VARBRUL, Macedo (2004) considerou como variáveis preditoras linguísticas: posição na sílaba, categoria gramatical, contexto fonológico antecedente, contexto fonológico seguinte, sonoridade do contexto seguinte e tonicidade. Como variáveis extralinguísticas, foram considerados o sexo e a faixa etária do informante. Os resultados da rodada podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2 - Variáveis favorecedoras à palatalização e seus respectivos índices alcançados no estudo de Macedo (2004) sobre dados de Recife

FATOR	APLIC./TOTAL	FREQUENCIA	PESO RELATIVO
1ª. SEXO			
Feminino	1.622/1.755	92%	.75
Masculino	1.358/2.156	63%	.29
2ª. CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE			
Dorsal	441/564	78%	.43
Labial	732/1.001	73%	.44
Coronal	1.194/1.361	88%	.67
Pausa	613/985	62%	.36
3ª. TRAÇO [VOZ] DO SEGMENTO SEGUINTE			
[-voz]	1.728/2.082	83%	.55
[+voz]	642/848	76%	.42
Ausência	610/981	62%	.47
4ª. FAIXA ETÁRIA			
Faixa I	914/1.265	72%	.45
Faixa II	963/1.176	82%	.59
Faixa III	1.103/1.470	75%	.47
5ª. POSIÇÃO DA SÍLABA			
Intravocabular	992/1.174	84%	.55
Intervocabular	1.988/2.737	73%	.48

Fonte: Macedo (2004, p. 49).

Observa-se, por exemplo, que as mulheres tendem a usar mais a variante palatalizada do que os homens, que o contexto coronal e o não vozeamento do segmento seguinte apresentam influência sobre o uso da pronúncia em questão, assim como a posição intravocabular, o que corrobora os resultados de Callou e Moraes (1996b). No que se refere à faixa etária, a intermediária parece utilizar um pouco mais a pronúncia palatalizada quando compara às outras duas.

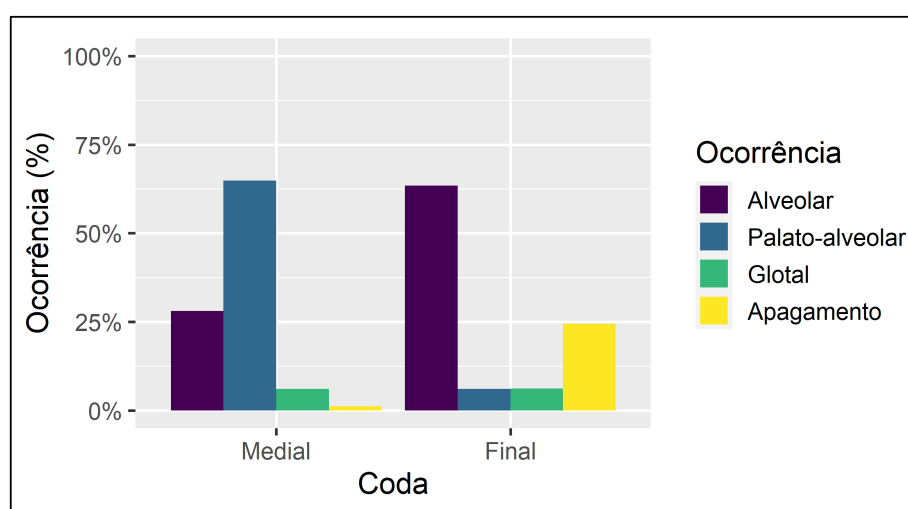
Na seção seguinte, serão apresentados os resultados de estudos que observaram a fricativa em coda em comunidades de fala com pronúncias alveolares e palatoalveolares em quantidade expressiva.

1.2.3 Dialetos com predominância de ambas as variantes

A comunidade de fala de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, foi uma das escolhidas para representar o grupo das cidades com ambas as pronúncias mais recorrentes para

o /S/ pós-vocálico. Hora (2003) e Ribeiro (2006) analisaram essa variável, o primeiro considerando o contexto interno à palavra (coda medial) e a segunda, em contexto intervocabular (coda final). Ambos utilizaram o corpus do Laboratório de Variação Linguística do Estado da Paraíba - VALPB (HORA, 1993), composto por 60 entrevistas sociolinguísticas de informantes estratificados com relação ao sexo, faixa etária e escolaridade. A distribuição das variantes encontradas em ambos os estudos está sumarizada no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Disposição das variantes do /S/ em coda na cidade de João Pessoa



Fonte: Adaptado de Hora (2003) e Ribeiro (2006).

Ao analisar 9.517 ocorrências da fricativa em posição medial, Hora (2003) apresenta uma taxa expressiva de ocorrência da variante palatoalveolar (64,8%) em detrimento da alveolar (28%), da glotal (6,1%) e do apagamento (1,1%)⁹. Entretanto, o número expressivo dessas ocorrências está relacionado, segundo o autor, ao contexto fonológico seguinte, já que antes das consoantes /t/ e /d/, como em pa[f]ta, co[f]tura, de[ʒ]dém e de[ʒ]de, a pronúncia palatalizada é praticamente categórica. A variável “contexto fonológico seguinte” foi a única selecionada pelo VARBRUL, programa utilizado para realizar as análises estatísticas, como condicionante para o uso dessa forma, conferindo ao contexto “coronal” o peso relativo de 0.86

⁹ Citando o estudo de Hora (2003), diversos trabalhos informam de forma equivocada as porcentagens de ocorrência das variantes alveolar e palatoalveolar, trocando os seus valores e, a partir disso, afirmando que a variante alveolar é a mais recorrente em coda medial nessa comunidade (CHACON, 2012; HENRIQUE, 2016; HENRIQUE; HORA, 2016; HENRIQUE; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019; HORA; HENRIQUE; AMORIM, 2018; HORA; PEDROSA, 2009; LIMA, 2013; OLIVEIRA, 2020; PEDROSA, 2009; PEDROSA; LUCENA, 2019; SILVA, 2016). Acredita-se que um desses trabalhos reportou o valor invertido e, pela dificuldade de acesso ao texto original, os outros trabalhos acabaram baseando-se nessa referência cruzada.

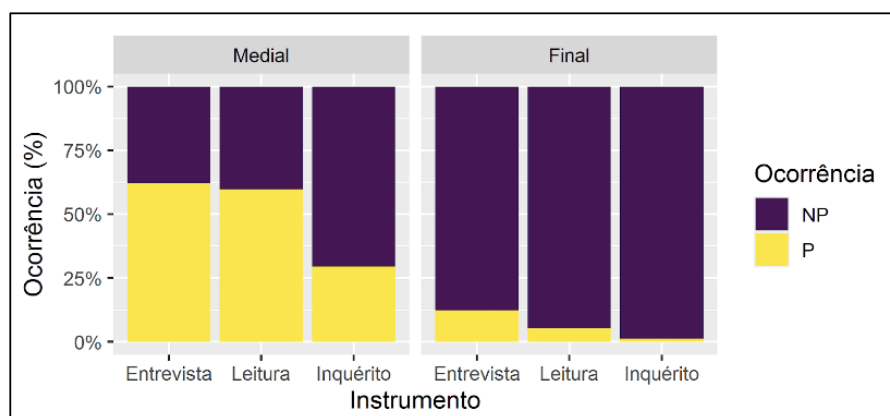
(97%, n = 6.265). As ocorrências desse contexto no corpus corresponderam a pouco mais dois terços da amostra (65,82% no número total de observações), o que explica o número expressivo de pronúncias palatalizadas. Outro detalhe importante é que, apesar do autor utilizar o rótulo "contexto coronal", nos exemplos de aplicação da regra de palatalização, ele apenas cita as oclusivas como contextos favorecedores, não mencionando as soantes /n/ e /l/. Isso ocorreu porque nenhuma palavra com /S/ em coda medial seguido das soantes /n/ e /l/ foi verificada no corpus do VALPB, o que pode ser justificado pelo reduzido número de itens lexicais com essas características no PB.

Com relação à coda final, Ribeiro (2006) apresenta, a partir da análise de 7.034 ocorrências encontradas em 36 entrevistas retiradas do mesmo corpus analisado por Hora (2003), uma distribuição diferente para a pronúncia do /S/ pós-vocálico. A variante mais encontrada nessa posição foi a alveolar (63,4%), seguida do apagamento (24,4%), da glotal (6,2%) e da palatoalveolar (6%). Esse resultado alinha-se à tese de que a ocorrência da variante palatalizada é fortemente restrita pelo contexto seguinte e ao interior do vocábulo.

Henrique, Amorim e Hora (2022), a partir de um corpus de recontato composto por seis entrevistas sociolinguísticas realizadas entre 2015 e 2016 com os mesmos informantes entrevistados em 1993 para a composição do primeiro corpus do VALPB, analisaram o comportamento da variável em coda medial e final, a fim verificar se o padrão de uso continuou estável na fala desses informantes. Dentro das entrevistas foram catalogadas 2.259 ocorrências, 949 em coda medial e 1.310 em coda final (seguida ou não de consoante). A variante palatoalveolar apareceu em 62,2% das observações em coda medial e em 12,6% em coda final. Na leitura de texto e no inquérito fonético¹⁰, métodos de coleta que não foram usados durante a composição do primeiro corpus, foi verificada uma taxa de palatalização de 59,6% (n=166) e 29,4% (n=119), respectivamente, para coda medial, e 7,4% (n=135) e 1,1% (n=88), respectivamente, para coda final. O Gráfico 11 apresenta essas distribuições.

¹⁰ O texto apresentado para a leitura foi composto por frases elaboradas contendo as palavras utilizadas no inquérito fonético. Essas palavras foram selecionadas para dar conta de algumas variantes fonético-fonológicas, dentre elas a realização palatoalveolar do /S/ em coda, bem como de variáveis ligadas a elas, como contexto precedente e seguinte, por exemplo. O inquérito fonético caracteriza-se por 90 figuras apresentadas isoladamente ao informante em um notebook, para que ele ou ela as nomeassem. As figuras relativas às palavras-alvos das outras variáveis para além da fricativa /s/ em coda serviram como distratoras, assim como as relativas a esse processo serviram de distratoras para as dos outros processos (HENRIQUE; AMORIM; HORA, 2022, p. 11).

Gráfico 11 - Ocorrência da palatalização de /S/ em coda por 6 pessoas, a depender do Instrumento de Coleta (Entrevista, Leitura e Inquérito Fonético) e do Tipo de Coda (Medial e Final). Legenda: P = Palatalização, NP = Não palatalização.



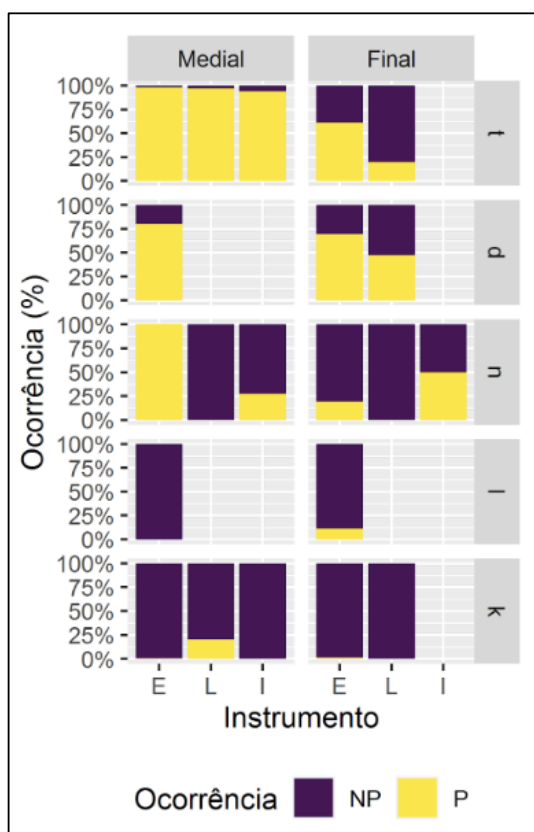
Fonte: Henrique; Amorim; Hora (2022, p. 15).

Comparando os resultados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) com os de Henrique, Amorim e Hora (2022), percebe-se que as proporções de distribuição da variante palatalizada em coda medial verificadas nas entrevistas do corpus de 1993 (64,76%) mantêm-se relativamente estáveis no vernáculo dos informantes entrevistados pela segunda vez (62,2%). No que se refere à coda final, observa-se um leve aumento da taxa de palatalização no novo corpus (12,6%) quando comparada à observada no corpus de 1993 (6%) por Ribeiro (2006). Esses dados alinham-se à interpretação feita por Hora (2003) de que o fenômeno da palatalização em coda medial não apresentava indícios de mudança em progresso, mas de variação estável.

No que se refere ao contexto seguinte, os contextos mais favorecedores foram as coronais /t/, /d/, /n/, como pode-se verificar na Figura 2.

Figura 2 - Gráficos com a distribuição da palatalização de /s/ em coda medial por 6 pessoenses, a depender do Contexto Seguinte, do Instrumento de Coleta e do Tipo de Coda.

Legenda: P = Palatalização, NP = Não palatalização.



Fonte: Henrique; Amorim; Hora (2022, p. 18).

Precedendo /t/, o uso da variante palatoalveolar foi praticamente categórico em coda medial em todos os instrumentos de coleta. Um dado novo foi o de que, pelo menos para esses falantes, a palatalização parece estar sendo favorecida também pelo /n/ como contexto seguinte, para além do /t/ e do /d/, como já apontado na literatura. O número de ocorrências com esse contexto específico, entretanto, foi bastante pequena, e os autores relativizam esse achado reiterando a necessidade da análise de mais dados de fala com esse contexto, apesar de dados de percepção já apontarem para esse caminho (HENRIQUE, 2016).

A segunda comunidade de fala escolhida para representar o grupo dos dialetos com altas taxas de frequência de ambas as pronúncias foi a capital do Estado do Rio Grande do Norte, Natal. Pessoa (1986) foi o primeiro a analisar o comportamento da fricativa pós-vocálica nessa comunidade a partir da observação de 1.183 ocorrências em um corpus composto por gravações de quatro mulheres (duas estudantes universitárias e duas semianalfabetas) entre 20

e 25 anos. Apesar de não apresentar a distribuição geral das realizações, o pesquisador documenta a ocorrência das quatro variantes esperadas (alveolar, palatoalveolar, glotal e o apagamento), chamando atenção para a predominância da variante alveolar antes de consoantes oclusivas /p, b, k, g/, fricativas /f, v/, nasais /m, n/ e lateral /l/. A variante palatoalveolar foi predominante antes das coronais /t, d/ quando em coda medial (66%, n=251) e final seguida de consoante (46%, n= 107), além de também serem encontradas antes de /n, l/ na coda final seguida de consoante (14%, n= 64). Nesse sentido, o autor aponta a fronteira estrutural (coda medial ou coda final) como pista para explicar a variação. Segundo o autor, não foram observadas diferenças que indicassem uma das formas como mais recorrente na fala de um grupo de informantes, o que o faz advogar pela tese de que o entendimento dessa variação perpassa questões mais linguísticas que sociais nessa comunidade.

Cunha e Silva (2019) também analisaram a variação desse segmento na mesma comunidade a partir de entrevistas com três falantes natalenses: dois homens, um de 20 e outro de 50 anos, e uma mulher, de 49 anos, todos pertencentes ao mesmo núcleo familiar e com o mesmo nível de escolaridade. Nessas entrevistas, era solicitado que os informantes relatassem alguma história marcante, com enredo livre, seguido da leitura de uma lista de palavras. Assim como no trabalho de Pessoa (1986), as proporções gerais não foram apresentadas, mas as autoras descreveram o comportamento da variável segundo os contextos considerados. Elas afirmam que, categoricamente, antes de /t/ e /d/ os falantes utilizaram a variante palatoalveolar, e, na fala de uma das informantes, observou-se a variante palatalizada antes de /n/, na palavra "asneira". Em todos os outros contextos, a variante alveolar foi a utilizada. A partir da leitura desses dados, as pesquisadoras apontam que a palatalização na fala natalense parece ter se iniciado "com a obstruinte coronal desvozeada [t], atingiu sua correspondente vozeada [d] e, de maneira ainda incipiente, vem atingindo outras coronais [...], a exemplo da nasal [n]" (CUNHA; SILVA, 2019, p. 56). Esse resultado é convergente com o comportamento da variável em João Pessoa em trabalhos mais recentes (HENRIQUE, 2016; HENRIQUE; HORA, 2016; HENRIQUE; AMORIM; HORA, 2022).

1.2.4 Migração e acomodação

Nesta seção serão reportados resultados de trabalhos sobre acomodação dialetal envolvendo as fricativas em posição de coda entre falantes migrantes para comunidades distintas em relação ao comportamento dessa variável no vernáculo de sua comunidade.

Chacon (2012) trabalhou com migrantes de São Paulo morando em João Pessoa e avaliou o processo de acomodação da palatalização do /S/ em coda medial antes das consoantes coronais no contato dialetal entre paulistanos e pessoenses. Como visto no dialeto paulistano é predominante a variante alveolar em todos os contextos, diferente do dialeto pessoense, no qual a variante palatoalveolar é predominante antes das coronais /t/ e /d/.

O corpus analisado foi composto por 10 informantes paulistanos vivendo em João Pessoa há pelo menos um ano e estratificados em duas faixas etárias (de 19 a 25 anos e acima de 30 anos). Sobre os instrumentos de coleta, foram utilizadas entrevistas sociolinguísticas e leitura de três pequenos textos contendo 17 palavras com ocorrência da variável analisada, distribuídas de forma aleatória. Duas rodadas estatísticas foram realizadas utilizando o programa Goldvarb, uma com todos os falantes e outra sem os falantes 1 e 2, tendo em vista o possível enviesamento que eles poderiam causar nos resultados devido ao fato de terem migrado ainda crianças, com 3 e 5 anos, respectivamente, e na época da pesquisa estavam há 16 anos na cidade de João Pessoa.

Como resultado geral, a taxa de aplicação de acomodação no contexto propício à palatalização foi de 34,8% (n= 730). Na primeira rodada, as variáveis selecionadas pelo programa como favorecedoras à ocorrência da variante palatoalveolar foram: tempo de exposição - o grupo com mais de 8 anos apresentou taxa de ocorrência de 45,9% (n= 481, PR= 0,70); idade - a primeira faixa etária apresentou frequência de aplicação de 44,6% (n= 323, PR= 0,67); naturalidade dos pais - filhos com pais do nordeste e sudeste apresentaram taxa de acomodação de 45,4% (n= 238, PR= 0,62); e o estilo - a entrevista foi o instrumento em que a variante palatalizada mais ocorreu, com 36,3% de aplicação (n= 410, PR= 0,58).

Na segunda rodada, as mesmas variáveis foram selecionadas com exceção da naturalidade dos pais. Os informantes com mais de oito anos de migração (45,9%, n= 481, PR= 0,68), os mais jovens (23,4%, n= 201, PR= 0,64) e durante a entrevista (28,4%, N= 352, PR= 0,55) ofereceram as maiores taxas de aplicação da regra. Como os informantes 1 e 2 apresentaram os maiores índices de acomodação e tinham pais de ambas as regiões, a variável foi selecionada na primeira rodada. Apesar disso, eles ainda apresentam altas taxas de pronúncia alveolar antes de /t/ e /d/, mesmo tendo migrado ainda crianças.

Durante as entrevistas, algumas perguntas giraram em torno da saliência de traços do sotaque de origem dos ouvintes para os paraibanos. Os informantes destacaram o /R/ em coda e as vogais médias pretônicas, mas não mencionaram a realização do /S/ em coda. A maioria dos informantes descreveu as pessoas do nordeste como acolhedoras e simpáticas.

Silva (2016) desenvolveu uma pesquisa parecida com a de Chacon (2012), mas no sentido inverso. Analisou a taxa de acomodação de migrantes pessoenses ao dialeto paulistano com relação às fricativas pós-vocálicas antes de /t/ e /d/, ou seja, se eles deixaram de produzir a variante palatoalveolar e passaram a produzir a alveolar nesses contextos. Além de variáveis estilísticas e sociais, Silva (2016) também levou em conta aspectos atitudinais dos falantes, inferidos a partir dos discursos dos 10 colaboradores entrevistados residentes em São Paulo há pelo menos dois anos. A coleta dos dados aconteceu através de entrevistas sociolinguísticas e de observação etnográfica, realizada com três informantes. O objetivo do segundo instrumento era o de coletar dados de interação verbal de falantes paraibanos em contato linguístico com falantes paulistanos.

As 843 observações catalogadas nas entrevistas foram analisadas considerando algumas variáveis preditoras com o auxílio do GoldVarbX. A taxa geral de ocorrências de pronúncias alveolares foi de 68%, condicionadas principalmente pela alta escolarização do informante (acima de 9 anos = 90%, n = 105, PR = 0,83), pela ausência de contato com falantes paraibanos (84%, n = 228, PR = 0,69), pelo contato diuturno com falantes paulistanos (80,2%, n = 307, PR = 0,64), pelo sexo feminino (69%, n = 334, PR = 0,59), e pelos informantes mais jovens (69,7%, n = 394, PR = 0,57).

Nas observações etnográficas realizadas com os participantes 1, 4 e 7, foram analisadas 922 ocorrências de /S/ pós-vocálico antes de /t/ e /d/, 81% das quais foram de pronúncias alveolares. O falante 1 apresentou uma taxa de acomodação de 71,6% (n = 101) na entrevista e de 80% (n = 412) na observação etnográfica. O falante 4, 54% (n = 79) no primeiro instrumento e 72,9% (n = 186) no segundo, e o falante 7, 74,2% (n = 144) na entrevista e 91% (n = 324) na etnografia. Esses dados revelam que, em ambientes diversos do da entrevista sociolinguística, onde os participantes estavam interagindo com outras pessoas do seu ciclo, a taxa de acomodação passava a ser ainda maior.

Com relação à percepção da variação do /S/ entre os dialetos, os informantes relataram que a variante palatalizada era sensível aos falantes paulistanos. O informante 1, por exemplo, relata ter sofrido preconceito por falar "arrastado" na universidade, mas que não gostaria de mudar sua forma de fala, assim como o informante 2, que apesar de ter apresentado altas taxas de acomodação, acredita ter preservado seu sotaque original.

Lima (2013) analisou o processo de acomodação dialetal por parte de 9 falantes pessoenses vivendo em Recife há pelo menos dois anos. O fenômeno observado foi o /S/ pós-vocálico precedendo outras consoantes que não /t/ e /d/, onde a variante palatalizada também é a preferida entre os pessoenses. Nos outros contextos, a variante alveolar é a prototípica no

dialeto pessoense, ao contrário do dialeto recifense, onde a variante palatoalveolar predomina independente do contexto seguinte.

A taxa de acomodação para a variante palatoalveolar verificada pela pesquisadora a partir da análise de 1.734 ocorrências da variável foi de 20,2%. A partir de regressões logísticas multivariadas, o GoldVarb selecionou como fatores condicionantes ao processo: o tempo de permanência (mais de 10 anos= 37%, n= 812, PR= 0,68), o contato diuturno com falantes recifenses (sim= 36,6%, n= 847, PR= 0,67), o contexto fonológico seguinte (labial= 22,7%, n= 516, PR= 0,61 e dorsal= 24,9%, n= 338, PR= 0,59), o estilo (entrevista= 20,9%, n= 1.466, PR= 0,53) e a frequência das visitas à João Pessoa (não vai= 39,5%, n= 397, PR= 0,55 e mensalmente= 28,7%, n= 520, PR= 0,60).

No que diz respeito à análise qualitativa das entrevistas feitas com os informantes, Lima (2013) constatou que a avaliação positiva influenciou o processo de acomodação linguística dos migrantes para o novo dialeto, assim como a avaliação negativa levou-os a preservarem seu dialeto de origem, como forma de distanciamento do padrão encontrado na nova comunidade. Com o intuito de aprofundar essa análise, a autora selecionou os três informantes que menos acomodaram (1, 3 e 7, que não apresentaram ocorrências palatoalveolares) e o três que mais acomodaram (4, 5 e 9) para analisar qualitativamente suas entrevistas e encontrar pistas para explicar o comportamento discrepante da média de acomodação dos outros participantes.

A informante 1, por exemplo, segundo a autora, apesar de viver há mais de 10 anos em Recife, para onde migrou após terminar seu curso de nutrição na Universidade Federal da Paraíba devido a uma oportunidade de emprego, não gostava da pronúncia palatoalveolar e associava o S "chiado" presente na fala dos recifenses à fala de prestadores de serviço, como os terceirizados da limpeza. A informante 3, que residia há dois anos com uma amiga paraibana na capital de Pernambuco, costumava visitar mensalmente a família em João Pessoa e afirmou não ter se acostumado ainda à realidade de Recife. A informante 7 residia na capital pernambucana há 20 anos, mas, apesar disso, ainda não estava habituada à distância com os familiares, com quem mantinha bastante contato e costumava visitá-los sempre que possível.

Dentre as informantes com as maiores taxas de acomodação estão a 4 (39,6%, n=268), a 5 (39,5%, n= 397) e a 9 (85%, n= 174). A informante 4, residente em Recife há 16 anos, quis mudar para Recife para sair de casa por questões familiares e profissionais, mas atualmente volta com frequência para a capital da Paraíba. Ela citou o "s mais puxado" como marca do falar recifense e afirmou gostar do sotaque desse povo "muito festivo". A informante 5 migrou de sua cidade ainda criança e disse ter sofrido preconceito na escola devido ao seu sotaque. Há

mais de 10 anos na nova cidade, demonstra gratidão ao local onde vive, casou-se com um pernambucano e afirma estar perfeitamente confortável e que não voltaria para João Pessoa. A informante 9 também aponta para o preconceito que sofreu quando chegou a Pernambuco. Ela foi contratada como jogadora de futebol do time Sport, o que a levou a migrar para a capital desse estado. Afirma que precisou se adaptar, inclusive em relação à linguagem, para se sentir aceita na nova cidade.

A partir da análise qualitativa dessas entrevistas, a pesquisadora conseguiu identificar questões ligadas às atitudes linguísticas dos informantes com relação ao sotaque da sua nova comunidade e percebeu que as avaliações positivas parecem ter influenciado o processo de acomodação, enquanto avaliações negativas levaram à preservação do dialeto de origem dos informantes.

Oliveira (2020), dentro desse mesmo escopo de trabalhos, analisou a acomodação dialetal de cariocas residentes na cidade de João Pessoa, a partir da observação das produções do /S/ em posição de coda final. O corpus foi composto por 16 falantes cariocas residentes na cidade de João Pessoa há pelo menos 1 ano e com idade mínima de 18 anos, estratificados de acordo com sexo, faixa etária e tempo de exposição. Dentro das 934 ocorrências da variável, 24,8% foram de pronúncias alveolares (prototípicas em João Pessoa nessa posição).

As observações foram catalogadas e tratadas estatisticamente através do programa GoldVarbX considerando algumas variáveis preditoras. Dentre elas, as selecionadas como influentes na escolha por uma das variantes pelos informantes foram o tempo de exposição (acima de 5 anos= 38%, n= 508, PR= 0,74), o sexo do informante (feminino= 32,7%, n= 517, PR= 0,68), o contexto fonológico seguinte (Pausa= 33,8%, n= 317, PR= 0,67), e a faixa etária (mais de 30 anos= 37%, n= 460, PR= 0,56).

Seguindo uma metodologia similar à realizada por Lima (2013), o pesquisador analisou qualitativamente as entrevistas dos informantes que apresentaram as maiores e menores taxas de acomodação com relação ao dialeto pessoense. Os informantes 6, 7 e 10 apresentaram as taxas de pronúncia alveolar mais elevadas, enquanto os informantes 1, 10 e 15 apresentaram menor incidência dessa variante, mantendo o padrão de sua comunidade.

O informante 6, que apresentou uma taxa de acomodação de 100%, durante sua entrevista, aponta diretamente que perdeu o "s chiado" em palavras como "dois" e "três" porque "pegavam no pé" dele quando chegou à Paraíba, aos então 18 anos. Este informante não tem mais contato com pessoas do Rio de Janeiro e não demonstrou interesse em voltar para sua terra Natal. A informante 7, antes de migrar para João Pessoa, viveu em Florianópolis, onde teve pela primeira vez consciência de aspectos divergentes sobre seu sotaque. Ela afirmou que as pessoas

de João Pessoa não conseguiam identificar sua origem de pronto pela sua forma de falar e que ela mesma, ao escutar gravações de seu discurso, considerava seu sotaque atual estranho. Passou grandes períodos sem visitar a cidade natal, o que ajuda a explicar sua taxa de acomodação de 80,6%. O informante 16, apesar de apresentar taxa de acomodação de 100%, aponta em sua entrevista o dialeto carioca como mais interessante que o pessoense, e considera o seu idioleto como uma mistura, variando de acordo com o interlocutor. Como a maior parte de seu contato é com pessoas de João Pessoa, seu sotaque seria na maior parte do tempo convergente ao sotaque da capital paraibana, o que é coerente com sua capacidade de adequação salientada por ele mesmo durante a entrevista, apresentando-se como pouco resistente a mudanças. Outro fator interessante é a inexistência de contato com pessoas de sua cidade natal e o sentimento de acolhimento que apontou ter experienciado ao chegar à cidade, o que o fez sentir-se menos deslocado e sem vontade de voltar para o Rio de Janeiro.

Dentre os colaboradores que menos utilizaram a variante alveolar estão a informante 1 (3,6%), o 10 (1,4%) e o 15 (3,3%). A informante 1 não veio de forma voluntária para a João Pessoa e não foi bem aceita na escola quando chegou. Apesar disso, apresentou resistência com relação a mudanças na sua forma de falar para manter sua identidade - fator que pode ter inibido sua acomodação ao dialeto local. Mantinha contato com familiares do Rio de Janeiro e acreditava que o sotaque fazia parte de sua identidade. Não acreditava que os paraibanos fossem tão receptivos e acolhedores como as pessoas do Rio de Janeiro. O informante 10 mencionou que sofreu *bullying* na escola assim que chegou na capital paraibana para cursar o ensino médio. Afirmou que mantinha contato constante com seus amigos do Rio, desde sua chegada até o momento da entrevista, e que quando ia para sua cidade natal, sentia que seu sotaque voltava ao "normal". Com relação ao seu sotaque, relatou que as pessoas da Paraíba o identificavam como carioca e que não gostaria de perdê-lo. Apesar de gostar do Nordeste, tinha vontade de voltar a morar no Rio quando terminasse seus estudos por questões profissionais e porque os amigos de longa data mais próximos moravam lá. O informante 15, mesmo com 8 anos de exposição, apresentou um dos menores índices de acomodação. Acreditava que o sotaque de origem fazia parte de sua identidade e manifestou o desejo de mantê-la, fator que parece ter sido inibidor da acomodação. Apesar de não pretender voltar para o Rio de Janeiro, mantinha contato frequente com pessoas de lá. Discordava da percepção de que os paraibanos são simpáticos e receptivos, apontando para o sentimento de deslocamento que sentia em relação às pessoas de João Pessoa.

A partir da observação das entrevistas, Oliveira (2020) conclui que existem fortes influências das atitudes linguísticas no processo de acomodação dialetal, principalmente às ligadas ao sentimento de identificação com um determinado modo de falar.

Os resultados dos estudos resenhados até aqui, todos dentro do mesmo escopo teórico metodológico, estão resumidos no Quadro 1. Observa-se, a partir desses dados, que a maior taxa de acomodação aconteceu entre pessoenses (que possuem as duas pronúncias em seu dialeto) migrantes para São Paulo (cuja pronúncia prototípica é a alveolar).

Quadro 1 - Resumo dos resultados de trabalhos sobre acomodação do /S/ pós-vocálico entre comunidades com comportamentos distintos

Estudo	Comunidade de origem	Comunidade de destino	Acom.
Chacon (2012)	São Paulo ([s,z] -> V__ [t,d])	João Pessoa ([f, ʒ] -> V__ [t,d])	34,8%
Silva (2016)	João Pessoa ([f, ʒ] -> V__ [t,d])	São Paulo ([s,z] -> V__ [t,d])	68%
Lima (2013)	João Pessoa ([s,z] -> V__ C)	Recife ([f, ʒ] -> V__ C)	20,2%
Oliveira (2020)	Rio de Janeiro ([f] -> V__ #)	João Pessoa ([s] -> V__ #)	24,8%

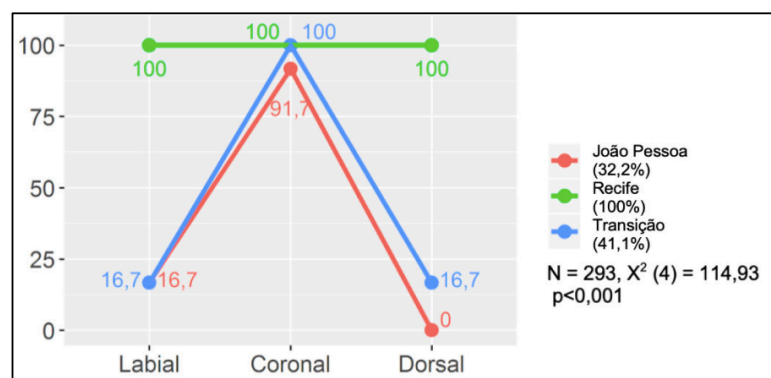
Fonte: Elaboração própria, 2022.

Numa interface entre estudos de acomodação e aquisição da linguagem, Henrique, Nascimento e Oliveira (2019) desenvolveram um estudo com o objetivo de comparar a produção de fricativas em coda medial de uma informante recifense de 10 anos, residente em João Pessoa-PB desde seus 3 anos, com a produção de duas crianças nascidas de João Pessoa e duas de Recife na mesma faixa etária, que nunca deixaram sua comunidade de fala. Nesse contexto, eles investigaram em que medida a criança migrante assimilou o comportamento da variável em questão no dialeto pessoense.

Os dados foram coletados a partir de três instrumentos específicos: entrevista semiestruturada, leitura monitorada e inquérito no fonético, os dois últimos contendo palavras que apresentavam contextos específicos que restringem o uso da variante palatoalveolar na comunidade pessoense, conforme os resultados apontados por Hora (2003), utilizados como uma das variáveis preditoras nas análises (contexto seguinte labial, coronal e dorsal). A variável dependente considerada foi o tipo de pronúncia (alveolar ou palatoalveolar) utilizada pela criança, aferida através a observação do primeiro pico no espectro de frequências extraídas dos 30 milissegundos centrais das fricativas (SILVA; HENRIQUE; LOPES, 2015).

O Gráfico 12 apresenta a distribuição das variantes por contexto fonológico seguinte entre as pessoenses, recifenses e a informante recifense residente em João Pessoa, a qual os autores rotularam como “Transição”.

Gráfico 12 - Palatalização por comunidade de fala e classe natural do segmento seguinte



Fonte: Henrique, Nascimento e Oliveira (2019, p. 1546).

A partir da observação da distribuição dos dados, percebe-se que a criança migrante apresenta produções mais alveolarizadas antes de contextos labiais e dorsais, e palatalizadas precedendo consoantes coronais, comportamento análogo ao apresentado pelas crianças pessoenses e distinto do apresentado pelas recifenses, nas quais a pronúncia palatalizada é mais frequente independente do contexto seguinte. Dessa forma, os autores apontam para acomodação da criança migrante ao dialeto pessoense com relação ao fenômeno analisado. Durante a análise qualitativa da entrevista realizada com a falante migrante, os autores reportam que ela percebia diferença entre os dialetos, citando que os pernambucanos "chiam" e os paraibanos não, e acreditava que sua forma de falar era mais parecida com a forma de falar das pessoas da sua nova cidade¹¹.

1.3 ESTUDOS RELACIONADOS À PERCEPÇÃO DO /S/ EM CODA NO PB

Nesta seção serão discutidos resultados de trabalhos relacionados à percepção do /S/ em coda realizados no Brasil dentro de uma perspectiva sociolinguística. Os trabalhos de natureza

¹¹ Como a mãe da criança observada é natural da cidade de Recife-PE e possui pronúncia predominantemente palatoalveolar para o /s/ pós-vocálico, é possível avaliar que há grandes chances da acomodação da criança ser explicada pela sua interação com os pares, ao invés das interações no ambiente familiar.

fonética, ligados a descrições de parâmetros acústicos para percepção, serão resenhados no capítulo 2.

1.3.1 Percepção e atitudes no discurso metalinguístico

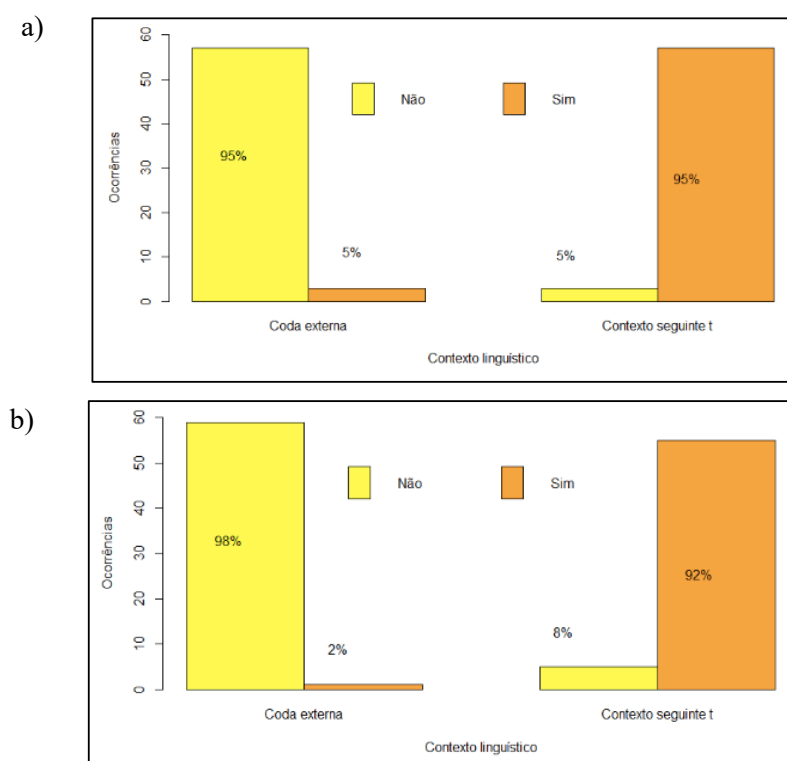
Hora (2011) propôs uma análise do conteúdo das entrevistas feitas com 60 falantes pessoenses, que compõem o corpus do VALPB, com o intuito de avaliar a atitude dos informantes sobre a sua forma de falar e a de outrem, a partir do que se conhece nos estudos sociolinguísticos sobre avaliação e atitude como "abordagem direta". O pesquisador pretendia, dessa forma, verificar (i) até que ponto o falante tem consciência do quão diferente é a sua fala quando comparada a de falantes de outras regiões; (ii) como avalia sua maneira de falar; e (iii) quais os aspectos (de natureza fonético-fonológica, prosódica, lexical) lhe chamam atenção na sua fala e na fala de pessoas de outras regiões do país.

Os resultados aqui reportados concentram-se nas menções à variante palatoalveolar do /S/ em coda silábica presentes nas respostas de alguns participantes durante a entrevista. Ao fazerem referência a ela, os entrevistados a identificavam como “chiado” e “falar assoprado” associado ao falar carioca, o que evidencia a percepção da variante pela comunidade e sua configuração como estereótipo, de acordo com a classificação laboviana.

Mendonça e Borges (2018), no Estado de Sergipe, desenvolveram uma pesquisa cujo objetivo era o de analisar a percepção e a avaliação de universitários da UFS (Universidade Federal de Sergipe) sobre as variantes palatoalveolares do /S/ em coda silábica também a partir da abordagem direta. Para isso, elaboraram testes de atitude com perguntas sobre as formas palatalizadas em coda medial precedidas de /t/, em palavras como "pasta", "costa" e "pista", e em coda final, em palavras como "lápis", "ônibus" e "depois", aplicados a 60 informantes universitários.

Na Figura 3 pode-se observar a distribuição das respostas dadas pelos estudantes às perguntas (a) "Falar assim é comum onde você mora?" e (b) "Você fala assim?" ao escutarem a pronúncia palatoalveolar simulada pelo(a) entrevistador(a) em coda medial precedendo /t/ e em coda final.

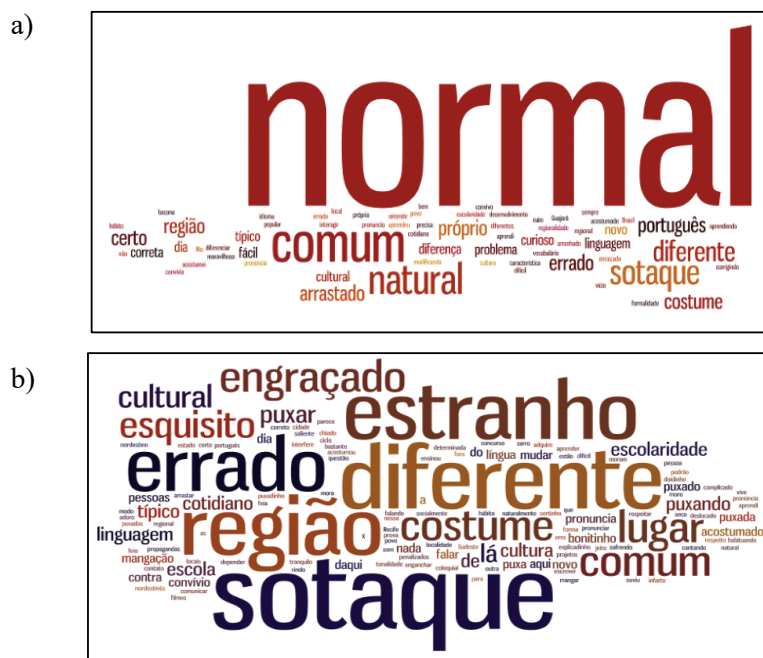
Figura 3 - Porcentagem das respostas dadas às perguntas (a) "Falar assim é comum onde você mora?" e (b) "Você fala assim?" a partir da apresentação dos estímulos com a variante palatoalveolar em coda externa e antes de /t/



Fonte: Mendonça e Borges (2018, p. 118-119).

Observando a distribuição das respostas, nota-se que os ouvintes perceberam a variante palatalizada em coda medial no contexto apresentado como recorrente no lugar onde moram, bem como na sua própria fala. Entretanto, ao serem apresentados ao estímulo com pronúncia palatoalveolar do /S/ em coda final, o resultado foi invertido. Os informantes julgaram que a variante não era comum na sua comunidade de fala nem na sua própria fala. A Figura 4 apresenta duas nuvens de palavras sistematizadas pelos pesquisadores com as palavras mais recorrentes utilizadas pelos ouvintes ao responderem as perguntas abertas a respeito do que achavam das pronúncias palatalizadas em contexto favorável à regra na sua comunidade (a) e em contexto desfavorável à regra de palatalização em sua comunidade (b).

Figura 4 - Nuvem de palavras com avaliações da variante palatoalveolar para o /S/ em coda medial antes de /t/ (a) e para o /S/ em coda final (b)



Fonte: Mendonça e Borges (2018, p. 122-123).

Analisando esses resultados, percebe-se que a pronúncia mais comum na comunidade de fala foi mais rotulada pelos ouvintes como "natural", "comum" e "normal". Palavras como "sotaque", "diferente" e "errado" também apareceram, mas numa proporção muito baixa comparadas às primeiras. Quando o estímulo é alternado para palavras nas quais a posição da variável é a de coda final, os rótulos utilizados pelos juízes mudam drasticamente. Palavras como "sotaque", "diferente", "estranho", "região", "errado", "engraçado" e "esquisito" passam a ser as mais frequentes para caracterizar esse modo de falar.

Além das avaliações mais abertas, uma das perguntas do questionário indagava os ouvintes sobre o lugar de origem de pessoas que pronunciavam as palavras da forma como o entrevistador as apresentava. A Figura 5 apresenta nuvens com as palavras mais recorrentes nas respostas dos juízes com relação à variante palatalizada precedendo a consoante coronal (a) e em posição pós-vocálica final (b). Para as palavras cujos contextos favoreciam a variante palatoalveolar na comunidade de fala, rótulos diatópicos como "Sergipe", "Nordeste" e "aqui" foram os mais utilizados para caracterizar esse "modo de falar". Em contexto de coda final, "Rio de Janeiro", principalmente, e "Pernambuco", "São Paulo" e "Sul", de forma mais discreta, foram os mais recorrentes.

Em contexto em que não é recorrente na fala dos sergipanos, a pronúncia é avaliada como possível alvo de preconceito linguístico, diferentemente do que acontece em contexto favorável à pronúncia palatalizada. A Figura 7 apresenta um quadro desenvolvido por Mendonça e Borges (2018) resumindo os resultados gerais inferidos considerando dos resultados dos testes aplicados com os ouvintes universitários sergipanos.

Figura 7 - Percepção da palatalização do /S/ em função do contexto linguístico

	Contexto seguinte t	Coda externa
Percepção	É comum na região	Não é comum na região
Crença	Usa	Não usa
Avaliação social	Normal	Estranho
Região	Sergipe	Rio de Janeiro
Escolaridade	Não está relacionado	Não está relacionado
Preconceito	Não é alvo de preconceito	Alvo de preconceito

Fonte: Mendonça e Borges (2018, p. 126).

Segundo os autores, os resultados evidenciam que a pronúncia palatoalveolar do /S/ em coda está no nível da consciência dos ouvintes sergipanos analisados, pois a percepção dos estudantes leva em consideração, de forma consistente, os contextos linguísticos e os significados sociais distintos a eles atribuídos. Enquanto os juízes consideraram a forma palatoalveolar em contexto de coda medial precedendo a coronal /t/ como comum à sua comunidade e ao seu modo de falar, avaliando-a de forma neutra, julgaram a mesma variante em contexto de coda final como não recorrente em sua região e no seu uso, avaliando-a negativamente.

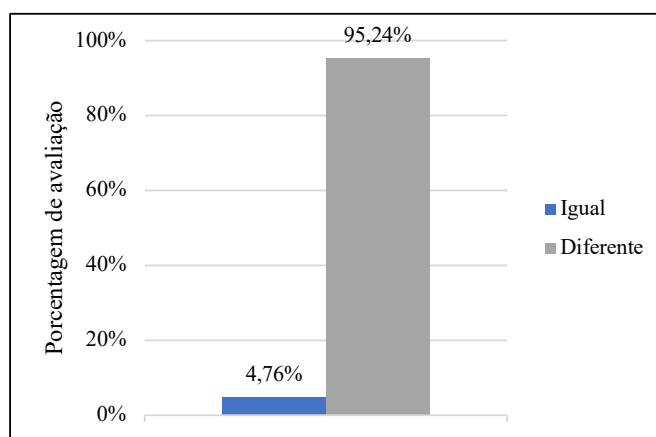
1.3.2 Percepção, atitude e avaliação inferidas a partir de abordagens indiretas

Lopes (2012) desenvolveu uma pesquisa sobre preferências e atitudes de ouvintes da cidade de João Pessoa acerca de uma série de variantes linguísticas tidas como regionais, típicas da fala pessoense. Dentre as variáveis escolhidas, estava o /S/ em coda medial precedendo a consoante /t/, cuja pronúncia prototípica no dialeto pessoense é a palatoalveolar. O pesquisador apresentou pares de palavras com situações de ocorrência e não ocorrência da variante

palatalizada¹² para que 105 ouvintes pessoenses universitários julgassem se percebiam a diferença entre as duas formas, qual delas preferiam para a fala de apresentadores de telejornal, para fala das pessoas de sua comunidade e para a própria fala¹³.

No que diz respeito à palatalização do /S/ pós-vocálico, em 95,24% (n=525, $p < 0.01$) dos casos, ouvintes perceberam que as pronúncias eram diferentes, como se pode observar no Gráfico 13.

Gráfico 13 - Percepção da distinção entre as variantes alveolar e palatoalveolar para o /S/ em coda antes de /t/



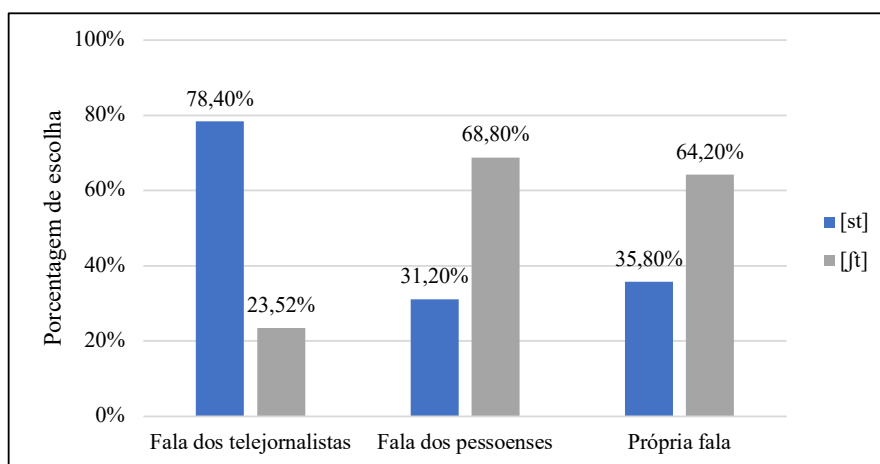
Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados de Lopes (2012).

No que diz respeito à variante preferida pelos ouvintes para a fala do apresentador de telejornal, a pronúncia alveolar foi a mais escolhida (76,48%, n= 421, $p < 0.01$). Por outro lado, a variante preferida para a fala dos pessoenses (68,8%, n= 500, $p < 0.01$) e para a fala dos próprios juízes (64,2%, n= 500, $p < 0.01$) foi a palatoalveolar, como se pode verificar no Gráfico 14.

¹² Para a análise dessa variável, o autor utilizou apenas palavras com contextos favorecedores à regra no português de João Pessoa – as oclusivas dentais /t/ e /d/. Foram elas “história” (três ocorrências) e “mistério” (duas ocorrências), gravadas pela locutora com sotaque regional (forma palatalizada) e com sotaque não local (forma alveolar), na frase veículo “digo _____baixinho” (LOPES, 2012).

¹³ Para a análise dos dados referentes à percepção de diferentes preferências de pronúncia para a fala dos apresentadores, identificação das variantes presentes na fala do pessoense e na própria fala, foram realizados testes para proporções, verificando-se se havia diferenças entre as respostas dos ouvintes. O nível de significância adotado foi o de 5% para todas as análises (LOPES, 2012, p. 81).

Gráfico 14 - Distribuição das pronúncias preferidas dos ouvintes para a fala dos telejornalistas, dos pessoenses e para a própria fala



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nos dados de Lopes (2012).

A princípio, esses dados sugerem que os falantes pessoenses percebem a diferença entre alveolares e palatais nos contextos favorecedores à aplicação da regra no dialeto pessoense, e o estilo parece ser um fator importante para o *status* variante palatalizada nesses contextos a depender da Formalidade (fala do telejornalista) vs. Informalidade (vernáculo pessoense), nos termos considerados por Lopes (2012).

Além dos testes de discriminação e categorização expostos acima, o pesquisador também aplicou testes de atitude a partir da apresentação de dois trechos de leitura gravados por uma locutora treinada com a ocorrência e não ocorrência da variante palatoalveolar nos mesmos contextos descritos anteriormente. Os ouvintes avaliaram os trechos considerando sete atributos¹⁴ a partir de uma escala de diferencial semântico de sete pontos. Esses resultados foram analisados a partir de testes exatos de Fisher para verificar se existia relação entre as variantes linguísticas preferidas para a fala dos apresentadores, percebidas na fala do pessoense e na própria fala, e o julgamento de atitudes relacionadas à ocorrência ou não dessas variantes.

A Tabela 3 apresenta a associação entre a preferência pela não ocorrência da variante palatoalveolar na fala de apresentadores e os atributos de confiabilidade, clareza, competência,

¹⁴ Para elaboração dessa escala, foram listados os 32 atributos mais referidos na literatura (GARRET, 2010) e enviados por e-mail para 40 fonoaudiólogos atuantes em telejornalismo nas diferentes regiões do país. Eles deveriam responder em uma escala de Likert os atributos que poderiam se aplicar ou não ao que é esperado para a voz de um repórter/apresentador de telejornal.

credibilidade, agradabilidade, cultura e pronúncia adequada quando apresentado o trecho com sotaque regional.

Tabela 3 - Associação entre preferência de pronúncia quanto à palatalização do /S/ em coda medial na fala do apresentador e as atitudes linguísticas¹⁵

Atitude	Positiva	Negativa	Indiferente	Total	Valor de p
Confiabilidade					
Sotaque	62	19	18	99	0,0000*
Suavizado	155	77	90	322	
Indiferente	50	1	28	79	
Clareza					
Sotaque	66	23	10	99	0,0005*
Suavizado	209	53	60	322	
Indiferente	3	63	1	67	
Competência					
Sotaque	61	28	10	99	0,0000*
Suavizado	178	84	60	322	
Indiferente	47	4	28	79	
Credibilidade					
Sotaque	55	27	17	99	0,0139*
Suavizado	156	95	71	322	
Indiferente	51	9	19	79	
Agradabilidade					
Sotaque	48	27	24	99	0,0212*
Suavizado	131	114	77	322	
Indiferente	47	15	17	79	
Cultura					
Sotaque	43	40	16	99	0,0000*
Suavizado	109	125	88	322	
Indiferente	35	6	38	79	
Pron. Adeq.					
Sotaque	44	38	17	99	0,0000*
Suavizado	138	118	66	322	
Indiferente	60	10	9	79	

*Valores significativos $p < 0,05$ – Teste exato de Fisher

Fonte: Lopes (2012, p. 99).

Segundo Lopes (2012), os juízes consideraram positiva a não ocorrência deste processo na fala de apresentadores quanto a todas as atitudes linguísticas estudadas, exceto quanto ao atributo de “cultura”, pois julgaram negativo este atributo em caso da não ocorrência de palatalização.

A Tabela 4 apresenta os resultados da correlação entre a associação da variante palatalizada ao falar pessoense e os atributos "confiabilidade", "clareza" e "credibilidade".

¹⁵ Vale chamar atenção para um erro de notação presente na tabela apresentada por Lopes (2012). Não é adequado dizer que $p=0$, já que esse valor, por mais que se aproxime, nunca chega a 0. A notação correta seria $p < 0.001$.

Tabela 4 - Associação entre a percepção da forma de falar do pessoense quanto à palatalização do /S/ em coda e as atitudes linguísticas

Atitude	Positiva	Negativa	Indiferente	Total	Valor de p
Confiabilidade					
Sotaque	171	68	105	344	0,0245*
Suavizado	96	29	31	156	
Clareza					
Sotaque	238	43	63	344	0,0257*
Suavizado	100	34	22	156	
Credibilidade					
Sotaque	179	82	83	344	0,0417*
Suavizado	82	49	24	155	
*Valores significativos p<0,05 – Teste exato de Fisher					

Fonte: Lopes (2012, p. 100).

Percebe-se, a partir desses resultados, o julgamento positivo para a variante palatoalveolar antes de /t/ para o falar pessoense considerando os atributos mencionados. Com relação à identificação dessa variante para a própria fala dos juízes, houve correlação entre essa associação e os atributos "clareza" e "credibilidade", conforme pode-se verificar na Tabela 5. Presume-se, dessa forma, que os ouvintes também consideram positiva para própria fala a variante palatalizada quanto a estes atributos.

Tabela 5 - Associação entre a percepção da própria fala quanto à palatalização do /S/ em coda e as atitudes linguísticas

Atitude	Positiva	Negativa	Indiferente	Total	Valor de p
Clareza					
Sotaque	229	40	52	321	0,0268*
Suavizado	109	37	33	179	
Credibilidade					
Sotaque	176	71	74	321	0,0221*
Suavizado	86	60	33	179	
*Valores significativos p<0,05 – Teste exato de Fisher					

Fonte: Lopes (2012, p. 100).

A partir dos resultados aferidos considerando essas associações, Lopes (2012, p. 100) conclui que "o fato de os ouvintes pessoenses considerarem positiva a ocorrência desse processo em falantes pessoenses e na própria fala parece ser uma evidência de que essa é uma característica de fala não estigmatizada, considerando-se as situações menos formais de fala". Em contrapartida, estes mesmos juízes também preferiram e atribuíram valores positivos à

pronúncia alveolar do /S/ em coda medial precedendo /t/ para a fala de apresentadores de telejornal, o que indica a valorização dessa variante em contextos mais formais. Dessa forma, o pesquisador postula que esses resultados indicam ser o estilo um fator importante para entender a percepção da forma palatoalveolar antes de consoantes coronais no português pessoense, apesar de essa pronúncia não ser estigmatizada entre os falantes dessa comunidade.

Aprofundando a análise proposta com Lopes (2012) no que se refere à percepção do contraste entre variantes alveolares e palatoalveolares em posição de coda silábica, Henrique (2016) desenvolveu um experimento considerando a variável dependente "diferença entre as pronúncias" como uma variável contínua. Seu objetivo era observar se o grau de contraste entre as duas variantes era percebido como maior ou menor a depender do contexto fonológico seguinte¹⁶ entre os ouvintes pessoenses, se eles reconheciam qual das variantes era a mais utilizada na sua comunidade de fala e se sua pronúncia era coerente com a de sua comunidade no que diz respeito à variável em questão.

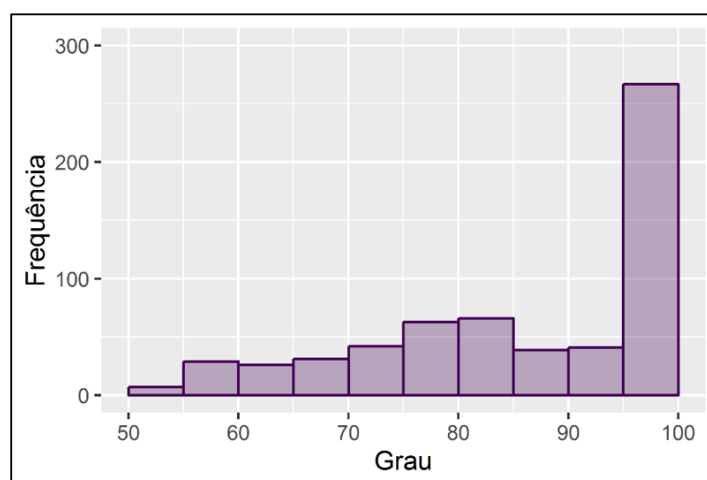
Para atingir esses objetivos, foram elaborados e aplicados a 60 ouvintes pessoenses uma tarefa de discriminação e duas de identificação¹⁷: a primeira consistia em um teste para averiguar o quão diferentes soavam duas pronúncias de um mesmo vocábulo com relação ao /S/ em coda medial; a segunda, na escolha de uma das duas pronúncias para exemplificar a forma como os pessoenses falam; e a terceira, na indicação daquela que mais se parecia com o modo como o próprio participante pronunciava o segmento.

Sobre os resultados obtidos com o primeiro teste, Henrique (2016) observou um alto grau de contraste entre as duas variantes, o que explica a concentração das avaliações da escala numérica entre 95 e 100 para o grau de diferença entre as pronúncias (Gráfico 15).

¹⁶ Para isso, utilizou todos os contextos consonantais possíveis, ao contrário de Lopes (2012), que usou estímulos apenas com /t/ como contexto seguinte à fricativa.

¹⁷ Os estímulos foram gravados por uma falante pessoense, universitária e que se enquadra na faixa etária de 15 a 25 anos. Após a gravação das palavras em isolado, foram montados os arquivos com os pares de estímulos que seriam apresentados aos ouvintes através da plataforma. Os testes estatísticos para a avaliação das hipóteses foram realizados com o programa R (R Core Team, 2013) a partir das respostas dos participantes (HENRIQUE, 2016).

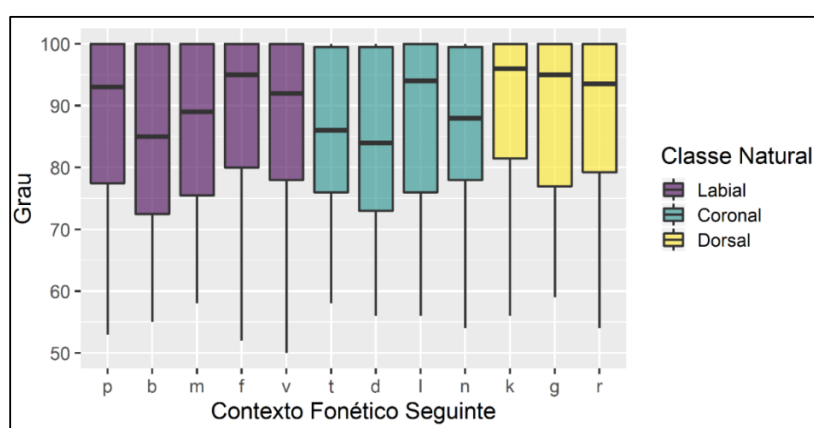
Gráfico 15 - Histograma da distribuição das avaliações de acordo com o grau de diferença



Fonte: adaptado de Henrique (2016, p. 68).

O Gráfico 16 apresenta os dados de distribuição e dispersão do grau de distinção em relação à variável “Contexto fonético seguinte”, numa escala de 00 a 100, por meio de *boxplot* que resume as respostas dos ouvintes.

Gráfico 16 - Distribuição e dispersão das respostas com relação às variáveis “Classe natural” e “Contexto fonético seguinte”



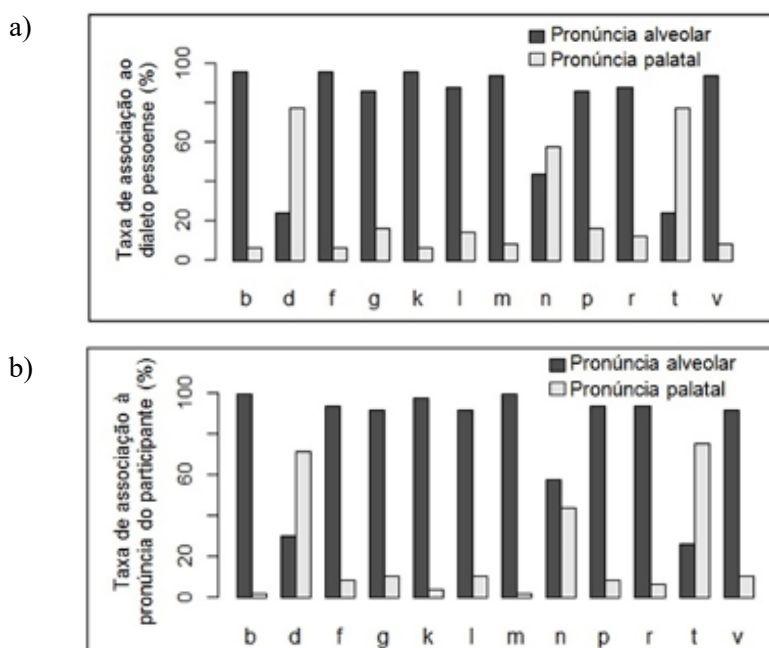
Fonte: adaptado de Henrique (2016, p. 70).

Comparando a configuração do histograma apresentado no Gráfico 15 com as médias dos valores de atribuição de distinção observadas no Gráfico 16, Henrique (2016) evidencia que o alto grau de contraste em todos os contextos. A partir de um teste de regressão linear ($p=0,53$), o autor refutou a hipótese alternativa de que o contexto seguinte exerceria influência

na percepção do contraste entre as variantes analisadas, o que leva a crer que a preferência da forma palatoalveolar antes das consoantes coronais /t/ e /d/ em dados de produção neste dialeto não é decorrente da atenuação do contraste entre as duas fricativas nesses contextos.

O segundo e o terceiro testes, correspondentes à identificação de que pronúncia era a mais utilizada em João Pessoa e qual era a mais recorrente na fala do ouvinte, respectivamente, apresentaram resultados semelhantes. Em ambos, as formas alveolares foram majoritariamente escolhidas quando precediam quase todas as consoantes, exceto as coronais /t/, /d/ e /n/, ambientes nos quais o padrão de escolhas foi invertido. Essa inversão foi ainda maior antes das consoantes /t/ e /d/, contextos nos quais a forma palatal é associada com mais frequência ao falar dos habitantes de João Pessoa e dos próprios informantes (Figura 8).

Figura 8 - Gráficos com a proporção das escolhas (a) para o dialeto pessoense e (b) para fala do participante de acordo com o “Contexto fonético seguinte”



Fonte: Henrique (2016, p. 73 e 76)

A partir de regressões logísticas, o pesquisador aceitou a hipótese alternativa de que o padrão de escolhas da variante palatoalveolar para o dialeto pessoense e para a fala dos ouvintes sofria influência do contexto seguinte à fricativa. Com relação ao dialeto pessoense, os resultados indicam que o padrão de escolhas das fricativas quando precedidas pelas consoantes “t” ($p < 0.001$), “d” ($p < 0.001$) e “n” ($p < 0.001$) é distinto significativamente do padrão do

intercept (contexto seguinte “b”). Os padrões de resposta para as fricativas que antecederam as outras consoantes não apresentaram diferença significativa, dentro do intervalo de confiança de 5%, em relação ao mesmo *intercept*.

Ademais, comparando os resultados referentes à associação das pronúncias ao dialeto pessoense com os referentes à própria forma de falar do informante, percebe-se que eles corroboram a hipótese de que existe uma forte identificação entre os falantes de João Pessoa e sua comunidade de fala quanto o uso da variável em questão. Sintetizando os resultados do estudo de Henrique (2016), tem-se que (a) os ouvintes dessa comunidade distinguem os pares de fricativas na mesma proporção independentemente do contexto seguinte; (b) eles têm consciência do comportamento variável do segmento no seu dialeto; e (c) há uma grande identificação entre esses participantes e sua comunidade de fala em relação ao fenômeno estudado. Um dado novo presente nesses resultados, principalmente quando comparados às distribuições verificadas em dados de produção por Hora (2003), é o fato de que a consoante /n/, mesmo que em menores proporções, também é identificada como contexto favorecedor ao uso da forma palatoalveolar, comportamento análogo ao dialeto de Natal (PESSOA, 1986; CUNHA; SILVA, 2019).

Biasibetti (2018) analisa, em sua tese, a produção e percepção das fricativas sibilantes não-vozeadas [s] e [ʃ] em ataque e coda silábica no dialeto de Porto Alegre/RS e de Florianópolis/SC, tendo como arcabouço teórico a Sociofonética. Alguns de seus objetivos específicos ligados à questão da percepção eram (i) "investigar o efeito do viés linguístico sobre a percepção fonética das fricativas sibilantes" e (ii) "investigar os efeitos do viés cognitivo sobre a percepção da variação fonética das fricativas sibilantes em coda silábica" (BIASIBETTI, 2018, p.14), e os dados aqui discutidos referem-se aos coletados e analisados para este fim pela pesquisadora.

Com relação ao primeiro objetivo, a hipótese de Biasibetti (2018) era de que as pronúncias alveolares e a palatoalveolares seriam percebidas como mais parecidas ao ocorrerem em posição de coda silábica e mais diferentes quando ocorressem em posição de ataque no teste de percepção, já que o contraste fonológico existente entre as duas pronúncias na posição de ataque (e o não-contraste entre os mesmos segmentos na coda) poderia interferir na percepção desses sons. Com relação ao segundo objetivo, a hipótese da pesquisadora era de que a percepção da variação estruturada socialmente é fruto de associações implícitas entre os tipos de pronúncia (alveolar ou palatoalveolar) e o estereótipo de morador nativo. Dessa forma, a pesquisadora esperava encontrar uma forte associação implícita entre a variante palatoalveolar e a origem florianopolitana (onde a variante prototípica na fala é a palatalizada) por parte dos

ouvintes de Florianópolis que têm mais contato com pessoas vindas de outras regiões, assim como verificar uma associação mais fraca entre florianopolitanos com pouco ou nenhum contato com pessoas de outros lugares. Analogamente, ela também esperava encontrar uma forte associação entre a variante alveolar e o estereótipo de nativo porto-alegrense por parte dos ouvintes dessa cidade (onde a variante alveolar predomina na posição de coda) que têm mais contato com florianopolitanos e uma fraca associação entre porto-alegrenses sem esse contato.

Para testar essas hipóteses, a pesquisadora elaborou alguns testes¹⁸ e os apresentou a 30 falantes florianopolitanos e 10 porto-alegrenses (40 juízes ao todo), totalizando 18.240 julgamentos. Um deles consistia num teste de classificação por similaridade, no qual os ouvintes foram apresentados a 12 pares de estímulos (6 em posição de ataque e 6 de coda) com ocorrência de ambas as pronúncias seguidas (quando em posição de *onset*) ou precedidas (quando em posição de coda) das vogais [i], [u] e [a]. Os ouvintes deveriam, então, julgar o quão distintos eram os sons a partir de uma escala Likert de 5 pontos. Um outro teste lidava apenas com as variantes do /S/ em coda silábica e tinha como objetivo verificar a força de duas associações implícitas a elas relacionadas. Uma versão desse teste com as fricativas alveolares foi aplicada aos ouvintes florianopolitanos para verificar a associação dessa pronúncia ao estereótipo de morador não nativo. Uma segunda versão, contendo a variante palatoalveolar, foi aplicada aos porto-alegrenses com o mesmo intuito¹⁹. Esse último teste foi precedido por uma questão direta e pela comparação de dois estímulos com vistas a avaliar a associação

¹⁸ Os testes de associação implícita (*Implicit Association Test*) desenvolvidos e aplicados por Biasibetti (2018) não são tão recorrentes entre os estudos de percepções sociolinguística no Brasil. Na investigação conduzida pela pesquisadora, esse teste previa que uma associação implícita entre uma categoria e um atributo se projetaria na forma de tempos de resposta mais curtos quando esses dois conceitos aparecessem alinhados na direção esperada ([f]→florianopolitano e [s]→porto-alegrense). Para tanto, esperava-se que os tempos de resposta fossem mais longos quando os conceitos aparecessem relacionados de forma incongruente ([f]→porto-alegrense e [s]→florianopolitano) (BIASIBETTI, 2018, p. 68).

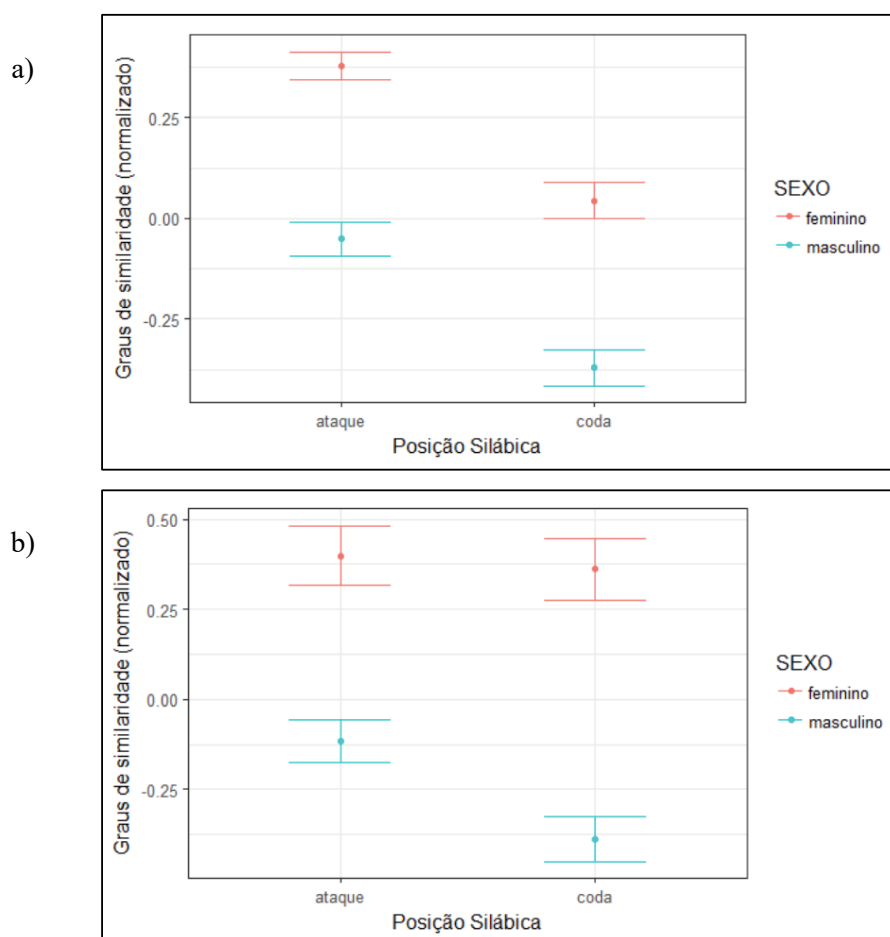
¹⁹ Os participantes classificaram 6 estímulos sonoros (correspondentes às palavras pi[s]ta, pi[f]ta, cu[s]to, cu[f]to, pa[s]ta e pa[f]ta, gravadas por uma linguista com treinamento em fonética) e 6 estímulos visuais relacionados às dicotomias fonética e social. Na versão do teste aplicada entre os porto-alegrenses foram apresentadas imagens da Estátua do Laçador, do chimarrão e do churrasco para o estereótipo de porto-alegrense e as imagens da Ponte Hercílio Luz, da praia de Canasvieiras e de frutos do mar para o estereótipo de florianopolitano. Na versão do teste aplicada entre os florianopolitanos, foram utilizadas as imagens da Ponte Hercílio Luz, da praia de Canasvieiras e de frutos do mar para o estereótipo de morador nativo e imagens do chimarrão (simbolizando os falantes gaúchos), da araucária (simbolizando os falantes paranaenses e/ou os catarinenses interioranos) e do skyline da Avenida Paulista (simbolizando o informante paulistano) representando o estereótipo de morador não-nativo. Os estímulos sonoros e visuais foram apresentados 240 vezes ao longo de 7 blocos experimentais. Dentro de cada bloco, os estímulos sonoros e visuais foram apresentados de forma aleatória. Ao longo do teste, a letra “S” em maiúsculo foi utilizada para representar a pronúncia da fricativa alveolar e a letra “X” em maiúsculo foi utilizada para representar a pronúncia da fricativa palatoalveolar. Quanto à categoria social, os atributos “não-nativo” e “nativo”, bem como “porto-alegrense” e “florianopolitano” apareciam escritos por extenso. Cores distintas para as categorias (azul) e para os atributos/estereótipos (verde) foram utilizadas ao longo de todo o teste (BIASIBETTI, 2018, p.69-70).

explícita do ouvinte entre as variantes alveolar e palatoalveolar e os estereótipos investigados pela pesquisadora²⁰.

Em termos gerais, a pesquisadora verificou que as fricativas sibilantes foram percebidas como menos distintas em posição não-contrastiva (coda) e mais distintas em posição contrastiva (ataque). O Gráfico 17 apresenta os valores médios normalizados aferidos a partir do primeiro teste com os informantes de Florianópolis (a) e de Porto Alegre (b). Partindo do entendimento de que os escores abaixo de zero indicam que os estímulos são percebidos como mais parecidos e que os acima de zero sugerem a existência de um maior contraste, a autora aponta que a diferenciação entre as formas alveolar e palatoalveolar tanto em ataque quanto em coda é maior para as mulheres do que para os homens entre os ouvintes florianopolitanos. A diferença entre os graus de semelhança atribuídos por homens e mulheres mostrou-se estatisticamente significativa em ataque ($p=0.01602$) e em coda silábica ($p=0.02873$) para essa amostra. No que se refere aos ouvintes porto-alegrenses, a distinção entre as fricativas alveolares e palatoalveolares também é mais robusta entre as mulheres do que entre os homens, tanto em ataque quanto em coda silábica. Entretanto, a análise de variância de medidas repetidas revelou que a posição silábica afeta a percepção das fricativas para os homens ($F(1,5)=8,57$; $p=0.042$), mas não para as mulheres ($F(1,5)=0.073$; $p=0,813$), para as quais a distinção entre alveolares e palatais parece ser apenas um pouco menos acentuada em coda do que em ataque.

²⁰ Os estímulos apresentados aos ouvintes nessa etapa consistiram em um mesmo enunciado manipulado em relação a um único aspecto de modo a produzir duas versões: uma com pronúncias alveolares para os /S/ em coda e a outra com variantes palatoalveolares. Os dois enunciados (um para cada localidade) foram extraídos das entrevistas realizadas durante a coleta de dados de produção: ambos os locutores são do sexo masculino, com nível de escolaridade Superior e pertencentes à faixa etária dos adultos jovens. Os participantes florianopolitanos foram explicitamente questionados sobre qual estímulo melhor representava a fala de um morador nativo de Florianópolis. Por sua vez, os participantes porto-alegrenses foram questionados sobre qual estímulo melhor representava a fala de um porto-alegrense. Os participantes ouviram apenas o par referente a sua própria variedade dialetal e em nenhum momento foram informados sobre a identidade regional do locutor. As respostas e os comentários sobre os aspectos linguísticos que motivaram suas respostas foram anotados pela pesquisadora durante a realização do teste. Por fim, os participantes foram explicitamente solicitados a comparar os estímulos A e B e indicar através de uma escala a diferença entre esses estímulos. Para tanto, foram requisitados a atribuir uma nota de 1 a 5, sendo 1 pouco diferente e 5 muito diferente. Novamente, as respostas e os comentários sobre os aspectos linguísticos que motivaram suas respostas foram anotados pela pesquisadora durante a realização do teste (BIASIBETTI, 2020).

Gráfico 17 - Graus de semelhança – teste de classificação por similaridade em Florianópolis (a) e Porto Alegre (b)



Fonte: Biasibetti (2018, p. 155 e 158).

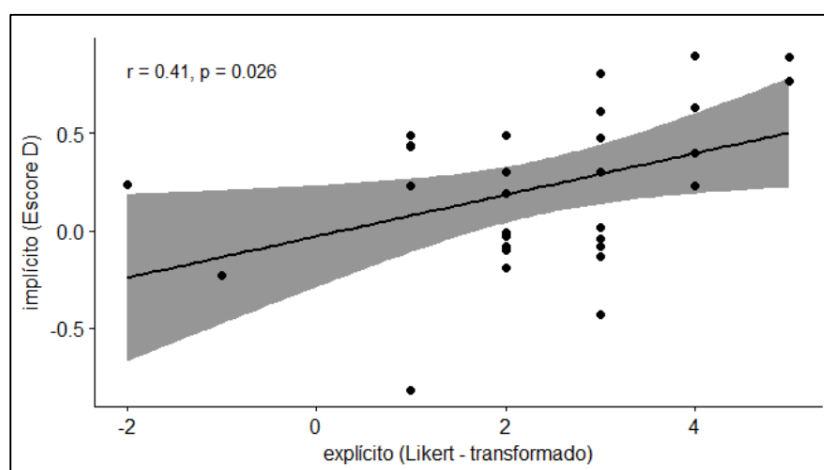
A autora então chega à conclusão, a partir desses resultados, de que "as relações de contraste e de não-contraste das fricativas sibilantes de fato interferem na percepção dos homens e mulheres florianopolitanos e dos homens porto-alegrenses, mas não na percepção das mulheres porto-alegrenses" (2018, p. 6).

No que diz respeito aos testes de associação implícita, elaborado com vistas a verificar possíveis automaticidades na atribuição de estereótipos de morador nativo e não-nativo entre os ouvintes de Florianópolis e Porto Alegre, os dados apontaram que não há diferença significativa entre os sexos, os graus de escolaridade e o contato com pessoas de outras regiões (pais nativos e não-nativos).

Entretanto, no que se refere à correlação entre esses resultados e os das questões de associação explícita aplicada em seguida, houve resultados positivos. Com Gráfico 18 pode-se

verificar a existência de uma correlação positiva ($r=0,41$; $p=0.026$) entre a associação implícita e explícita para os ouvintes florianopolitanos.

Gráfico 18 - Correlação entre os testes de associação implícita e explícita–FLN



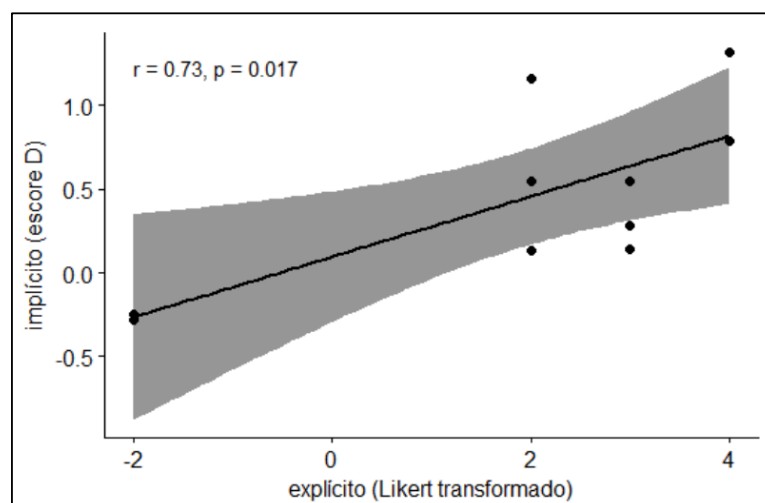
Fonte: Biasibetti (2018, p. 163).

A partir da leitura da linha de tendência, a autora destaca que a força da associação implícita entre o estereótipo de morador de Florianópolis nativo e o uso da variante palatoalveolar tende a aumentar à medida que os ouvintes explicitamente atribuem uma diferença maior entre os dois estímulos do par falso. Nessa questão direta, 28 dos trinta participantes identificaram a frase pronunciada com as fricativas palatoalveolares como as representativas do falar de Florianópolis, mas as motivações não foram consensuais: 17 participantes apontaram a própria fricativa palatoalveolar em coda, 11 participantes chamaram atenção para o ritmo, a entonação e a velocidade de fala como elementos sugestivos da expressão identitária florianopolitana. Além disso, dois participantes do sexo masculino identificaram o estímulo com produções alveolarizadas como representativos da sua comunidade.

O Gráfico 19 ilustra a correlação entre os resultados da associação implícita dos informantes de Porto Alegre e as respostas da associação explícita. Esses resultados sugerem a existência de uma correlação positiva ($r=0,73$; $p=0.017$) entre esses resultados, ou seja, a força da associação implícita entre a fricativa alveolar e o estereótipo de porto-alegrense nativo tende a aumentar à medida que os ouvintes dessa comunidade atribuem uma diferença maior entre os dois estímulos do par apresentado. Na questão de avaliação explícita, todos os participantes identificaram os estímulos com pronúncias alveolares para o /S/ em coda como os

representativos para a fala de sua comunidade. Entretanto, as motivações para essa escolha divergiram: 6 apontaram para a fricativa em coda e 4 apontaram para a maior velocidade de fala como característica preponderante da fala porto-alegrense.

Gráfico 19 - Correlação entre os testes de associação implícita e explícita–POA



Fonte: Biasibetti (2018, p. 166).

Após a análise desses resultados, Biasibetti (2018) entende que associações automáticas entre o estereótipo de morador nativo de Florianópolis e Porto Alegre com as variantes palatoalveolar e alveolar, respectivamente, são ativadas durante a percepção dos ouvintes dessas cidades. Além disso, essa associação tende a ser mais forte à medida que o falante percebe mais a diferença entre as duas pronúncias em coda. Entretanto, a falta de unanimidade no apontamento de que característica levou a categorização do falante como nativo de uma ou outra região pode sugerir que essa percepção fonética e socialmente estruturada acontece de modo inconsciente.

Melo e Gomes (2019), com o intuito de analisar a percepção das variantes palatoalveolares [ʃ/ʒ], como em "me[ʒ]mo", e velares/glotaais [x/χ, h/ħ], como em "me[ħ]mo", entre ouvintes do Rio de Janeiro, aplicaram um teste de associação de profissões a três grupos de participantes, pertencentes a dois grupos sociais distintos na comunidade carioca (um grupo de jovens universitários e dois grupos de moradores de favelas, cada um com 12 participantes). Seu objetivo era verificar se o estigma das variantes velares/glotaais, observado seu uso recorrente entre pessoas menos escolarizadas em dados de produção, correspondia, no nível da percepção, à associação de dessas formas a significados sociais em função de diferentes perfis

sociais dos participantes. Os estímulos foram construídos de forma a apresentar sentenças com uma ou duas ocorrências das variantes alvo, todas gravadas por uma mesma falante (mulher, universitária, entre 25 e 30 anos) e apresentadas aos ouvintes intercaladas com sentenças distratoras. Ao serem expostos ao trecho de fala, deveriam escolher que profissão acreditavam se encaixar no perfil da falante: médica, auxiliar de enfermagem e faxineira - três diferentes ocupações profissionais, que podem ser situadas em uma escala com diferentes graus de prestígio na sociedade.

Entre os principais resultados, verificou-se que (i) o número de vezes que a variante aparecia no estímulo não apresentou efeito sobre sua avaliação por nenhum grupo; (ii) a variante glotal foi mais associada ao perfil profissional menos prestigiado socialmente (faxineira); e (iii) as avaliações foram diferentes entre os grupos: os falantes de um dos grupos de habitantes das favelas (do corpus EJLA) não associou a variante estigmatizada majoritariamente ao perfil de menos prestígio (29%) como aconteceu com o grupo de ouvintes universitários, em maior grau (81%), e entre os do outro grupos de moradores da favela (68%), conforme a Tabela 6.

Tabela 6 - Resultados: distribuição das respostas dos participantes para o teste de avaliação do (s) em coda por grupo amostral

grupo amostral		Faxineira		Técnica em enfermagem		Médica	
	variantes	respostas	%	respostas	%	respostas	%
EJLA	glotal	21	29%	33	46%	18	25%
	pós-alv	19	26%	40	56%	13	18%
Fiocruz	glotal	49	68%	15	21%	8	11%
	pós-alv	23	32%	28	39%	21	29%
UFRJ	glotal	58	81%	11	15%	3	4%
	pós-alv	13	18%	31	43%	28	39%

Fonte: Melo e Gomes (2019, p. 140)

Apesar de as respostas referentes às pronúncias glotais serem o objeto principal de observação por parte dos pesquisadores, as respostas considerando as pronúncias palatoalveolares também comunicam algo. A partir da escolha da profissão adequada para a

falante quando ouvida pronunciando disfarces pós-alveolares, nota-se que entre todos os grupos de ouvintes, a profissão mais escolhida foi a de técnica em enfermagem, principalmente entre os ouvintes da EJLA. Esse dado pode indicar que as variantes palatoalveolares são avaliadas de forma mais neutra em relação às variantes glotais. Para os pesquisadores, os resultados gerais revelaram que a dinâmica de percepção dos ouvintes de uma determinada comunidade de fala é complexa, uma vez que, conforme pôde ser observado, não só existem padrões de avaliação diferentes entre os grupos, como também essas diferenças são graduais e estão relacionadas ao grau de acesso desses indivíduos às instituições que acabam contribuindo para a manutenção dos padrões de prestígio.

Rocha e Pacheco (2022), com o objetivo de investigar a (auto)identificação dialetal de ouvintes de Vitória da Conquista e de Salvador, cidades do estado da Bahia, elaboraram e aplicaram testes de percepção envolvendo pronúncias alveolares e palatoalveolares do /S/ em coda silábica. No dialeto conquistense, as variantes predominantes são as alveolares, enquanto no dialeto soteropolitano, as pronúncias palatoalveolares são bastante produtivas tanto em coda medial quando em final, condicionadas principalmente pela oclusiva [t] e as africadas [tʃ] e [dʒ]. A hipótese aventada, dessa forma, era a de que a pronúncia do /S/ em coda funcionaria como elemento diferenciador para a identificação da comunidade de fala dos ouvintes: os conquistenses perceberiam seu dialeto quando não houvesse variantes palatoalveolares, enquanto os soteropolitanos comportar-se-iam de maneira inversa.

Os estímulos foram gravados por seis falantes (dois conquistenses, dois soteropolitanos, um do Rio de Janeiro-RJ - onde predomina a variante pós-alveolar -, e um de Triunfo-RS - onde predomina a variante alveolar) e consistiam em cinco palavras ("cascas", "pasmás", "testas", "lesmas" e "lésbicas") e uma frase ("Estamos passando pelas mesmas vontades que aquelas pessoas na festa"), apresentadas em duas tarefas a 427 ouvintes (315 de Vitória da Conquista, dos quais 40 viviam em outra cidade, e 112 de Salvador, dos quais 22 viviam em outra cidade). Na primeira tarefa, os ouvintes deveriam escolher, entre pronúncias de uma das palavras feitas por falantes diferentes, qual delas melhor representava o seu dialeto. Na segunda, os ouvintes escutam uma versão da frase e deveriam identificar se o áudio ouvido era de um falante do seu dialeto ou de outro, entre as opções que lhes eram apresentadas.

Entre os principais resultados, os pesquisadores verificaram que tanto os ouvintes de Vitória da Conquista como os de Salvador, ao serem expostos a estímulos com palatalização, assumiram que as pronúncias pós-alveolares não correspondiam ao seu dialeto, ou seja, adotaram a realização palatalizada como critério de exclusão nas tarefas de identificação. No entanto, a hipótese principal não foi confirmada, na medida em que as pronúncias alveolares

dos falantes conquistenses não favoreceram a escolha para representação dialetal entre os ouvintes dessa mesma comunidade de fala, assim como os estímulos com pronúncias mais palatalizadas entre os falantes soteropolitanos não foram utilizadas para o reconhecimento dialetal entre os ouvintes dessa mesma comunidade. A partir disso, os autores chegaram à conclusão de que os ouvintes de Vitória da Conquista parecem pautar-se no que não está presente no seu dialeto para sua (auto)identificação. Não é possível avaliar os resultados dos ouvintes de Salvador da mesma forma, já que, durante as análises, os pesquisadores não isolaram os contextos favorecedores à variante palatalizada nessa comunidade, o que poderia fornecer evidências mais precisas sobre a (auto)identificação considerando probabilidades de ocorrência estruturais.

Durante este capítulo, foram discutidos resultados de estudos de produção de natureza dialetológica e sociolinguística a respeito do /S/ em coda em seis capitais brasileiras (Porto Alegre - RS, São Paulo - SP, Rio de Janeiro - RJ, Recife - PE, João Pessoa - PB e Natal - RN), resultados de trabalhos sobre acomodação dialetal envolvendo as fricativas entre falantes migrantes para comunidades distintas em relação ao comportamento dessa variável no vernáculo de sua comunidade, além de resultados de estudos de percepção realizados com falantes do PB que tinham a fricativa pós-vocálica como principal objeto de investigação. Os dados de produção indicam que a variante palatoalveolar é pouco frequente nas comunidades de São Paulo e Porto Alegre e predomina nas comunidades de Recife e Rio de Janeiro, com variáveis sociais e estruturais (principalmente o tipo de coda e o vozeamento da fricativa) como favorecedoras ao uso dessa pronúncia. Com relação à comunidade de João Pessoa, o uso da forma palatalizada, que apresenta expressiva taxa de ocorrência entre seus falantes, é condicionado pelo contexto seguinte (consoantes coronais /t/ e /d/), padrão similar ao verificado entre os natalenses. Os estudos de produção envolvendo migrantes apontam que a maior taxa de acomodação aconteceu entre pessoenses (que possuem as duas pronúncias em seu dialeto) que se mudaram para São Paulo (cuja pronúncia prototípica é a alveolar). Os dados envolvendo a percepção e avaliação do /S/ apontam para identificação da variante palatoalveolar como estereótipo de determinados sotaques, sua saliência entre ouvintes de algumas comunidades e o reconhecimento, entre os pessoenses, do padrão de distribuição da variável na sua comunidade, bem como a identificação desses ouvintes com esse padrão de uso (apesar de preferirem a forma alveolar para contextos mais formais). Esses resultados balizaram a formulação das hipóteses de pesquisa a serem testadas, descritas na introdução desta tese.

No próximo capítulo, o arcabouço teórico envolvendo a percepção da variação linguística será desenvolvido com maior detalhamento.

CAPÍTULO 2 - PERCEPÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

“Nossa, ela/ele é bem diferente do que eu tinha imaginado!”. Essa frase, recorrente entre ouvintes de *podcasts* quando se deparam pela primeira vez com fotos dos seus apresentadores, pode servir para ilustrar uma propriedade central da percepção auditiva humana: a extração de informações do sinal acústico e a construção, a partir dela, de uma expectativa de correspondência com experiências prévias.

Há diversas camadas envolvidas no processo descrito. Uma delas diz respeito ao filtro que permite distinguir o que é e o que não é a voz humana; uma outra parece ser responsável pela interpretação de características paralinguísticas dessa voz, relacionadas aos ajustes vocais e à anatomia do trato do falante (se a voz é mais grave ou aguda, mais ou menos estridente, mais ou menos nasalizada etc.); uma terceira permite ao ouvinte perceber e categorizar formas linguísticas variáveis (em diversos níveis) e a elas atribuir valores indiciais. Todas essas camadas parecem operar em paralelo e ajudam a criar uma expectativa de quem seria a/o dona/o da voz escutada. Essa imagem estereotipada, acessada a partir de uma percepção da voz mediada por experiências sonoras prévias e imbricadas a um sistema de crenças, pode não ser tão particular quanto parece. Pear (1931 *apud* GILES; BILLINGS, 2004) desenvolveu um estudo pioneiro nesse sentido envolvendo a percepção de características de personalidade de ouvintes a partir de vozes ouvidas na rádio. Comparando os perfis dos falantes desenhados pelos ouvintes às descrições feitas por pessoas próximas que realmente os conheciam, o pesquisador constatou que estas pareciam diferir bastante daquelas. Por outro lado, alguns traços presentes na fala dos locutores foram associados de forma recorrente a determinadas características, o que aponta para a existência de certos padrões de percepção.

Considerando apenas a terceira camada citada no parágrafo anterior, ligada à percepção de elementos linguísticos presentes na fala, nota-se que ela abrange uma gama de especificidades relacionadas tanto à natureza do objeto de observação quanto ao prisma a partir do qual ele pode ser analisado. Estudos de percepção, nesse sentido, podem observar o componente fonético-fonológico e interessar-se no processamento acústico dos sons da fala, por exemplo, bem como podem estar relacionados às impressões dos ouvintes sobre determinadas formas de falar, associadas às atitudes e às crenças sobre determinadas características da fala. Essas duas abordagens podem se afastar ou se aproximar a depender dos objetivos da agenda de pesquisa dentro da qual a pesquisa está inserida.

Entre os primeiros estudos da Dialetologia Perceptual e da Sociolinguística, a aceção de percepção adotada esteve relacionada às atitudes e às crenças associadas aos modos de falar, baseadas principalmente na Psicologia Social. Recentemente, pesquisas nessa área têm contribuído substancialmente para a compreensão de fenômenos para os quais os variacionistas se debruçam com afincos, dentre os quais a avaliação social de variantes fonéticas que apresentam comportamento estratificado linguística e socialmente, e, mais recentemente, os processos cognitivos envolvidos nesse processo (cf. THOMAS, 2002; CLOPPER; PISONI, 2005). Algumas questões são frequentes entre as investigações na interseção desses campos (estudo da variação e da percepção de fala), dentre elas: (i) o sistema perceptual humano é capaz de identificar variantes que já foram catalogadas em estudos de produção?; (ii) os ouvintes reconhecem significados sociais potencialmente indiciados a variantes fonéticas (inferidos a partir de dados de produção)?; (iii) o reconhecimento dos sons (ou até mesmo o reconhecimento de palavras) é afetado pela variação?; (iv) o que tudo isso releva a respeito do conhecimento linguístico? (THOMAS, 2002).

Para responder às questões expostas, metodologias e abordagens de natureza distinta – a maior parte delas vinda da Psicologia – foram implementadas em estudos de percepção (sócio)linguística. Alguns deles foram desenvolvidos a partir de entrevistas mais gerais, com questões abertas, utilizando trechos de fala natural ou evocando avaliações mais explícitas, e outros a partir de experimentos controlados, analisando a percepção através da reação a estímulos geralmente sintetizados/modificados em testes de avaliação implícita (para mais detalhes, ver as revisões de THOMAS, 2002; DRAGER, 2010, 2017). O estudo de Lambert (*et al.*, 1960), inclusive, foi um marco nesse sentido. Com o objetivo de analisar a percepção de participantes de uma comunidade bilíngue de Montreal sobre o inglês e o francês, o pesquisador aplicou um experimento que apresentava pares de estímulos gravados pelos mesmos informantes lendo o um fragmento de texto em inglês e em francês para dois grupos de ouvintes, de forma que cada grupo avaliava um dos estímulos produzidos pelo falante em uma das línguas. Essa técnica, conhecida como “matched-guise”, foi inovadora ao criar estímulos pareados com disfarces contendo as formas objeto de análise, fornecendo a possibilidade de analisar a sistematicidade de julgamentos dados a estímulos diferentes entre si apenas com relação a essas formas.

Neste capítulo, alguns estudos envolvendo a percepção da variação linguística serão discutidos. Num primeiro momento, a atenção estará voltada a pesquisas envolvendo a identificação e a avaliação de variedades regionais, grande parte deles compondo uma agenda conhecida por “dialetologia perceptual”. Num segundo momento, o lugar da percepção nos

estudos sociolinguísticos será o foco, bem como seu papel na investigação do significado social da variação. Questões envolvendo identidade, estilo, crenças, avaliações e atitudes frente a variantes de diversas naturezas serão discutidas a partir da apresentação de conceitos como indicialização e campo indicial, registro, agentividade e saliência sociocognitiva. O terceiro momento será dedicado à apresentação de resultados de estudos recentes envolvendo percepções sociolinguísticas desenvolvidos no Brasil.

2.1 PERCEPÇÃO DIALETAL

Observações sistemáticas do comportamento humano frente a diferenças na fala observadas entre grupos geograficamente distintos podem ser feitas a partir de técnicas que investigam a forma como os falantes de uma língua percebem essa variação dialetal. Apesar de possuírem objetivos diversos, estudos que levam em conta essas observações compartilham as mesmas categorias primárias para as análises neles estabelecidas: a percepção da fala e a variação dialetal situada no espaço. É sob esse guarda-chuva temático que a revisão da literatura levantada nesta seção foi elaborada.

Uma das agendas de pesquisa a lidar com o tipo de observação descrito anteriormente e que ofereceu e continua oferecendo contribuições importantes para o entendimento de questões relacionadas à percepção dialetal é a Dialetologia Perceptual, encabeçada, principalmente, por Preston (1989, 1999b, 2002, 2010) desde o início dos anos 80. Algumas técnicas utilizadas pelo pesquisador foram replicadas em diversas outras investigações dentro dessa agenda, dentre as quais pode-se citar: (i) a elaboração de mapas mentais considerando as regiões dialetais que os participantes acreditam existir; (ii) a indicação do grau de diferença do dialeto de uma região em relação ao dialeto do respondente em uma escala numérica; (iii) a avaliação de variedades regionais considerando os atributos “correto” vs. “simpático”; (iv) indicação da origem dos falantes a partir de gravações que simulam um *continuum* dialetal; e (v) análise de dados qualitativos a partir de respostas dadas pelos participantes em conversas despretensiosas sobre variações dialetais e falantes que as utilizam (PRESTON, 1999b).

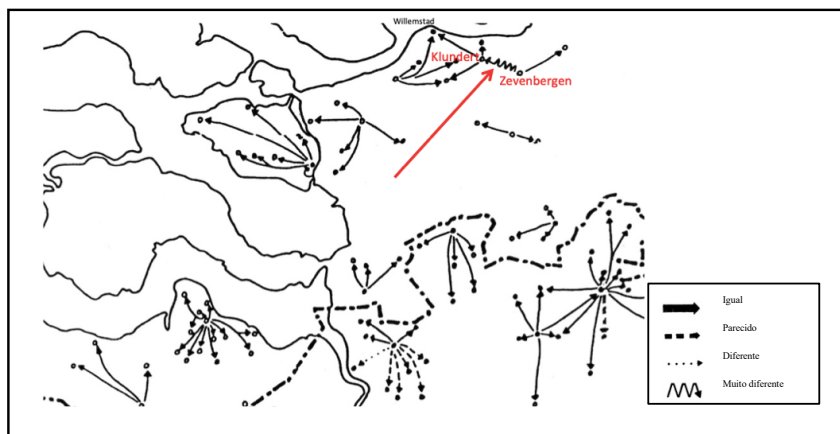
Alguns trabalhos que se encaixam nos perfis descritos serão resenhados nessa seção, além de outros que avançam no que diz respeito às técnicas utilizadas para analisar a percepção da fala no processo de reconhecimento, avaliação e processamento das diferenças dialetais.

2.1.1 Dialetologia perceptual e identificação dialetal

A Dialetologia Perceptual é um vasto campo de estudos originado dentro da Dialetologia que tem por objetivo investigar a forma como os falantes de determinada língua ou dialeto percebem diferenças linguísticas geograficamente marcadas, valendo-se de métodos diversos para alcançá-lo (PRESTON, 1989, 1999, 2002, 2010). Alguns desses métodos e conclusões às quais diversos pesquisadores desse campo chegaram serão discutidos nesta seção, escolhidos considerando os pontos-chaves de interpretação para a análise dos dados desta pesquisa.

No berço das observações que se debruçaram sobre percepção dialetal encontra-se o trabalho de Willems (1897, *apud* GOEMAN, 1999), desenvolvido com falantes de comunidades de fala localizadas entre o sul da Bélgica e o norte da Holanda no final do século XIX. O objetivo do pesquisador era identificar como os falantes percebiam a fala de pessoas que viviam nas redondezas de suas vilas a partir da similaridade com o seu próprio modo de falar, numa escala de quatro pontos: igual, parecido, diferente e muito diferente. O linguista desenvolveu, então, o método chamado *little arrow* para ilustrar as diferenças captadas pelas respostas dos participantes sobre os dialetos vizinhos, utilizando setas que indicavam a direção da percepção e sua natureza (de diferenciação). A Figura 9 apresenta um desses mapas.

Figura 9 - Mapa de percepção dialetal entre o sul da Holanda e o norte da Bélgica

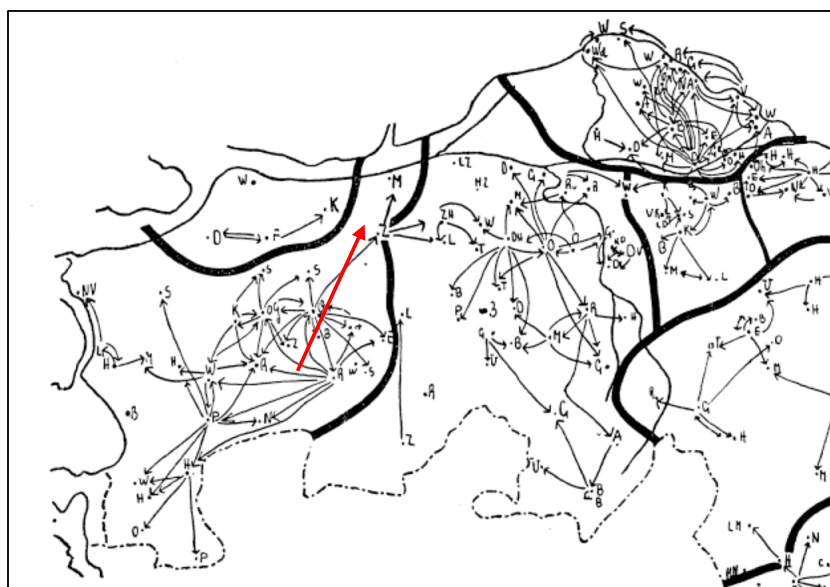


Fonte: Adaptado de Willems (1897, *apud* GOEMAN, 1999).

Nota-se, por exemplo, a partir do tipo de seta usado para identificar a forma como os falantes percebiam o dialeto das vilas vizinhas, que os informantes de Zevenbergen classificaram como “muito diferente” a forma como as pessoas de Klundert falavam. Um dos

objetivos desse tipo de trabalho era o de comparar se as percepções de falantes não treinados (não linguistas) sobre diferenças dialetais de comunidades do entorno correspondiam àquelas já documentadas por dialetólogos, ou seja, se o ouvinte leigo seria capaz de identificar diferenças dialetais entre as vilas adjacentes e em que grau. Ao comparar seus resultados na região exposta na Figura 9 com os dados de descrição dialetológica apresentados por Weijnen (1946, *apud* PRESTON, 1999a) sobre a mesma região (Figura 10), percebe-se que a fronteira dialetal aferida por este (demarcada pelas linhas pretas) corresponde exatamente ao mapeamento perceptual elaborado por Willems (1897 *apud* GOEMAN, 1999).

Figura 10 - Mapa dialetológico da região de fronteira entre Bélgica e Holanda

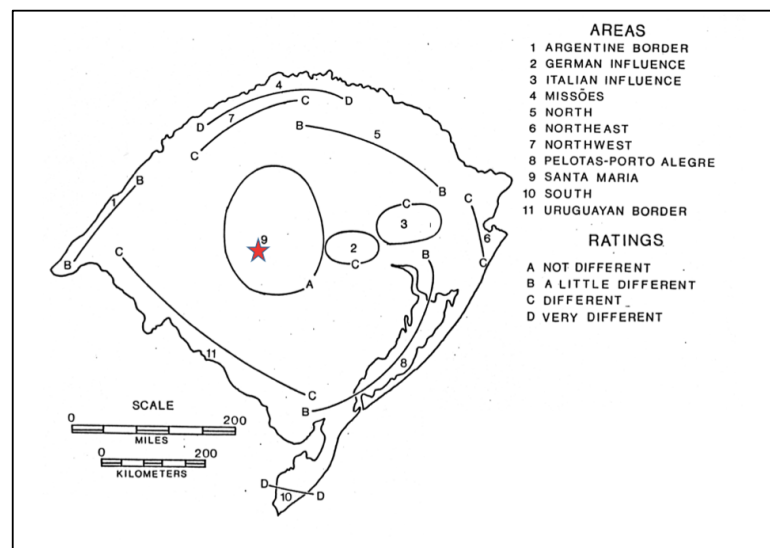


Fonte: Adaptado de Weijnen (1946, *apud* PRESTON, 1999a).

A correspondência entre as diferenças dialetais aferidas nessa região e o grau de acurácia na sua percepção entre os falantes dessas vilas parecem apontar para a proficiência perceptiva de ouvintes não treinados sobre fronteiras dialetais (PRESTON, 2002).

Um trabalho nessa mesma linha (percepção de similaridades e diferenças em mapas) foi desenvolvido no Sul do Brasil, com falantes da cidade de Santa Maria (OLIVEIRA DO CANTO, 1982 *apud* PRESTON, 1985). A partir de respostas de informantes dessa comunidade considerando quatro categorias para identificação da diferença entre dialetos no estado do Rio Grande do Sul (“não diferente”, “um pouco diferente”, “diferente” e “totalmente diferente”), um mapa foi criado sobrepondo-se o agrupamento resumitivo dessas respostas às regiões nomeadas pelos próprios informantes nos questionários (Figura 11).

Figura 11 - Áreas indicadas pelos respondentes e classificação com relação à similaridade de sotaques

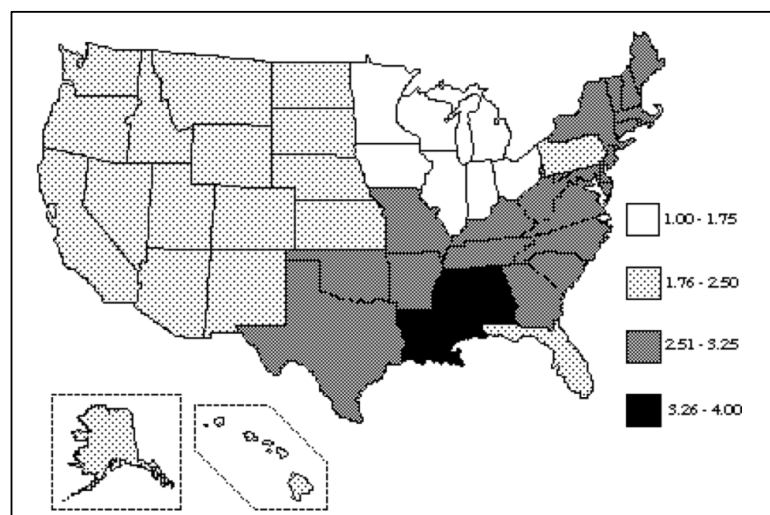


Fonte: Oliveira do Canto (1982 *apud* PRESTON, 1985).

Percebe-se, por exemplo, que os informantes, em média, classificaram os dialetos do seu entorno como não diferentes do seu; os de comunidades na fronteira com a Argentina (1), do norte do Estado (5) e da região de Pelotas e de Porto Alegre (8) como um pouco diferentes; os de comunidades com influência alemã (2), italiana (3), da fronteira com o Uruguai (11), do nordeste (6) e do noroeste do Estado (7) como diferentes; e os de comunidades da área rotulada como Missões (4) e do sul do Estado (10) como muito diferentes.

Esse tipo de estudo focado na percepção de similaridades e diferenças entre pessoas de diferentes regiões foram profícuos nos Estados Unidos. Preston (1996), a partir de uma escala de quatro pontos para a classificação do grau de diferença (1 = igual, 2 = um pouco diferente, 3 = diferente e 4 = ininteligivelmente diferente), pediu para que falantes estadunidenses classificassem o quão diferente soavam os sotaques de cada um dos 50 estados americanos em relação ao seu próprio. A Figura 12 apresenta um mapa plotado considerando as respostas dos participantes do sudeste do estado de Michigan (N=147), cujas médias de classificação foram divididas em quatro grupos (1,00-1,75; 1,76-2,50; 2,51-3,25; e 3,26-4,00).

Figura 12 - Grau médio de classificações de diferença de sotaques para os entrevistados do sudeste de Michigan-EUA

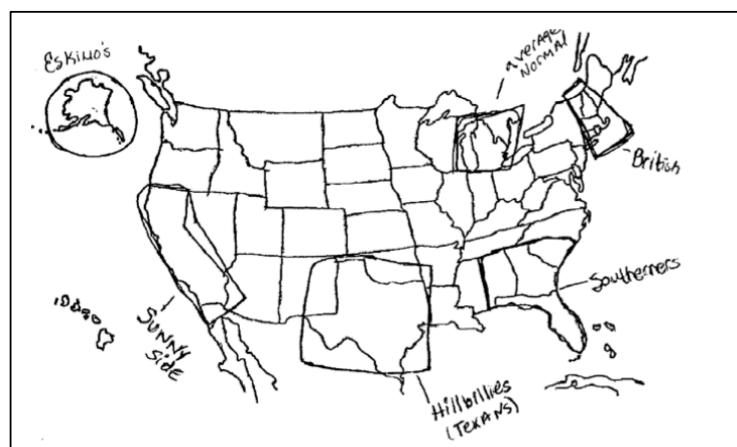


Fonte: Preston (1996, p. 31)

Observando a Figura 12, nota-se que os respondentes de Michigan avaliam as áreas ao seu entorno como similares em comparação ao seu modo de falar. O que chama atenção de Preston (1996) nesse mapa é a avaliação dos falantes do sul do país. É possível notar um grande território classificado como 3 (diferente), correspondente aos estados de Texas, Arkansas, Oklahoma e Missouri, assim como Geórgia e Carolina do Sul, no centro do qual é possível perceber uma convergência em torno dos estados de Alabama, Mississippi e Louisiana para uma avaliação próxima ao nível 4 (ininteligivelmente diferente). Segundo Preston (1996), essas classificações sugerem que os avaliadores de Michigan estão cientes de uma ampla área de influência da forma de falar sulista, que emana de um núcleo ininteligivelmente diferente.

Um recurso metodológico amplamente difundido entre os estudos de Dialetologia perceptual consiste em solicitar que os respondentes desenhem linhas em volta de áreas geográficas para demarcar onde acreditam existir comportamentos linguísticos distintos, e que indiquem características da fala e/ou dos falantes dessas regiões. Essa técnica de mapas desenhados à mão (*hand-drawn maps*) foi inspirada na técnica dos mapas mentais usada em estudos da Geografia Cultural (GOULD; WHITE, 1974) e fornece dados valiosos a respeito da percepção interdialetal dos falantes. A Figura 13 apresenta um desses mapas, desenhado por um participante residente no sudeste do estado de Michigan, nos Estados Unidos (PRESTON, 1986).

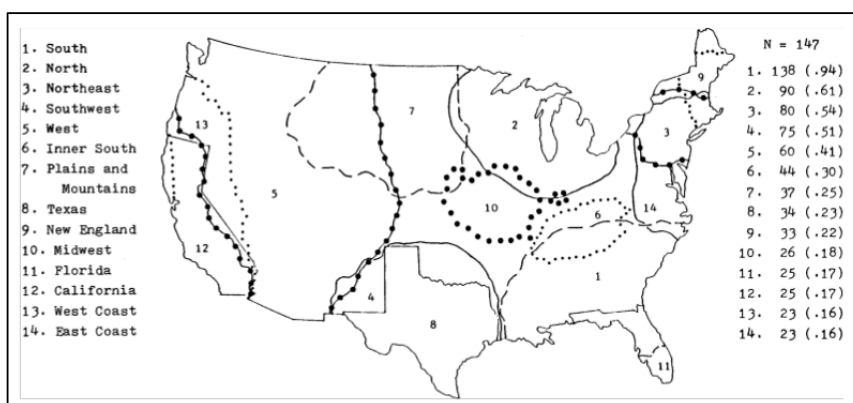
Figura 13 - Mapa desenhado à mão por um informante de Michigan sobre os dialetos do Estados Unidos



Fonte: Preston (1986 *apud* PRESTON, 2010, p. 86).

Esse é um dos diversos mapas recolhidos por Preston (1986) em cinco áreas dos Estados Unidos (Havai, sudeste de Michigan, sul de Indiana, oeste de Nova York e Nova York). As linhas traçadas pelos respondentes foram compiladas por região de resposta e os mapas generalizantes plotados a partir desses dados foram utilizados como métrica dialetal para analisar a percepção dos respondentes dessas regiões sobre os sotaques americanos (PRESTON, 1986). A Figura 14 apresenta um desses mapas resumitivos de percepções dialetais produzidos a partir das respostas de informantes da mesma região daquele cujo mapa foi apresentado na Figura 13.

Figura 14 - Mapa de composição gerado por computador a partir de 147 mapas desenhados à mão por respondentes de Michigan sobre áreas dialetais dos Estados Unidos



Fonte: Preston (1996, p. 305).

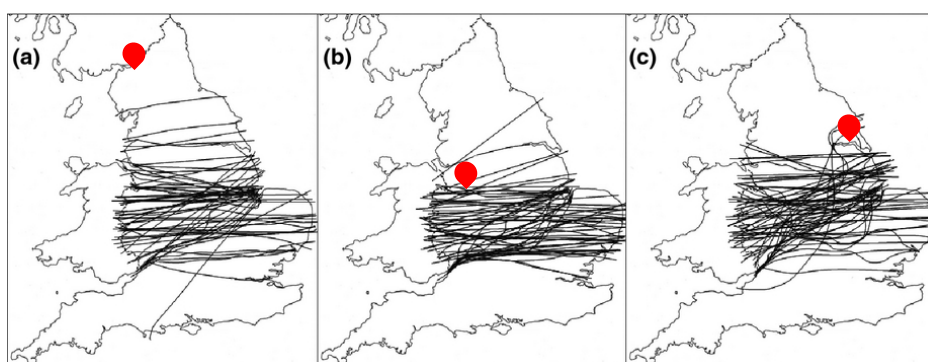
Cruzando as fronteiras dialetais geradas a partir desses compilados de mapas desenhados à mão com resultados de pesquisas dialetológicas prévias de produção, Preston (1986a, 1989, 1996, 1999a, 2002) percebeu que os limites dialetais indicados pelos participantes nem sempre correspondem às fronteiras dialetais reais (ver LANCE, 1999). Além disso, algumas regiões aparecem com mais frequência entre as respostas dos participantes. Observa-se, por exemplo, que o “sul” é predominantemente a área mais saliente (desenhada por 94% dos participantes), seguida do “norte” (desenhada por 61% deles) e do “nordeste” (desenhada por 54%). Também foi constatado, a partir das marcações feitas no mapa, que os lugares mais próximos de onde viviam os respondentes pareciam apresentar maior variedade dialetal para eles do que os lugares mais distantes, percebidos como mais homogêneos. A leitura do pesquisador foi a de que poderia haver uma maior proficiência por parte dos informantes ao reconhecerem diferenças dialetais presentes em lugares mais próximos (provavelmente motivada pelo contato mais frequente com esses dialetos) (PRESTON, 1986a, 1989, 1996, 1999a, 2002, 2010).

A técnica dos mapas desenhados à mão, que permite identificar que modos de falar geograficamente localizados são mais salientes entre as pessoas de uma comunidade e sua extensão a partir de um determinado núcleo, também foi utilizada em estudos no Brasil ((PRESTON, 1985), França (KUIPER, 1999), Japão (LONG, 1999), País de Gales (WILLIAMS; GARRETT; COUPLAND, 1999), Inglaterra (MONTGOMERY, 2012), Alemanha (DAILEY-O’CAIN, 1999) e em outros lugares dos Estados Unidos (LANCE, 1999), consolidando-se como uma vasta agenda de pesquisa dentro da Dialetologia Perceptual (PRESTON, 2002).

Um dos trabalhos que se destacam nessa agenda foi o desenvolvido por Montgomery (2012) sobre dialetos do Reino Unido. Nele, foi solicitado que informantes entre 16 e 19 anos de três cidades localizadas no norte do Reino Unido rotulassem regiões conhecidas por eles no mapa e traçassem uma linha imaginária dividindo a forma de falar do norte e a forma de falar do sul do país. Também foram convidados a desenhar áreas que apresentariam sotaques diferentes, rotulando-as e respondendo sobre o que achavam delas e de seus habitantes. Como resultados, verificou-se uma correlação entre as áreas demarcadas no mapa e as áreas dialetais descritas por Trudgill (1978) a partir de dados de produção, além de um reconhecimento mais acurado por parte dos respondentes sobre áreas dialetais mais próximas do lugar onde residiam. A identificação/marcação da região de Cumbria, por exemplo, foi feita por 34% dos respondentes de Carlisle e por 47% dos respondentes de Brampton, cidades que se encontram

dentro desse condado britânico, enquanto apenas 6% de todos os outros participantes fizeram essa marcação no mapa. Sobre a divisão do país entre as formas de falar do Norte e do Sul, não parecia haver uma concordância universal na demarcação dessas fronteiras, principalmente considerando a região de onde o informante provinha. A Figura 15 apresenta as linhas desenhadas por participantes de 3 cidades inglesas.

Figura 15 - Linhas desenhadas por falantes de Carlisle (a), Crewe (b) e Hull (c) para dividir o território do Reino Unido considerando a forma de falar do Norte e do Sul

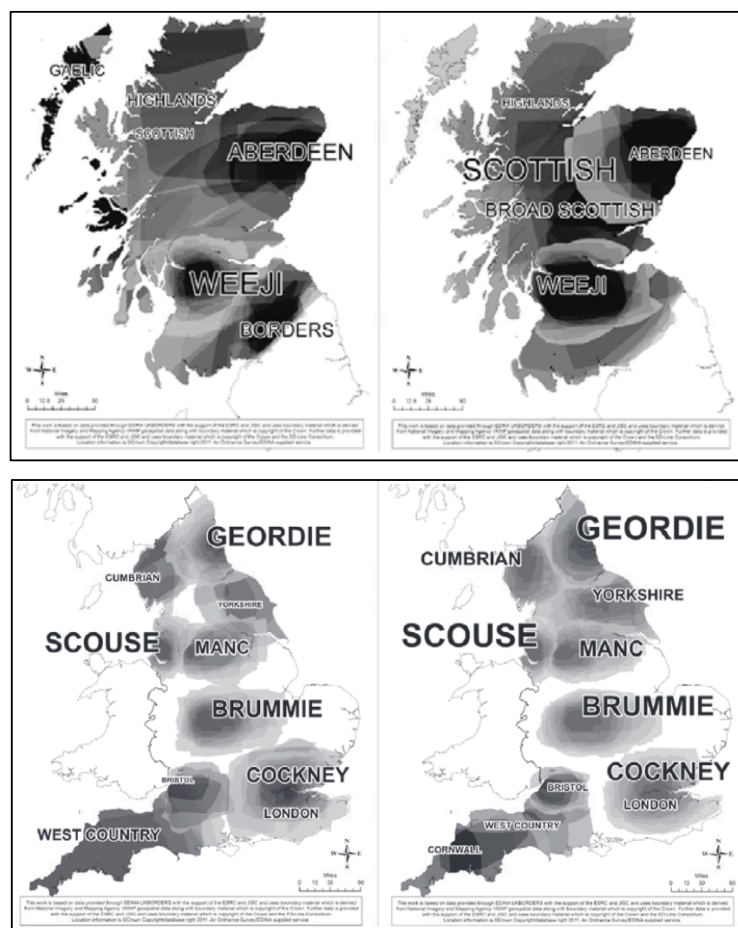


Fonte: Adaptado de Montgomery (2012, p. 652).

Observa-se, por exemplo, linhas mais dispersas entre os respondentes de Carlisle e mais concentradas entre os respondentes de Crewe (as desenhadas pelos participantes de Hull ficam no meio termo). Montgomery (2012), a partir da análise da compilação dessas linhas em cada uma das cidades onde a pesquisa foi feita, sugere que o estabelecimento dessa fronteira bem definida parece ser mais importante para os informantes que estão mais ao Sul. Os entrevistados de Crewe parecem demarcar a fronteira norte-sul mais ao sul do que participantes de outras cidades, de forma a garantir a manutenção de seu status enquanto falante do Norte.

Montgomery (2012), a partir de dados provenientes de mapas desenhados à mão feitos por entrevistados de cidades próximas à fronteira da Inglaterra com a Escócia, plotou mapas de calor perceptual que indicavam a frequência de convergência de respostas na delimitação de uma determinada região dialetal. A Figura 16 é um exemplo desse tipo de mapa, no qual as regiões mais escuras representam a densidade de subconjuntos nos quais uma determinada região foi demarcada e o tamanho da fonte utilizado nos nomes das regiões (e o seu eventual aparecimento) foram dimensionados de acordo com a ordem de classificação de reconhecimento.

Figura 16 - A percepção das áreas dialetais da Escócia (a) e da Inglaterra (b) entre os entrevistados do lado escocês (esquerda) e inglês (direita) da fronteira



Fonte: Montgomery (2012, p. 656, 657).

O objetivo do pesquisador era o de comparar a percepção sobre os sotaques da Escócia e da Inglaterra por parte de pessoas de cidades do lado escocês da fronteira (Galashiels, Moffat e Langholm) e de pessoas de cidades do lado inglês (Brampton e Hexham). Nota-se que existe uma variação entre essas percepções a depender de que lado da fronteira se encontram os falantes. Com relação à percepção dos dialetos escoceses, os participantes desse lado da fronteira parecem reconhecer mais localmente sua forma de falar (classificando-se como “borders”), além de serem mais precisos em situar o falar “weeji” e o “gaelic”. Os ingleses utilizam categorias mais gerais, como “scottish” e “broad scottish” para caracterizar a fala da maior parte do país, mas alguns rótulos geograficamente situados ainda permanecem salientes para eles, como “weeji” e “aberdenn”.

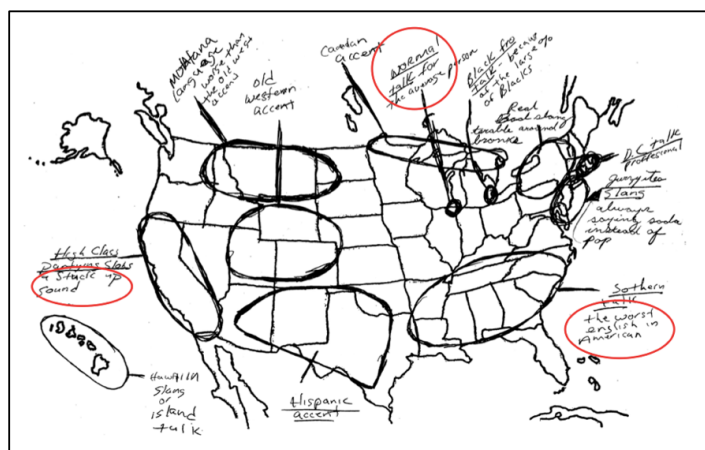
Sobre a percepção dos sotaques da Inglaterra, parece haver uma maior convergência entre as respostas dos falantes de ambos os lados da fronteira, que diferem principalmente com relação à percepção dos dialetos do sudoeste do país. Ao comparar os resultados desse estudo com o realizado com os falantes do Norte da Inglaterra, o pesquisador chegou à conclusão de que a proximidade afeta a forma como os britânicos percebem a variação dialetal, mas os efeitos dessa proximidade física podem ser modificados por outros fatores, como a proeminência cultural - locais com maior influência cultural tendem a aparecer de forma mais proeminente em mapas mentais (MONTGOMERY, 2012). Estudos a partir da técnica de mapas de calor perceptual, criados a partir de uma técnica de processamento conhecida como Sistema de Informação Geográfica (ou GIS, sigla do inglês *Geographic Information Systems*), foram aperfeiçoados e realizados em diversas comunidades de fala (ver MONTGOMERY; STOECKLE, 2013).

A partir do que foi apresentado até aqui, pode-se sumarizar a área da Dialetologia Perceptual como aquela que lida com o estabelecimento de categorias, fronteiras, rótulos e avaliações expressas abertamente a partir de pesquisas com falantes comuns de determinada comunidade de fala. Ela continua uma longa tradição iniciada no final do século XIX, aperfeiçoando seus métodos (geralmente envolvendo anotação e criação de mapas) inspirados principalmente na Geografia Cultural (GOULD; WHITE, 1974). A partir deles, os respondentes identificam fronteiras próximas ao lugar onde vivem, e esses resultados revelam que o conhecimento consciente do comportamento linguísticos de outras comunidades parece diminuir à medida que a distância geográfica entre elas aumenta (WILLIAMS; GARRETT; COUPLAND, 1999). Além da identificação das fronteiras dialetais, as pesquisas nesse campo também buscaram investigar o valor social associado ao falar de determinadas regiões por parte de falantes de comunidades de fala distintas, tópico explorado na seção seguinte.

2.1.2 Avaliação social de sotaques regionais

Os estudos desenvolvidos dentro do escopo da Dialetologia Perceptual, além de revelarem a acurácia na identificação de áreas dialetais por parte dos falantes de uma comunidade, também evidenciaram que sotaques regionais podem gerar fortes sentimentos positivos ou negativos nesses falantes. A Figura 17, por exemplo, apresenta o mapa desenhado à mão em 1996 por um jovem de 19 anos da cidade de Chicago. Nele, percebe-se que o participante avalia o inglês falado no Sul como o pior do país, e que os falantes da Califórnia soam arrogantes.

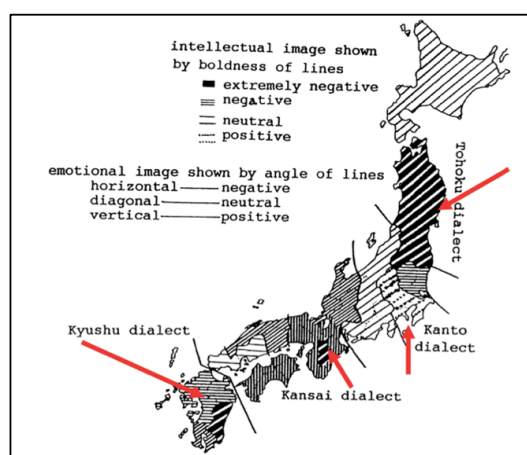
Figura 17 - Mapa desenhado à mão por um entrevistado de 19 anos da cidade de Chicago, nos Estados Unidos



Fonte: Preston (1996).

Segundo Preston (2010), esse tipo de observação, central nas pesquisas que investigam atitudes linguísticas, começa a ganhar consistência empírica na Dialetoologia Perceptual a partir do estudo de Inoue (1999), realizado entre 1977 e 1979 no Japão. Nele, estudantes secundaristas de todo o país eram convidados a avaliar as áreas de seu país a partir da percepção do quão inteligente eram as pessoas desses lugares (avaliação intelectual) e o quanto gostavam delas (avaliação emocional). A Figura 18 apresenta o mapa que ilustra essas avaliações.

Figura 18 - Avaliação intelectual e emocional de áreas dialetais do Japão por estudantes secundaristas

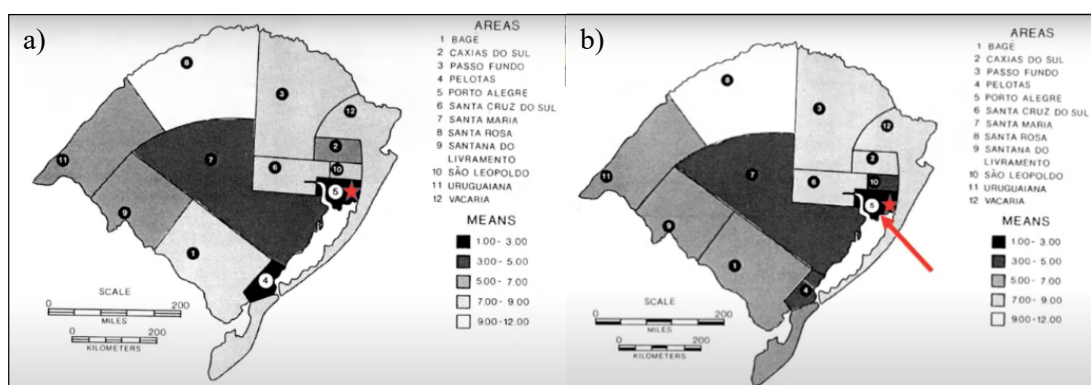


Fonte: Inoue (1999, p. 150).

Como as linhas mais escuras indicam uma avaliação negativa referente à percepção da inteligência, nota-se que a região dialetal de Tohoku, ao norte do país, destaca-se nesse sentido. Por outro lado, percebe-se que os participantes parecem não gostar das pessoas da região dialetal de Kyushu, que receberam avaliação negativa referente ao quesito emocional (expressa no mapa pelas linhas na horizontal). O único lugar que apresenta uma avaliação extremamente positiva referente a esse aspecto é a região ao redor de Tokyo, Kasai, apesar de ser avaliada de forma negativa com relação à intelectualidade (principalmente na área central dessa região, onde percebe-se a presença de linhas mais espessas).

No Brasil, um trabalho nesse sentido foi desenvolvido por Maciel (1982 *apud* PRESTON, 1985) com a avaliação de entrevistados de Porto Alegre do quão “correto” e “agradável” soavam pessoas de diferentes áreas do Rio Grande do Sul numa escala de 1 a 12 pontos (Figura 19). Enquanto os entrevistados parecem avaliar pessoas de sua região e da região de Pelotas como possuindo uma forma de falar mais “correta” na mesma proporção, isso muda de figura em relação ao rótulo “agradável”: os entrevistados julgaram que sua forma de falar é mais agradável do que todas as outras do estado.

Figura 19 - Avaliação de sotaques do português do Rio Grande do Sul considerando os atributos “correto” (a) e “agradável” (b) por entrevistados de Porto Alegre

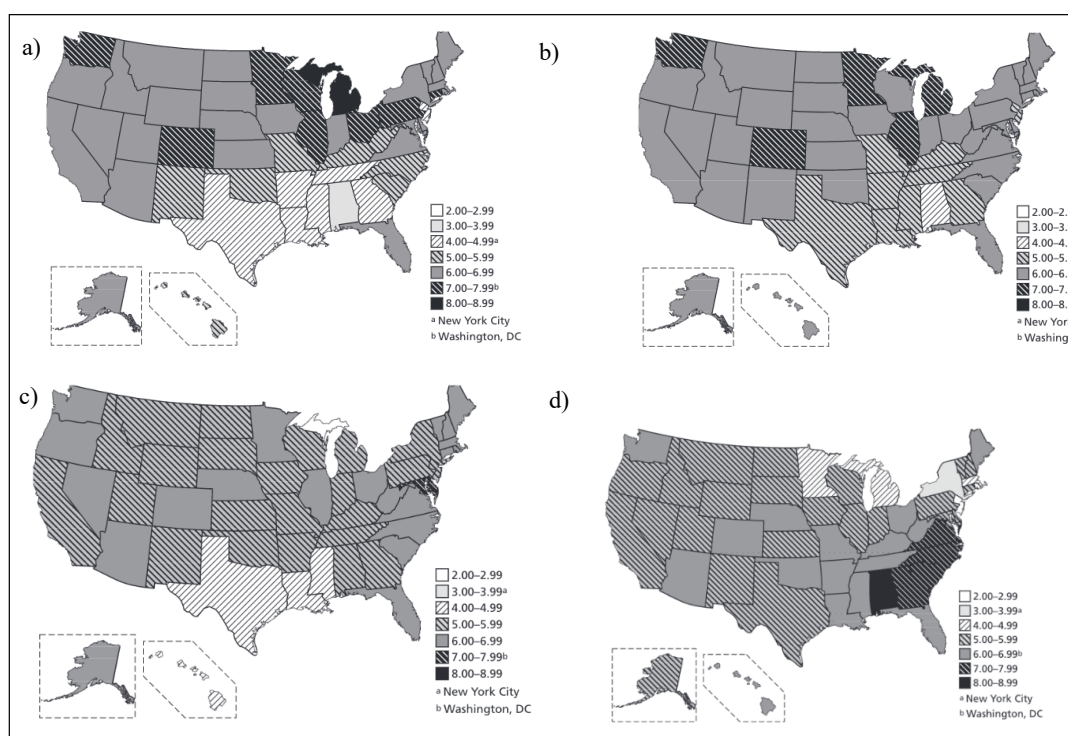


Fonte: Maciel (1982 *apud* PRESTON, 1985).

Com o intuito de observar percepções gerais dos ouvintes americanos sobre variedades locais do inglês falado no seu país, Preston (1989) analisou avaliações feitas por ouvintes de diversas localidades sobre o quão “correto”, “simpático” e “inteligível” soava o sotaque das pessoas de cada um dos 50 estados da federação. Entre os principais achados, verificou que os participantes classificavam sua própria fala como mais inteligível e agradável. Entretanto, com

relação ao rótulo “correto”, uma tendência mais geral foi observada: os estados do Oeste e do Norte foram tipicamente identificados como tendo o inglês mais “correto” por todos os participantes, independentemente de onde fossem, assim como os estados do sul foram identificados como tendo o inglês menos “correto”, mesmo por falantes dessa variedade. Essa autopercepção valorativa fornece evidências para o que Preston (1989) denomina insegurança linguística, alimentada por estereótipos sociais veiculados pela mídia ou por normas ensinadas em sala de aula por gramáticos prescritivos (CLOPPER; PISONI, 2005). Revisitando esses dados, Preston (2013) discute as diferenças de percepção dessas categorias entre falantes do Norte e do sul do país, analisando as respostas oferecidas por informantes dos estados de Michigan e Alabama considerando os atributos “correto” e “simpático”. A Figura 20 apresenta as médias de avaliação dos respondentes em cada um desses estados.

Figura 20 - Média de avaliação para os atributos “correto” (a e c) e “simpático” (b e d) para variedades do Inglês americano por respondentes de Michigan (a e b) e Alabama (c e d) (na escala de 1 a 10, 1 representa a avaliação mais baixa e 10, a mais alta)



Fonte: Preston (2013, p. 58-61).

Considerando o atributo “correto”, percebe-se que, para os entrevistados de Michigan, o Sul se sai pior, sendo Alabama o único estado a atingir a pontuação na faixa entre 3,00 e 3,99.

Apenas o próprio estado é avaliado com os índices mais altos para esse atributo (8,00 - 8,99). Um padrão semelhante pode ser observado com relação à avaliação do atributo “simpático” pelos entrevistados desse mesmo estado: o Sul possui classificações mais baixas e Alabama é a área com a pior delas. Entretanto, esse julgamento parece ser menos duro quando comparado ao falar “correto”, suavização também verificada na classificação do atributo “simpatia” na sua própria região (inferior quando comparada ao julgamento de “correto”), cujo nível o agrupa com os estados Minnesota, Illinois, Colorado e Washington. Preston (1999b) considera essas observações para sugerir que os falantes do norte do país fizeram uso simbólico de sua variedade como um veículo para “padronização”, “educação” e valores amplamente aceitos ou “mainstream”. Enquanto esses falantes parecem estar mais comprometidos em soar “corretos” do que “simpáticos”, os falantes sulistas parecem ter um comportamento diferente. Os participantes de Alabama parecem seguir um padrão levemente mais baixo para avaliar sua fala como correta (4,00 - 4,99) e levemente mais alto para avaliar a fala dos nortistas segundo esse parâmetro (5,00 - 5,99), acompanhando a percepção mais geral do resto do país. Esse padrão muda de figura quando se observam as avaliações para o parâmetro “simpático”, para o qual os entrevistados de Alabama atribuem uma alta classificação para seu próprio estado (8,00- 8,99) e que demonstram seu investimento em soar “simpáticos” na mesma proporção que os habitantes de Michigan se preocupam em soar “corretos” (PRESTON, 2013).

Uma pesquisa envolvendo mais rótulos, inspirada nas técnicas desenvolvidas por Inoue (1999), foi realizada por Preston (1999b) com respondentes do sudoeste de Michigan. O mapa da Figura 14 (com delimitações dialetais geradas a partir de mapas desenhados à mão por 147 entrevistados desse mesmo estado) foi apresentado a 85 estudantes universitários para que julgassem as áreas do mapa, numa escala de 6 pontos, considerando os seguintes pares de atributos²¹: devagar - rápido; erudito - rude; esnobe - humilde; educado - sem educação; normal - anormal; inteligente - burro; formal - casual; inglês ruim - inglês bom; amigável - hostil; nasal - não nasal; fala arrastada - fala não arrastada; e fala com sotaque - fala sem sotaque²². A Tabela 7 apresenta as médias de avaliação considerando cada atributo para regiões dialetais do norte e do sul do país.

²¹ Escolhidos, segundo Preston (1999b), a partir dos qualificadores mais frequentes nos mapas mentais previamente analisados.

²² Tradução dos atributos feita pelo próprio Preston (2021) em posterior revisão desse trabalho em artigo publicado em língua portuguesa. Os originais “twang” e “drawl” foram agrupados nessa tradução no rótulo “sotaque”.

Tabela 7 - Médias de avaliação aferidas a partir das respostas dos universitários de Michigan para habitantes de regiões dialetais do norte e do sul do país²³

Means scores (ordered) <i>North</i>				Means scores (ordered) <i>South</i>			
Rank	Factor	Mean	Attribute	Rank	Factor	Mean	Attribute
12	-1 & 2	3.53	Casual	1	-1 & 2	4.66	Casual
11	Ø	3.94@	Not nasal	2	2	4.58	Friendly
9.5	2	4.00	Friendly	3	2 & -1	4.54	Down-to-earth
9.5	2	4.00@	Polite	4	2	4.20@	Polite
8	1	4.09	Educated	5	Ø	4.09@	Not nasal
7	1	4.12	Fast		*		
6	2 & -1	4.19	Down-to-earth	6	1 & 2	‡3.22	Normal [Abnormal]
5	1	4.41	Good English	7	1	‡3.04	Smart [Dumb]
4	1	4.53	Smart	8	1	‡2.96#	No twang [Twang]
3	1 & 2	4.94	Normal	9	1	‡2.86	Good English [Bad English]
2	1	5.07	No twang	10	1	‡2.72	Educated [Uneducated]
1	1	5.11	No drawl	11	1	‡2.42#	Fast [Slow]
				12	1	‡2.22	No drawl [Drawl]

Fonte: Preston (1999b, p. 366).

Observando os resultados reportados por Preston (1999b), nota-se que os entrevistados de Michigan acreditam que não possuem sotaque, que falam “normal” e que possuem um “bom inglês” (escalas dentro do campo do “status”), ao contrário dos falantes do sul do país. Entretanto, parecem julgar estes falantes como mais casuais, amigáveis e educados, escalas dentro do campo da “solidariedade”. Segundo Preston (1999b), esses resultados oferecem detalhes sobre insegurança linguística que os resultados da avaliação apenas de “simpatia” e “inglês correto” para a fala de cada estado não revelavam com tanta clareza: os nortistas acham que sua fala está ausente na função de solidariedade.

Até agora foram apresentados trabalhos que lidaram apenas com a avaliação dos sotaques a partir de representações cognitivas mais amplas e gerais sobre os dialetos, evocadas da memória de longo prazo dos entrevistados. Alguns estudos envolvendo atitudes linguísticas, principalmente os de cunho mais etnográfico, trabalham com esse tipo de dado extraído do conhecimento mais genérico do falante leigo a partir de observações e de avaliação explícita

²³ * marca a única diferença significativa ($p < 0.05$) entre dois scores adjacentes (determinado por uma análise de variância com uma comparação de médias de Tukey); ‘‡’ marca valores abaixo de 3,5 (que indicam a polaridade oposta, mostrada aqui entre colchetes); ‘#’ indica os únicos scores significativamente diferentes para gênero ($p < 0.05$, determinado por uma série de testes-t); ‘@’ marca os únicos dois atributos (Nasal e Educado) para os quais não houve diferença significativa ($p < 0.05$ em uma série de testes-t pareados) entre as classificações para norte e sul (PRESTON, 1999b, p. 366).

(ver LIEBSCHER; DAILEY-O'CAIN, 2009; RODGERS, 2016; MCKENZIE; MCNEILL, 2022); outros buscam analisar essas atitudes a partir do julgamento de trechos de fala (reais ou editados) por parte dos ouvintes de uma comunidade alvo.

Coupland e Bishop (2007) realizaram um trabalho nesse sentido, no qual apresentaram trechos de fala gravados por falantes de todo o Reino Unido (adaptados de amostras do *corpus* do projeto Vozes BBC) a 5.010 ouvintes de todo o país, com o intuito de analisar a percepção sobre 34 dialetos regionais a partir do julgamento de “atratividade” e “prestígio” numa escala *Likert* de sete pontos. Entre os principais resultados, observou-se a existência de correlação positiva na avaliação das duas escalas para a maioria dos dialetos; que o *Standard English* e o *Queen's English* e o tiveram avaliações mais altas; e que os sotaques de cidades industriais, bem como os étnicos, tiveram avaliações mais baixas. Além desses resultados já esperados, os pesquisadores observaram tendências gerais que não haviam ainda sido documentadas em estudos prévios: as mulheres tendiam a oferecer avaliações mais positivas que os homens e os participantes, num geral, tendiam a avaliar mais positivamente suas próprias variedades e variedades parecidas com a sua. Além disso, as avaliações de prestígio e atratividade para os dialetos padrão foram menores entre os informantes mais jovens. Os pesquisadores deste estudo interpretam esses resultados como indicativos da persistência de ideologias linguísticas relativamente estáveis no Reino Unido, mas que podem estar sendo gradualmente reconstruídas em alguns aspectos mais específicos.

Outro trabalho clássico que analisou a atitude de ouvintes a partir de trechos de fala foi o desenvolvido por Purnell, Idsardi e Baugh (1999). Num dos quatro experimentos que integram esse estudo, um falante treinado simulou três pronúncias diferentes para a frase “Hello, I’m calling about the apartment you have advertised in the paper” ao ligar para corretores imobiliários de São Francisco, uma simulando o AAVA (*African American Vernacular English*), uma simulando o ChE (*Chicano English*) e uma utilizando o SAE (*Standart American English*). Os resultados apontam que os proprietários conseguiam discriminar os possíveis inquilinos apenas escutando sua voz em conversas telefônicas, já que o número de agendamentos para visitas era maior justamente nos bairros onde o sotaque escutado era mais frequente (ou seja, onde havia mais habitantes do grupo étnico que utiliza o sotaque ouvido). Os resultados dos experimentos seguintes mostraram que apenas a palavra “hello” já se mostra eficiente para a identificação de dialetos, já que possui correlatos fonéticos que parecem salientes para diferenciá-los, como a frequência do segundo formante da vogal /ɛ/, a zona de pico do *pitch* e a duração da primeira sílaba.

A análise desenvolvida no estudo descrito acima revela que as variáveis fonéticas que potencialmente distinguem os dialetos podem ser usadas como pistas para a percepção e posterior julgamento dos falantes, o que demonstra que os ouvintes são sensíveis a algumas características específicas do detalhe fonético (também discutido em GRAFF; LABOV; HARRIS, 1986; PURNELL; IDSARDI; BAUGH, 1999). Dessa forma, o desenvolvimento de pesquisas que investigaram a percepção dialetal a partir de traços fonético-fonológicos específicos tem contribuído significativamente para dar luz a essas questões. Campbell-Kibler (2006), por exemplo, a partir da técnica de estímulos pareados (LAMBERT *et al.*, 1960), apresentou estímulos editados com pronúncias alveolares e velares do “ing” a ouvintes universitários e, em uma etapa do teste, pediu para que indicassem o lugar de origem do falante ouvido. A Tabela 8 apresenta o resumo dos resultados dessa etapa.

Tabela 8 - Respostas por região para a variante alveolar e palatal da variável “-ing”

Region	-in	-ing
South	52 (83.9%)	10 (16.1%)
Midwest	20 (62.5%)	12 (37.5%)
East Coast	18 (42.9 %)	24 (57.1%)
West Coast	27 (38.6%)	43 (61.4%)
Other/none	108 (44.3%)	136 (55.7%)
<i>Chi-square = 38.18, p=.000</i>		

Fonte: CAMPBELL-KIBLER (2006, p. 48).

Pode-se observar, a partir dos resultados reportados, que os falantes foram mais indicados como provenientes do Sul quando escutados utilizando a pronúncia alveolar para o gerúndio. Além disso, uma gradação foi observada nessas indicações, com regiões mais afastadas do Sul sendo menos escolhidas para os estímulos com pronúncias alveolares. O trabalho de Plichta e Preston (2005) sobre percepção de variantes do ditongo /ay/ também oferece resultados interessantes nesse sentido, sendo um dos primeiros a indicar um contínuo perceptual paralelo à natureza contínua de uma variável fonética. Escolhendo algumas cidades americanas (Figura 21) de forma a criar uma linha geográfica Norte-Sul, os pesquisadores solicitaram que ouvintes de todo o país escolhessem uma delas para designar a origem dos falantes ouvidos no teste.

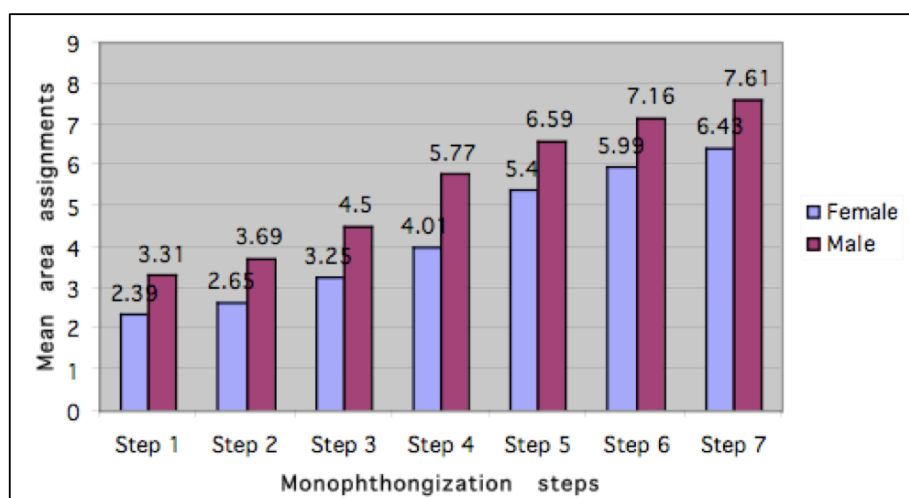
Figura 21 - Nove cidades indicando uma dimensão Norte-Sul dos Estados Unidos



Fonte: Plichta e Preston (2005, p. 108).

Os estímulos foram gravados por vozes masculinas e femininas e apresentavam pronúncias com 7 variantes do ditongo /ay/, criadas de modo a oferecer um gradiente que ia de uma pronúncia completamente ditongada até uma produção completamente monotongada. Dentre os resultados mais importantes reportados pelos pesquisadores, estão os apresentados no Gráfico 20.

Gráfico 20 – Diferenças na indicação regional (de norte a sul) de vozes femininas e masculinas para cada variante de /ay/ (da mais ditongada à mais monotongada)



Fonte: Plichta e Preston (2005, p. 121).

A partir da observação do gráfico, verifica-se que quanto mais monotongada a variante ouvida, mais ao sul era alocada no mapa pelos ouvintes americanos. Um outro padrão interessante foi observado: os homens são mais alocados ao sul do que as mulheres em cada grau de monotongação apresentado aos participantes do experimento. Traçando um paralelo entre o eixo geográfico norte-sul e um eixo valorativo prestígio-estigma dos diferentes graus de monotongação para o ditongo analisado, esse resultado indica que outros filtros podem operar na percepção de variantes fonéticas ligadas a padrões mais gerais de variação (além dos geográficos), e vice-versa. Estudos como os de Hay; Warren e Drager (2006); Levon; Fox (2014) e Levon; Buchstaller (2015), que serão detalhados mais a frente neste capítulo, apontam que impressões sobre os falantes (crenças sobre eles) podem afetar a forma como percebemos e categorizamos os sons, ou seja: os ouvintes utilizam informações sociais, inclusive de natureza geográfica, na percepção da fala.

O trabalho de Niedzielski (1999) oferece algumas evidências nessa direção. Nele, o pesquisador pediu para que 41 moradores da comunidade de Detroit escolhessem qual das três versões da palavra “last” (uma simulando a vogal elevada [ɛ], outra simulando a produção canônica [æ] e uma terceira simulando uma produção mais centralizada [ɑ], todas sintetizadas por computador) eles acreditavam ter escutado na fala real de um informante, que pronunciava a vogal elevada [ɛ]. Metade dos entrevistados foi informada de que o dono da voz escutada era de sua cidade, Detroit; a outra, de que o falante era canadense. Os resultados apontaram que a maioria dos participantes que receberam a informação de que o falante era estrangeiro acertaram que pronúncia foi ouvida (a vogal elevada), mas os ouvintes que receberam a informação de que o dono da voz era de sua cidade associaram mais a forma ouvida ao estímulo sintetizado correspondente à forma canônica [æ], apesar de, em sua comunidade, a forma elevada ser a mais recorrente. Essa hipercorreção na percepção das vogais, segundo o autor, pode ser uma pista para ilustrar como crenças sobre a fala podem afetar a percepção e a categorização de variantes fonéticas.

Um estudo similar e com resultados também na mesma direção foi desenvolvido por Hay e Drager (2010) analisando a percepção de vogais por ouvintes da Nova Zelândia quando estes eram expostos a objetos que remetiam a dialetos distintos. Produções reais de vogais gravadas por um homem neozelandês eram apresentadas a dois grupos de ouvintes para que eles as combinassem com estímulos sintetizados que simulavam vogais num gradiente que ia da vogal mais elevada e mais anterior (comum no inglês australiano) até a vogal mais centralizada (recorrente no vernáculo neozelandês), e cada um dos grupos foi exposto, durante a aplicação do teste, a bichos de pelúcia que remetiam à Nova Zelândia (kiwis) ou à Austrália

(cangurus e coalas). Constatou-se, com os resultados, que os estímulos reais ouvidos foram mais relacionados às vogais mais altas e mais anteriores pelo grupo exposto aos cangurus e coalas, enquanto os mesmos estímulos foram mais relacionados às vogais centralizadas pelos participantes do grupo exposto aos kiwis, ou seja, a percepção das vogais mudou dependendo de qual conjunto de brinquedos os participantes viram. Os autores afirmam que esses resultados corroboram com a hipótese de que informações linguísticas e não linguísticas estão intrinsecamente entrelaçadas e ambas são utilizadas na percepção da fala.

Com o objetivo de analisar possíveis associações entre variantes fonéticas estereotípicas, dentre elas a pronúncia do “-ing”, e determinados significados sociais, Campbell-Kibler (2012) desenvolveu um estudo de percepção com estudantes da Universidade de Ohio para testar se essa variável poderia estar associada explícita e implicitamente aos estereótipos “falante do Norte” e “falante do Sul”. Associações implícitas e explícitas da pronúncia velar aos estados do norte ocorreram em paralelo à sua associação a categorias de maior prestígio (como profissões de colarinho branco), enquanto a pronúncia alveolar apareceu mais associada a estados do sul e a profissões ligadas ao trabalho braçal, confirmando a hipótese inicial e dando pistas sobre o processo cognitivo por trás do estabelecimento de índices (ponto a ser mais explorado na seção 2.2). Esse processo também foi observado por Loudermilk (2015) na sua investigação sobre a relação entre o grau de atitude implícita estereotipada sobre determinada variante fonética e a modulação da atividade cerebral durante a compreensão da fala. Nele, participantes ouviram histórias narradas com as pronúncias de “-ing” manipuladas (alguns estímulos com pronúncias alveolares e outros, dorsais), de forma a serem congruentes ou incongruentes com a gravação precedente e que poderia ser típica ou atípica ao dialeto do falante. Além disso, também participaram de testes de associação implícita para aferir as relações estabelecidas entre as variantes e estereótipos. Os resultados indicaram que os ouvintes com pontuações baixas no teste de associação implícita apresentaram picos na modulação do N400 ao processar variantes nos estímulos que violavam as expectativas dialetais (variante palatal pronunciada por um sulista e a alveolar por um californiano), o que o autor aponta como evidência de “que os mecanismos cognitivos que dão suporte à compreensão da linguagem são sensíveis não apenas ao que é dito, mas também a como é dito, quem diz e quem ouve”²⁴ (LOUDERMILK, 2015, p. 137).

²⁴ Tradução nossa para o trecho: “Our results provide evidence that the cognitive mechanisms that support language comprehension are sensitive not just to what is said, but also to how it is said, who says it, and who hears it”. (LOUDERMILK, 2015, p. 137).

Os resultados discutidos até aqui, a partir de diversos métodos e com objetivos distintos, parecem, de certa forma, dialogar entre si ao tratarem direta ou indiretamente do modo como os falantes encaram diferenças dialetais (se as percebem, como as processam, quais suas atitudes sobre elas etc.), aferidas a partir de sua percepção sobre elas. Eles fornecem novas informações sobre como ouvintes usam o conhecimento sobre a variação linguística para determinar a origem do falante e, em combinação com análises acústicas do sinal da fala e/ou com a manipulação e sintetização de estímulos para evidenciar determinado aspecto fonético, podem ser utilizados para responder questões básicas sobre como propriedades acústicas se tornam mais salientes para identificar características dos falantes (CLOPPER; PISONI, 2005, p. 320).

Parece claro, desde já, que dados de estudos de percepção da fala e dados de produção obtidos através de pesquisas sociolinguísticas parecem fornecer evidências complementares, apesar de pesquisadores dessas duas áreas terem seguido caminhos distintos por tanto tempo (CLOPPER; PISONI, 2005). Na próxima seção, essas aproximações serão destacadas a partir dos avanços do papel do ouvinte nos estudos sociolinguísticos das últimas décadas e suas implicações teóricas para o estudo da linguagem de forma mais ampla.

2.2 O LUGAR DA PERCEPÇÃO NOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Na introdução deste capítulo, foi apresentada uma acepção de percepção similar ao que alguns autores investigam como atitudes linguísticas, baseada na Psicologia social e popular entre os primeiros estudos que se debruçavam sobre variedades da língua (EDWARDS, 1999; GILES; BILLINGS, 2004). Essa mesma acepção também pode ser lida como sinônimo de “avaliação” em outros estudos, dentre os quais os de natureza sociolinguística, representando um dos elementos centrais para a investigação dos significados sociais de formas variáveis dentro de comunidades linguísticas.

A Teoria da Variação, ou Sociolinguística Variacionista, é uma agenda de pesquisa inaugurada em meados dos anos 60 a partir de estudos sistemáticos sobre um fenômeno frequentemente ignorado pelas correntes de investigação até então vigentes, seja por relegar a ele menor importância para o entendimento do funcionamento da língua, seja pela dificuldade de lidar com sua complexidade: a variação linguística. Os trabalhos mais frequentes dessa nova agenda, objetivando investigar os processos de mudança na sincronia, analisavam a distribuição de variantes de uma variável linguística em comunidades de fala considerando subgrupos de falantes (estratificados segundo algumas macrocategorias como faixa-etária, sexo, escolaridade

e classe social, por exemplo), contextos de produção (entrevista semiestruturada, leitura de texto e lista de palavras, por exemplo) e componentes do sistema linguístico que poderiam exercer influência para a escolha de uma ou outra forma (LABOV, 1966, 2008 [1972]). Ao descrever o comportamento da variável dependente considerando as variáveis preditoras (independentes), a partir de métodos estatísticos, os variacionistas pretendiam investigar os possíveis caminhos trilhados pelas formas inovadoras em direção à implementação (ou não) da mudança, consolidada com a derrocada (ausência de ocorrência) das formas com as quais competem.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), alguns problemas deveriam ser observados para o estudo empírico das mudanças em andamento, dentre eles: o da restrição (relacionado aos fatores que condicionam ou restringem o uso de certas variantes); o do encaixamento (relacionado à maneira como cada variante se encaixa na matriz social ou linguística); o da transição (relacionado aos estágios para a implementação de uma mudança); o da avaliação (relacionado à percepção dos falantes da comunidade sobre as formas em disputa); e o da implementação (relacionado à forma como a mudança se consolida na comunidade). Percebe-se que o problema da avaliação está intimamente relacionado à aceção de percepção discutida no início desta seção, sendo definido por Labov (2008 [1972], p. 202) como o “significado da forma no nível cognitivo”. Para o linguista, esse problema precisava ser encarado de frente na investigação sobre o valor social da variação nas comunidades de fala, sendo fundamental para entender a mudança em progresso em alguma direção ou a variação estável entre as formas concorrentes.

Influenciado pelo trabalho de Lambert (*et al.*, 1960)²⁵, Labov (1966) desenvolveu um estudo com o intuito de averiguar a existência de reações subjetivas a variantes de cinco variáveis fonológicas (*r*, *oh*, *æh*, *th* e *dh*) entre ouvintes de Nova York, previamente investigadas em estudos de produção na mesma comunidade. Nesses estudos, foi observado que algumas variantes são predominantes na fala de novaiorquinos de classes sociais mais altas, bem como em contextos mais formais de produção (tópicos metalinguísticos das entrevistas, leitura de texto e de lista de palavras) entre todos os falantes, o que leva ao entendimento de que essas formas possuem um forte prestígio na comunidade. Para testar essa hipótese sob o viés da percepção, o autor elaborou um experimento a partir da gravação de um texto lido por cinco mulheres. Cada um dos parágrafos desse texto foi elaborado pensando no número de

²⁵ Segundo Labov (2008 [1972], p. 176), o “princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é o que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala”.

ocorrências expressivo de cada uma das cinco variáveis mencionadas, além de um parágrafo controle, sem a presença delas. Cada parágrafo foi lido de duas formas por cada falante, de modo a se obter pronúncias das duas variantes de cada variável para cada uma das vozes. Ao apresentar aleatoriamente esses estímulos a 122 ouvintes da mesma comunidade de fala e pedir para que eles escolhessem que cargo acreditavam se encaixar melhor com o perfil da pessoa escutada (dentre os quais estavam o de secretária executiva, personalidade da TV, recepcionista, vendedora, operadora de telemarketing, operária de fábrica), o pesquisador observou que os cargos de maior *status* eram escolhidos para vozes-estímulos com pronúncias coerentes com as das classes sociais mais altas (e mais presentes em estilo de fala cuidadosa), o que evidenciou o julgamento positivo dessas variantes.

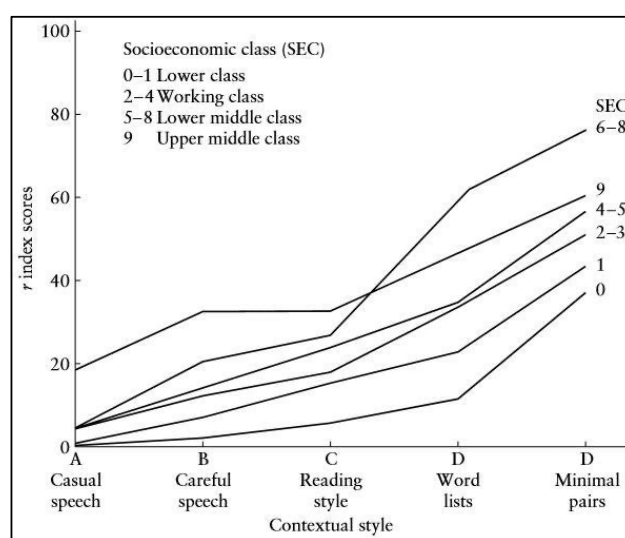
Apesar da investigação sobre a avaliação de variantes fonéticas ser reconhecida pelo próprio Labov como fundamental para o entendimento do seu significado social, os estudos de percepção não foram tão recorrentes entre os variacionistas quanto os trabalhos de produção. Isso aconteceu, principalmente, porque a avaliação social da variação estava relacionada apenas à compreensão de dois significados mais genéricos associados às variantes (prestígio e estigma), que também poderiam ser verificados por meio da observação da distribuição das variantes entre os falantes de classes sociais distintas e em estilos diferentes (estilo aqui na acepção de atenção prestada à fala). As inferências feitas a partir de dados experimentais provenientes de estudos de percepção eram, então, consideradas análogas àquelas extraídas de estudos de produção que analisavam a distribuição de variantes entre grupos socialmente estratificados e, dessa forma, a observação dos padrões gerais de variação descritos com base no uso recorrente de variantes por falantes de determinados grupos foi utilizada para investigar o estigma ou o prestígio das pronúncias (THOMAS, 2002; CLOPPER; PISONI, 2005).

A própria investigação da saliência das variantes, fundamental quando se considera a premissa de que nem todas as variáveis linguísticas são socialmente salientes (LABOV, 2001, 2008 [1972]), também era realizada a partir de dados de produção. A categorização de variáveis em indicadores (de que o falante não tem consciência e que não parecem estar sujeitas a mudanças de estilo), marcadores (de que o indivíduo tem consciência e que podem desempenhar um importante papel na distinção de classes sociais, estando sujeitas, dessa forma, à mudança de estilo) e estereótipos (das quais a comunidade tem consciência e, geralmente, avalia de forma negativa) eram inferidas tomando por base a observação da frequência de sua ocorrência entre os grupos socialmente estratificados (LABOV, 2008 [1972]). Freitag (2018, p. 4), ilustrando esse tipo de interpretação, coloca que “se dada variante é mais usada por homens, jovens e menos escolarizados, é possível inferir que seja um estereótipo, uma forma

socialmente marcada, no nível da consciência social coletiva de uma comunidade, sobre a qual as pessoas falam”.

O trabalho de Labov (1966, 2008 [1972]) sobre o inglês falado em Nova York que serviu de base para o experimento sobre profissões mencionado anteriormente pode ser citado como exemplo de estudo sociolinguístico clássico de produção. A partir de amostras de fala coletadas por meio de entrevistas e leituras monitoradas com 70 falantes do Low East Side, o pesquisador analisou as distribuições de variantes de algumas variáveis fonológicas, dentre elas o “-r” em posição de coda. A Figura 22 apresenta a distribuição da ocorrência da realização considerando a classe social dos falantes e o instrumento de coleta de dados (estilo).

Figura 22 - Porcentagem de produção do -r por falantes de Nova York considerando classe social e estilo



Fonte: Labov (2008 [1972]).

Labov (2008 [1972]) discute esses dados sob o aspecto da avaliação social do não apagamento, lida como indicador de prestígio para a comunidade como um todo. Ele chega a essa conclusão porque, além de ser mais profícua na fala dos indivíduos pertencentes à classe social mais alta, a taxa de sua ocorrência cresce à medida que a atenção prestada à fala também aumenta. O fenômeno de hipercorreção observado entre as produções da classe média nessa direção (que chegam a ultrapassar as ocorrências das classes mais altas) também é um indicativo do prestígio dessa variante. Observa-se, então, que essas macrocategorias são utilizadas pelo autor para inferir conclusões a respeito do prestígio da variante na comunidade como um todo.

Estudos seguindo os moldes do realizado por Labov (1966, 2008 [1972]) com falantes de Nova York foram o principal modelo para uma vasta gama de estudos que se debruçaram sobre a variação linguística, encontrando eco frutífero no território brasileiro (HORA, 2003; BRESCANCINI, 2004; MACEDO, 2004; RIBEIRO, 2006; BASSI, 2016; BRITO, 2016; BASSI; SEARA, 2017; CUNHA; SALES, 2020, apenas para citar alguns dos que investigaram a variável objeto desta tese). Esse esboço laboviano é um exemplo do que Eckert (2012) classifica como estudo de primeira onda ao apresentar distribuição de variantes de variáveis fonológicas e seu encaixamento na matriz linguística e social da comunidade de fala de Nova York.

Para Eckert (2012), os estudos de variação linguística podem ser divididos em três grandes ondas, que não são excludentes entre si nem se referem a uma demarcação temporal entre agendas de estudos sociolinguísticos. Cada uma dessas ondas refere-se a uma observação da variação a partir de pontos de partida e chegada distintos considerando conceitos e categorias de análise específicos. Por exemplo, os estudos de primeira onda, segundo a autora, referem-se àqueles que objetivam investigar a mudança linguística a partir da observação da variação linguística dentro de comunidades de fala. A estratificação da amostra e a construção dos instrumentos de coleta são pensados considerando variáveis independentes pré-estabelecidas que permitam verificar possíveis estágios de mudança (faixa-etária) e o prestígio ou o estigma de determinada variante (sexo, classe social e estilo) entre os falantes de uma comunidade de fala, onde normas e avaliações sobre os usos são compartilhadas por eles (LABOV, 2008 [1972]). O estudo de Labov (1966, 2008 [1972]) sobre o “-r” em Nova York é geralmente citado como exemplo de piloto para os trabalhos que se encaixam nessa onda por apresentar essas características.

Os estudos em segunda onda, por outro lado, rediscutem alguns conceitos como estilo, significado social da variação e, a partir deles, lidam com outras metodologias para investigar a variação linguística, mais próximos a abordagens etnográficas. O estilo, entre os trabalhos dessa onda, não está ligado à atenção prestada à fala, mas a hábitos compartilhados a partir de atos de filiação e vinculados às identidades dos grupos, que interagem dentro das comunidades, fortalecendo-se nas redes sociais (Cf. MILROY, 1987). O significado social das variantes deixa de ser observado a partir dos usos recorrentes entre grupos mais abrangentes (como classe social, sexo e faixa-etária) e passa a ser investigado considerando os possíveis valores localmente definidos e utilizados pelos falantes para expressar sua identidade, relacionada a categorias mais locais (ECKERT, 2012).

O estudo de Eckert (2000) sobre produção das vogais médias em palavras como *bot* e *bought* e a variação sintática de sentenças negativas entre estudantes de uma escola de Ensino Médio localizada em Detroit pode ser citado como exemplo de abordagem típica da segunda onda. Nele, a pesquisadora analisa o comportamento linguístico e social de dois grupos de estudantes conhecidos na comunidade escolar como *jocks* e *burnouts*. Estes, oriundos da classe trabalhadora, possuíam forte identidade ligada ao seu bairro de origem e não enxergavam o ambiente escolar como determinante para sua vida social. Aqueles, por outro lado, oriundos da classe média, pareciam mais próximos dos valores da escola e dos professores, sendo reconhecidos por sua competitividade nesse ambiente. A partir dessa análise de cunho mais etnográfico, Eckert (2000) concluiu que o uso das variáveis linguísticas observadas estava, de certa forma, relacionado aos valores caros a cada um dos grupos: enquanto os *jocks* faziam uso mais expressivo de variantes de prestígio devido ao seu engajamento com as atividades acadêmicas e à sua aspiração universitária, os *burnouts* utilizam as formas mais vernaculares para marcar uma identidade ligada ao seu bairro. Dessa forma, segundo a pesquisadora, as normas e as crenças compartilhadas por cada um dos grupos parecem ser utilizadas por eles para construção e expressão de suas identidades em contextos que ultrapassam, inclusive, os linguísticos (os códigos de vestimenta são um exemplo disso). Os grupos em si também parecem estar presentes em várias das escolas de subúrbio da cidade, revelando que as tensões presentes na comunidade tendem a se materializar nesses grupos de forma local, mas recorrente²⁶ (ECKERT, 2012).

Os estudos entendidos como de terceira onda, segundo Eckert (2012), transferem o foco de observação da variação a partir das categorias mais abrangentes (gerais ou locais) para o próprio significado social das formas variáveis, agora observado fora do eixo “estigma” vs. “prestígio” e considerado um traço fundamental da língua. O estilo, nessa perspectiva, estaria relacionado a uma tomada de posição frente aos significados sociais que as variantes possuem dentro de determinado sistema, que são mutáveis e se movimentam a partir da reinterpretação dos valores a elas associados, ou seja, do que elas passam a indiciar. O *locus* para a observação desse processo deixa de ser a comunidade de fala e passa a ser a comunidade de prática, lugar de engajamento mútuo onde os falantes possuem empreendimentos comuns e compartilham o mesmo repertório linguístico (WENGER, 1998).

O próprio estudo clássico de Labov (1963) sobre a centralização dos ditongos, segundo Santos (2020), poderia ser citado como exemplo de discussão nos moldes da terceira onda. A

²⁶ Ver conceito de “recursividade fractal” em Irvine e Gal (2000).

partir de observações feitas utilizando estratégias diversas, o linguista chegou à conclusão de que o significado social “vineyardense” estava fortemente associado à variante centralizada, que era utilizada pelos habitantes da ilha de Martha’s Vineyard como instrumento de diferenciação com relação aos veranistas e servia como marca de pertencimento ao lugar.

O trabalho de Podesva (2007) sobre o uso estilístico do falsete por um médico gay norte-americano em diferentes contextos de interação também pode ser citado como um exemplo de pesquisa típica da terceira onda. Nele, o pesquisador solicitou que o participante gravasse algumas conversas i) no seu consultório enquanto estava interagindo com pacientes; ii) em um churrasco com amigos; e iii) com o seu pai, em uma ligação telefônica. A partir dos dados analisados, o pesquisador observou que o Heath (pseudônimo usado para o informante) utilizou falsetes mais longos, de forma mais recorrente e com F0 mais alta durante o churrasco com os amigos. Entretanto, ele também apareceu de forma recorrente nas interações gravadas no consultório, o que indica que essa mesma variante foi utilizada de forma a evocar dois significados sociais distintos, mas relacionados de certa forma a um campo mais geral de feminilidade associado ao F0 mais alto: o de “diva” (no churrasco com os amigos) e o de “atencioso/cuidadoso” (no consultório). Dessa forma, percebe-se que uma mesma variante pode evocar significados sociais distintos, a depender dos agentes que atuam na interação e da situação em si, e esses significados, bem como os traços que os evocam, correlacionam-se dentro do que os autores chamam de “campo indicial” (ECKERT, 2008), conceito a ser discutido na próxima seção.

É importante notar que, no lugar do interesse por entender os mecanismos da mudança linguística, o significado social da variação passa a ser o centro de interesse dos estudos sociolinguísticos na perspectiva da terceira onda (MENDES, 2017). Os experimentos de percepção passaram, então, a ter um papel de destaque na investigação desses significados, já que possibilitavam averiguar de que forma o conteúdo social poderia estar vinculado a comportamento linguístico na mente dos ouvintes, bem como investigar os mecanismos cognitivos usados por eles para mapear e armazenar variantes linguísticas e seus significados potenciais (CAMPBELL-KIBLER, 2006, 2010, 2013).

O trabalho de Campbell-Kibler (2006), brevemente resenhado na seção anterior, no contexto da terceira onda, representou um marco entre os estudos de percepção ao aprimorar a técnica de estímulos pareados proposta por Lambert (*et al.*, 1960), principalmente com relação à manipulação e à construção de estímulos, e considerar atributos de diferentes dimensões (já conhecidas entre os trabalhos envolvendo atitudes linguísticas) estabelecidos a partir de respostas dadas por um grupo de ouvintes em entrevistas preliminares. O objetivo da pesquisa

era verificar interpretações dos ouvintes para as variantes velar e apical do “-ing” no inglês americano (variável amplamente investigada em estudos de produção), produzidas por oito falantes (dois homens e duas mulheres da Califórnia e do sul do país). As gravações foram digitalmente manipuladas de forma a criar pares de estímulos completamente idênticos, com exceção da forma objeto de análise, e apresentadas aos ouvintes em duas fases: a primeira a partir de entrevistas abertas, com o intuito de coletar impressões conscientes dos ouvintes sobre as pronúncias apresentadas, e a segunda a partir de um teste de percepções sociolinguísticas, com o intuito de observar reações subjetivas implícitas dos ouvintes. Com relação aos resultados, verificou-se que, quando utilizavam a variante apical (“-in”), os falantes eram julgados como menos inteligentes. Entretanto, isso só acontecia quando estes mesmos falantes não eram associados a uma região específica e a classe operária. Quando os falantes eram identificados como sulistas (graças a outras pistas, como a produção monotongada de /ay/), não havia diferença dos julgamentos entre os estímulos com “-in” e “-ing” produzidos por eles para atributos relacionados ao seu *status* (inteligência e escolaridade), o que levou a pesquisadora a concluir que os significados diversos aos quais determinada variante pode estar relacionada dependem de outros fatores, como o contexto, as palavras usadas nos estímulos e as crenças que os ouvintes possuem sobre os falantes. Ao resenhar esse trabalho, Oushiro (2015, p. 271) chama atenção para o fato de que as percepções “parecem não se alterar uniformemente para todos os falantes e para todos os estímulos, pois interagem com outras percepções que 'bloqueiam' certas inferências”.

O trabalho de Campbell-Kibler (2006) fornece pistas para avaliar que a variante apical do “-ing” não parece estar relacionada diretamente a uma categoria social, mas a uma rede de significados sociais, atividades e/ou posturas características de determinados grupos (SENE, 2022). Essa conclusão é ratificada pelos resultados de um estudo posterior desenvolvido pela pesquisadora. A partir dos mesmos estímulos utilizados no experimento anterior, Campbell-Kibler (2010b) construiu um novo controlando a forma como os falantes eram apresentados aos ouvintes: alguns como professores universitários, outros como profissionais experientes e alguns como políticos. Os falantes com pronúncias velares (-ing), quando apresentados como acadêmicos, eram avaliados mais positivamente em atributos relacionados à competência do que aqueles apresentados com pronúncias alveolares (-in), padrão inverso ao constatado quando os falantes eram apresentados como profissionais. Nesse segundo cenário, ao usarem a variante apical, os falantes eram avaliados mais positivamente para os mesmos atributos.

Os resultados dos estudos de Campbell-Kibler (2006, 2010b) fornecem fortes evidências sobre o papel das informações sociais na percepção, em linha com os resultados de

Niedzielski (1999) e Hay e Drager (2010), discutidos na seção anterior. Esses resultados corroboram com a hipótese de que a forma como os estímulos são apresentados aos ouvintes podem interferir na maneira como eles percebem e reagem a variantes linguísticas específicas, o que pode ajudar a entender melhor o seu papel na formação de impressões sociais para determinado grupo de falantes.

Na próxima seção, serão discutidos conceitos importantes para a compreensão da relação entre a materialidade linguística variável e os significados sociais a ela relacionados, e como eles têm sido usados dentro da Sociolinguística Variacionista para investigação do valor social da variação, principalmente entre os estudos da terceira onda.

2.2.1 Indicialização e registro: o papel do significado social na variação

Os experimentos resenhados até aqui parecem corroborar a hipótese de que alguns significados sociais parecem estar associados a determinadas formas linguísticas entre os falantes/ouvintes de uma língua. A pergunta natural que se impõe a partir dessa observação é: de que forma essa associação acontece? A teoria da indicialidade, ancorada sob os princípios da semiótica pierceana, surge para tentar explicar o mecanismo por trás dessa associação, sugerindo que ela acontece de forma indicial (OCHS, 1992; SILVERSTEIN, 1993; ECKERT, 2008).

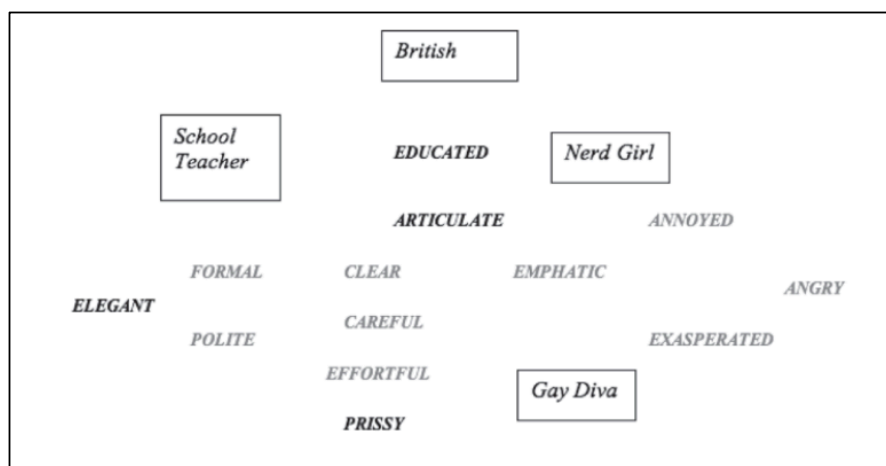
A teoria geral dos signos proposta por Pierce (1975) conceitua e caracteriza alguns tipos de signos a partir de sua relação com os significados que evocam. Um dos tipos descritos pelo autor é o “índice”, cuja relação com o(s) seu(s) significado(s) é estabelecida pelo princípio da contiguidade ou coocorrência: onde um aparece (índice), o outro frequentemente também aparece (significado). O som do latido é contíguo à presença de um cachorro num raio de distância próximo, por exemplo, assim como o sintoma de uma doença é contíguo à sua existência. Dessa forma, um (o latido, o sintoma) é índice do outro (o cachorro, a doença). Segundo Pierce (*apud* NÖTH, 2003, p. 82), “o índice está fisicamente conectado com seu objeto; formam, ambos, um par orgânico. Porém, a mente interpretativa não tem nada a ver com essa conexão, exceto o fato de registrá-la, depois de estabelecida”. Observando essa categoria de análise dentro da Sociolinguística, procura-se investigar a associação semiótica pela qual determinadas variantes vinculam-se a significado(s) social(is), estabelecida por meio de um processo indicial. Quando determinada variante ocorre com certa frequência na fala de pessoas de determinado grupo ou em determinados contextos de uso, por exemplo, ela pode tornar-se um índice para esse grupo ou para esse contexto específico (ECKERT, 2008).

Silverstein (2003), ao discutir a indicialidade que liga formas variáveis e significados sociais potenciais, sugere que a relação estabelecida entre eles se dá em ordens distintas. Variantes fortemente associadas a falas locais (geograficamente situadas) ou étnicas, segundo o autor, são consideradas índices de primeira ordem (n). A partir dessas associações primárias, outros significados podem ser atribuídos às formas quando estas passam a ser mais utilizadas em determinados contextos por determinados grupos, estabelecendo-se como índices de segunda ordem (n+1). Haveria, para o autor, uma competição dialética entre os índices de primeira e segunda ordem na medida em que os falantes começam a utilizar os signos de macro identificação (de primeira ordem) para destacar diferenças sociais ou identitárias, de forma consciente (interpretativa) ou inconsciente (performática), os quais passam a funcionar como índices de segunda ordem. Essa relação, contudo, não é linear, já que pode haver superposições etno-metapragmáticas entre os significados evocados pelos índices de primeira e segunda ordem, culminando na sua (re)combinação e (re)articulação, por parte dos falantes, para a identificação de categorias mais globais ou mais locais através de um mecanismo sociossemiótico. Além disso, essa relação também não é arbitrária, na medida em que esses significados de certa forma refletem as relações estabelecidas culturalmente entre os sujeitos e o mundo social que os cerca, estando ancorada num contexto sociocultural e ideológico mais amplo (SILVERSTEIN, 2003 *apud* AMARAL, 2022).

A teorização proposta por Silverstein (1976, 1993, 2003), ancorada na semiótica pierceana, foi revisitada em diversos estudos linguísticos ligados à performance, principalmente aqueles ligados à Antropologia da Linguagem, Pragmática e Linguística Aplicada (cf. WORTHAM, 2001; BLOMMAERT, 2010; POVINELLI, 2016). Na Sociolinguística, o conceito de ordem indicial foi revisitado por Eckert (2008) em análises que consideravam a variação inserida num sistema sociossemiótico amplo. Nesse contexto, a ordem indicial, compreendida como a materialização de uma estrutura de valor semiótico já existente, é constituída em direções múltiplas no tempo e no espaço, o que permite o estabelecimento de um conjunto de significados correlacionados e passíveis a reinterpretação constante, fluida e dinâmica. Para Eckert (2008), essa correlação entre significados pode ser observada por meio do que ela conceitua como campo indicial, uma “constelação de significados ideologicamente relacionados, que podem ser ativados nas situações de uso das variáveis” (ECKERT, 2008, p. 454). Segundo a autora, uma forma linguística pode associar-se indicialmente a esse conjunto de significados sociais ideologicamente relacionados, que vão se tornando mais específicos a depender do contexto social e do estilo em que é empregada pelos falantes. Essa relação seria, então, reflexo dos movimentos ideológicos dos indivíduos no percurso de suas interações.

Um exemplo de campo indicial amplamente conhecido na literatura sociolinguística é o criado por Eckert (2008) a partir de estudos envolvendo a soltura do /t/ no inglês americano, variante que compete com o *flapping* /ɾ/ em contexto intervocálico (Figura 23).

Figura 23 - Campo indicial para a soltura do /t/ no inglês americano



Fonte: Eckert (2008, p. 469).

Para a autora, esse campo, apesar de especulativo, representa, de certa forma, o sistema ideológico no qual a variante está inserida, apreendido a partir de sua observação em situações de falantes/ouvintes do inglês. Estudos de produção como os realizados por Bucholtz, (1999, 2001), Benor (2001), Campbell-Kibler, Roberts e Podesva (2001) e Podesva (2006), alguns dos quais serviram de base para a proposta de Eckert (2008), permitem uma observação mais detalhada sobre os esquemas ideológicos e os significados sociais situados que emergem a partir da interação entre falantes de determinados grupos.

Ao analisar etnograficamente o uso da soltura do /t/ por alunos do ensino médio de uma escola na Califórnia (lugar onde o *flapping* /ɾ/ é a variante predominante), Bucholtz (1999, 2001) percebeu que a variante atípica era recorrente na fala de um grupo de meninas que se autodenominavam “nerds” e se enxergavam como “maverick intellectuals” (não necessariamente as mais inteligentes, mas definitivamente mais espertas que os próprios professores). Nesse contexto, a variante parecia indicializar intelectualidade para a comunidade analisada pela pesquisadora. Ainda na Califórnia, Benor (2001) atesta a alta ocorrência dessa mesma variante entre judeus ortodoxos, principalmente entre os meninos que estudaram ensinamentos judaicos antigos (Talmud) em uma escola de rabinos, sendo ainda maior em contextos mais formais de produção, como em debates. Além de indicializar um “falar judeu”,

dentro dessa comunidade, a variante acaba ganhando significados ligados à formalidade e à polidez.

A partir da observação do comportamento linguístico de Heath em situações de interação distintas (consultório médico e churrasco com amigos), Podesva (2006) constatou a alta recorrência da variante em ambos os contextos, com maior incidência no ambiente de trabalho. O pesquisador chega à conclusão de que a variante foi utilizada pelo falante de forma a projetar diferentes sentidos a depender do contexto: enquanto profissional, era utilizada para indiciar competência e articulação, enquanto no churrasco, para indiciar o significado de “diva gay”. Uma motivação semelhante a esta pareceu justificar o uso da soltura do /t/ por advogados de uma comunidade gay (Liga Lambda) que lutava para não ser excluída de um clube de escoteiros. A comparação entre a frequência de uso entre esses advogados e a frequência de uso entre os que defendiam a exclusão (representando a causa dos “héteros”) feita por Podesva, Roberts e Campbell-Kibler (2001) pode indicar que, apesar daqueles não necessariamente se identificarem como gays, parecem adotar algumas dessas práticas linguísticas a eles associada (a soltura do /t/), de forma a criar um contraste simbólico nesse contexto. Observa-se, dessa forma, uma ampla gama de significados apreendidos em diferentes contextos que parecem estar relacionados a partir de qualidades permanentes como “articulação”, “ênfase” e “clareza”, como sugere Eckert (2008) no campo indicial por ela elaborado. Esses significados estariam disponíveis à reinterpretação na medida em que fossem utilizados pelos falantes para a construção e/ou consolidação de novos estilos (SENE, 2022).

A observação dos esquemas ideológicos que emergem da análise dos estilos nos quais as formas linguísticas são utilizadas pelos falantes acaba tornando-se uma importante ferramenta para entender o próprio processo a partir do qual essas variantes, sem função distintiva aparente na estrutura da língua, passam a indiciar significados não-referenciais. Segundo Irvine e Gal (2000, p. 35), os falantes fazem o mapeamento da compreensão da variação na fala a partir da observação de pessoas, eventos e atividades que são significativas para eles. Esse pode ser um caminho interessante para compreender de que forma determinada variável acaba indicializando tão fortemente determinado conjunto de significados relacionados, processo chamado por Agha (2006) de “registro”²⁷. Segundo o autor, ele se dá quando um conjunto de formas se torna socialmente diferenciável para determinado grupo de falantes independente do contexto de interação, podendo ser identificadas e apontadas por eles em discursos metalinguísticos ou em testes de percepção. Silverstein (2003) sugere que esse

²⁷ No original, *enregisterment* (AGHA, 2006).

processo só se consolida a partir de práticas metapragmáticas conjuntas entre os falantes de determinado grupo e, segundo Agha (2006), tendem a estabilizar-se quando há certa concordância entre os contextos e as motivações para o uso dessas variantes por parte dos indivíduos, mediados ideologicamente.

Do ponto de vista da produção, estudos de terceira onda têm sido importantes para identificar a relação entre significados sociais e formas linguísticas a partir do seu papel na construção de estilos por parte dos falantes ao performarem sua(s) identidade(s). O aspecto identitário passa a ser fundamental nesse tipo de observação, já que se vincula justamente às negociações ativamente estabelecidas entre os falantes e construtos sociais mais abrangentes, que podem ser observadas em diversos níveis simbólicos, dentre eles, a linguagem (MENDOZA-DENTON, 2008). Battisti (2014), citando Bourdieu (1977), reitera a noção de negociação na construção da identidade, a partir da qual a experiência de pertencimento a diferentes grupos se consolida no *habitus*, nas práticas outrora apreendidas e reapreendidas no processo de socialização dos indivíduos em diversos tipos de comunidades (OUSHIRO, 2019).

O conceito de agentividade, dentro desse contexto, também passa a ser importante ao explorar a forma ativa como o falante expressa sua identidade por meio do uso da linguagem (mais especificamente no uso de determinadas variantes, em termos sociolinguísticos). O uso dessas variantes deixa de ser observado como um reflexo direto do comportamento dos grupos macro-categóricos (como homens e mulheres, mais jovens e mais velhos) e passam a ser discutidos sob a ótica dos significados não-referenciais estabelecidos a partir de diferentes grupos sociais, dos mais gerais aos mais locais. Segundo Kiesling (2013), esses grupos podem ser classificados em diferentes níveis/escalas: um mais amplo e relacionado a categorizações como “classe social”, “etnia”, “faixa-etária” etc.; um ligado a papéis institucionais assumidos pelo indivíduo, como “juiz”, “educador” etc.; e um relacionado à postura assumida por ele na interação. Segundo o autor, é preciso levar em conta essa escala de operacionalização de significados na análise da relação entre o grau de vinculação dos falantes a esses grupos e a construção de sua identidade (OUSHIRO, 2019; SANTOS, 2020).

Por outro lado, independentemente da força dessas relações, a agentividade do falante, aquela relacionada à sua performance linguística individual e consciente, é limitada por restrições de natureza linguística e social. Nas palavras de Oushiro (2019), “é pouco provável que um indivíduo monitore e manipule conscientemente cada traço linguístico de sua fala a todos os momentos” (2019, p. 309). Retomando Gumperz (1964), a pesquisadora destaca que o papel agentivo do falante pode ser relativizado na medida em que a sua liberdade de escolha está sujeita a restrições gramaticais (relacionadas ao conjunto de variantes estruturalmente

possíveis) e sociais (relacionadas à aceitabilidade de determinadas formas em determinados contextos de produção). Além disso, os falantes não são expostos ao conjunto completo de variantes possíveis e, conseqüentemente, dos significados sociais a elas indicializados, mas apenas àquelas socialmente salientes para os grupos com os quais se filiam ou interagem (LEVON; FOX, 2014).

Do ponto de vista da percepção, os estudos que lidam com atitudes e reações subjetivas implícitas dos ouvintes sobre o uso de variantes específicas (cf. GILES; BILLINGS, 2004) possibilitam expandir análises sobre o reconhecimento dessas variantes como índices para determinados significados sociais, principalmente quando investigam a própria saliência dessas formas. Antes de entrar nessa seara, vale a pena observar mais de perto o papel da saliência na investigação dos fenômenos variáveis.

2.2.2 O papel da saliência na investigação da variação sob a perspectiva do ouvinte

O conceito de saliência, caro aos estudos linguísticos desde o começo da sistematização dessa área de pesquisa (ligado ao princípio da marcação na escola de Praga, por exemplo), varia a depender da perspectiva teórica adotada e do nível de análise observado. Há algum consenso, entretanto, no entendimento de que uma estrutura é mais saliente que outra quando requer um esforço maior no seu processamento ou quando é menos frequente em determinado contexto (CHAFE, 1974; GIVÓN, 1985; KECSKES, 2011 *apud* FREITAG, 2018). Freitag (2018), em uma revisão sobre o tema, pontua três abordagens para as quais os estudos em Sociolinguística têm oferecido importantes resultados: a saliência estrutural – geralmente associada à economia e à funcionalidade das formas no sistema; a distribucional – relacionada à percepção de distribuições sociolinguísticas quantitativas; e a sociocognitiva – relacionada à avaliação social das formas, estabelecidas a partir de fatores como frequência, convencionalidade e familiaridade (FREITAG, 2018).

No que se refere à saliência estrutural, os estudos de produção de base sociolinguística, ao descreverem padrões de encaixamento de variantes em contextos estruturais possivelmente condicionantes para um determinado uso, fornecem evidência para fortalecer (ou refutar) teses funcionalistas sobre a influência da saliência na direção de possíveis mudanças. Labov (1994), por exemplo, aponta, a partir da análise das distribuições do apagamento de /t/ e /d/ finais no inglês, que estruturas menos salientes, como o morfema /-ed/ em perífrases do *present perfect* (como em “*He has worked*”) não são contextos em que o apagamento mais acontece. Em comparação com o mesmo morfema em verbos regulares do passado (Como em “*He worked*”),

a forma seria menos saliente, já que a noção temporal é marcada também pelo verbo regular naquele tempo verbal, e esperava-se que seu apagamento fosse mais recorrente nesse contexto. Segundo autor, o mecanismo de repetição e o condicionamento fonético parecem ser mais significativos para escolha das variantes (LABOV, 1994).

No Brasil, trabalhos sobre concordância apontam que a saliência do /s/ em coda em certos contextos, como aqueles em que a marcação de plural ocorre também com outra marca além da desinência (como o alçamento vocálico em “as casas novas”), pode estar relacionado ao seu uso mais ou menos recorrente por alguns grupos (SCHERRE; TARALLO, 1989; SCHERRE; NARO, 1991, 1998, 2006; BRANDÃO; VIEIRA, 2012). Outros estudos de concordância também apontam questões sobre saliência relacionadas a outros níveis, como o sintático e o semântico, que podem auxiliar no entendimento da frequência de ocorrência de certas variantes nas comunidades (ver SCHERRE; NARO; CARDOSO, 2007; TAVARES; FREITAG, 2010; BRANDÃO; VIEIRA, 2012). Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018) apontam o efeito de saliência no uso do gerúndio (/ndo/ ~ /no/), que parece sofrer influência de questões estruturais e cognitivas, como a frequência e a extensão da palavra.

Com relação à saliência distribucional, esta dialoga diretamente com a capacidade cognitiva do ouvinte de reconhecer padrões de variação a partir de sua distribuição na fala de grupos social e culturalmente distintos. Inferências sobre indicadores, marcadores e estereótipos nos termos de Labov (2008 [1972]) podem ser feitas a partir da distribuição do uso dessas variantes entre diferentes grupos. Essa distribuição também parece atuar no reconhecimento e no processamento das formas variáveis, na medida em que está ligada à capacidade dessas formas evocarem significados sociais distintos, ao que Levon e Fox (2014) chamam de saliência social.

Observando a sensibilidade perceptual dos ouvintes às distribuições de variantes, a partir dos resultados de um estudo de percepção envolvendo o uso de variantes do “-ing” na fala de jornalistas, Labov *et al.* (2011) sugerem a existência de um “monitorador sociolinguístico” que opera de forma integrada ao processamento linguístico em tempo real. Uma série de experimentos foram aplicados a ouvintes da Pensilvânia, Filadélfia, Columbia, Carolina do Sul, Durham e New Hampshire com o intuito de verificar se eles eram sensíveis às frequências com as quais a forma não-padrão aparecia nos estímulos apresentados (leituras de manchetes de jornal feitas pelo mesmo orador). Ao ouvir os trechos, os participantes deveriam avaliar o falante ouvido com relação à sua adequação profissional numa escala Likert de sete pontos. Os resultados mostravam mudanças nos padrões de respostas proporcionais à frequência de aparição da variante não padrão nos estímulos avaliados em todos os grupos de

ouvintes. Esses padrões também se mostraram sensíveis à assimetria (quando a variante ocorre em contexto não esperado), gênero (mulheres convergiram nas avaliações negativas) e idade de aquisição. Esses resultados apontam, segundo os pesquisadores, para a existência do monitorador sociolinguístico: uma propriedade cognitiva responsável por rastrear, armazenar e processar distribuições de variantes socialmente salientes, refletidas na forma como os ouvintes avaliam trechos de fala a partir dessas frequências de uso.

Levon e Fox (2014), baseados no trabalho de Labov *et al.* (2011), desenvolveram um experimento envolvendo a percepção de duas variáveis do inglês britânico (as realizações do “-ing” e do “th”) para testar o funcionamento do monitorador sociolinguístico. Para isso, examinaram se os julgamentos sobre adequação profissional feitos por 149 ouvintes britânicos do norte e do sul do país mudariam em função do tipo e da quantidade de variáveis apresentadas nos experimentos. Ao comparar os resultados, com relação à percepção do “-ing”, os pesquisadores não observaram correlação entre o aumento da quantidades de pronúncias alveolares entre os estímulos e a diminuição na percepção do profissionalismo do falante, contrariando a expectativa baseada na estratificação da variável com relação à formalidade verificada em dados de produção entre os falantes do norte e do sul. No que se refere à pronúncia do “th”, resultados semelhantes foram verificados entre os ouvintes do Sul, apesar dessa variável apresentar estratificação ligada principalmente à urbanidade e à classe trabalhadora. Entretanto, entre os ouvintes do Norte, foi observada uma correlação linear – e não logarítmica, como na proposta de Labov *et al.* (2011) – entre a maior frequência de pronúncias labiais e uma menor percepção de profissionalismo do falante. A partir desses resultados, Levon e Fox (2014) sugerem que as atitudes não são ativadas de forma automática e que as experiências prévias dos ouvintes com as variáveis influenciam na centralidade dos significados analisados, ou seja, a saliência social de uma variável determina se e como ela é avaliada. A suposição da estabilidade avaliativa, dessa forma, daria lugar à observação da percepção como um processo complexo e variável.

Levon e Buchstaller (2015), na mesma seara dos trabalhos de Labov *et al.* (2011) e Levon e Fox (2014), testam se variáveis morfossintáticas também estão disponíveis para o monitorador sociolinguístico da mesma forma como as variáveis fonéticas estão. Para isso, desenvolveram testes de percepção envolvendo a percepção da ausência de concordância na terceira pessoa do singular (ex.: *He like*) e a pronúncia labiodental para o “th” (ex.: “[f]ink”), em estímulos com diferentes quantidades de variantes não padrão dessas variáveis. Esses testes foram aplicados a 84 ouvintes ingleses, estudantes da universidade de Londres e de Newcastle, com o intuito de detectar o quão profissionais soavam os ouvintes dos estímulos ouvidos

considerando o tipo de variável e a quantidade de formas não padrão dessas variáveis no trecho escutado. Entre os principais resultados, os pesquisadores destacam que os ouvintes foram sensíveis à frequência de distribuição para ambas as variáveis, o que vai de encontro ao princípio da interface – ligado à crença de que os ouvintes não são capazes de avaliar variáveis estruturais mais abstratas (LABOV, 1994). Entretanto, os diferentes padrões de avaliação aferidos considerando o tipo de variável sugerem que “[...] os significados sociais da variação no nível fonético podem, em certo sentido, estar mais prontamente disponíveis para os ouvintes (ou seja, mais socialmente salientes) do que aqueles associados a variação no nível gramatical” (LEVON; BUCHSTALLER, 2015, p. 340)²⁸. Além disso, as avaliações também se diferenciaram considerando a região de origem dos ouvintes (os ouvintes do Norte, onde a ausência de concordância é mais presente em dados de produção, são mais sensíveis a esse fenômeno do que os ouvintes do Sul) e do estilo cognitivo individual (ouvintes do Sul com diferentes perfis pragmáticos avaliaram de forma diferente a falta de concordância: participantes como maiores scores na escala de linguagem pragmática foram mais sensíveis à variável). Assim como pontuam Levon e Fox (2014), os pesquisadores chamam atenção para os efeitos sociais e culturais das experiências prévias dos ouvintes na operação do monitorador sociolinguístico, bem como para o efeito das diferenças geograficamente marcadas, já que o que parece ser saliente entre os ouvintes de uma determinada variedade pode não ser saliente entre os ouvintes de outra.

A saliência sociocognitiva, nos termos postos por Freitag (2018) considerando a abordagem de Schmid e Günther (2016), está, de certa forma, atrelada à saliência distribucional (considerando o que foi demonstrado sobre a operação do monitorador sociolinguístico) e pode ser observada a partir da perspectiva do ouvinte, da motivação de sua saliência, do mecanismo subjacente a ela e do contexto em que foi ativada: uma determinada variante seria saliente para um determinado grupo (perspectiva do ouvinte) por ser altamente esperada ou altamente não esperada em um dado contexto (motivação), confirmando ou violando expectativas derivadas das probabilidades de ocorrências (mecanismo) e ativadas pelo contexto linguístico, situacional ou social em que foram ouvidas (contexto). Dessa forma, a interação entre frequência, convencionalidade e familiaridade das formas entre os ouvintes culminariam no seu gradual estabelecimento como protótipos e estereótipos em relação a determinados grupos e contextos (FREITAG, 2018).

²⁸ Tradução livre do trecho “[...] the social meanings of phonetic variation may in some sense be more readily available to listeners (i.e., more socially salient) than those associated with grammatical variation”.

Os estudos de percepção e avaliação, nesse cenário, tornam-se valiosos instrumentos para aferir a força da associação entre as formas e possíveis significados sociais, nos termos descritos na seção anterior. Abordagens para acessar avaliações de forma direta e consciente, como metacomentários em entrevistas sociolinguísticas (LABOV, 2008 [1972], 1993; HORA, 2011; FREITAG; SANTOS, 2016; OUSHIRO, 2021) e os mapas desenhados à mão em trabalhos da Dialetoлогия Perceptual (PRESTON, 1996, 1999, 2002, 2010), ou de forma indireta e inconsciente, como as adotadas por estudos que utilizam *matched guise* (LAMBERT *et al.*, 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2006, 2007, 2010b) ou *verbal guise* (LADEGAARD, 2000; DAILEY; GILES; JANSMA, 2005), fornecem evidências empíricas sobre a saliência sociocognitiva de determinadas variantes em diferentes níveis perceptuais. Inclusive, o tipo de saliência (se mais ou menos consciente) sobre diferentes variedades podem atuar em diferentes direções e ajudar a discutir observações em dados de produção, como aqueles relacionados a processos de acomodação, por exemplo. Giles, Coupland e Coupland (1991 *apud* FREITAG, 2018, p. 8) apontam que a acomodação mais consciente ocorre com traços linguísticos mais salientes e a acomodação inconsciente tende a ocorrer com traços menos salientes.

As impressões sociais vinculadas por determinadas variantes mais salientes também parecem interferir no processamento e na categorização dos sons da fala, como sugerem os resultados de Niedzielski (1999), Plichta e Preston (2005) e Hay e Drager (2010), discutidos na seção 2.1.2. O estudo de Hay, Warren e Drager (2006) sobre a fusão dos ditongos /iə/ (como em *near*) e /eə/ (como em *square*) aponta que ouvintes da Nova Zelândia, aos escutarem a mesma pronúncia de algumas palavras contendo um desses ditongos, emparelhadas a fotos de pessoas mais jovens e mais velhas, vestidas como classe média e como classe trabalhadora, afirmaram ouvir pronúncias distintas a depender da foto vista. A direção da indicação (se um ou outro ditongo) era coerente com a variante mais recorrente em cada um dos grupos de falantes representados pelas fotos.

Estudos de percepção também podem ajudar a entender como experiências prévias, crenças e ideologias podem refletir na força da associação entre as formas e os significados sociais e, consequentemente, na saliência dessa forma em determinado julgamento para determinado grupo. O trabalho de Levon (2014) oferece evidências nesse sentido. A partir de testes de percepção envolvendo a combinação de três variáveis (*pitch* médio, pronúncia do /s/ e pronúncia do “th”), o pesquisador observou os padrões de avaliação fornecidos por homens do Reino Unido a partir de categorias como gênero, sexualidade e classe social, dos quais também foram coletadas informações sobre suas crenças acerca dessas categorias. Entre os principais resultados, Levon (2014) aponta que, em termos gerais, pronúncias mais

anteriorizadas do /s/ fizeram com que os falantes soassem menos masculinos e mais gays, que *pitch* mais alto foi associado à menor competência e pronúncias mais labiais do “th” foram associadas à simpatia. Ele destaca que variáveis mais salientes pareciam guiar os julgamentos e que ouvintes mais conservadores associaram o *pitch* mais elevado e a pronúncia mais anterior para o /s/ à baixa masculinidade e à maior homossexualidade, tendência não verificada entre os ouvintes que rejeitavam esses estereótipos. A partir desses resultados, o autor conclui que a percepção dos significados sociais se dá a partir da combinação entre fatores cognitivos e atitudinais que emergem a partir do uso da língua.

Experimentos como os de Levon (2014), assim como vários outros já aqui reportados, chamam a atenção para o fato de que diferenças fonéticas mais sutis podem ser sensíveis à avaliação para os ouvintes (HAY; DRAGER, 2007). A Sociofonética, agenda de estudos relativamente nova, vem se estabelecendo nesses tipos de investigação como uma abordagem teórico-metodológica que, ao combinar conhecimentos e técnicas da Fonética Experimental e da Sociolinguística, auxilia no mapeamento do papel que determinado traço fonético gradiente adquire no processo de indicialização de significados sociais. Entre os principais objetivos dessa agenda está o de analisar como variantes fonéticas são adquiridas, armazenadas, processadas e avaliadas no processo de produção e percepção, considerando aspectos estruturais, cognitivos e sociais (FOULKES; SCOBIE; WATT, 2010).

Os estudos de percepção sociofonética, segundo Thomas (2002), ajudam a responder questões relacionadas a (i) habilidade dos ouvintes em identificar dialetos regionais, etnias ou nível socioeconômico dos falantes; (ii) como os estereótipos podem influenciar na percepção dos sons; (iii) como diferenças dialetais podem afetar a categorização dos sons; e a (iv) atitudes e avaliações convergentes sobre determinadas variantes considerando adequação profissional do falante, atributos ligados à sua personalidade ou a outras características pessoais. Ao longo deste capítulo, foram discutidos resultados de estudos envolvendo todas essas questões. Na próxima seção, serão apresentados resultados de estudos de percepção que direta ou indiretamente dialogam com essa corrente, seja do ponto de vista teórico ou metodológico, desenvolvidos no Brasil.

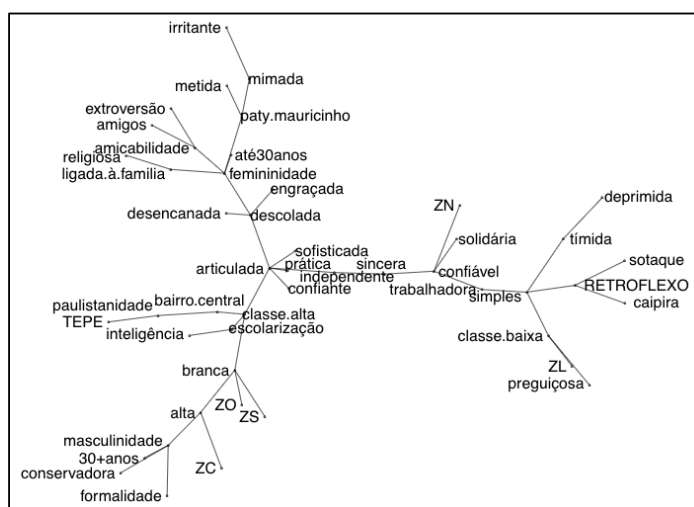
2.3 PERCEPÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS NO BRASIL

No Brasil, a Sociolinguística Laboviana foi amplamente difundida a partir dos anos 80. A maior parte dos trabalhos até então desenvolvidos analisavam dados de produção extraídos de entrevistas realizadas com falantes de determinadas comunidades de fala, nos

moldes dos estudos de primeira onda. Alguns escassos trabalhos debruçaram-se sobre a percepção dos ouvintes sobre variantes linguísticas nessa primeira leva de estudos variacionistas, realidade que vem mudando nos últimos anos. Nesta seção, estão resenhados alguns dos trabalhos dessa nova leva de estudos com foco no ouvinte desenvolvidos a partir de testes de percepções sociolinguísticas, utilizando métodos experimentais mais populares entre os estudos de terceira onda, como *matched guise*.

O estudo de Oushiro (2015) destaca-se como um dos primeiros trabalhos brasileiros a investigar avaliações sistemáticas de variantes fonéticas por ouvintes de uma comunidade de fala a partir de um experimento altamente controlado. Este experimento foi elaborado como parte de uma investigação maior a respeito do comportamento da variável linguística “-r” entre falantes da cidade de São Paulo, composta por uma análise das distribuições de uso de suas variantes entre grupos socialmente estratificados (nos moldes da primeira onda) e pela observação dos padrões de avaliação obtidos por meio de um teste de percepção. Este foi elaborado a partir da técnica de estímulos pareados (*matched guise*), e os pares de pronúncias gravadas pelos mesmos informantes (dois homens e duas mulheres, com cerca de 30 anos de idade, ensino superior e residentes na Zona Oeste) diferenciavam-se entre si apenas pela pronúncia do retroflexo ou do tepe para a variável analisada. Um questionário aberto foi aplicado a um conjunto menor de participantes (30) com o intuito de colher avaliações espontâneas que surgiam após escutarem os falantes pronunciando uma ou outra variante, e os rótulos mais frequentes foram utilizados para o teste propriamente dito, aplicado a 185 ouvintes paulistanos com o objetivo acessar suas as reações inconscientes. Entre os principais resultados, Oushiro (2015) pontua que variável parece indiciar identidades geográficas (dentre elas, paulistanidade, sotaque e centralidade do bairro), graus de formalidade e de escolarização e classes sociais, além de outros significados relacionados ao *status* do falante. Baseada no conceito de campo indicial de Eckert (2008), a pesquisadora propõe um método para computar coocorrência na avaliação dos atributos a partir de uma matriz de dissimilaridade: a árvore de distâncias mínimas (Figura 24). Ela possibilita uma interpretação mais precisa das correlações observadas e auxilia na previsão sobre prováveis atribuições de significados sociais a variantes por diferentes grupos sociais.

Figura 24 - Campo indicial de (-r) em São Paulo



Fonte: Oushiro (2015, p. 313).

Dialogando com pesquisas que apontam o papel de características sociais dos ouvintes na percepção do detalhe fonético, Soriano (2016) investiga se ouvintes paulistanos (N=109) com diferentes perfis distinguem de forma desigual pares de pronúncias para a variável (-r) em coda, produzidas por um mesmo informante. Os pares foram montados levando em consideração cinco variantes (a vibrante com três batidas, a com duas batidas, o tepe, a aproximante alveolar e a retroflexa) e serviram de base para a construção de um teste de percepção sociofonética nos moldes dos desenvolvidos por Campbell-Kibler (2006, 2007, 2009) e Hay e Drager (2007). Entre os principais resultados, a pesquisadora constatou que a atribuição de contrastes entre os pares foi distinta entre homens e mulheres e entre habitantes de bairros diferentes. As mulheres e os moradores das regiões mais centrais pareciam perceber mais distinções entre os pares ouvidos, o que, segundo a autora, confirma a hipótese de que fatores extralinguísticos influenciam a percepção fonética.

Partindo dos resultados de produção reportados por Oushiro (2015) a respeito da pronúncia do /e/ nasal [EN] (como em “faz[ẽj]da” vs. “faz[ê]da”) e da concordância nominal de número [CN] (como em “os meninos” vs. “os menino”), Mendes (2018) elaborou quatro experimentos de percepção do tipo *matched guise* considerando essas variáveis com o objetivo de acessar quais significados sociais poderiam estar associados a essas formas entre os paulistanos. No primeiro experimento, os ouvintes ouviam quatro rapazes produzindo formas com e sem concordância, e estes eram percebidos como mais masculinos quando apresentados utilizando a forma não padrão. No segundo bloco, os ouvintes ouviram dois homens e duas

mulheres produzindo as mesmas formas (com e sem concordância); entretanto, o padrão de respostas foi mais complexo: apenas um rapaz e uma moça foram avaliados como mais masculinos (ou menos femininos) quando escutados utilizando a forma não padrão, ao contrário dos outros dois, que não apresentaram diferenças de avaliação significativas para masculinidade/feminilidade considerando o uso da variável. No terceiro experimento, os dois casais ouvidos no teste anterior foram apresentados pronunciando a forma monotongada e ditongada para o /e/ nasal. Uma das mulheres foi avaliada como mais feminina ao usar a variante ditongada e um dos homens foi avaliado como menos masculino ao ser escutado sob o disfarce ditongado. O último bloco apresentou, por fim, apenas um homem e uma mulher produzindo estímulos que combinavam as variantes de [EN] e [CN]. Os resultados mostraram que há efeito de (CN) na percepção de masculinidade para o homem, enquanto para a mulher essa percepção está relacionada com o uso de [EN]. O pesquisador, a partir desses resultados, chega à conclusão de que os efeitos dessas duas variáveis são independentes entre si, o que vai de encontro à sua hipótese inicial baseada nos resultados de Campbell-Kibler (2011), Podesva (2007) e Eckert (2012)

Melo e Gomes (2019), com o intuito de analisar a percepção das variantes palatoalveolares [ʃ/ʒ], como em “me[ʒ]mo”, e velares/glotaux [x/ɣ, h/ɦ], como em “me[h]mo”, entre ouvintes do Rio de Janeiro, aplicou um teste de associação de profissões a três grupos de participantes, pertencentes a dois grupos sociais distintos na comunidade carioca (um grupo de jovens universitários e dois grupos de moradores de favelas, cada um com 12 participantes). Seu objetivo era verificar se o estigma das variantes velares/glotaux, observado seu uso recorrente entre pessoas menos escolarizadas em dados de produção, correspondia, no nível da percepção, à associação dessas formas a significados sociais em função de diferentes perfis sociais dos participantes. Os estímulos foram construídos de forma a apresentar sentenças com uma ou duas ocorrências das variantes alvo, todas gravadas por uma mesma falante (mulher, universitária, entre 25 e 30 anos) e apresentadas aos ouvintes intercaladas com sentenças distratoras. Ao serem expostos ao trecho de fala, deveriam escolher que profissão acreditavam se encaixar no perfil da falante: médica, auxiliar de enfermagem e faxineira – três diferentes ocupações profissionais, que podem ser situadas em uma escala com diferentes graus de prestígio na sociedade. Entre os principais resultados, verificou-se que (i) o número de vezes que a variante aparecia no estímulo não apresentou efeito sobre sua avaliação por nenhum grupo; (ii) a variante glotal foi mais associada ao perfil profissional menos prestigiado socialmente (faxineira); e (iii) as avaliações foram diferentes entre os grupos: os falantes de um dos grupos de habitantes das favelas (do *corpus* EJLA) não associou a variante estigmatizada

majoritariamente ao perfil de menos prestígio (29%) como aconteceu com o grupo de ouvintes universitários, em maior grau (81%), e entre os do outro grupo de moradores da favela (68%). Para os pesquisadores, os resultados revelaram que a dinâmica de percepção dos ouvintes de uma determinada comunidade de fala é complexa, uma vez que, conforme pôde ser observado, não só existem padrões de avaliação diferentes entre os grupos, como também essas diferenças são graduais e estão relacionadas ao grau de acesso desses indivíduos às instituições que acabam contribuindo para a manutenção dos padrões de prestígio.

Freitag (2020) elaborou um experimento para testar a hipótese do monitor sociolinguístico (LABOV *et al.*, 2011; LEVON; FOX, 2014) a partir de uma variável cujo comportamento vem sendo amplamente descrito em diversos estudos de produção: as oclusivas /t,d/ antes e depois de [i,j]. A depender da posição da vogal que funciona como gatilho para a palatalização das oclusivas (se antes, como em “muito”, ou depois, como em “tio”), a variante palatalizada possui graus de avaliação diferentes, considerando dados de produção (HORA; HENRIQUE, 2015). A partir de estímulos com distribuições alternadas das realizações oclusivas ou africadas e com frequência gradual de ocorrências em cada contexto (de assimilação regressiva, antes da vogal, ou progressiva, depois da vogal), Freitag (2020) elaborou um experimento para testar se o julgamento de uma candidata para o cargo de jornalista mudava considerando a quantidade de variantes presentes no estímulo escutado em cada um dos contextos. Entre os principais resultados, a pesquisadora constatou que as avaliações foram diferentes a depender do contexto de assimilação: no contexto progressivo, as respostas diminuíram em função do aumento da porcentagem de realizações palatais; no regressivo, por outro lado, não houve diferença significativa entre as respostas considerando a frequência de ocorrência da variante palatalizada. Segundo ela, esses resultados corroboram parcialmente a hipótese de que o monitor sociolinguístico é sensível à frequência de ocorrências para estereótipos negativos, conforme o estudo de Labov *et al.* (2011). No entanto, para os estereótipos positivos, os resultados assemelham-se aos de Levon e Fox (2014), que não verificaram relação significativa entre a frequência e a sensibilidade do monitor sociolinguístico.

Santos (2020), em sua tese de doutorado, analisa os possíveis efeitos da morfologia do indicativo e do subjuntivo, variável aparentemente saliente em discursos metalinguísticos entre os falantes de São Paulo, no julgamento de atributos como competência, seriedade, formalidade e antipatia na fala de ludovicenses e paulistanos. Para isso, o pesquisador escolheu trechos gravados por quatro falantes (dois de São Luís e dois de São Paulo) em que produziam orações subordinadas adverbiais, introduzidas por “embora” ou “talvez”, e substantivas, introduzidas

por “querer” ou “acreditar”, com verbos flexionados no indicativo (ex.: “o chefe quer que a secretária permaneça na reunião”) e no subjuntivo (ex.: “o chefe quer que a secretária permaneça na reunião”). Esses estímulos foram pareados e apresentados a ouvintes de ambas as capitais, seguindo a técnica de Lambert *et al.* (1960) e Campbell-Kibler (2006, 2009). Dentre os principais resultados, o pesquisador aponta que os falantes foram avaliados, no geral, como mais competentes e mais antipáticos quando ouvidos utilizando as formas no subjuntivo pelos ouvintes de ambas as comunidades. Os falantes paulistanos foram percebidos como mais paulistanos quando usavam utilizavam os verbos no subjuntivo pelos ouvintes ludovicenses (o que sugere que estes ouvintes podem acreditar que os paulistanos têm mais acesso a bens de cultura), e quando usavam no indicativo pelos ouvintes de São Paulo (o que sugere que se reconhecem nesse uso verbal). Diferente dos ouvintes de São Paulo, que avaliaram todos os ouvintes como possuindo nível superior, os ouvintes de São Luís indicaram mais que os falantes possuíam escolaridade mediana quando os falantes usavam disfarces no indicativo, o que, segundo o pesquisador, pode indicar que a percepção dessas formas é socialmente estratificada entre os ludovicenses, mas não entre os paulistanos.

Barcellos (2020), considerando as pronúncias canônica [ẽ] e alongada [ẽ:] para o /a/ nasalizado – esta última apontada como estereótipo do falar paulistano –, elaborou um teste de percepção com o intuito de verificar se paulistanos e não paulistanos (do interior e de fora do estado de São Paulo) percebem falantes utilizando essas formas de modo distinto a partir de atributos como inteligência, formalidade, escolaridade, classe social, bairro de origem, sucesso profissional, amigabilidade, masculinidade e feminilidade, entre outros. Esses atributos foram estabelecidos considerando reações espontâneas de 27 ouvintes paulistanos e 23 não paulistanos a estímulos com a variante alongada coletados a partir de entrevistas metalinguísticas. Os estímulos para o teste de percepção aplicado a 70 ouvintes da cidade de São Paulo e 53 de outras cidades foram gravados por dois homens e duas mulheres paulistanas, que produziram disfarces com vogais alongadas e não alongada para duas ocorrências /a/ nasalizado por trecho/estímulo. Entre os ouvintes de São Paulo, os falantes foram mais indicados como “brancos” (identificação étnica) quando ouvidos com o disfarce alongado. Entre os ouvintes de fora da cidade, os informantes soaram mais inteligentes, paulistanos, amigáveis, de classe média alta, residentes em bairros centrais da cidade e bem sucedidos profissionalmente quando escutados nesse mesmo disfarce, além de serem associados à idade adulta, na faixa-etária dos 20 anos, e ao perfil conservador.

Carvalho e Lopes (2022) analisam a percepção do uso de “tu” e “você” entre ouvintes do Rio de Janeiro a partir da hipótese de que existiriam diferenças nas avaliações das formas

ligadas ao valor social relacionado à ausência de concordância verbal com a segunda pessoa com o pronome tu (tu faz/tu fazes) em dados da fala carioca. Os estímulos apresentados aos 30 ouvintes consistiam em 40 cenas com diálogos curtos disponibilizadas por editoras de livros didáticos no *youtube*, das quais 20 apresentavam interações simétricas (entre familiares e/ou amigos) e 20, assimétricas (entre patrão e empregado, cliente e vendedor etc.). Os participantes deveriam atribuir uma nota (de 1 a 5) para a naturalidade e a adequação dos diálogos dublados em relação à cena, e essas dublagens apresentavam falas com usos alternados de “tu” e “você”, acompanhados ou não de verbo. Os resultados mostraram que as cenas foram julgadas de maneira positiva quando a forma “você” era empregada, independente do tipo de relação entre os interlocutores (se simétrica ou assimétrica) ou da presença ou não de verbo. Com relação às cenas com o pronome “tu”, as cenas foram identificadas como mais naturais e adequadas quando apresentavam relação simétrica. Segundo as pesquisadoras, ao contrário do que se esperava, não parece haver relação entre a percepção sobre a variante “tu” e a ausência de concordância canônica.

Sene (2022), com o objetivo de verificar a existência de correlação entre soar menos masculino e soar mais gay, investiga o efeito da duração do /s/ em coda e o *pitch* médio na percepção de masculinidade, numa tese que se interessa por questões ligadas à relação entre linguagem, gênero e sexualidade. Para isso, utilizando a técnica de estímulos pareados, desenvolveu três experimentos. No primeiro deles, trechos de fala espontânea de quatro homens paulistanos foram selecionados e, a partir das produções originais, que continham fricativas em coda com duração entre 0,07 e 0,13 milissegundos, novos estímulos foram criados alongando o tempo das fricativas, que passaram a ter entre 0,24 e 0,32 milissegundos. Esses estímulos foram apresentados a 122 ouvintes do interior do estado de São Paulo, que deveriam julgar se os donos das vozes soavam mais ou menos escolarizados, amigáveis, gays, formais, inteligentes, de classe alta ou masculinos em ambos os disfarces (com e sem o /s/ alongado). Com relação aos resultados, o pesquisador aferiu que os quatro falantes foram avaliados como mais gays e menos masculinos quando ouvidos com fricativas mais longas, o que confirma a hipótese de uma possível relação entre esses dois atributos. No segundo experimento, 265 ouvintes de Minas Gerais e São Paulo interagiram com 16 vozes masculinas tecendo comentários sobre o clima, 8 das quais o *pitch* médio foi alterado para cima (+30 Hz), de modo a criar pares vozes mais graves e agudas dos mesmos falantes. Eles deveriam avaliar as vozes a partir dos atributos “sério”, “gay”, “inteligente” e “masculino”. A partir das respostas coletadas, o pesquisador verificou que sete falantes foram percebidos como mais gays e menos masculinos quando ouvidos nos disfarces com *pitchs* alterados (mais agudos), o que ratifica a

hipótese de relação indicial entre o *pitch* médio e a percepção de gênero. No terceiro experimento, criado com o objetivo de verificar se a combinação das variáveis em questão potencializa a percepção de gênero, o pesquisador apresentou dois conjuntos de estímulos. No primeiro, 170 ouvintes interagiram com oito vozes masculinas cujos disfarces apresentavam *pitch* original e duração de /s/ distintas (original e alongado); no segundo, 167 ouvintes avaliaram todos os estímulos com *pitch* alterado e com diferentes durações da fricativa na voz desses mesmos oito informantes. Os resultados apontaram que “a percepção de gênero e sexualidade é potencializada com a combinação das variáveis aludidas, além de ser unidirecional: todos os oito falantes soaram mais gays e menos masculinos com o uso das variantes combinadas, comparado aos outros conjuntos ouvidos” (SENE, 2022, p. 193).

Silveira (2022) analisou a percepção do /r/ em coda entre ouvintes de São Bernardo do Campo, cidade localizada no interior do estado de São Paulo. Seu objetivo era verificar se diferenças graduais nas produções da variável, medidas a partir da frequência do terceiro formante, resultariam em julgamentos também graduais levando em consideração, principalmente, o sotaque do falante e sua região de origem. Seguindo a técnica de estímulos pareados, os estímulos foram manipulados e formatados a partir da leitura controlada de duas frases gravadas por dois falantes paulistanos (um homem e uma mulher). Eles foram apresentados a 58 participantes da comunidade de fala em questão, que deveriam responder a um questionário preparado para coletar avaliações sobre o sotaque, simpatia, sucesso profissional e lugar de residência dos falantes. A última pergunta indagava se o ouvinte acreditava que falava parecido com a pessoa da gravação. Entre os principais resultados, constatou-se que correlação entre o grau de abaixamento do terceiro formante e os atributos sotaque e residência do falante: quando mais baixo o formante, mais eram avaliados como possuindo sotaque e como moradores de São Bernardo do Campo. Esse resultado corrobora com a tese de que o significados sociais de variantes fonéticas podem variar gradativamente no sentido da gradação da pronúncia da variável linguística. Outro resultado curioso constatado foi o de que, apesar de apontarem a própria cidade para indicar a residência dos falantes ouvidos com pronúncias do /r/ como retroflexo, os ouvintes não se identificaram com essa pronúncia na mesma proporção. Segundo o pesquisador, "apesar de verem a variante r3, dita “retroflexa”, como marca do município, os são-bernardenses não se identificam com ela, talvez em decorrência do estigma social que acompanha o /r/ “caipira” no Brasil” (SILVEIRA, 2022 p.950).

Como se pôde observar, os estudos de percepção têm ganhado corpo nos últimos anos na Sociolinguística brasileira, principalmente aqueles inspirados na técnica dos estímulos

pareados proposta por Lambert *et al.* (1960) e atualizada por Campbell-Kibler (2006, 2007, 2009, 2011). Essa subárea de pesquisa, focada na percepção da variação, tem oferecido evidências sobre possíveis significados sociais associados a variantes (ou conjunto de variantes) no PB e sobre a forma como essas produções são mapeadas, processadas e armazenadas pelos ouvintes de comunidades de fala brasileiras, levantando novas e relevantes questões a respeito da percepção mediada por questões intra e extralinguísticas. Nesse sentido, o presente trabalho insere-se nessa subárea na medida em que intenta investigar como ouvintes de comunidades de fala distintas com relação ao uso das variantes mais recorrentes do /S/ pós-vocálico percebem, processam e avaliam as variantes alveolar e palatoalveolar na fala de outras pessoas, considerando variáveis estruturais (tipo de coda, vozeamento da fricativa e contexto seguinte) e sociais (tipo de comunidade, gênero do falante e gênero do ouvinte) que podem atuar nesse processo. O próximo capítulo apresentará os procedimentos metodológicos a partir dos quais os experimentos de percepção foram elaborados e aplicados aos ouvintes dessas seis capitais brasileiras.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Neste capítulo, serão descritos os princípios metodológicos sob o quais este trabalho foi desenvolvido. Esta pesquisa é de caráter quantitativo, já que se utiliza de dados empíricos que serviram de base para induções após a aplicação de testes estatísticos. Ela pretende responder a algumas questões a partir de experimentos cujas variáveis foram controladas considerando o fenômeno discutido nos capítulos anteriores, sendo realizada apenas uma coleta com o conjunto dos ouvintes avaliadores, o que permite caracterizá-la como experimental e transversal. Por fim, também pode ser descrita como analítico-descritiva na medida em que objetiva investigar como pessoas de diferentes partes do Brasil ouvem, processam e avaliam diferentes variantes fonéticas de uma mesma variável linguística considerando algumas variáveis independentes já apontadas como importantes para a escolha de uma dessas variantes em dados de produção. O desenho dos experimentos aplicados aos participantes será descrito considerando a ordem em que foram apresentados aos ouvintes.

Pode-se separar os experimentos em dois grupos distintos, considerando os objetivos específicos desta pesquisa. O primeiro grupo é composto por um teste de atitudes e outro de categorização, baseado nos trabalhos de Campbell-Kibler (2006, 2009, 2010), Oushiro (2015), Biasibetti (2018) e Mendes (2018). O segundo apresenta um teste de discriminação e dois de categorização (CLOPPER; PISONI, 2004), nos mesmos moldes do que foi realizado por Henrique (2016). Cada um desses grupos de testes foi aplicado virtualmente a 240 ouvintes de 6 capitais brasileiras (40 de cada), escolhidas a partir de características dialetais fonético-fonológicas compartilhadas em relação ao fenômeno discutido neste trabalho. Recife e Rio de Janeiro foram escolhidas para representar comunidades com a pronúncia palatoalveolar como prototípica para o /S/ na posição de coda silábica; São Paulo e Porto Alegre, para representar as comunidades com formas alveolares mais frequentes nessa posição; e João Pessoa e Natal, para representar comunidades com ambas as pronúncias para a variável em questão. Os dados de produção que apresentam a distribuição das variantes em cada uma dessas comunidades de fala, bem como os contextos favorecedores (linguísticos e extralinguísticos) para a escolha da variante palatoalveolar em cada uma delas foram descritos no capítulo 1.

Os ouvintes foram contatados por meio de grupos de estudantes de universidades públicas e privadas dessas seis cidades na rede social *facebook*, nos quais a seguinte mensagem foi compartilhada:

Olá, pessoal. Vocês viram que o single novo da Anitta “girl from Rio” saiu recentemente ? Vocês acham que conseguiriam identificar que ela é do Rio se escutassem apenas um trecho de fala dela? Bom, é exatamente isso que eu estudo. Meu nome é Pedro Felipe e estou aqui na Inglaterra desenvolvendo minha pesquisa de doutorado em parceria com a Universidade de York sobre percepção dos diversos falares do Brasil. Se você for de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Natal, João Pessoa ou Recife, gostaria de contar com a sua colaboração participando do teste disponível no link abaixo. Ele dura em média 25 minutos e é bem divertido: você vai escutar algumas vozes e atribuir características a pessoa que você escutou. Para isso, você vai precisar de um computador ou celular e fones de ouvido. (Texto produzido pelo autor).

Esse texto foi criado para chamar a atenção dos possíveis participantes para o teste fazendo menção ao lançamento da canção "Girl from Rio", da cantora Anitta, cuja estratégia de marketing baseava-se na alusão à sua origem carioca. Quando clicavam no link, os participantes eram direcionados a uma página do Qualtrics, plataforma utilizada para a elaboração do teste²⁹. Nesta página (Apêndice A), o ouvinte era informado a respeito do objetivo do estudo, tempo estimado para finalização do teste, um aviso sobre a garantia de anonimato das informações compartilhadas e sobre a conformidade de sua elaboração com os princípios dos conselhos de ética do Brasil³⁰ e da Universidade de York.

A seção seguinte apresentava um pequeno questionário com perguntas referentes à idade do participante, ao gênero com o qual se identificava e à cidade onde viveu a maior parte da vida. Havia uma pergunta controle questionando se o ouvinte havia residido por mais de dois anos fora dessa cidade e, em caso afirmativo, onde. A última pergunta interrogava se o participante mantinha contato frequente com parentes ou amigos de outros estados do Brasil e, em caso afirmativo, qual(is).

Após responderem ao questionário a partir do qual seriam estratificados, os ouvintes receberam instruções a respeito de cada uma das tarefas do teste (Apêndices B e C). Na primeira delas, deveriam avaliar 16 pessoas, considerando alguns atributos, a partir de pequenos trechos de fala. Em cada página do teste, o áudio que continha o trecho começava a tocar assim que o participante clicasse no botão "play", podendo repetir a reprodução quantas vezes achasse necessário. Depois de ouvir, deveria escolher uma posição, numa escala de sete pontos, que

²⁹ A Qualtrics é uma plataforma de pesquisa criada pela empresa *Experience Managment* (XM). É bastante utilizada para coletas de dados na internet envolvendo grandes populações por possibilitar diversas modalidades de questões, randomização da ordem de apresentação dos participantes e organização dos resultados conforme as necessidades do pesquisador. A Universidade de York possui uma licença para uso da plataforma que dá aos estudantes o direito de a utilizarem de forma gratuita para aplicar seus testes a partir do login institucional.

³⁰ Projeto inscrito sob o nº 44583121.7.0000.5188 e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS a partir do parecer de nº 4.675.846, emitido no dia 21 de abril de 2021 (Anexo A).

melhor representasse a forma como o falante soava de acordo com a característica listada. Além disso, o ouvinte também deveria responder de onde acreditava que o(a) falante era e que outras características poderiam a ele(a) ser atribuídas. A Figura 25 ilustra a página de testes para essa seção.

Figura 25 - Visualização da página do primeiro bloco de testes

UNIVERSITY of York

Escute o áudio abaixo:

Como a pessoa do áudio soa para você?

Muito amigável	☐	☐	☐	☐	☐	Nada amigável
Muito acolhedor	☐	☐	☐	☐	☐	Nada acolhedor
Muito educado(a)	☐	☐	☐	☐	☐	Nada educado(a)
Muito escolarizado(a)	☐	☐	☐	☐	☐	Nada escolarizado(a)
Muito engraçado(a)	☐	☐	☐	☐	☐	Nada engraçado(a)
Muito inteligente	☐	☐	☐	☐	☐	Nada inteligente
Muito confiável	☐	☐	☐	☐	☐	Nada confiável
Muito convencido(a)	☐	☐	☐	☐	☐	Nada convencido(a)
Muito gay	☐	☐	☐	☐	☐	Nada gay
Muito sotaque	☐	☐	☐	☐	☐	Nenhum sotaque

De onde você acha que essa pessoa é? Pode escolher mais de uma opção, se ficar na dúvida.

☐ São Paulo	☐ Natal
☐ Rio de Janeiro	☐ Porto Alegre
☐ Recife	☐ Outra cidade
☐ João Pessoa	

A partir do que você ouviu, que outros adjetivos você usaria para descrever essa pessoa?

→

Fonte: Elaboração própria, 2022.

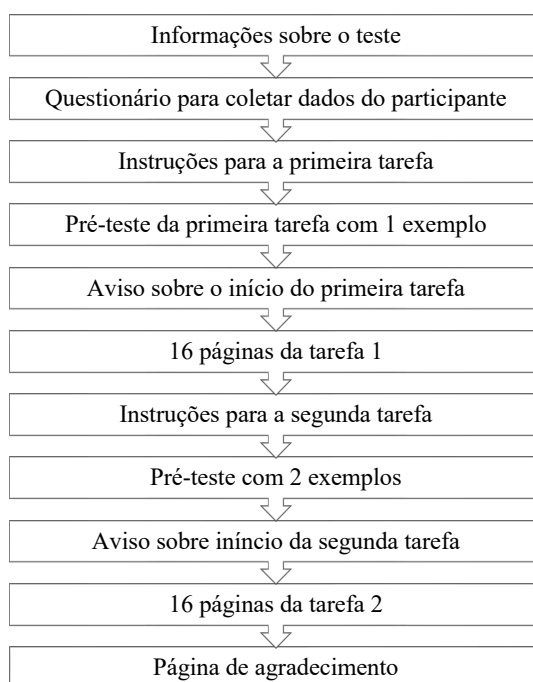
Após duas páginas de treino, elaboradas com o intuito de habituá-los à tarefa, os ouvintes responderam às questões postas para cada um dos 16 estímulos (8 reais e 8 distratores). A segunda tarefa consistia na indicação do quão diferente soavam duas pronúncias de uma mesma palavra com relação ao /S/ em coda. Em cada página dessa seção, o áudio que continha as pronúncias começava quando o participante clicava no "play". Depois de ouvi-lo, o participante deveria mover o círculo posicionado no meio da linha para o lugar que representava a diferença entre as pronúncias numa escala que ia de "muito igual" a "muito diferente". Se o ouvinte movesse o círculo para a direita (identificando as pronúncias como diferentes numa proporção acima de 50%), duas outras perguntas apareciam na tela, como podemos observar na Figura 26.

Figura 26 - Visualização da página do segundo bloco de testes

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Após duas páginas de treino, os participantes avaliaram 16 gravações nessa segunda parte do teste (8 com pares iguais, que serviram como distratores, e 8 com pares diferentes). Assim, a organização do instrumento como um todo pode ser resumida conforme o Quadro 2:

Quadro 2 - Ordem de apresentação das páginas do teste completo



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Nas duas próximas seções, serão descritos detalhes acerca da concepção, confecção e análise para cada um dos grupos de testes.

3.1 PRIMEIRA PARTE - EXPERIMENTO DE PERCEPÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS

O primeiro bloco de testes consistia num experimento de percepções sociolinguísticas criado para observar que significados sociais poderiam ser associados aos falantes quando pronunciavam o /S/ em coda silábica como consoante alveolar ou como palatoalveolar. A seção 1.3 do capítulo 1 desta tese apresentou uma descrição dos principais trabalhos que objetivaram avaliar o papel do ouvinte no processo de variação e mudança das línguas; o capítulo 2 discutiu resultados de estudos cujo foco centrava-se no comportamento da variável em questão em diversas comunidades de fala do Brasil a partir de dados de produção e percepção. O método utilizado para elaboração deste bloco de testes, bem como a escolha das frases estímulo para sua implementação, foram desenvolvidos observando esses trabalhos.

3.1.1 *Design experimental*

O design experimental para o teste de percepções sociolinguísticas foi baseado na técnica dos estímulos pareados (LAMBERT *et al.*, 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2006, 2010; CANEVER, 2018; OUSHIRO, 2015, 2019; MENDES, 2016; SORIANO, 2016), a partir da qual são apresentados a grupos de avaliadores estímulos praticamente idênticos, diferenciando-se apenas com relação à materialidade fonética do segmento alvo. A ideia é observar de que maneira a avaliação sobre o falante muda no grupo avaliador em cada par de estímulos alterados, ou seja, se o que ora era avaliado de uma forma passa a ser avaliado de outra apenas pela diferença no detalhe fonético que diferencia o par. Para isso, os ouvintes de cada uma das comunidades de fala foram divididos em dois grupos, aos quais eram apresentadas as mesmas frases pronunciadas pelas mesmas pessoas: um grupo ouvia o falante pronunciar o /S/ em coda na forma alveolar e o outro, na forma palatoalveolar.

O Quadro 3 apresenta as frases estímulo, elaboradas pelo pesquisador e gravadas por 8 falantes nativos do PB. Elas foram pensadas considerando o controle de algumas variáveis

linguísticas, como o contexto seguinte da fricativa, seu vozeamento e a posição da coda³¹. Detalhes sobre as gravações serão expostos na seção 3.1.2, assim como as variáveis utilizadas para elaboração dos estímulos serão detalhadas na seção 3.1.3.

Quadro 3 - Frases estímulo para o primeiro experimento considerando o contexto seguinte, vozeamento e tipo de coda

Rótulo do estímulo	Pronúncia ³²	Frase	Cont. seguinte	Vozeamento da fricativa	Tipo de coda
E1	Alveolar	A ca <u>ç</u> ca da fruta seria uma boa	[k]	Desvozeado	Medial
E2	Palatal	i <u>ç</u> ca.			
E3	Alveolar	Fiquei assu <u>s</u> tado quando vi que	[t]		
E4	Palatal	já era ago <u>s</u> to.			
E5	Alveolar	De <u>s</u> denhou dele quando viu a	[d]	Vozeado	
E6	Palatal	roupa de <u>s</u> dobrada.			
E7	Alveolar	Viram um a <u>s</u> no no caminho e	[n]		
E8	Palatal	um ci <u>s</u> ne no rio.			
E9	Alveolar	Sempre tra <u>z</u> com ele um lápi <u>s</u>	[k]	Desvozeado	Final
E10	Palatal	colorido.			
E11	Alveolar	Fa <u>z</u> tempo que ele procura mai <u>s</u>	[t]		
E12	Palatal	trabalho.			
E13	Alveolar	Atrav <u>é</u> s do vidro do teto eu vi a	[d]	Vozeado	
E14	Palatal	lu <u>z</u> da lua.			
E15	Alveolar	Pô <u>s</u> na sala tanta coisa que não	[n]		
E16	Palatal	cabe mai <u>s</u> nada.			

Fonte: Elaboração própria, 2022.

³¹ Os estudos de percepção sociolinguísticas geralmente utilizam dados de fala espontânea, coletados a partir de trechos de entrevistas sociolinguísticas que contenham as variáveis dependentes sob análise (CAMPBELL-KIBLER, 2006; OUSHIRO, 2015; BARCELLOS, 2020). Entretanto, como era intuito desta pesquisa controlar alguns contextos linguísticos favorecedores para aferir se sua presença interferia na forma como o material fonético era percebido, optou-se por esse tipo de estímulo mais controlado, tal qual Canever (2018) em sua tese sobre percepção acerca do infinitivo flexionado. O uso de fala não espontânea traz, certamente, ônus quando se consideram alguns aspectos da percepção, como discute Campbell-Kibler (2006). Acredita-se, contudo, que as diferenças de percepção ainda podem ser averiguadas a partir da mudança do *input* fonético entre os pares. Esses estímulos foram controlados com relação à presença de outras variáveis fonológicas marcadoras de determinadas comunidades de fala, com o intuito de isolar possíveis interferências na avaliação por essas variáveis. A neutralidade semântica dos estímulos também foi uma preocupação durante sua elaboração, para evitar que o seu conteúdo induzisse a avaliações positivas ou negativas. O tratamento da frase como variável controlada durante as análises estatísticas poderá indicar se esses cuidados foram efetivos.

³² Para facilitar o estabelecimento de contraste nas análises, convencionou-se tratar as produções palatoalveolares como palatais.

Além dessas frases, outras oito foram elaboradas para servirem como estímulos distratores no processo de avaliação dos ouvintes. Foram gravadas, nesse sentido, duas pronúncias diferentes de algumas variáveis fonológicas altamente estratificadas no PB (consoantes oclusivas alveolares, róticos em posição de coda silábica, vogais médias pretônicas e a consoante lateral palatal). As pesquisas que analisam o comportamento dessas variáveis em comunidades de fala do Brasil, bem como a distribuição do uso de suas variantes pelos diferentes grupos de falantes dessas comunidades, permitiram que elas fossem aqui usadas como balizadores/parâmetros para os atributos utilizados na avaliação dos ouvintes sobre as fricativas em coda nas comunidades investigadas³³. O Quadro 4 apresenta todos os estímulos utilizados no teste distribuídos pela pronúncia do /S/ em coda e pelo grupo de ouvintes ao qual foram apresentados.

Quadro 4 - Todos os estímulos utilizados no primeiro teste de percepção

Tipo de estímulo	Frase	Pronúncia	Rótulo	Grupo que escutou o estímulo
Real	A ca <u>s</u> ca da fruta seria uma boa i <u>s</u> ca.	[s]	E1	1
		[ʃ]	E2	2
	Fiquei assustado quando vi que já era ago <u>s</u> to.	[s]	E3	2
		[ʃ]	E4	1
	De <u>s</u> denhou dele quando viu a roupa de <u>s</u> dobrada.	[z]	E5	1
		[ʒ]	E6	2
	Viram um a <u>s</u> no no caminho e um ci <u>s</u> ne no rio.	[z]	E7	2
		[ʒ]	E8	1
	Sempre tra <u>z</u> com ele um lápi <u>s</u> colorido.	[s]	E9	1
		[ʃ]	E10	2
	Fa <u>z</u> tempo que ele procura mai <u>s</u> trabalho.	[s]	E11	2
		[ʃ]	E12	1
	Atrav <u>é</u> s do vidro do teto eu vi a lu <u>z</u> da lua.	[z]	E13	1
		[ʒ]	E14	2
	Pô <u>s</u> na sala tanta coisa que não cabe mai <u>s</u> nada.	[z]	E15	2
		[ʒ]	E16	1
Distrator	Aquele árvore tem muito gal <u>h</u> o com pouca fol <u>h</u> a.	[ʌ]	D1	1
		[j]	D2	2
	A camisa daquela mul <u>h</u> er tem uma mal <u>h</u> a boa.	[ʌ]	D3	2
		[j]	D4	1
	Todo <u>d</u> ia é <u>t</u> iro pra cima e pra baixo.	[tʃ], [dʒ]	D5	1
		[t], [d]	D6	2
	Olhou pra gente de um jeito tão <u>t</u> ímido.	[tʃ], [dʒ]	D7	2
		[t], [d]	D8	1

³³ Sobre as oclusivas dentais, ver Bisol e Hora (1993); sobre as médias pretônicas, ver Bisol (1981) e Nascimento e Henrique (2020); sobre a lateral palatal, ver Freire (2016); sobre os róticos, ver Oushiro (2015) e Soriano (2016).

O menino foi preso pela polícia.	[e], [o]	D9	1
	[ɛ], [ɔ]	D10	2
É preciso cuidado com essa coriza.	[e], [o]	D11	2
	[ɛ], [ɔ]	D12	1
Quando acordou já encontrou o quarto limpo.	[r]	D13	1
	[h]	D14	2
A porta da casa sempre fica aberta.	[r]	D15	2
	[h]	D16	1

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Esses grupos de ouvintes pertenciam à mesma comunidade de fala e foram assim separados para garantir que cada par, pronunciado pela mesma pessoa, fosse avaliado pela comunidade. A apresentação dos estímulos de cada grupo ao respondente era randomizada automaticamente pela própria plataforma, a partir da função "randomizer". Quando um novo ouvinte clicava no *link* do teste para executá-lo, era encaminhado para o grupo 1 ou 2 de estímulos, controlado pela plataforma para que fosse encaminhado na mesma proporção na medida em que novos respondentes da comunidade entravam na página para executar a atividade. Assim, se o último participante tivesse clicado no link e fosse encaminhado randomicamente para o grupo 1, o próximo seria encaminhado para o grupo 2. O quadro abaixo apresenta a distribuição do conjunto de estímulos por grupo.

Quadro 5 - Conjunto de estímulos escutados por cada grupo no primeiro experimento

Grupo 1		Grupo 2	
Rótulo	Estímulo	Rótulo	Estímulo
E1	Eu acho que a ca[s]ca da fruta seria uma boa i[s]ca.	E2	Eu acho que a ca[f]ca da fruta seria uma boa i[f]ca.
E4	Fiquei assu[f]tado quando vi que já era ago[f]to.	E3	Fiquei assu[s]tado quando vi que já era ago[s]to.
E5	De[z]denhou dele quando viu a roupa de[z]dobrada.	E6	De[z]denhou dele quando viu a roupa de[z]dobrada.
E8	Viram um a[z]no no caminho e um ci[z]ne no rio.	E7	Viram um a[z]no no caminho e um ci[z]ne no rio.
E9	Sempre tra[s] com ele um lápi[s] colorido.	E10	Sempre tra[f] com ele um lápi[f] colorido.
E12	Fa[f] tempo que ele procura mai[f] trabalho.	E11	Fa[s] tempo que ele procura mai[s] trabalho.
E13	Atravé[z] do vidro do teto eu vi a lu[z] da lua.	E14	Atravé[z] do vidro do teto eu vi a lu[z] da lua.
E16	Pô[z] na sala tanta coisa que não cabe mai[z] nada.	E15	Pô[z] na sala tanta coisa que não cabe mai[z] nada.
D1	Aquela árvore tem muito ga[ʎ]o com pouca fo[ʎ]a.	D2	Aquela árvore tem muito ga[j]o com pouca fo[j]a.
D4	A camisa daquela mu[j]er tem uma ma[j]a boa.	D3	A camisa daquela mu[ʎ]er tem uma ma[ʎ]a boa.
D5	Todo [dʒ]ia é [tʃ]iro pra cima e pra baixo.	D6	Todo [d]ia é [t]iro pra cima e pra baixo.
D8	Olhou pra gen[t]e [d]e um jeito tão [t]ímido.	D7	Olhou pra gen[t]e [dʒ]e um jeito tão [tʃ]ímido.
D9	O m[e]nino foi preso pela p[o]lícia.	D10	O m[ɛ]nino foi preso pela p[s]lícia.
D12	É pr[ɛ]ciso cuidado com essa c[ɔ]riza.	D11	É pr[e]ciso cuidado com essa c[o]riza.

D13	Quando aco[r]dou já encontrou o qua[r]to limpo.	D14	Quando aco[h]dou já encontrou o qua[h]to limpo.
D16	A po[h]a da casa sempre fica abe[h]ta.	D15	A po[r]ta da casa sempre fica abe[r]ta.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Considerando os testes de hipótese a serem realizados, foi estabelecido como parâmetro a quantidade mínima de 120 avaliações por estímulo, o que exigira um total de 240 testes aplicados, quando se considera o par a ser comparado. Dessa forma, em cada comunidade esperava-se aplicar pelo menos 40 testes em ouvintes divididos em dois grupos, e cada grupo escutaria um conjunto de 16 estímulos, conforme o Quadro 5. O Quadro 6 apresenta a distribuição esperada das avaliações por grupo, cidade e tipo de comunidade de fala.

Quadro 6 - Distribuição do número de avaliações por tipo de comunidade, cidade e grupo de ouvintes

Tipo de comunidade	Cidade	Grupo de ouvintes
Pronúncia alveolar (80)	São Paulo - SP (40)	1 (20)
		2 (20)
	Porto Alegre - RS (40)	1 (20)
		2 (20)
Pronúncia Palatal (80)	Recife - PE (40)	1 (20)
		2 (20)
	Rio de Janeiro - RJ (40)	1 (20)
		2 (20)
Ambas as pronúncias (80)	Natal - RN (40)	1 (20)
		2 (20)
	João Pessoa - PB (40)	1 (20)
		2 (20)

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Era esperado que os ouvintes pertencessem a uma faixa-etária entre 18 e 30 anos, com nível de escolaridade avançado (universitário ou acima), o que fez com que os pesquisadores optassem pelo contato através de grupos da rede social *facebook*, como explanado na seção anterior. Foram também analisadas respostas de ouvintes que viviam em cidades próximas às capitais escolhidas, num raio de 50Km. Essa decisão foi tomada considerando a dificuldade em encontrar respondentes em tempo hábil para participar do teste que fossem exclusivamente das cidades analisadas e do expressivo número de respostas fornecidas por participantes de cidades satélites ou próximas aos centros urbanos investigados.

3.1.2 Gravação, edição e validação dos estímulos

Para a gravação dos estímulos, foram escolhidos 16 falantes do PB (8 homens e 8 mulheres), todos amigos próximos do pesquisador para facilitar o processo de instrução para as gravações, de modo que cada falante foi responsável por gravar as duas versões de uma das frases. Sua faixa-etária varia entre 20 e 40 anos, possuem ensino superior completo e vivem em comunidades de fala com comportamento similar no que se refere à variável analisada (12 são da Paraíba e 4 do Rio Grande do Norte)³⁴. Todos são filhos de pessoas da mesma comunidade onde vivem e não estiveram fora de seus estados por mais de 2 anos. O Quadro 7 apresenta a distribuição dos informantes por estímulos gravados, gênero e estado.

Quadro 7 - Lista de falantes por gênero e comunidade de fala

Estímulo	Informante gravado	Gênero do falante	Estado do falante ³⁵
E1	Falante A	Masculino	PB
E2			
E3	Falante B	Masculino	PB
E4			
E5	Falante C	Feminino	PB
E6			
E7	Falante D	Feminino	PB
E8			
E9	Falante E	Feminino	PB
E10			
E11	Falante F	Feminino	PB
E12			
E13	Falante G	Masculino	RN
E14			
E15	Falante H	Masculino	PB
E16			
D1	Falante I	Masculino	PB

³⁴ Não foi possível aferir se as pronúncias não naturais nos dialetos locais aos quais os falantes pertencem (como o tepe, por exemplo) soavam naturais para falantes de regiões onde essas formas são recorrentes. Não foi possível, da mesma forma, controlar elementos suprasegmentais, como os prosódicos, no sentido de soarem familiares para as pessoas de outras regiões. Entretanto, essas observações foram levadas em consideração durante as análises, principalmente com relação aos resultados da avaliação do atributo "sotaque".

³⁵ Preferiu-se utilizar a sigla do estado a invés das cidades "Natal" e "João Pessoa" porque nem todos os informantes vivem nas capitais objetos de análise.

D2			
D3	Falante J	Feminino	PB
D4			
D5	Falante K	Masculino	PB
D6			
D7	Falante L	Feminino	RN
D8			
D9	Falante M	Masculino	RN
D10			
D11	Falante N	Feminino	PB
D12			
D13	Falante O	Masculino	PB
D14			
D15	Falante P	Feminino	RN
D16			

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Em decorrência da pandemia do Covid-19, o uso de laboratórios de fonética para gravação de estímulos para testes de percepção e análises fonéticas foi impossibilitado. Frente a essa situação, algumas alternativas foram utilizadas por pesquisadores dessas áreas para impedir que pesquisas em andamento fossem interrompidas. Freeman e Decker (2021) discutem alguns desses métodos de coleta de dados de fala online utilizando ferramentas dos próprios respondentes/informantes. O protocolo aqui utilizado foi o vigente para a gravação de dados de fala para testes de percepção do laboratório de Sociofonética da Universidade de York.

O protocolo de gravação seguiu os seguintes passos: em uma chamada telefônica, o pesquisador apresentava ao informante a frase estímulo que ele deveria gravar e simulava as formas como deveriam ser pronunciadas as variáveis alvo. Era incentivado que os informantes pensassem num contexto em que essa frase poderia ser enunciada, com o intuito de soar natural para o ouvinte. Eles então simulavam a leitura até que o pesquisador avaliasse como adequadas as pronúncias para a gravação. Em seguida, os informantes deveriam baixar o programa "Sound Voice Recorder"³⁶, mudar a taxa de amostragem para 44.1KHz e o formato de armazenamento para ".WAV". Feito isso, dirigir-se-iam para o quarto e ficariam posicionados em frente ao guarda-roupas com as portas abertas, para que as roupas abafassem levemente o som, evitando ecos que prejudicassem as análises acústicas. A uma distância de 1 palmo, deveriam posicionar

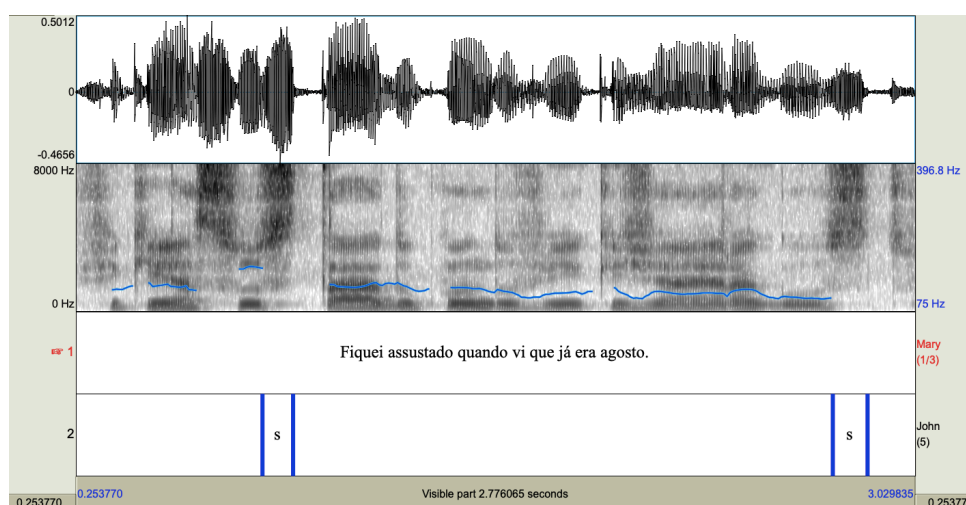
³⁶ Disponível para download na *Apple Store* e no *Google Play*.

o celular na altura da boca e pronunciar as frases da mesma forma 6 vezes com cada uma das pronúncias esperadas. Finalizada a gravação, enviariam por e-mail para o pesquisador o arquivo de áudio gerado pelo programa.

Quando recebidos, os arquivos de áudio eram etiquetados pelo pesquisador e deles eram extraídas as duas execuções do meio da gravação. A escolha por essas gravações buscou evitar mudanças no contorno entoacional geralmente presentes no início e no fim da leitura. Escolhidas duas amostras para cada execução do par de pronúncias, o volume dos arquivos de áudio foi normalizado no programa SoundForge, a partir da função "normalize".

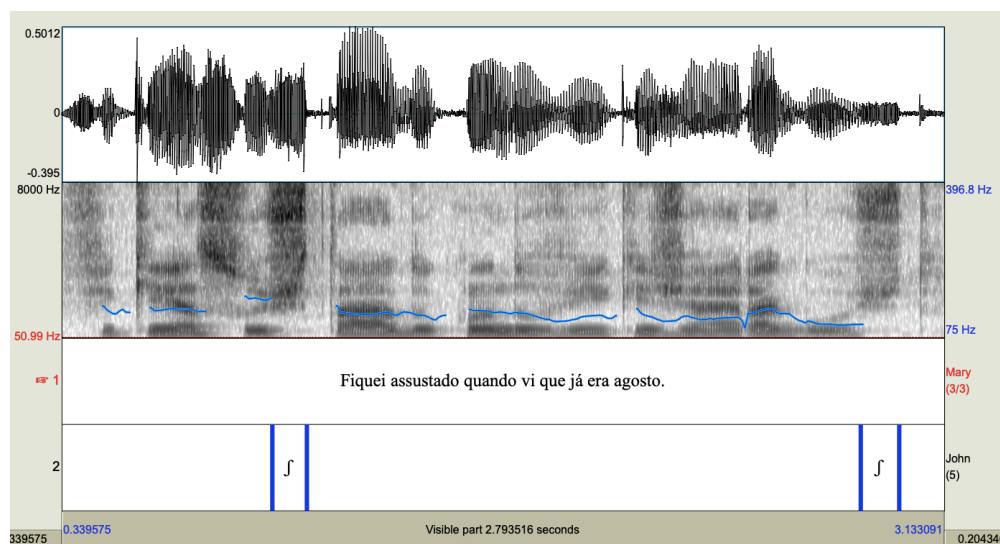
A princípio, para a criação dos estímulos, seria utilizada apenas uma das gravações para o par (com pronúncia alveolar ou palatoalveolar). Para a confecção da segunda, o trecho contendo a fricativa no áudio com a pronúncia alternativa seria copiado e colado no lugar da fricativa do áudio original base, a partir da função "cut" e "paste" do Praat. Dessa forma, ter-se-ia exatamente a mesma gravação com apenas o segmento fricativo diferente para distinguir o par. Entretanto, na confecção dos estímulos, percebeu-se o que o áudio editado não soava natural devido à presença de um pequeno ruído na transição para a fricativa, como um *click*. Assim, após uma cuidadosa comparação entre os pares, decidiu-se utilizar os áudios originais produzidos com as pronúncias diferentes, pois verificou-se que os contornos entoacionais foram praticamente idênticos e a duração das fricativas era muito parecida (observar Figura 27 e Figura 28).

Figura 27 - Oscilograma e espectrograma do estímulo E3, produzido pelo falante B, e marcação da fricativa alveolar na gravação



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Figura 28 - Oscilograma e espectrograma do estímulo E4, produzido pelo falante B, e marcação da fricativa palatoalveolar na gravação



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Considerando os parâmetros acústicos para a identificação e categorização das fricativas como alveolares ou palatoalveolares, resultados dos trabalhos resenhados na seção 2.3.3 foram utilizados para o estabelecimento das métricas a serem controladas para os estímulos deste experimento. As principais métricas controladas foram o centro de gravidade³⁷ e o primeiro pico espectral dentro dos 30ms centrais do segmento fricativo, extraídos utilizando o Praat³⁸. Estudos em fonética experimental correlacionam o centro de gravidade e a região onde ocorrem os picos de energia no espectro de frequência à posição da língua no trato vocal no momento da fricção (HARRIS, 1958; JESUS; SHADLE, 1985; JONGMAN; WAYLAND; WONG, 2000; SHADLE, 2002; SILVA; HENRIQUE; LOPES, 2015). Dessa forma, centros de gravidade mais altos indicam uma produção mais alveolarizada, enquanto centros de gravidade mais baixos são reflexo de uma produção pós-alveolarizada. A variância, a assimetria

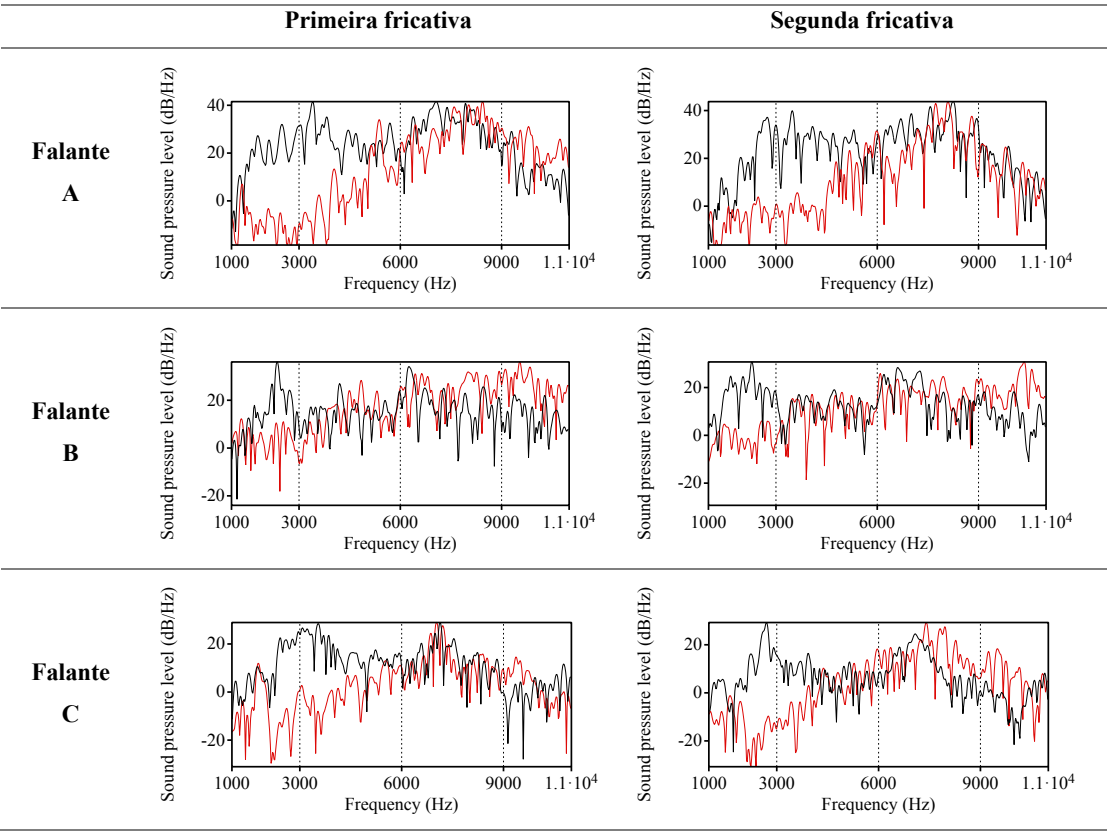
³⁷ Barbosa e Madureira (2015) consideram o centro de gravidade o mais importante descritor estatístico para a distinção de fricativas, e este refere-se à “média das frequências ponderada pela amplitude de cada uma delas” (BARBOSA; MADUREIRA, 2015, p. 400).

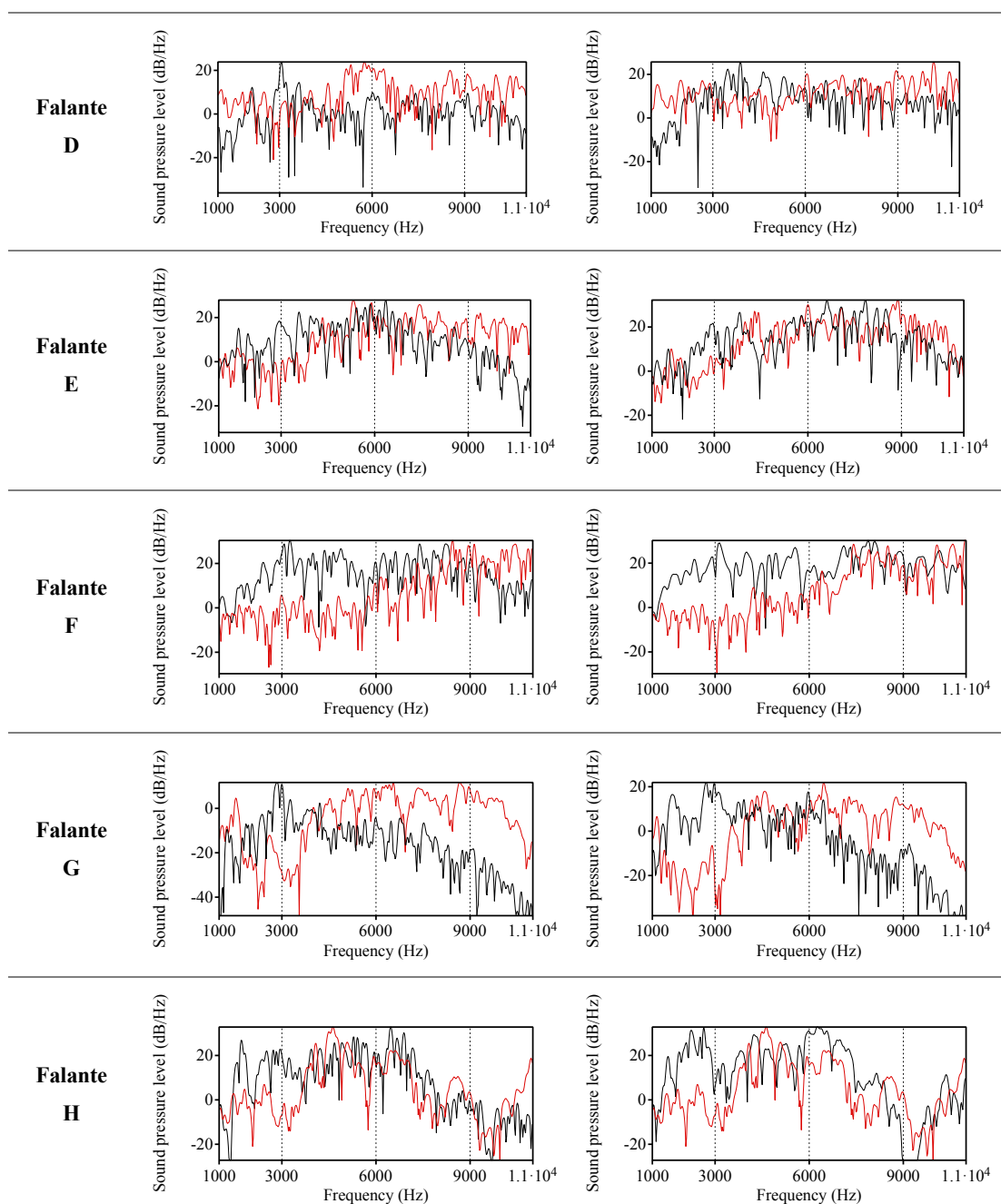
³⁸ Para obter, manualmente, o centro de gravidade, deve-se selecionar a fricativa já segmentada, e clicar no menu superior *Spectrum*, e em seguida em *View spectral Slice*, que criará o espectro FFT no *Praat Objects*. Ao selecionar o *Spectrum* no *Praat Objects*, clica-se no menu à direita em *Query* e depois em *Get centre of gravity*. O valor obtido estará em *hertz* (COSTA, 2016, p. 44). Isso aconteceu depois dos arquivos de áudio serem filtrados a partir da função *reduce noise*, dentro do menu da função *filter*. O *filter frequency range* foi alterado para o intervalo entre 1000 e 11000 Hz, seguindo a metodologia sugerida por Stuart-Smith (2020).

e a curtose, momentos espectrais também utilizados em alguns desses estudos para descrição das fricativas sibilantes, não foram levados em consideração neste estudo.

O Quadro 8 exemplifica a relação entre distribuição de energia em regiões do espectro e lugar de fricção no aparelho fonador. Observa-se, por exemplo, que a linha vermelha, representando o espectro de frequências dos 30 ms centrais da primeira fricativa dos estímulos E1, mostra que os maiores picos de energia concentram-se em regiões de frequência mais altas. Com a linha preta (o espectro de frequências dos 30 ms centrais da primeira fricativa do estímulo E2), em contrapartida, percebe-se que os primeiros picos de energia concentram-se em regiões de frequência mais baixas.

Quadro 8 - Espectros de frequência das fricativas utilizadas nos estímulos do primeiro experimento com pronúncia alveolar (em vermelho) e palatal (em preto)





Fonte: Elaboração própria, 2022.

A partir do que foi exposto, pode-se questionar o porquê da utilização de duas métricas que, na teoria, representariam a mesma informação com relação à distinção do traço de ponto de articulação para essas fricativas. A observação dos espectros dispostos no Quadro 8 põe luz sobre essa questão. Observa-se, por exemplo, que existem alguns espectros referentes à fricativa palatoalveolar com um pico de energia em baixas frequências e com alguns outros picos em

altas frequências. Isso faz com que o centro de gravidade dessa fricativa tenha um valor mais elevado, parecido com o que se esperaria de uma fricativa alveolar. Por outro lado, nota-se que algumas fricativas alveolares possuem picos mais distribuídos ao longo do espectro, o que validaria o centro de gravidade como medida efetiva para avaliar as regiões de frequência onde esses picos acontecem. Dessa forma, controlou-se o centro de gravidade de todas as fricativas utilizadas como estímulo para este teste, calculado no intervalo entre 1 e 11 KHz, bem como a região em que ocorria o primeiro grande pico de energia. O Quadro 9 apresenta o valor dessas métricas para todas as fricativas em coda presentes nos estímulos utilizados no teste. Além dos centros de gravidade e dos picos, a duração desses elementos também foi controlada.

Quadro 9 - Métricas controladas para a categorização das fricativas e validação dos estímulos do primeiro experimento³⁹

Informante	Estímulo	Pronúncia	Palavra	Duração (ms)	Primeiro pico espectral (Hz)	Centro de gravidade (Hz)
Falante A	E1	Alveolar	casca	61.4	7988.81	8244.39
			isca	85.9	7715.46	7880.01
	E2	Palatal	casca	67.7	3458.93	6751.61
			isca	98.8	3439.41	6519.79
Falante B	E3	Alveolar	assustado	106.7	9550.84	8455.49
			agosto	107.1	10331.85	8726.27
	E4	Palatal	assustado	112.7	2345.99	5074.09
			agosto	120.7	2287.41	5075.38
Falante C	E5	Alveolar	desdenhou	75.5	7012.54	7124.75
			desdobrada	76.3	7403.05	7601.83
	E6	Palatal	desdenhou	91.8	3556.56	4604.17
			desdobrada	75.2	2697.44	4745.65
Falante D	E7	Alveolar	asno	56.6	5762.92	6732.60
			cisne	62.4	10175.65	7681.55
	E8	Palatal	asno	75.1	3048.00	4335.25
			cisne	66.1	3868.69	5048.75
Falante E	E9	Alveolar	traz com	81.1	5333.36	7121.09
			lápiz colorido	96.9	8867.45	7440.73

³⁹ Seguindo a metodologia proposta por Stuart-Smith (2020), os centros de gravidade foram extraídos depois da filtragem das altas e baixas frequências (abaixo de 1KHz e acima de 11KHz), com o objetivo de eliminar ruídos avulsos de fundo.

Falante F	E10	Palatal	traz com	91.9	3556.56	5547.39
			lápiz colorido	92.2	3810.39	6820.79
Falante F	E11	Alveolar	Faz tempo	104.2	8437.89	9456.99
			mais trabalho	94.2	7403.05	9255.37
	E12	Palatal	Faz tempo	102.8	3224.63	5865.85
			mais trabalho	96.2	3146.53	6732.65
Falante G	E13	Alveolar	Através do	52.4	6582.99	6607.21
			luz da	53.7	6602.51	6840.52
	E14	Palatal	Através do	75.3	2951.27	3206.76
			luz da	59.6	2756.02	3421.75
Falante H	E15	Alveolar	Pôs na	139.3	4318.05	4641.82
			mais nada	89.4	5884.82	5481.66
	E16	Palatal	Pôs na	130.7	2424.09	3742.83
			mais nada	138.1	2521.72	3915.74

Fonte: Elaborados pelos autores, 2021.

Além dos parâmetros fonéticos descritos acima, outra ferramenta foi utilizada para validar os estímulos a serem apresentados aos ouvintes. Foi preparado um teste de validação com os 16 estímulos que continham as fricativas alveolares e palatoalveolares e apresentados a 4 fonoaudiólogos e 16 fonólogos e/ou foneticistas brasileiros. O seguinte texto foi apresentado na introdução desse teste:

Olá, cientista da linguagem! Este questionário foi criado com o objetivo de validar alguns estímulos que serão utilizados em um teste de percepções sociolinguísticas. Desse modo, a sua tarefa aqui será, a partir dos seus conhecimentos fonético-fonológicos como profissional que trabalha com fenômenos da linguagem, avaliar se as produções do /S/ em posição de coda silábica medial e final foram realizadas pelos falantes com articulação alveolar ou pós-alveolar (palato-alveolar) nas respectivas frases em que ocorrem. (Elaborados pelo autor, 2021).

Ao passarem para próxima página, os juízes não leigos escutavam o estímulo e deveriam categorizar a produção da fricativa como alveolar ou pós-alveolar. A Figura 29 apresenta a página do teste utilizada para validar a produção pós-alveolar do estímulo E2. A apresentação dos estímulos era randomizada a partir de uma ferramenta da própria plataforma.

Figura 29 - Página do teste utilizada para validar a produção pós-alveolar do estímulo E2

UNIVERSITY of York

Português Brasileiro

Na frase "Eu acho que a casca da fruta seria uma boa isca", o(a) falante produziu as fricativas em coda silábica com articulação:

▶ 0:03

☐ Alveolar

☐ Pós-alveolar

→

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Com relação aos resultados, o nível de acerto foi de 100% para todos os estímulos apresentados aos juízes não-leigos. Esse instrumento ofereceu mais segurança com relação à validação dos estímulos que seriam apresentados aos ouvintes no experimento de percepções sociolinguísticas. Na próxima seção serão descritas as variáveis consideradas para as análises.

3.1.3 Variáveis, hipóteses e análises estatísticas

O objetivo principal deste teste foi o de averiguar se, a depender da pronúncia das fricativas em posição de coda silábica, os informantes seriam avaliados de forma diferente a partir de determinados atributos, bem como se identificariam esses informantes como pertencentes a determinadas comunidades de fala considerando as variantes dessa variável fonológica. Levando em conta a distribuição dos usos dessa variável em algumas comunidades de fala do Brasil (ver capítulo 1), certas variáveis linguísticas e extralinguísticas foram controladas com o objetivo de identificar se padrões aferidos em dados de produção também são encontrados em distribuições envolvendo dados de percepção, e se essas restrições podem interferir na forma como os ouvintes avaliam essas formas fonéticas. Outrossim, serão descritos a seguir cada um desses conjuntos de variáveis, o porquê de sua escolha e os testes de hipóteses a elas relacionados.

Na Figura 25, que apresenta a página do teste de percepção aqui descrito, pode-se observar um conjunto de atributos a partir dos quais o ouvinte deveria julgar o(a) falante

escutado(a), bem como duas outras perguntas. Dessa forma, ter-se-ia, em termos de análise, as seguintes variáveis com base no que foi apresentado no teste:

Quadro 10 - Variáveis provenientes do questionário do teste de percepção

Atributos	Níveis
Amigável	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Acolhedor(a)	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Educado(a)	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Escolarizado(a)	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Inteligente	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Confiável	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Convencido(a)	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Gay	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Sotaque	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7.
Identificação⁴⁰	Níveis
Natal	Sim; Não.
João Pessoa	Sim; Não.
Recife	Sim; Não.
Rio de Janeiro	Sim; Não.
São Paulo	Sim; Não.
Porto Alegre	Sim; Não.
Outra cidade	Sim; Não.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2021.

A escolha desses atributos relaciona-se às questões de pesquisa elaboradas a partir de uma observação qualitativa de entrevistas sociolinguísticas nessas comunidades de fala e a partir da observação de resultados de outros testes de percepção⁴¹, resenhados no capítulo 2.

⁴⁰ Como os informantes poderiam marcar mais de uma opção de resposta para essa pergunta, foi necessário distribuir as avaliações por cidade pelo número de possibilidades existente, a fim de calcular as proporções de escolha de cada uma das opções selecionadas.

⁴¹ Lopes (2012), Oushiro (2015) e Silva (2020) utilizaram métodos diferentes para a escolha dos atributos nos testes de percepção que aplicaram. Lopes (2012) enviou uma lista com 32 atributos para um grupo de fonoaudiólogos que trabalhavam com suavização de sotaque para que escolhessem os que acreditavam ser mais pertinentes para caracterizar um telejornalista. Oushiro (2015) e Silva (2020), seguindo a metodologia proposta por Campbell-Kibler (2006), apresentaram estímulos a alguns participantes e perguntaram percepções sobre os fragmentos de fala. Segundo essa tradição, seria interessante a aplicação de questionários abertos para alguns ouvintes das comunidades de fala com o intuito de identificar que qualificadores emergiam da percepção mais direcionada sobre as formas fonéticas em questão. Entretanto, isso não foi possível neste trabalho devido às restrições impostas pela pandemia da Covid-19 e ao tempo disponível para aplicação dos testes na plataforma

Nas entrevistas sociolinguísticas realizadas com a comunidade de João Pessoa e analisadas por Henrique e Hora (2015), alguns adjetivos como "convencido" e "arrogante" foram utilizados para descrever pessoas que pertenciam a comunidades de fala cuja produção prototípica da fricativa em coda é a palatoalveolar, como Recife e Rio de Janeiro. Estudos que avaliaram o grau de acomodação à variante alveolar ou palatoalveolar por falantes de uma comunidade de fala cuja variante prototípica era a oposta, discutidos na seção 1.2.4, apresentam análises qualitativas interessantes a respeito da opinião dos migrantes sobre as pessoas do lugar para onde se mudaram. Chacon (2012) reporta comentários sobre pessoenses feitos por paulistanos migrantes, que caracterizam aqueles como povo acolhedor. Lima (2013), que apresenta resultados referentes à acomodação de pessoenses vivendo em Recife, compartilha comentários metalinguísticos dos migrantes com relação à variante palatoalveolar. Alguns entrevistados associaram essa forma à fala de pessoas menos escolarizadas, citando sua presença na pronúncia de trabalhadores de serviços gerais, por exemplo. Outros entrevistados citaram a festividade do povo pernambucano como signo da sua identidade. Silva (2016), ao analisar a acomodação de pessoenses ao dialeto paulistano, apresenta as pressões que os migrantes sofriam por serem taxados como "de falar arrastado" e "com sotaque forte", citando o /S/ palatalizado como indício para essa percepção. Oliveira (2020), ao discutir impressões de cariocas migrantes que vivem na cidade de João Pessoa sobre os habitantes dessa cidade, aponta que para alguns informantes, o "chiado" na sua fala é evidente para os paraibanos, que por vezes os confundiam com pernambucanos. Alguns comentam sobre a percepção de que eles, os cariocas, eram mais festivos e expansivos, e classificaram os pessoenses como simpáticos, mas "fechados". Lopes (2012), a partir de um estudo de percepção envolvendo as fricativas coronais em coda antes de [t] e [d], identificou que os falantes pessoenses parecem preferir a variante alveolar para estilos mais formais, como a apresentação de um telejornal (mesmo não sendo esse o uso prototípico no seu vernáculo), e a palatoalveolar para a sua própria fala, percebendo os falantes dos estímulos como mais confiáveis quando usavam essa variante nesse contexto. Barbuio (2016) e Sene (2022), tendo por base estudos de realizados com falantes do inglês, reportam que características acústicas da fricativa em coda pode ser um marcador para a fala gay entre falantes do PB.

Levando em consideração esses trabalhos prévios, bem como a recorrência de alguns rótulos em outros estudos de percepção realizados no Brasil (OUSHIRO, 2015; FREITAG, 2016; MENDES, 2018; SILVA, 2020), foram escolhidos os atributos "amigável",

utilizada, que dependia do vínculo do pesquisador com a Universidade de York. Dessa forma, os atributos foram escolhidos levando em consideração a revisão da literatura sobre a variável analisada.

"acolhedor(a)", "educado(a)", "escolarizado(a)", "engraçado(a)", "inteligente", "confiável", "convencido(a)", "gay" e "tem sotaque" com o intuito de averiguar se algum deles está associado a uma das pronúncia prototípicas (alveolar ou palatoalveolar) para os falantes da comunidades de fala que participaram desta pesquisa.

As perguntas de pesquisa que giram em torno de cada um dos rótulos listados podem ser colocadas da seguinte forma: a avaliação do falante A, segundo determinado atributo, muda quando comparamos os dois estímulos por ele produzidos? Para a inspeção geral dos resultados, foram plotados boxplots com a distribuição das avaliações por atributo e pronúncia em cada uma das comunidades de fala, organizadas a partir da variante utilizada por seus falantes. Com o intuito de verificar para quais atributos seus ouvintes pareciam dar respostas significativamente diferentes a depender das variantes utilizadas, foi utilizada a técnica de modelos aninhados⁴², a partir da qual um teste de razão de verossimilhança (modelo Anova) comparava os resultados de um modelo linear misto com cada atributo como variável dependente, a variável pronúncia como preditora e o ouvinte e estímulo como efeitos aleatórios (atributo ~ pronúncia + (1|Ouvinte)), com um modelo sem a pronúncia como variável preditora (atributo ~ 1 + (1|Ouvinte)). Quando diferenças significativas eram verificadas entre esses modelos, novas análises eram realizadas considerando modelos lineares mistos que tinham esse atributo como variável dependente e a interação entre "pronúncia" e todas as variáveis preditoras controladas (tomando por base os estudos resenhados no capítulo 1), conforme o Quadro 11. Por exemplo, se a avaliação das fricativas foi significativamente distinta considerando o atributo "sotaque" entre os ouvintes de Porto Alegre, as outras variáveis seriam acrescentadas ao modelo de regressão linear de efeitos mistos rodado com as avaliações feitas considerando esse atributo, tendo o ouvinte como efeito aleatório⁴³. A mesma técnica de modelos aninhados seria aplicada para a escolha do modelo mais parcimonioso (com menos variáveis e sem resultados significativamente distintos do modelo mais completo).

Quadro 11 - Variáveis consideradas para o experimento de percepções sociolinguísticas

Variável de correlação	Níveis
Pronúncia	Alveolar; Palatal.
Variáveis preditoras linguísticas	Níveis
Contexto fonético seguinte	[k];[t];[d];[n].
Posição da coda na sílaba	Medial; Final.

⁴² Para mais informações, ver Winter (2013), Godoy (2019) e Godoy e Nunes (2020).

⁴³ lmer (Sotaque ~ Pronúncia*ContSeg + Pronúncia*Coda + Pronúncia*Gênero.ouvinte + Pronúncia*Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.PortoAlegre).

Vozeamento da fricativa ⁴⁴	Vozeada; Desvozeada.
Variáveis preditoras extralinguísticas	Níveis
Sexo/Gênero do informante	Masculino; Feminino
Sexo/Gênero do ouvinte	Masculino; Feminino
Variáveis controladas	Níveis
Frase estímulo ⁴⁵	Frase 1; Frase 2; Frase 3; Frase 4; Frase 5; Frase 6; Frase 7; Frase 8.
Variáveis de efeitos aleatórios	Níveis
Ouvinte	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 [...], 240.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Aventava-se, como hipóteses, a existência de diferenças significativas na avaliação das pronúncias entre os atributos considerando (i) os contextos fonéticos seguintes, principalmente nas comunidades onde a variante palatoalveolar é restrita a contextos específicos (HORA, 2003; RIBEIRO, 2006; HENRIQUE, 2016); (ii) o tipo de coda, já que há diferenças fonéticas entre fricativas em coda medial e em coda final em algumas comunidades do PB (COSTA, 2016); (iii) o vozeamento da fricativa, dado que os parâmetros acústicos utilizados para distinção entre pontos de articulação podem variar quando se considera o vozeamento em dados de produção de certas variedades no PB (RUSSO; BEHLAU, 1993; COSTA, 2016); (iv) o gênero dos informantes, na medida em que outros estudos de percepção documentam a existência de diferenças na avaliação de pronúncias a depender do gênero do falante (FOULKES *et al.*, 2010; STRAND, 2016); (v) e o gênero dos ouvintes, dado que o prestígio ou estigmatização de determinadas variantes podem ser observadas a partir da avaliação distinta dessas variantes entre homens e mulheres em determinadas comunidades de fala (FOULKES *et al.*, 2010; SORIANO, 2016).

No capítulo 1, durante a descrição dos resultados qualitativos referentes às entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes de João Pessoa, bem como àquelas feitas com migrantes entre comunidades de fala com diferentes realizações de /S/ em coda, nota-se não apenas a saliência dessa variável fonológica para a comunidade, mas também a sua utilização como estereótipo para falares relacionados a outras comunidades de fala. Destarte, como o teste

⁴⁴ Como as variáveis "contexto fonético seguinte" e "vozeamento da fricativa" não são independentes entre si (dado que o vozeamento da fricativa é motivado pelo vozeamento do contexto seguinte), a variável "contexto fonético seguinte" foi escolhida para estar no modelo completo por possibilitar leituras mais precisas, dado que seus níveis são mais informativos (revelam informação sobre o vozeamento ao mesmo tempo que discriminam modos e pontos de articulação). Se esta variável (contexto seguinte) mostrar-se relevante para explicar o comportamento da variável dependente e os níveis com consoantes vozeadas (ou desvozeadas) favorecerem ou restringirem determinada avaliação, novas comparações entre modelos serão feitas levando em consideração o modelo completo com a variável "vozeamento da fricativa" ao invés do modelo "contexto fonético seguinte", como apresentado na nota anterior.

⁴⁵ Como cada falante pronunciou uma das frases estímulo, essas variáveis estão sobrepostas e não se faz necessário acrescentar a variável "informante" como variável controlada.

seria aplicado a ouvintes de 6 capitais brasileiras escolhidas a partir da forma como utilizam a variável em questão, decidiu-se estabelecer a seguinte pergunta de pesquisa: os ouvintes identificarão a origem dos falantes de forma distinta considerando a pronúncia do /S/ em coda e a comunidade da qual fazem parte? A hipótese proposta levando consideração os resultados de pesquisas anteriores é a de que cidades onde as variantes palatoalveolares predominam seriam mais escolhidas quando o estímulo escutado apresentasse pronúncias palatoalveolares, bem como se cidades onde as pronúncias alveolares predominam seriam mais escolhidas quando estímulos com essas pronúncias fossem escutados. Além disso, objetivou-se verificar se essas escolhas seriam diferentes a depender da origem dos ouvintes, levando em consideração os padrões de uso de sua comunidade e o de comunidades próximas.

Para verificar as proporções de identificação de cada cidade, cada uma delas foi considerada como uma variável com níveis "sim", quando escolhida pelo ouvinte para indicar a origem do falante, e "não", quando não escolhida, conforme o Quadro 10. Dessa forma, pôde-se calcular as proporções de escolha voluntária para cada uma das cidades nos formulários de resposta e analisar essas distribuições de acordo com a pronúncia ouvida e a comunidade de fala à qual o ouvinte pertencia. Após uma primeira inspeção das respostas, a partir da técnica de modelos aninhados, investigou-se a relevância de modelos de regressão logística que levavam em consideração a interação entre a pronúncia escutada e a comunidade do ouvinte em comparação com modelos nulos (sem a presença dessas variáveis) para a escolha de cada uma das seis cidades, tendo como interceptos aleatórios os ouvintes e os estímulos⁴⁶. Os testes de Anova que apresentassem resultados significativamente distintos ao comparar as estimativas de cada par de modelos indicariam quais deles seriam discutidos com profundidade.

3.2 SEGUNDA PARTE - EXPERIMENTO DE DISCRIMINAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DIALETAL

O segundo bloco de testes consistia na combinação entre uma tarefa de discriminação e uma de identificação, criados para observar se (i) a distinção entre as variantes alveolares e palatoalveolares em posição de coda pode ser diferente entre ouvintes do português brasileiro considerando algumas variáveis linguísticas, e se (ii) esses ouvintes conseguem identificar o

⁴⁶ Por exemplo, para testar se a escolha da cidade de Recife para designar a origem do falante escutado era afetada pela pronúncia do falante e pelo dialeto de origem do ouvinte, uma Anova compara um modelo com essas variáveis (`glmer(IdRecife~Pronúncia*Cidade + (1|Ouvinte), data=AvCidade, family = "binomial")`) com um modelo sem a presença delas (`glmer(IdRecife ~ 1 + (1|Ouvinte), data=AvCidade, family = "binomial")`).

comportamento de sua comunidade de fala no que diz respeito a essa variável, bem como o grau de identificação que mantém com seu dialeto de origem. Ele consiste basicamente numa extensão do experimento desenvolvido e aplicado por Henrique (2016) a ouvintes do dialeto pessoense, descrito na seção 1.3.2 do capítulo 1, estendido a ouvintes de outros dialetos brasileiros com diferentes distribuições da variante palatoalveolar da fricativa em coda silábica.

3.2.1 *Design experimental*

Para responder ao questionamento sobre a existência de diferença na distinção entre alveolares e palatais em diferentes contextos fonético-fonológicos por ouvintes de comunidades de fala distintas, os mesmos juízes participantes da primeira parte do experimento deveriam julgar quão diferentes duas pronúncias da mesma palavra soavam em relação ao /S/ em posição de coda silábica. Avaliaram, destarte, 16 gravações de pares de palavras iguais, sendo oito totalmente iguais (com a mesma pronúncia) e oito diferentes (com pronúncias distintas) quanto ao "s" pós-vocálico. Em cada página do teste, o áudio contendo as duas pronúncias da palavra começava a tocar assim que o ouvinte clicava no botão "play", podendo ser repetido quantas vezes forem necessárias, conforme a Figura 26 mais acima.

Após ouvirem cada estímulo, os avaliadores deveriam clicar na bolinha e arrastá-la sobre a linha até o local que melhor representava a diferença de pronúncia em uma escala que ia de "totalmente igual" a "totalmente diferente" (Figura 25). Quando o participante entrava numa página desse teste, a bolinha estava posicionada exatamente no meio da linha, correspondendo à avaliação neutra (50)⁴⁷. Ao concluir a tarefa, eles deveriam clicar no botão "Avançar". Se julgassem que as pronúncias eram diferentes (acima de 50), mais duas perguntas eram feitas sobre elas: (i) “Como as pessoas da sua cidade pronunciariam essa palavra?” e (ii) “Como você pronunciaria essa palavra?”. Essas questões foram colocadas para que se pudesse avaliar a percepção dos ouvintes sobre seu modo de falar e o de sua comunidade.

O Quadro 12 apresenta as palavras usadas como estímulo, escolhidas pelo pesquisador e gravadas por ele, um homem paraibano de 28 anos, pronunciando as duas formas. Elas foram pensadas considerando o controle de algumas variáveis linguísticas, como número de sílabas, vogal precedente, contexto fonético seguinte à fricativa, seu vozeamento e a posição da coda.

⁴⁷ Optou-se pela utilização *slider* porque o tratamento com uma variável numérica (0-100) possibilita análises mais ricas no que diz respeito à verificação de diferenças significativas em dimensões mais precisas (HENRIQUE, 2016, SORIANO, 2016).

Detalhes sobre as gravações serão expostos na seção 3.2.2, assim como as variáveis utilizadas para elaboração dos estímulos serão detalhadas na seção 3.2.3.

Quadro 12 - Estímulo para o segundo conjunto de testes

Tipo de estímulo	Rótulo	Palavra	Par de pronúncias	Cont. Seguinte	Voz.	Tipo de coda
Real	O1	casca	[ˈkas.kə] x [ˈkaʃ.kə]	[k]	Desvozeado	Medial
	O2	basta	[ˈbaʃ.tə] x [ˈbas.tə]	[t]		
	O3	asda ⁴⁸	[ˈaʒ.də] x [ˈaz.də]	[d]	Vozeado	
	O4	asna	[ˈaz.nə] x [ˈaʒ.nə]	[n]		
	O5	mais caro	[majʃ ˈka.ru] x [majs ˈka.ru]	[k]	Desvozeado	Final
	O6	mais tapa	[majs ˈta.pə] x [majʃ ˈta.pə]	[t]		
	O7	mais dado	[majʒ ˈda.du] x [majʒ ˈda.du]	[d]	Vozeado	
	O8	mais nada	[majʒ ˈna.də] x [majʒ ˈna.də]	[n]		
Distrator	F1	casca	[ˈkas.kə] x [ˈkas.kə]	[k]	Desvozeado	Medial
	F2	basta	[ˈbaʃ.tə] x [ˈbaʃ.tə]	[t]		
	F3	asda	[ˈaz.də] x [ˈaz.də]	[d]	Vozeado	
	F4	asna	[ˈaʒ.nə] x [ˈaʒ.nə]	[n]		
	F5	mais caro	[majʃ ˈka.ru] x [majʃ ˈka.ru]	[k]	Desvozeado	Final
	F6	mais tapa	[majs ˈta.pə] x [majs ˈta.pə]	[t]		
	F7	mais dado	[majʒ ˈda.du] x [majʒ ˈda.du]	[d]	Vozeado	
	F8	mais nada	[majʒ ˈna.də] x [majʒ ˈna.də]	[n]		

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Além dos estímulos, o Quadro 12 também apresenta os distratores que foram utilizados como balizadores para validar os testes respondidos pelos ouvintes. Se um ouvinte identificasse como diferentes pares que eram exatamente iguais, esse teste era excluído, pois certamente estava sendo respondido com desatenção ou descaso. Na seção seguinte serão apresentados os métodos para gravação e edição dos estímulos.

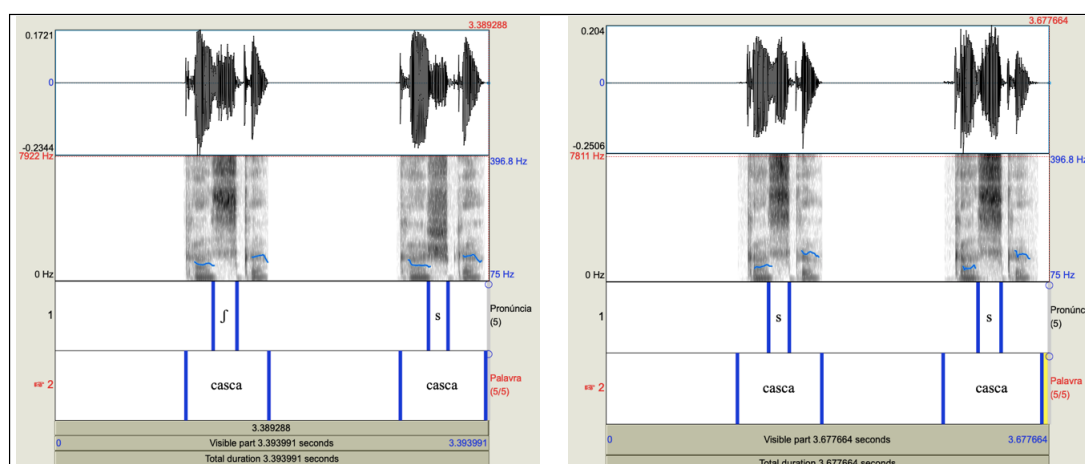
⁴⁸ Como não foi encontrada uma palavra em língua portuguesa dissílaba, paroxítona e com o /S/ em coda na primeira sílaba sendo precedido pela consoante /d/, essa palavra foi criada seguindo esses critérios. No experimento, foi apresentada ao participante grafada em letras maiúsculas para indicar que poderia ser uma sigla ou nome de alguma marca (rede de supermercados britânica, por exemplo). De toda sorte, como as palavras serão controladas como variável, possíveis alterações nas respostas relacionadas à frequência da palavra (ou a ausência dela, nesse caso) serão detectadas e discutidas na análise dos dados.

3.2.2 Gravação dos estímulos

No que diz respeito à confecção dos estímulos, as duas pronúncias foram gravadas pelo pesquisador utilizando o mesmo protocolo com o qual os informantes do primeiro experimento foram orientados: utilizando o microfone nativo do seu smartphone a partir do aplicativo "Sound Voice Recorder", com uma taxa de amostragem ajustada em 44.1KHz. Cada palavra foi gravada 5 vezes para cada tipo de realização esperada, totalizando 10 gravações por palavra, salvas em arquivo .WAV e normalizadas quanto ao volume com o programa SoundForge, tais quais os estímulos do outro teste.

No experimento desenvolvido por Henrique (2016), com a utilização do programa Praat (BOERSMA; WEENINK, 2016), a mesma gravação dos estímulos foi copiada duas vezes, com um intervalo de 1 segundo entre elas, e apenas uma delas foi editada, tirando-se o segmento original e colando o segmento diferente (alveolar ou palatal, a depender da gravação escolhida como padrão) em seu lugar, de modo a se ter praticamente a mesma pronúncia com a diferença presente apenas no segmento editado. Nesta versão, optou-se por escolher as gravações mais parecidas entre os pares de realização para evitar a edição do estímulo original (mesmo protocolo realizado com os estímulos do primeiro conjunto de tarefas). Dessa maneira, os dois estímulos foram justapostos com um intervalo de 1 segundo entre eles, conforme a Figura 30. Além de pares de estímulos diferentes, também foram criados pares de estímulos iguais com essas mesmas palavras. Nesses pares, justapositionou-se, ao lado da gravação original, sua cópia idêntica, por meio da função copiar e colar.

Figura 30 - Espectrograma e Oscilograma dos estímulos O1 e F1

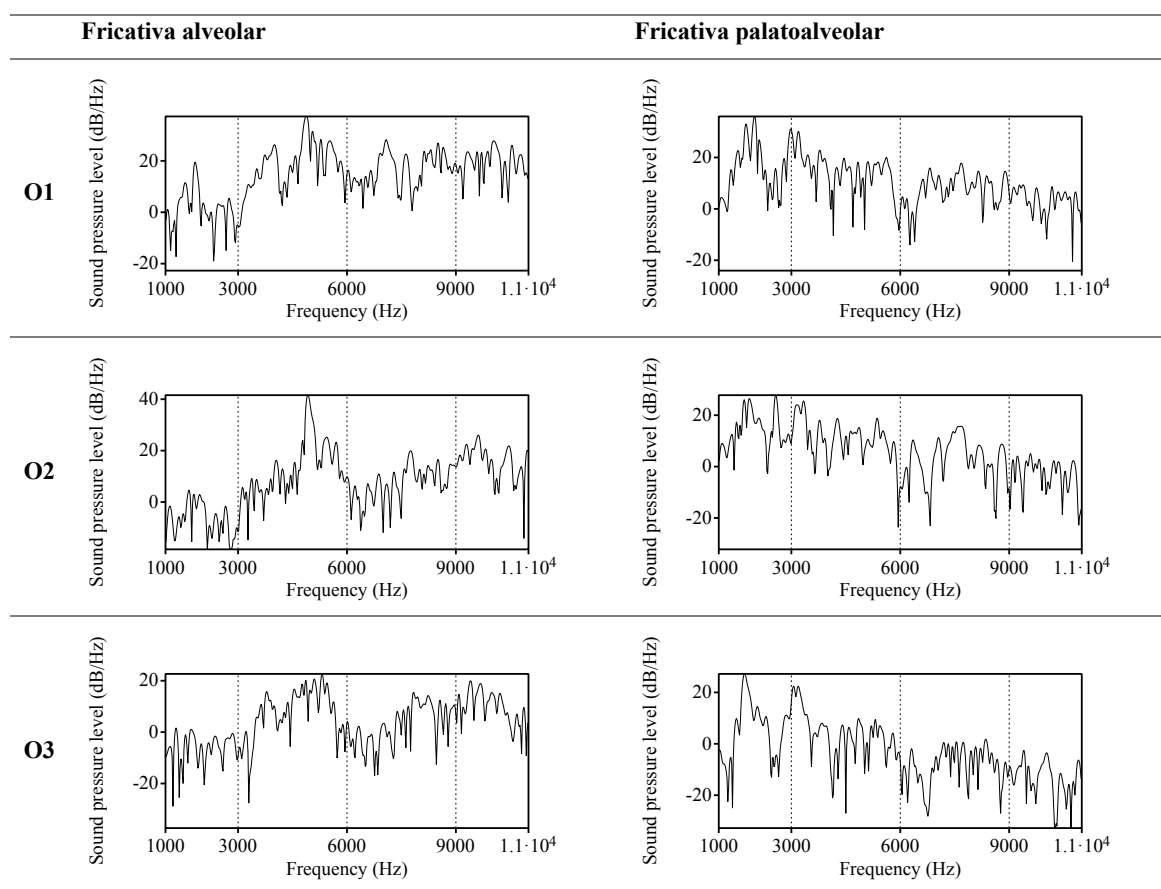


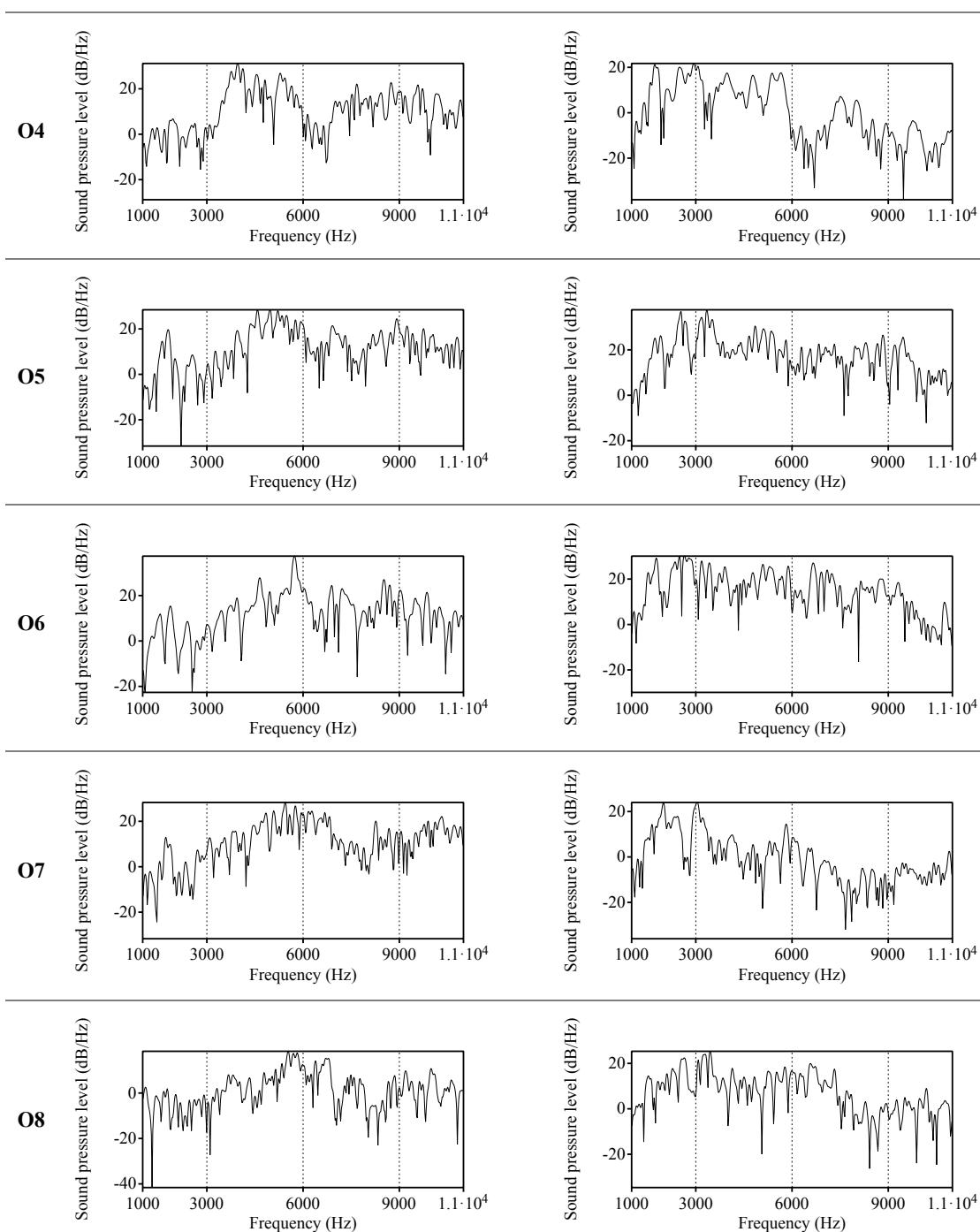
Fonte: Elaboração própria, 2022.

A ordem de apresentação dos estímulos era alternada entre alveolar e palatoalveolar de forma que cada pronúncia apareceu primeiro no mesmo número de estímulos, bem como os distratores apresentavam pares de pronúncias alveolares e palatoalveolares na mesma proporção em todos os contextos controlados.

No que se refere aos parâmetros acústicos utilizados para a categorização das fricativas com relação ao ponto em que são articuladas, os mesmos discutidos na seção anterior foram considerados para os estímulos dessa seção, tais quais o primeiro pico espectral e o centro de gravidade extraídos a partir dos 30ms centrais do segmento fricativo, no intervalo entre 1000 e 11000 Hz. O Quadro 13 apresenta os espectros extraídos dos estímulos apresentados aos ouvintes.

Quadro 13 - Espectros de frequência das pronúncias alveolares e palatoalveolares dos estímulos do segundo experimento





Fonte: Elaboração própria, 2022.

O Quadro 14 apresenta a duração, primeiro pico espectral e o centro de gravidade das fricativas alveolares e palato alveolares presentes nos estímulos apresentados aos ouvintes.

Quadro 14 - Métricas controladas para a categorização das fricativas e validação dos estímulos do segundo experimento

Palavra	Estímulo	Pronúncia	Duração (ms)	Primeiro pico espectral (Hz)	Centro de gravidade (Hz)
O1	casca	[ˈkas.kə]	152.45	5196.69	6210.70
		[ˈkaʃ.kə]	151.33	2033.58	2718.45
O2	basta	[ˈbas.tə]	141.68	4903.81	5373.82
		[ˈbaʃ.tə]	140.31	2580.29	3131.11
O3	asda	[ˈaz.də]	107.64	5333.36	6832.87
		[ˈaʒ.də]	108.66	3087.95	2408.88
O4	asna	[ˈaz.nə]	103.64	3947.07	5324.09
		[ˈaʒ.nə]	103.76	1721.18	3410.72
O5	mais caro	[majs ˈka.ru]	146.62	5177.76	5962.86
		[majʃ ˈka.ru]	144.62	2521.72	3917.19
O6	mais tapa	[majs ˈta.pə]	153.37	5743.40	6132.32
		[majʃ ˈta.pə]	155.19	1779.75	4063.97
O7	mais dado	[majz ˈda.du]	119.25	5430.00	6525.66
		[majʒ ˈda.du]	116.74	2033.58	2830.33
O8	mais nada	[majz ˈna.də]	100.71	5548.14	6244.97
		[majʒ ˈna.də]	104.97	3458.93	4168.76

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Assim como ocorreu com os estímulos do primeiro grupo de testes, também foi realizado um teste para validação desse novo grupo de *inputs*, aplicados aos mesmos participantes que responderam o teste de validação descrito na seção 3.1.2. Na introdução da seção que apresentaria essas gravações aos juízes, o seguinte texto foi apresentado:

A partir de agora, você deve ouvir pares de palavras ou expressões e julgar se as fricativas em posição de coda foram produzidas no mesmo ponto de articulação ("alveolar e alveolar" ou "pós-alveolar e pós-alveolar"), ou em pontos de articulação distintos ("alveolar e pós-alveolar" ou "pós-alveolar e alveolar"). (Elaborados pelos autores, 2021).

A partir das páginas seguintes os juízes escutavam o estímulo e deveriam indicar se as fricativas no par de palavras foram pronunciadas no mesmo lugar de articulação ou em pontos de articulação distintos. A Figura 31 apresenta a página do teste utilizada para validar a produção distinta do estímulo O4. A apresentação dos estímulos era randomizada a partir de uma ferramenta da própria plataforma, como descrito na seção 3.1.2.

Figura 31 - Página do teste utilizada para validar a produção pós-alveolar do estímulo O4

Fonte: Elaboração própria, 2022.

A quantidade de acertos foi categórica para todos os estímulos a serem validados, o que ofereceu mais segurança com relação à qualidade dos *inputs* sonoros oferecidos para que os ouvintes participantes do teste principal pudessem avaliar a distinção entre alveolares e palatoalveolares em posição de coda. A próxima seção descreverá as variáveis consideradas para as análises, algumas hipóteses a serem verificadas e os testes estatísticos utilizados para tal.

3.2.3 Variáveis, hipóteses e análises estatísticas

O objetivo geral deste teste foi verificar se o grau de distinção entre pronúncias alveolares e palatoalveolares em posição de coda silábica produzidas por um falante do PB pode ser diferente a depender da variante predominante em determinadas comunidades de fala, do contexto fonológico seguinte ao segmento fricativo, do vozeamento da fricativa e do tipo de coda. Objetivou-se também averiguar se os ouvintes de dialetos diferentes conseguem identificar o comportamento do /S/ em coda na sua comunidade e em sua própria fala, bem como o grau de identificação desse falante com seu dialeto de origem com relação à variável linguística em questão. A Figura 26 apresenta a página de teste padrão apresentada aos ouvintes para tentar chegar a respostas para as quais as variáveis presentes no Quadro 15 foram consideradas.

Quadro 15 - Variáveis consideradas para o segundo experimento⁴⁹

Variáveis Dependentes	Níveis
Grau de distinção	0; 1; 2; 3 ... 100.
Identificação com a pronúncia da comunidade de fala do ouvinte	Alveolar; Palatal.
Identificação com a pronúncia do próprio ouvinte	Alveolar; Palatal.
Variáveis predictoras linguísticas	Níveis
Contexto fonético seguinte	[k];[t];[d];[n].
Posição da coda na sílaba	Medial; Final.
Vozeamento da fricativa	Vozeada; Desvozeada.
Variáveis predictoras extralinguísticas	Níveis
Tipo de comunidade de fala do ouvinte consoante ao uso da variável analisada	Pronúncia predominantemente alveolar; pronúncia predominantemente palatoalveolar; ambas as pronúncias.
Cidade do ouvinte	Natal; João Pessoa; Recife; Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre.
Variáveis de efeitos aleatórios	Níveis
Ouvinte	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7 [...]; 240.
Variáveis controladas	Níveis
Palavra (Word)	"casca"; "basta"; "asda"; "asna"; "mais caro"; "mais tapa", "mais dado", "mais nada".
Diferença entre os primeiros picos espectrais (Hz) ⁵⁰	3.163,11; 2.323,52; 2.245,41; 2.225,89; 2.656,04; 3.963,65; 3.396,42; 2.089,21.
Diferença entre os centros de gravidade (Hz) ⁵¹	3.492,25; 2.242,71; 4.423,99; 1.913,37; 2.045,67; 2.068,35; 3.695,33; 2.076,21.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Com relação à primeira variável dependente a ser analisada, o grau de distinção entre as fricativas, algumas hipóteses foram estabelecidas a partir dos resultados de trabalhos resenhados nos capítulos 1 e 2 desta tese. Partindo do pressuposto de que a origem regional de um falante/ouvinte interfere na percepção de determinadas formas linguísticas por parte deles

⁴⁹ É importante notar que as variáveis "contexto fonético seguinte" e "vozeamento da fricativa", bem como as variáveis "tipo de comunidade" e "cidade do ouvinte" não são independentes entre si. Uma ou outra entrará no modelo mais completo, a depender dos resultados dos testes com cada variável individualmente. Se ambas mostrarem-se relevantes para serem incluídas no modelo mais completo, uma análise mais detalhada será realizada a fim de detectar a que explica de forma mais completa os resultados.

⁵⁰ O valores considerados como níveis dessa variável foram calculados a partir da diferença entre os primeiros picos espectrais das fricativas em cada uma das pronúncias de cada par apresentado ao ouvinte em cada um dos estímulos. A diferença entre os primeiros picos, que são uma pista para o lugar de constrição na produção das fricativas estridentes, podem representar a distância entre as articulações apresentadas no par. Por exemplo, o primeiro pico espectral da pronúncia alveolar da palavra "casca" foi na região dos 5.196,69 Hz, e primeiro pico da pronúncia palatoalveolar da mesma palavra foi de 2.033,58 Hz. A diferença entre eles é de 3.163,11 Hz, e este valor de certa forma corresponderia à distância entre os lugares de constrição de uma produção em relação à outra. Pretende-se testar se maiores distâncias refletem-se em maiores discriminações.

⁵¹ A lógica para o estabelecimento dos níveis dessa variável seguiu os mesmos métodos detalhados na nota anterior, tendo em vista que ambos os parâmetros acústicos estão vinculados ao mesmo comportamento articulatório.

de acordo com a distribuição dessas formas em sua comunidade (DRAGER, 2010), aventou-se a hipótese de que o grau de distinção entre alveolares e palatoalveolares seria significativamente diferente a depender do tipo de comunidade de fala quanto ao uso do /S/ em coda. Como esse uso é altamente restrito ao contexto fonológico seguinte em comunidades que possuem altas taxa de produção das duas variantes (HORA, 2003; RIBEIRO, 2006; LOPES, 2012; HENRIQUE, 2016), também foi estabelecida a hipótese de que o contexto fonológico seguinte pode afetar significativamente o grau de distinção entre as variantes descritas. Dados de fonética experimental apontam diferenças acústicas na produção de fricativas em coda no que diz respeito ao seu vozeamento e ao tipo de coda (se medial ou final) (COSTA, 2016). Partindo do pressuposto de que diferenças encontradas na produção podem funcionar como pistas para a percepção (BOERSMA; HAMANN, 2009), aventou-se a hipótese de que a distinção seria maior entre pares de pronúncias desvozeadas e em coda medial. Todas essas hipóteses foram pensadas tendo por base a elucidação de questões mais amplas dentro dos estudos de percepção da fala, dentro dos quais está a influência de aspectos sociolinguísticos no mapeamento e processamento do sinal acústico na cognição humana, bem como a investigação sobre como determinadas pistas acústicas são utilizadas nesse processo.

Para testar as hipóteses acima descritas, após análises descritivas a partir da distribuição dos dados por meio de boxplots, um modelo linear misto foi ajustado tomando o "grau de distinção" como variável resposta, e algumas das variáveis preditoras apresentadas no Quadro 15, bem como a interação entre esses fatores como efeitos fixos e interceptos aleatórios por participante (ouvinte). As variáveis escolhidas para compor esse modelo mais geral foram escolhidas após testes de Anova que comparavam os resultados de um modelo linear simples com cada uma das variáveis em relação ao "grau de distinção" (por exemplo: grau ~ Coda + (1|Ouvinte) com um modelo nulo (grau ~ 1 + (1|Ouvinte))). Se os resultados dos modelos fossem significativamente distintos, as variáveis comporiam o modelo linear misto ajustado. A partir da técnica de modelos aninhados, esse modelo foi sendo enxuto até se chegar ao mais parcimonioso para discutir as variáveis que parecem afetar a percepção dessas distinções.

Se os ouvintes atribuísem um grau de diferença entre as pronúncias maior que 50, uma nova etapa do teste começava para eles. A variável dependente nessa seção foi a escolha pela forma alveolar ou palatoalveolar para caracterizar o dialeto de sua cidade e sua própria forma de falar. As hipóteses alternativas a serem testadas eram (i) a de que os participantes têm consciência da forma como sua comunidade se comporta com relação ao fenômeno sob análise, e (ii) a de que eles apresentam forte identificação dialetal frente a essa variável, dado que escolhem para sua fala os mesmos padrões escolhidos para a comunidade. Para testá-las, as

principais variáveis preditoras consideradas foram a "cidade do informante" e o "contexto fonológico seguinte", cujo efeito para o comportamento da variável dependente foi aferido através da comparação aninhada de modelos de regressão logística com efeitos mistos (com "participante" efeito aleatório), tanto para a caracterização da fala da cidade como do próprio participante. Análises de estatística de natureza descritiva também ocorreram a partir da plotagem de gráficos utilizando o ggplot2.

No próximo capítulo serão apresentados e discutidos os resultados provenientes dos dados coletados com os testes descritos neste capítulo.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados aferidos a partir da aplicação dos dois conjuntos de testes descritos na seção anterior. Para uma melhor organização da apresentação desses resultados, bem como a verificação das hipóteses postuladas a partir da observação dos estudos prévios descritos nos capítulos 1 e 2, a mesma divisão proposta na metodologia será mantida para explicar os conjuntos de experimentos, alterando-se, porém, sua ordem.

Serão descritos, a princípio, os resultados obtidos a partir das tarefas de discriminação e categorização dialetal apresentadas aos ouvintes durante a segunda parte do teste. Num segundo momento, serão apresentados os padrões de avaliação dos pares de pronúncia considerando os atributos pré-estabelecidos, sua identificação com determinadas comunidades de fala, bem como as análises estatísticas desenvolvidas considerando as hipóteses a serem testadas por meio desse instrumento.

A inversão da ordem de apresentação desses resultados visa retomar a ordem lógica de observação: a forma como os ouvintes discriminam os pares pode explicar, de certa forma, as menores ou maiores diferenças entre as avaliações por atributo considerando cada par (pronúncia alveolar vs. pronúncia palatoalveolar).

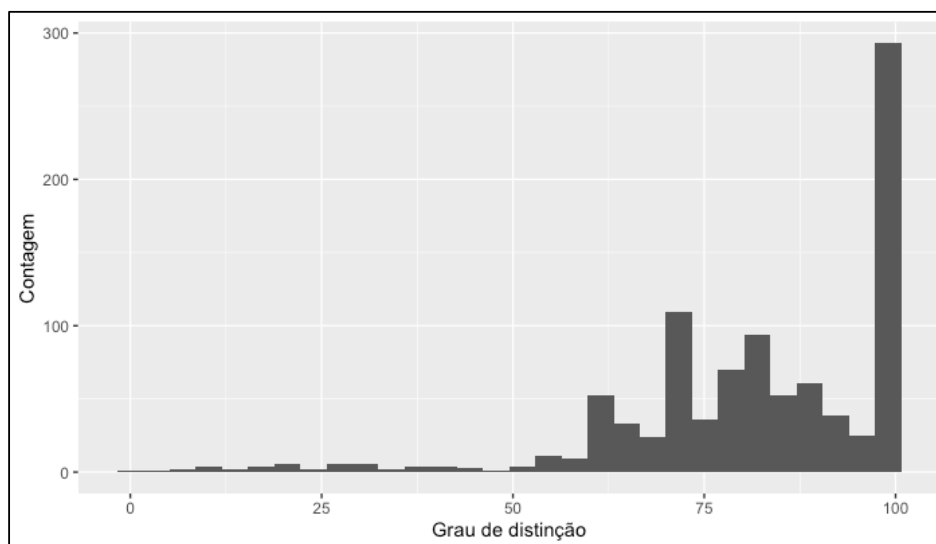
4.1 RESULTADOS DO EXPERIMENTO DE DISCRIMINAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DIALETAL

4.1.1 Experimento de discriminação

A segunda seção dos testes aplicados apresentava aos ouvintes, em primeiro lugar, um teste de discriminação e, em segundo, num teste de categorização dialetal. Aquele foi desenvolvido com vistas a investigar se variáveis de natureza linguística (como o vozeamento da fricativa, o contexto seguinte e o tipo de coda), bem como a frequência de determinado *input* na comunidade de fala do informante (se alveolar, palatoalveolar ou ambos, para a realização do /S/ em coda silábica), poderiam afetar a forma como os ouvintes distinguem o par alveolar vs. palatoalveolar na posição de coda silábica. A partir de 960 observações extraídas das respostas de 120 ouvintes⁵², a distribuição geral das avaliações pode ser observada no histograma apresentado na Figura 32.

⁵² Apesar do teste como um todo ter sido realizado por 240 informantes, algumas dessas respostas apresentaram erros em sua computação, de forma que, entre os formulários com respostas completas, foram escolhidos 120 para

Figura 32 - Histograma para representar a distribuição das respostas dadas pelos informantes no teste de percepção



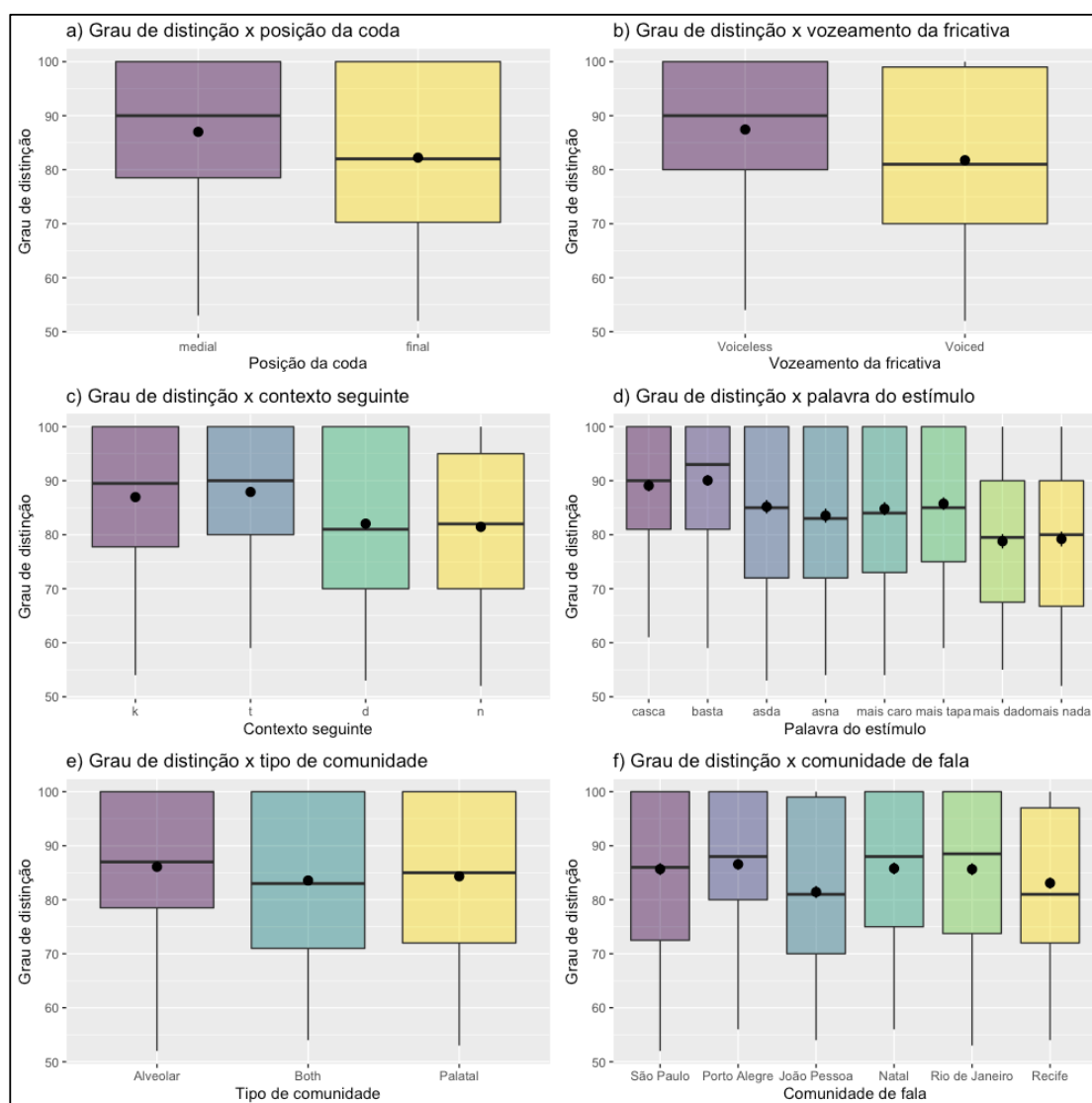
Fonte: Elaboração própria, 2022.

O histograma apresenta a contagem das respostas oferecidas pelos respondentes para o grau de distinção entre os pares de fricativas. É possível notar que a maioria dos dados concentra-se no intervalo entre 50 e 100, havendo uma proeminente quantidade de respostas no valor que marca a diferença absoluta entre as pronúncias (100). Para as análises posteriores, com o intuito de excluir os possíveis *outliers*, foram consideradas as avaliações acima de 50 para a variável dependente analisada⁵³. A média geral das avaliações nesse intervalo foi de 84,7, e a mediana foi de 85, resultado semelhante ao encontrado por Henrique (2016), estudo resenhado na seção 1.3.2. As distribuições considerando cada uma das variáveis preditoras controladas podem ser observadas nos bloxpots da Figura 33.

compor as análises dessa seção, considerando as distribuições igualitárias de observações para todas as variáveis controle.

⁵³ 50 foi o número de corte utilizado para apresentar as duas outras questões de categorização dialetal. Com a aplicação do filtro, utilizado para eliminar os *outliers*, o número de observações diminuiu para 909.

Figura 33 - Boxplots com distribuição das observações do grau de distinção (acima de 50) considerando cada uma das variáveis predictoras



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Considerando as distribuições apresentadas, percebe-se que as variáveis "posição da coda", "vozeamento da fricativa" e "contexto seguinte" parecem apresentar distribuições heterogêneas entre seus níveis, enquanto as variáveis "tipo de comunidade" e "comunidade de fala" apresentam distribuições mais homogêneas. As médias do valor de distinção entre alveolares e palato alveolares são levemente superiores quando os pares são apresentados na condição de coda medial (87), quando as pronúncias são desvozeadas (87,44) e quando o contexto seguinte é "k" (86,97) e "t" (87,92), já que estas são as responsáveis pelo

(des)vozeamento das fricativas (ver comentário sobre a não ortogonalidade entre essas suas variáveis na nota de rodapé do Quadro 15). As médias do valor de distinção entre as pronúncias considerando as palavras utilizadas como estímulos apresentam de, forma detalhada, os padrões de distinção verificados entre as variáveis que aparentemente parecem afetar a distinção (posição de coda e vozeamento da fricativa): os graus de contrastividade foram maiores entre as palavras "casca" e "basta" (que apresentam a fricativa desvozeada em coda medial) e menores entre as pronúncias de "mais dado" e "mais nada" (expressões com o /S/ vozeado e em coda final). Pela inspeção visual, "asda", a única palavra inventada, não pareceu influenciar o grau de distinção atribuído.

Pensando nas hipóteses levantadas considerando os dados de produção, as distribuições da percepção do grau de distinção entre os pares apontam para a confirmação da hipótese de que variáveis linguísticas que restringem o uso das variantes palatoalveolares em algumas comunidades de fala, tais como a posição da coda e o vozeamento da fricativa (CALLOU; MORAES, 1996a, 1996b; SCHERRE; MACEDO, 2000; MACEDO, 2004; BASSI, 2011), também parecem importantes para explicar como os ouvintes estabelecem contrastes entre essas fricativas. Entretanto, as hipóteses de que as diferentes frequências no *input* linguístico, representados pelas variáveis "tipo de comunidade" e "comunidade de fala", teriam influência na percepção do grau de contraste entre esses segmentos na posição de coda silábica aparentemente seriam descartadas a partir da observação das distribuições gerais. Para testar essas hipóteses, alguns testes foram aplicados.

Em primeiro lugar, uma comparação com modelos aninhados a partir de testes do tipo Anova mostrou que modelos ajustados incluindo tipo de comunidade ($\chi^2=1,00$ $p=0,60$)⁵⁴ e comunidade de fala ($\chi^2=3,69$, $p=0,59$)⁵⁵ não apresentaram efeito significativo quando comparados ao modelo de linear misto sem a presença dessas variáveis, tomando o grau de distinção (Degree) como variável resposta e interceptos aleatórios por ouvinte⁵⁶. Variáveis fonéticas controladas como a diferença entre picos espectrais ($\chi^2=0,54$, $p=0,68$)⁵⁷, e a diferença entre os centros de gravidade ($\chi^2=0,14$, $p=0,71$)⁵⁸ tampouco apresentaram resultados significativamente distintos em relação ao modelo nulo. Entre as variáveis que apresentaram resultados significativamente distintos daqueles previstos por modelos sem sua presença, estão

⁵⁴ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ PredVariant +(1|ouvinte))

⁵⁵ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ SpeechCom +(1|ouvinte))

⁵⁶ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ 1 +(1|ouvinte))

⁵⁷ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ Pico +(1|ouvinte))

⁵⁸ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ Centro +(1|ouvinte))

o tipo de coda ($\chi^2=60,08$, $p < 0.01$)⁵⁹, o vozeamento da fricativa ($\chi^2=90,87$, $p < 0.01$)⁶⁰, o contexto seguinte ($\chi^2=92,82$, $p < 0.01$)⁶¹ e a palavra utilizada no estímulo ($\chi^2=170,25$, $p < 0.01$)⁶². Como essas variáveis não são independentes entre si, as duas variáveis mais gerais (tipo de coda e vozeamento) foram escolhidas para integrar o modelo completo. Os níveis "k" e "t", da variável contexto seguinte, e os níveis "casca" e "basta", da variável palavra do estímulo, apresentam estimativas maiores para atribuição de contraste nos modelos simples, resultados que reiteram, na verdade, a importância das variáveis mais gerais.

A partir dos resultados dos testes anteriores, foi ajustado um modelo linear misto tomando o grau de distinção (Degree) como variável resposta, posição de coda (Coda) e vozeamento da fricativa, bem como a interação entre esses fatores como efeitos fixos e interceptos aleatórios por participante (ouvinte)⁶³. Esse modelo apresentou diferença significativa quando comparado ao modelo nulo ($\chi^2=27,85$, $p < 0.01$), mas o modelo com as duas variáveis sem interação⁶⁴ não apresentou diferença significativa ($\chi^2=1,26$, $p=0,26$) comparado ao modelo mais completo. Dessa forma, como a retirada da interação do modelo parece não mudar seu ajuste de forma significativa, o modelo que explica os dados obtidos de forma mais parcimoniosa parece ser o que leva em conta as variáveis posição de coda e vozeamento da fricativa, cujo detalhamento está exposto na Tabela 9 juntamente com o mesmo modelo aplicado ao conjunto de dados com todas as 960 observações verificadas (sem aplicação do filtro)⁶⁵.

⁵⁹ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ Coda +(1|ouvinte))

⁶⁰ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ VoiceFC +(1|ouvinte))

⁶¹ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ FollowingCont +(1|ouvinte))

⁶² lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ Word +(1|ouvinte))

⁶³ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ Coda*VoiceFC+(1|ouvinte)+(1|Word))

⁶⁴ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ Coda+VoiceFC+(1|ouvinte)+(1|Word))

⁶⁵ lmer(data = Dtest, Degree ~ Coda+VoiceFC+(1|ouvinte)+(1|Word))

Tabela 9 - Modelos de regressão linear mistos com posição da coda e o vozeamento da fricativa como efeitos fixos e o ouvinte como efeito aleatório, considerando uma amostra com dados filtrados (a) e uma com todas as observações (b)

<i>Predictors</i>	Degree (a)			Degree (b)		
	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	79.05	77.02 – 81.09	<0.001	74.46	71.82 – 77.10	<0.001
VoiceFC [Voiceless]	5.80	4.71 – 6.90	<0.001	7.66	5.98 – 9.34	<0.001
Coda [medial]	4.95	3.85 – 6.04	<0.001	6.50	4.82 – 8.18	<0.001
Random Effects						
σ^2	70.47			176.93		
τ_{00}	98.63 ouvinte			149.92 ouvinte		
ICC	0.58			0.46		
N	119 ouvinte			119 ouvinte		
Observations	909			960		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.078 / 0.616			0.072 / 0.498		

Fórmula 1: lmer(Degree ~ Coda + VoiceFC + (1|ouvinte), data = Dtest %>% filter(Degree>50)).

Fórmula 2: lmer(Degree ~ Coda + VoiceFC + (1|ouvinte), data = Dtest).

Intercept: Coda[Final]; Vozeamento [Vozeada].

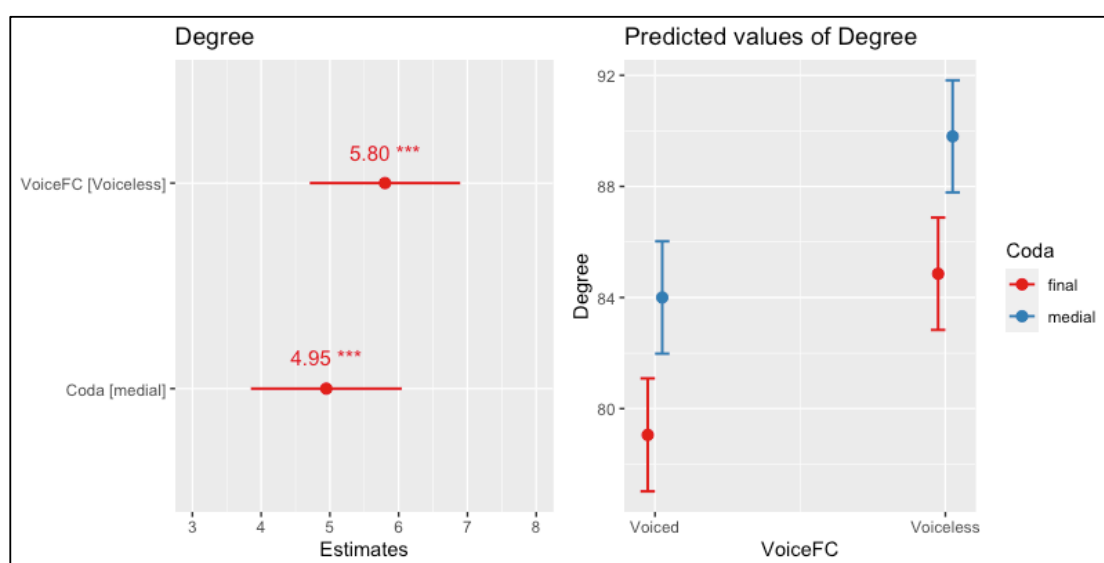
Fonte: Elaboração própria, 2022.

É possível notar que, a partir dos resultados presentes na Tabela 9, as estimativas aferidas para os níveis "coda medial" e "fricativa desvozeada" foram significativamente distintos do intercept (coda final e fricativa vozeada), considerando as variáveis "posição da coda" e "vozeamento da fricativa", respectivamente, em ambos os conjuntos de dados (com e sem filtro). Isso significa que, dentro do intervalo de confiança de 5% estabelecido para a refutação da hipótese nula e para o aceite da hipótese alternativa, a posição da coda e o vozeamento da fricativa parecem exercer efeito sobre a forma como os ouvintes que participaram desse teste distinguem os pares de fricativas alveolar e palatoalveolar.

A Figura 34 apresenta dois gráficos, um de estimativas e outro de valores preditos pelo modelo de regressão linear misto com os dados filtrados a) . No primeiro, encontram-se as estimativas previstas para a atribuição de distinção considerando cada nível de cada variável independente, sua direção, os intervalos de confiança estimados e a significância. Nota-se, por exemplo, que, segundo os resultados desse modelo, o grau de distinção aumenta 4,95 unidades quando o par apresentado está em coda medial tendo por base a média das respostas dadas quando é apresentado em coda final, assim como aumenta em 5,8 quando as fricativas são

desvozeadas em relação à média das respostas dos pares com fricativas vozeadas. No segundo, observa-se que os valores preditos para o grau de distinção pelo modelo são maiores entre as fricativas em coda medial e entre as produzidas sem a vibração das pregas vocais, com intervalos de confiança que não se sobrepõem.

Figura 34 - Gráfico de efeitos e gráfico de valores preditos a partir do modelo de regressão linear misto com dados filtrados tendo como variáveis predictoras a posição da coda e o vozeamento da fricativa



Fonte: gráficos plotados a partir de lmer (Degree ~ Coda + VoiceFC + (1|ouvinte), data = Dtest %>% filter(Degree>50)).

Intercept: Coda[Final]; Vozeamento [Vozeada].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

A partir dos resultados apresentados pelo modelo exposto na Tabela 9 pode-se discutir as hipóteses previstas. Acreditava-se, em primeiro lugar, que restrições linguísticas que se mostraram favoráveis ao uso de uma outra variante nas comunidades de fala analisadas poderiam exercer influência sobre a percepção do contraste entre os pares. Essa hipótese foi confirmada levando em consideração a posição de coda silábica e o vozeamento da fricativa, variáveis que se mostraram favorecedoras para a utilização da variante palatoalveolar em algumas comunidades de fala (CALLOU; MORAES, 1996b, 1996a; SCHERRE; MACEDO, 2000; MACEDO, 2004; BASSI, 2011). Esses resultados alinham-se aos encontrados entre estudos de produção fonética envolvendo o PB, que demonstram a existência de características

acústicas distintas entre as fricativas em coda a depender de sua posição na palavra e do seu vozeamento (COSTA, 2016).

Por outro lado, nem o contexto fonético seguinte às fricativas nem o tipo de comunidade de fala com relação à sua utilização parecem afetar a forma como os níveis de contraste entre os pares foram estabelecidos. Destarte, a hipótese alternativa de que as diferentes distribuições entre as variantes fortemente condicionadas pelo contexto seguinte nas comunidades que utilizam ambas as formas seriam explicadas por uma diferença na percepção da distinção entre os pares nessas comunidades foi refutada em favor da hipótese nula, já que o modelo que considerava a interação entre o contexto seguinte e comunidade de fala não apresentou ajuste significativamente distinto em relação ao modelo nulo ($\chi^2 = 1,26$, $p = 0,24$)⁶⁶.

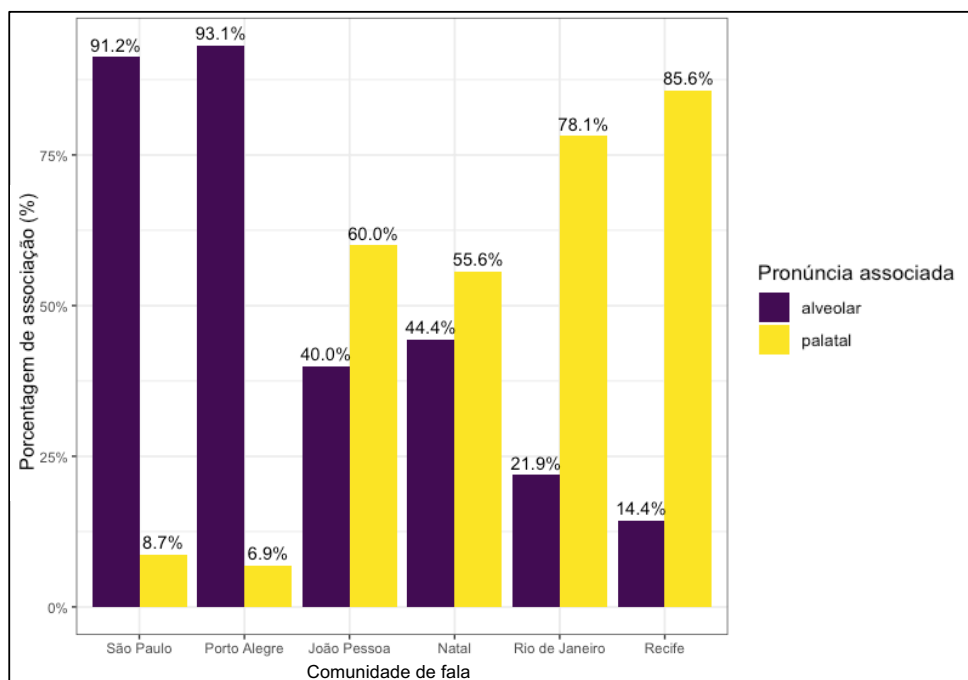
4.1.2 Experimentos de categorização

A segunda parte desse bloco experimental, caracterizado por dois testes de categorização, teve por finalidade investigar se ouvintes seriam capazes de reconhecer os padrões de distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico de sua comunidade de fala considerando os contextos favorecedores ao uso de uma ou outra variante, bem como se apresentariam forte identificação dialetal frente a essa variável, na medida em que escolheriam para sua fala os mesmos padrões escolhidos para a comunidade.

A primeira hipótese a ser testada era a de que os participantes têm consciência da forma como sua comunidade se comporta com relação ao fenômeno sob análise. Esperava-se, dessa forma, que os padrões de distribuição das variantes palatoalveolares e alveolares encontrados em dados de produção nas comunidades analisadas correspondessem aos padrões de categorização aferidos entre os ouvintes considerando seu dialeto de origem. O teste de percepção elaborado para isso aproveitou os pares apresentados no teste de discriminação cujos resultados foram discutidos anteriormente. Quando as pronúncias de um par eram discriminadas pelo ouvinte num nível acima de 50, era solicitado que este indicasse qual das duas seria a mais recorrente entre os falantes de sua comunidade. O Gráfico 21 apresenta a proporção de escolhas de cada variante para caracterizar o dialeto de origem do ouvinte considerando a sua comunidade de fala.

⁶⁶ lmer(data = Dtest %>% filter(Degree>50), Degree ~ SpeechCom*FollowingCont+(1|ouvinte))

Gráfico 21 - Proporção das escolhas para a variante mais recorrente na comunidade de fala do ouvinte considerando seu dialeto de origem



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Tendo por base as escolhas dos ouvintes aferidas nesse teste, nota-se uma semelhança relativamente precisa entre a proporção das variantes que eles utilizaram para caracterizar a fala das pessoas de sua comunidade e as proporções de distribuição dessas variantes aferidas nos estudos de produção sumarizados no capítulo 1. Os ouvintes de São Paulo e Porto Alegre, por exemplo, cidades cuja taxa de produção alveolar observada girou em torno de 85% e 90%, respectivamente (CALLOU; LEITE; MORAES, 1995; CALLOU; MORAES, 1996b, 1996a; CALLOU; MORAES; LEITE, 2002), escolheram a variante alveolar para caracterizar a fala de sua comunidade em mais de 90% (N=160) das respostas.

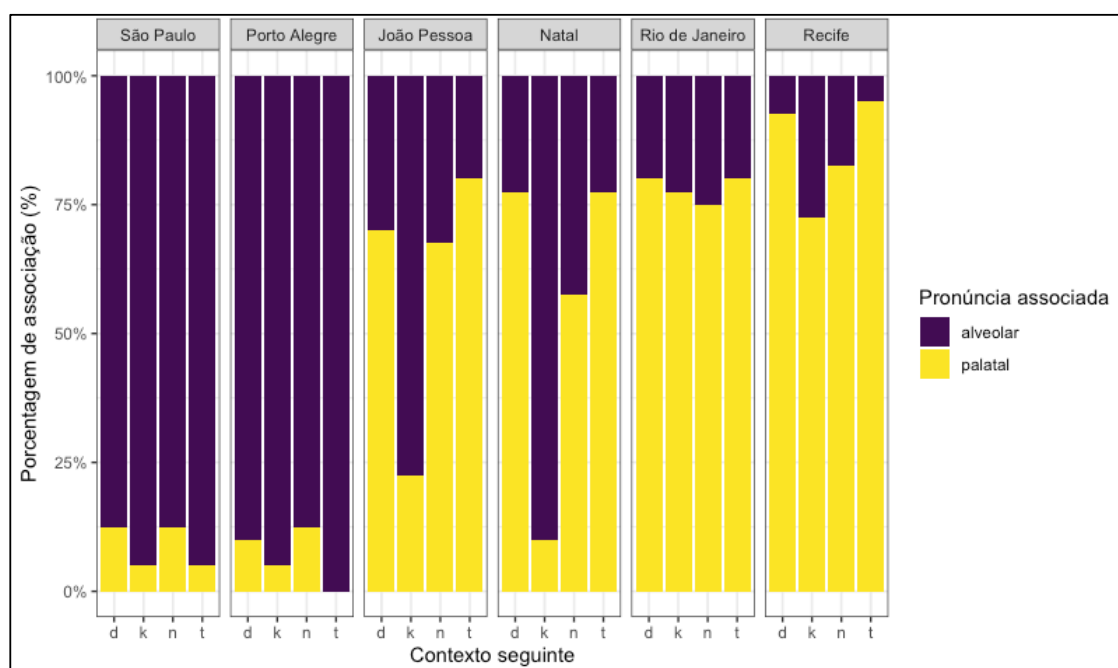
O padrão encontrado entre os dados dos ouvintes de capitais onde a variante predominante é a alveolar é quase inversamente proporcional ao dos ouvintes provenientes de comunidades onde a variante palatoalveolar predomina. Estudos de produção considerando a cidade do Rio de Janeiro aferiram diferentes proporções de uso da variante palatoalveolar em suas análises: 85% (CALLOU; MARQUES, 1975), 82% (CALLOU; MORAES, 1996b, 1996a), 62% (SCHERRE; MACEDO, 2000), 88% (BASSI, 2011), 74% (MELO, 2012), 68,6% (BRITO, 2016) e até de 98% (BASSI, 2016). A proporção de escolha da variante palatoalveolar para caracterizar o dialeto carioca entre os seus ouvintes (78,1%, N= 160) parece coerente com

os valores encontrados entre as distribuições já verificadas na literatura considerando dados de fala. No que se refere a Recife, por outro lado, os dados de percepção relevam uma proporção levemente superior (85,6%, N=160) entre os ouvintes recifenses ao escolherem a variante palatoalveolar para caracterizar seu dialeto quando comparados aos dados de produção - 69% (CALLOU; MORAES, 1996b; CALLOU; MORAES; LEITE, 2002; MACEDO, 2004) e 76% (MACEDO, 2004).

Com relação às capitais cujos falantes possuem ambas as variantes para o /S/ em coda silábica presentes em seu vernáculo, representadas neste estudo por João Pessoa e Natal, seus ouvintes apresentaram padrões de escolha para a variante que melhor representa sua comunidade em proporção semelhante às encontradas em dados de produção. Em coda medial, Hora (2003) e Henrique, Amorim e Hora (2022) encontraram a variante palatoalveolar em 64,8% e 62,2% das ocorrências, respectivamente. Os ouvintes pessoenses identificaram a pronúncia palatoalveolar como mais representativa do seu dialeto de origem em 60% (N=160) das respostas, padrão similar ao dos ouvintes natalenses (55,6%, N=160).

Apesar dos estudos envolvendo o dialeto natalense não apresentarem as proporções de distribuição de cada uma das variantes documentadas nos *corpora* analisados (PESSOA, 1986; CUNHA; SILVA, 2019), eles apontam para a semelhança do comportamento da variável em questão entre as capitais da Paraíba e do Rio Grande do Norte: o uso da variante palatoalveolar é fortemente condicionada pelo contexto seguinte. O uso semicategórico dessa variante precedendo as consoantes /t/ e /d/, e, em menor proporção, precedendo a consoante /n/ foi pontuado na maioria os trabalhos que discutiram o fenômeno nesses dialetos (CHACON, 2012; LIMA, 2013; HENRIQUE; HORA, 2015; SILVA, 2016; OLIVEIRA, 2020), inclusive em dados de percepção semelhantes aos aqui discutidos (HENRIQUE, 2016). Para verificar se esses padrões também podem ser verificados entre os dados coletados pelo teste aqui discutido, é importante observar as distribuições de escolha das variantes por contexto seguinte entre os ouvintes de cada uma das cidades, apresentadas no Gráfico 22.

Gráfico 22 - Proporção das escolhas para a variante mais recorrente na comunidade de fala do ouvinte considerando seu dialeto de origem e o contexto seguinte à fricativa



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Percebe-se, à primeira vista, que os padrões de uso detectados a partir de dados de produção (PESSOA, 1986; HORA, 2003; RIBEIRO, 2006; CUNHA; SILVA, 2019; HENRIQUE; AMORIM; HORA, 2022) aparecem espelhados entre as distribuições de percepção acerca da variante indicada pelos ouvintes pessoenses e natalenses como representativas da sua comunidade de fala. Para a comunidade de João Pessoa, as variantes palatoalveolares são preferidas precedendo as consoantes /t/ (80%, N=40), /d/ (70%, N=40) e /n/ (67,5%, N=40), proporções semelhantes às encontradas entre os resultados de teste de percepção análogo aplicado entre ouvintes dessa mesma comunidade (HENRIQUE, 2016; HENRIQUE; HORA, 2016) e seguindo a mesma tendência de uso detectada em dados de produção (HORA, 2003; RIBEIRO, 2006; HENRIQUE; AMORIM; HORA, 2022). O mesmo comportamento pode ser verificado entre as respostas oferecidas pelos ouvintes natalenses: as pronúncias palatoalveolares foram mais frequentemente escolhidas para caracterizar a fala dos natalenses pelos seus conterrâneos quando precediam as consoantes /t/ (77,5%, N=40), /d/ (77,5%, N=40) e /n/ (57,5%, N=40), comportamento análogo ao verificado em dados de produção (PESSOA, 1986; CUNHA; SILVA, 2019), que apontam as consoantes coronais como gatilhos para o uso dessa variante nessa comunidade.

No que se refere às comunidades onde a variante palatoalveolar é predominante, as associações dessa variante para caracterizar esses dialetos foram mais recorrentes independente do contexto seguinte. A maioria trabalhos que se debruçaram sobre o falar do Rio de Janeiro não apontaram o ponto de articulação do contexto seguinte como variável preditora para o uso de uma ou outra variante. Dois deles citaram a pausa como contexto favorecedor da variante palatoalveolar (BASSI, 2011, 2016) e um pontuou que as consoantes dorsais pareciam favorecer seu uso no corpus analisado (BRITO, 2016). Entre os ouvintes cariocas cujas respostas foram sumarizadas, houve preferência da variante palatalizada quando precedia /k/ (77,5%, N=40), /t/ (80%, N=40), /d/ (80%, N=40) e /n/ (75%, N=40) em proporções similares. Considerando os dados proveniente dos ouvintes recifenses, o padrão de respostas, apesar de bastante elevado entre todos os contextos em comparação às comunidades onde predominam as pronúncias alveolares e onde ambas são recorrentes, segue uma distribuição de avaliações parecidas com a do último grupo. Os ouvintes de Recife preferiram a variante palatalizada quando precedida por /t/ (95%, N=40) e /d/ (92,5%, N=40) numa proporção levemente superior a /n/ (82,5%, N=40) e /k/ (72,5%, N=40). Esse padrão de escolhas entre as consoantes é mais parecido com o observado entre as respostas dos ouvintes de João Pessoa e Natal, cidades mais próximas da capital pernambucana, do que o apresentado por ouvintes cariocas. Dados de produção também apontam o contexto coronal como favorecedor ao uso da variante palatoalveolar entre os recifenses (88%, N=1.361), apesar dos altos índices entre os outros contextos (dorsal=78%, N=564; labial=73%, N=1.001; pausa=62%, N=985) (MACEDO, 2004).

Com relação às comunidades onde a variante alveolar é predominante, observa-se a baixíssima (ou inexistente, em alguns contextos) escolha da variante palatoalveolar para caracterizar os dialetos paulistano e porto-alegrense entre seus ouvintes, consoante ao que foi previamente verificado em dados de produção (CALLOU; MORAES, 1996a; CALLOU; MORAES; LEITE, 2002). Entretanto, percebe-se um comportamento curioso com relação ao padrão de respostas quando o contexto precedente era uma consoante vozeada ou desvozeada. Entre os ouvintes paulistanos, as escolhas das pronúncias palatoalveolares para caracterizar o seu dialeto foi levemente superior quando aconteciam antes das consoantes /d/ (12,5%, N=40) e /n/ (12,5%, N=40), quando comparadas àquelas que antecederiam as consoantes desvozeadas /t/ (5%, N=40) e /k/ (5%, N=40). O mesmo aconteceu com os ouvintes de Porto Alegre: enquanto o padrão de escolhas apresentou uma proporção de 0% (N=40) e 5% (N=40) para as consoantes /t/ e /k/, respectivamente, esse valor aumentou para 12,5% (N=40) e 10% (N=40) quando os contextos seguintes à pronúncia foram /n/ e /d/, respectivamente. Associando esses

resultados aos obtidos pelo teste de discriminação discutido anteriormente, pode-se introduzir a reflexão de que um amalgamento perceptivo entre as consoantes vozeadas poderia explicar a falta de precisão na escolha da variante mais recorrente entre os falantes do seu dialeto de origem.

A partir das distribuições previamente apresentadas e das discussões sobre elas estabelecidas, observa-se que: os padrões perceptivos de escolha de variantes para caracterizar os dialetos parecem coerentes com os padrões de distribuição já documentados na fala dos habitantes das cidades aqui analisadas. Resta agora verificar a validade dessas hipóteses a partir de testes estatísticos que analisaram a probabilidade dessas distribuições se darem de forma aleatória. Para isso, foi ajustada uma regressão logística tomando a avaliação do ouvinte para o seu dialeto de origem (Acidade) como variável resposta, comunidade de fala do ouvinte (SpeechCom), contexto fonético seguinte (FollowingCont) como efeitos fixos e interceptos aleatórios por participante (ouvinte)⁶⁷. O contraste dos níveis dos efeitos fixos foi feito por meio de *dummy coding*, com a variante palatoalveolar como nível de referência.

Uma comparação por modelos aninhados indicou que a comunidade de fala do ouvinte e o contexto seguinte à fricativa contribuem significativamente para o modelo ($\chi^2 = 208.57$, $p < 0.001$)⁶⁸. O melhor modelo ajustado indica que a probabilidade de escolha da variante palatoalveolar para caracterizar a comunidade de fala do ouvinte, quando comparada à verificada entre as respostas dos ouvintes de João Pessoa, é significativamente menor entre as respostas dos ouvintes da comunidade de São Paulo (*Log-odds* = -4.48, $p < 0.01$) e Porto Alegre (*Log-odds* = -4.43, $p < 0.01$) e maior entre as respostas dos ouvintes de Rio de Janeiro (*Log-odds* = 1.72, $p = 0.01$) e Recife (*Log-odds* = 2.24, $p < 0.01$). O modelo também indica que essa probabilidade é significativamente menor quando as fricativas precedem as consoantes /k/ (*Log-odds* = -2.39, $p < 0.01$) e /n/ (*Log-odds* = -0.58, $p = 0.04$) quando comparadas às que precedem /d/. Os resultados desse modelo estão sumarizados na Tabela 10.

⁶⁷ modelo.faladacomunidade<- glmer(Acidade ~ SpeechCom+FollowingCont +(1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa")).

⁶⁸ Modelo de referência a partir do qual a comparação foi estabelecida por meio de Anova: modelo.nulo = glmer(Acidade ~ 1 + (1|ouvinte), data =Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa"))

Tabela 10 - Melhor modelo de regressão logística misto ajustado para a associação da variante à fala da comunidade

<i>Predictors</i>	<i>Log-Odds</i>	Acidade	
		<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	1.34	1.49 – 9.89	0.005
SpeechCom [Natal]	-0.28	0.22 – 2.56	0.648
SpeechCom [Rio de Janeiro]	1.72	1.48 – 21.49	0.011
SpeechCom [Recife]	2.24	2.45 – 36.34	0.001
SpeechCom [São Paulo]	-4.48	0.00 – 0.05	<0.001
SpeechCom [Porto Alegre]	-4.43	0.00 – 0.05	<0.001
FollowingCont [k]	-2.39	0.05 – 0.17	<0.001
FollowingCont [n]	-0.58	0.31 – 0.99	0.044
FollowingCont [t]	-0.08	0.52 – 1.63	0.769
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} informante	3.05		
ICC	0.48		
$N_{\text{informante}}$	119		
Observations	960		
Marginal R^2 / Conditional R^2	0.563 / 0.773		

Fórmula: `glmer (Acidade ~ SpeechCom + FollowingCont + (1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa"))`

Intercept: Comunidade de fala[João Pessoa]; Contexto seguinte [d].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

O Gráfico 23 apresenta os resultados a partir do logaritmo das chances (Log-Odds) estimadas pelo modelo de regressão logística misto apresentadas na Tabela 10. Pode-se observar nele as estimativas para escolha da variante palatoalveolar pelos ouvintes para caracterizar a fala de sua comunidade considerando cada nível de cada variável dependente, sua direção, os intervalos de confiança e a significância dessa diferença com relação ao valor de referência. Nota-se, por exemplo, que segundo os dados desse modelo, tendo como referência a escolha da variante palatoalveolar entre os ouvintes de João Pessoa para caracterizar a fala de

sua comunidade, a probabilidade de escolhas entre os ouvintes natalenses não foi significativamente distinta, ao contrário das tendências apresentadas entre os ouvintes das outras comunidades. Comparados ao mesmo intercepto, os ouvintes porto-alegrenses e paulistanos apresentam tendência significativamente menor (representada pela cor vermelha) à escolha da variante palatoalveolar para representar a forma como as pessoas de sua comunidade falam, na medida em que a tendência entre os ouvintes cariocas e recifenses é significativamente maior (representada pela cor azul). No que se refere ao contexto seguinte às fricativas, observa-se que, tendo como referência a opção pela fricativa palatoalveolar quando precedida pela consoante /d/, houve uma tendência significativamente menor para a escolha dessa variante quando precedida pela consoante /k/, e, em menor proporção, pela consoante /n/, ao contrário do padrão observado nos outros contextos seguintes, que parecem assemelhar-se ao padrão de referência e cujos intervalos de confiança cruzam a linha do intercepto (representado pelo 0 no gráfico).

Gráfico 23 - Efeitos do modelo de regressão logística misto considerando a escolha da variante palatoalveolar pelos ouvintes para caracterizar a fala de sua comunidade

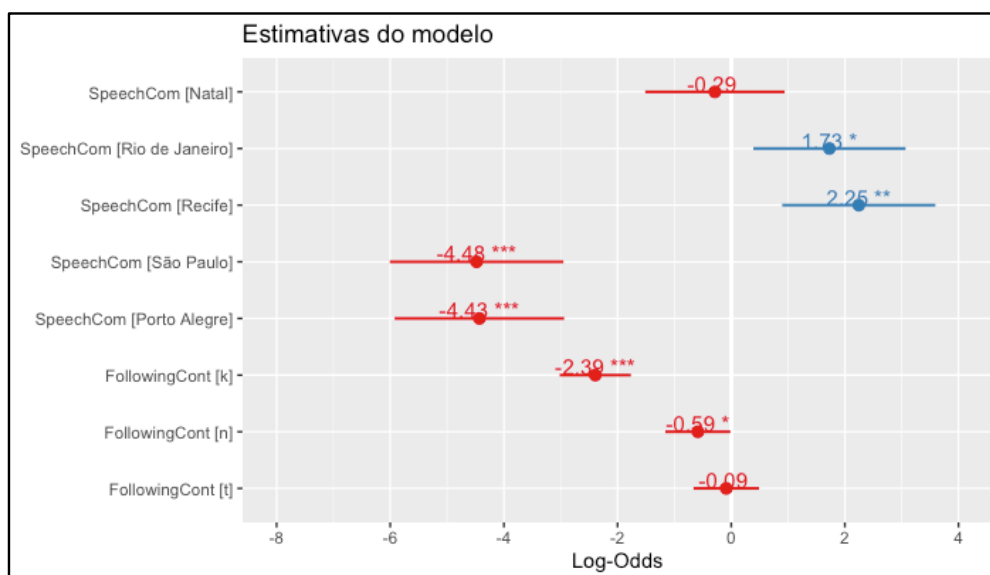


Gráfico plotado a partir da glmer (Acidade ~ SpeechCom + FollowingCont + (1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa")).

Intercept: Comunidade de fala[João Pessoa]; Contexto seguinte [d].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

O Gráfico 24 apresenta os valores preditos pelo mesmo modelo para a escolha da variante palatoalveolar entre os ouvintes das seis comunidades de fala e entre os contextos

fonéticos que acompanhavam as fricativas a eles apresentadas. Percebe-se que os valores são menores e com intervalos de confiança mais encurtados entre os ouvintes de São Paulo e Porto Alegre e maiores e espaços de confiança mais abrangentes entre as outras comunidades. Rio de Janeiro e Recife apresentam as maiores tendências à escolha da variante palatoalveolar para caracterizar o dialeto de sua comunidade, mas entre as fricativas que precediam /k/ houve uma maior variabilidade entre as respostas (representada pelos intervalos de confiança mais abrangentes). Nas comunidades de João Pessoa e Natal observa-se uma maior tendência à escolha das variantes palatalizadas quando precedidas por /t/, /d/ e, em proporção levemente menor, quando precedidas por /n/, com intervalos de confiança mais espaçados se comparados aos observados entre os dados dos ouvintes das outras capitais, indicando maior variabilidade entre as respostas. Essa variabilidade também pareceu ocorrer entre as categorizações feitas a partir de estímulos nos quais a fricativa era precedida pela consoante /k/, apesar das proporções gerais de escolha terem sido significativamente menores nesse contexto para representar a fala dessas comunidades.

Gráfico 24 - Valores preditos pelo modelo de regressão logística misto considerando a escolha da variante palatoalveolar pelos ouvintes para caracterizar a fala de sua comunidade

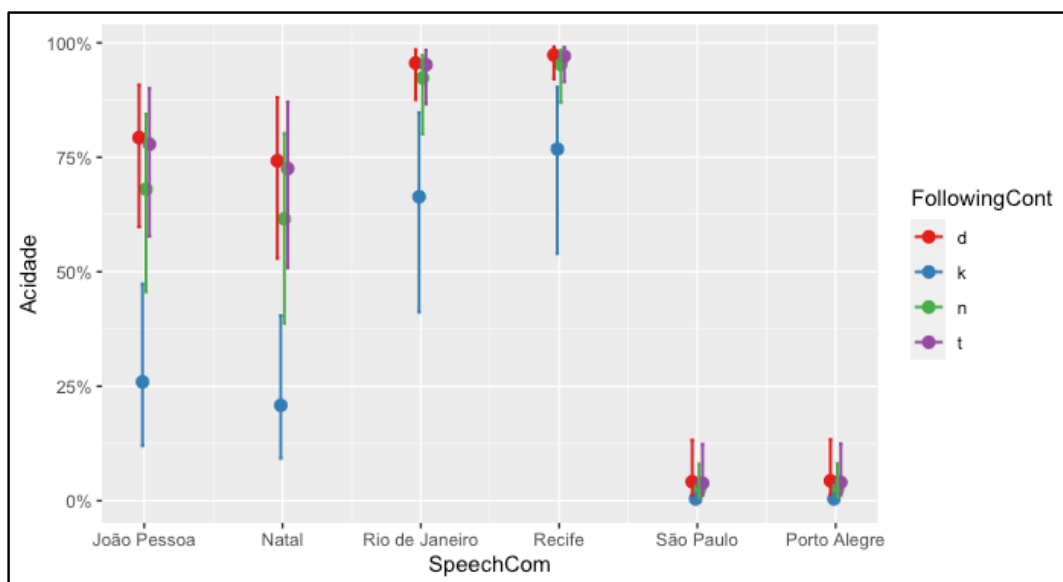


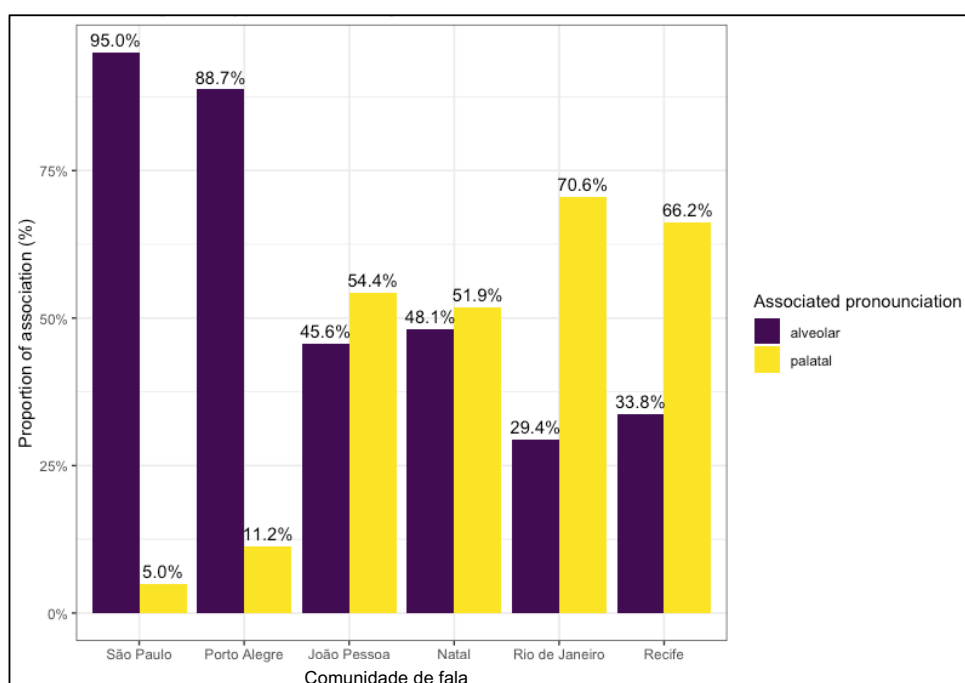
Gráfico plotado a partir da glmer (Acidade ~ SpeechCom + FollowingCont + (1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa")).
 Fonte: Elaboração própria, 2022.

A partir dos resultados apresentados pelo modelo apresentado na Tabela 10 e representado no Gráfico 23 e no Gráfico 24, pode-se dizer que, a partir do conjunto de dados

levantado com as condições experimentais descritas nesta tese, a hipótese de que os ouvintes das comunidades analisadas teriam consciência da forma como sua comunidade se comporta no que diz respeito à variável analisada acaba por se confirmar. Essa leitura pode ser feita na medida em que a diferença entre os padrões de associação foi significativamente distinto considerando a comunidade do ouvinte e o contexto seguinte às fricativas, nas mesmas direções em que as distribuições estão presentes nos dados de fala documentados em estudos anteriores.

A segunda hipótese alternativa a ser testada nesta seção de tarefas de categorização era a de que os participantes possuem identificação dialetal frente à variável analisada. Esperava-se, dessa forma, que os padrões de categorização aferidos entre os ouvintes considerando seu dialeto de origem correspondessem aos padrões de categorização aferidos considerando a sua própria forma de falar. Após indicar qual das duas pronúncias seria mais recorrente entre os falantes de sua comunidade, eles deveriam indicar qual das duas seria mais recorrente na sua própria fala. O Gráfico 25 apresenta a proporção de escolhas de cada variante para caracterizar a fala do ouvinte considerando seu dialeto de origem.

Gráfico 25 - Proporção das escolhas para a variante mais recorrente na fala do ouvinte considerando seu dialeto de origem



Fonte: Elaboração própria, 2022.

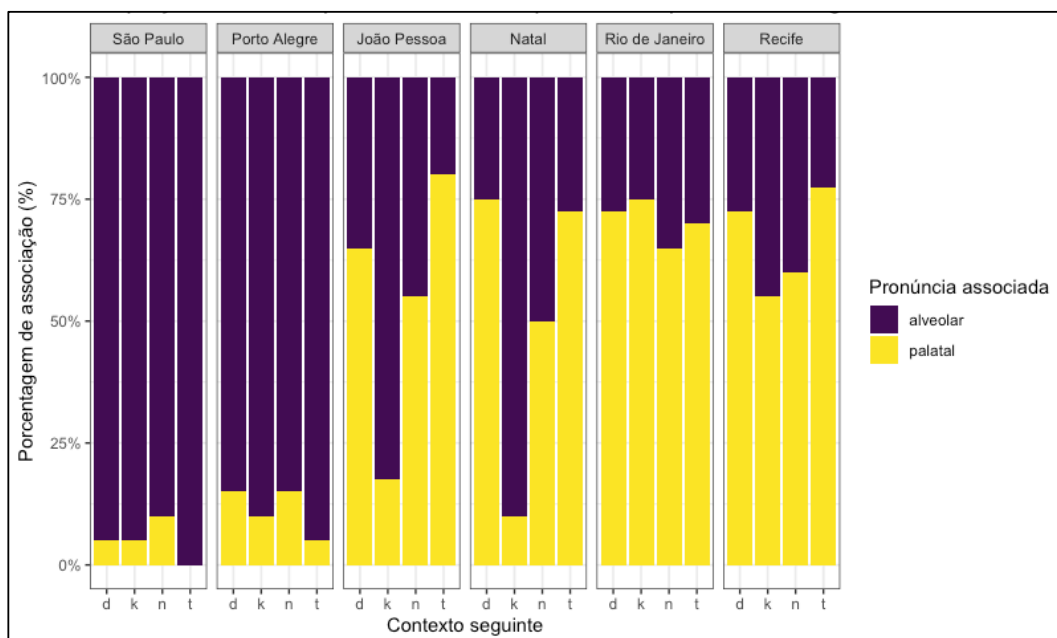
Observando o padrão geral de escolhas dos ouvintes para essa segunda pergunta, nota-se uma semelhança relativamente estável entre suas respostas e a proporção das variantes que eles utilizaram para caracterizar a forma como as pessoas de sua comunidade falam. Os ouvintes de São Paulo e Porto Alegre, por exemplo, que haviam escolhido a pronúncia alveolar para caracterizar a fala de sua comunidade numa proporção de 91,2% (N=160) e 93,1% (N=160), respectivamente, escolheram-na para caracterizar a sua própria fala numa proporção de 95% (N=160) e 88,7% (N=160), respectivamente. Apesar de semelhantes, é possível observar um leve aumento da escolha da pronúncia alveolar para caracterizar a própria fala dos participantes paulistanos e um leve decréscimo entre os porto-alegrenses.

Com relação aos ouvintes de João Pessoa e Natal, bloco que representa as comunidades com uso frequente de ambas as pronúncias, o padrão de escolhas de cada variante para caracterizar a fala do próprio participante seguiu os mesmos padrões gerais de escolha para caracterizar a fala da comunidade, mas numa proporção um pouco menor com relação à variante palatoalveolar. Enquanto a proporção de escolhas dessa variante foi de 60% (N=160) e 55,6% (N=160) entre os ouvintes pessoenses e natalenses, respectivamente, para representar o dialeto da sua comunidade, observou-se uma proporção de 54,4% (N=160) e 51,9% (N=160) para representar sua própria fala.

No que se refere ao bloco de cidades onde a variante palatoalveolar predomina, representadas nesse experimento pelas comunidades do Rio de Janeiro e Recife, percebeu-se uma redução na escolha da pronúncia palatalizada para caracterizar sua própria fala quando comparada à utilizada para caracterizar a pronúncia de sua comunidade, principalmente entre as avaliações dos recifenses. Estes escolheram essa variante para representar a forma como falavam em 66,2% (N=160) das vezes em que o par foi apresentado, contrastando com a proporção de 85,2% (N=160) verificada entre as respostas da pergunta anterior. Os participantes da capital do Rio de Janeiro escolheram a opção com a pronúncia palatoalveolar para caracterizar sua fala em 70,6% (N=160) das respostas, proporção levemente inferior à verificada entre as dadas para a primeira pergunta (78,1%, N=160).

Na mesma linha das análises exploratórias realizadas com os dados relacionados às respostas dadas à primeira pergunta, faz-se necessário observar o papel do contexto seguinte na escolha das pronúncias para caracterizar a fala dos próprios participantes, dado que esta variável parece restringir o uso da variante palatalizada principalmente entre os falantes de João Pessoa e Natal. O Gráfico 26 apresenta as proporções de escolha nessas condições.

Gráfico 26 - Proporção das escolhas para a variante mais recorrente na fala do ouvinte considerando seu dialeto de origem e o contexto seguinte à fricativa



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Os ouvintes de João Pessoa e Natal parecem seguir a mesma tendência de categorização utilizada para descrever o comportamento da variável no seu dialeto. Entre os pessoenses, quando as fricativas precederam as consoantes /t/, /d/ e /n/, a variante preferida foi a palatoalveolar, padrão semelhante ao das respostas dadas para a primeira pergunta. Quando comparamos as proporções, entretanto, observa-se uma gradativa diminuição entre a porcentagem de escolhas considerando os diferentes contextos seguintes: enquanto a proporção permaneceu a mesma quando as fricativas precederam a coronal /t/ (80%, N=40), houve uma diminuição de 70% (N=40) para 65% (N=40), quando precedidas por /d/, e de 67,5% (N=40) para 55% (N=40), quando precedidas por /n/. Esses dados alinham-se aos apresentados por Henrique (2016), que sugere ser a palatalização antes de /n/ menos estável quando comparada a que acontece antes das oclusivas coronais. As respostas dos ouvintes natalenses seguiram uma tendência semelhante: o padrão de escolha da pronúncia palatalizada para caracterizar a própria fala apresentou uma leve queda quando comparado ao apresentado pelos participantes para caracterizar a fala de sua comunidade entre estímulos com fricativas precedidas por /t/ (de 77,5% para 72,5%, N=40), /d/ (de 77,5% para 75%, N=40), e /n/ (de 57,5% para 50%, N=40).

Os ouvintes do Rio de Janeiro apresentaram menores proporções de associação entre as variantes palatoalveolares e a sua própria fala do que entre essas variantes e a pronúncia prototípica em sua comunidade, independente do contexto seguinte às fricativas. As quedas mais acentuadas foram entre os estímulos com fricativas precedidas por /t/ (de 80% para 70%, N=40) e /n/ (de 75% para 65%, N=40), seguidas das precedidas por /d/ (de 80% para 72,5%, N=40) e /k/ (de 77,5% para 75%, N=40). Com relação às respostas dadas pelos recifenses, a maior diferença entre associações foi detectada quando as fricativas eram precedidas por /k/ (de 72,5% para 55%, N=40), seguida da aferida entre as fricativas precedidas por /d/ (de 92,5% para 72,5%, N=40), /n/ (de 82,5% para 60%, N=40) e /t/ (de 95% para 77,5%, N=40).

São Paulo e Porto Alegre apresentam padrões de categorização similares aos identificados nas respostas dadas à primeira pergunta considerando os contextos seguintes às fricativas. Entre os ouvintes de Porto Alegre, as porcentagens de associação das variantes palatoalveolares e a forma de falar do próprio ouvinte foram levemente superiores com relação à associação entre essas variantes e a fala da comunidade num geral quando as fricativas precederam as consoantes /t/ (de 0% para 5%, N=40), /k/ (de 10% para 15%, N=40), /d/ (de 10% para 15, N=40) e /n/ (de 12,5% para 15%, N=40), esta última numa menor proporção. Como discutido na leitura do gráfico das distribuições gerais com relação à segunda questão do teste, houve uma tendência diferente entre os ouvintes de São Paulo quando comparados aos porto-alegrenses. Enquanto a escolha pelas fricativas palatoalveolares como resposta aumentou entre os ouvintes deste grupo, diminuiu entre as respostas daquele. Essa tendência de queda apresentou proporções levemente diferentes considerando os contextos seguintes ao /S/ em coda: as maiores quedas aconteceram quando as fricativas foram precedidas por /d/ (de 12,5% para 5%, N=40), seguida das precedidas por /t/ (de 5% para 0%, N=40) e /n/ (de 12,5% para 10%, N=40). As proporções de associação permaneceram as mesmas para as fricativas precedidas por /k/ (5%, N=40). Verifica-se, então, que o padrão de identificação anteriormente verificado que mostrava um aumento sutil na associação entre fricativas palatoalveolares precedendo consoantes vozeadas ao dialeto paulistano nas respostas à primeira questão não se repete nas respostas à segunda.

Considerando as discussões a partir das distribuições apresentadas no Gráfico 25 e no Gráfico 26, verifica-se que os padrões de escolha dos ouvintes para caracterizar a própria fala parecem coerentes com os apresentados por eles para caracterizar a fala de sua comunidade. Para verificar se as distribuições provenientes das respostas à segunda pergunta eram significativamente distintas considerando o dialeto de origem do ouvinte e o contexto seguinte à fricativa na mesma direção verificada entre os dados provenientes das respostas à primeira

questão, foi ajustada uma regressão logística nos mesmos moldes da utilizada para aquelas respostas: a avaliação do ouvinte para a sua própria fala (Aouvinte) foi estabelecida como variável resposta, a comunidade de fala do ouvinte (SpeechCom) e o contexto fonético seguinte (FollowingCont) como efeitos fixos e interceptos aleatórios por participante (Informante) e palavra (Word)⁶⁹. O contraste dos níveis dos efeitos fixos foi feito por meio de *dummy coding*, com a variante palatoalveolar como nível de referência.

Uma comparação por modelos aninhados indicou que, assim como verificado entre as respostas à primeira questão, a comunidade de fala do ouvinte e o contexto seguinte à fricativa contribuem significativamente para esse segundo modelo ($\chi^2 = 152.35$, $p < 0.001$)⁷⁰. O melhor modelo ajustado mostra que a probabilidade de escolha da variante palatoalveolar para caracterizar própria fala do participante, quando comparada à verificada entre as respostas dos ouvintes de João Pessoa, é significativamente menor entre as respostas dos ouvintes da comunidade de São Paulo ($\text{Log-odds} = -4.76$, $p < 0.01$) e Porto Alegre ($\text{Log-odds} = -3.77$, $p < 0.01$) e maior entre as respostas dos ouvintes do Rio de Janeiro ($\text{Log-odds} = 1.46$, $p = 0.048$). O modelo também indica que essa probabilidade também é significativamente menor quando as fricativas precedem as consoantes /k/ ($\text{Log-odds} = -2.03$, $p < 0.01$) e /n/ ($\text{Log-odds} = -0.75$, $p = 0.007$) do que quando comparadas às que precedem /d/. Os resultados desse modelo estão sumarizados na Tabela 11.

⁶⁹ modelo.faladoouvinte<- glmer(Aouvinte ~ SpeechCom+FollowingCont +(1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa"))

⁷⁰ Modelo de referência a partir do qual a comparação foi estabelecida por meio de Anova: modelo.nulo = glmer(Aouvinte ~ 1 + (1|ouvinte), data =Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa"))

Tabela 11 - Modelo de regressão logística misto tendo a associação da variante à fala do próprio ouvinte como variável dependente, cidade do ouvinte e o contexto fonético seguinte como efeitos fixos e o ouvinte como efeito aleatório

<i>Predictors</i>	<i>Log-Odds</i>	Aouvinte	
		<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	0.93	0.91 – 7.04	0.074
SpeechCom [Natal]	-0.16	0.22 – 3.35	0.820
SpeechCom [Rio de Janeiro]	1.46	1.01 – 18.42	0.048
SpeechCom [Recife]	1.08	0.71 – 12.33	0.137
SpeechCom [São Paulo]	-4.76	0.00 – 0.05	<0.001
SpeechCom [Porto Alegre]	-3.77	0.00 – 0.12	<0.001
FollowingCont [k]	-2.03	0.07 – 0.24	<0.001
FollowingCont [n]	-0.75	0.27 – 0.81	0.007
FollowingCont [t]	0.00	0.58 – 1.72	1.000
Random Effects			
σ^2	3.29		
τ_{00} informante	4.05		
ICC	0.55		
N informante	119		
Observations	960		
Marginal R^2 / Conditional R^2	0.464 / 0.760		
Fórmula: <code>glmer (Aouvinte ~ SpeechCom +FollowingCont + (1 ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa"))</code>			
Intercept: Comunidade de fala[João Pessoa]; Contexto seguinte [d].			
Fonte: Elaboração própria, 2022.			

Nota-se que algumas diferenças entre níveis que eram significativas no modelo anteriormente discutido não aparecem como significativas nesse modelo, como é o caso das distribuições entre as respostas dos ouvintes recifenses quando comparadas à dos ouvintes pessoenses. O Gráfico 27 apresenta as estimativas a partir logaritmo das chances (Log-Odds) calculadas pelo modelo de regressão logística misto apresentado na Tabela 11, análogo ao Gráfico 23, plotado com os dados presentes na Tabela 10. Nota-se que, segundo os dados desse modelo, tendo como referência a escolha da variante palatoalveolar entre os ouvintes de João Pessoa para caracterizar a fala de sua comunidade, a proporção de escolhas entre os ouvintes natalentes e recifenses não foi significativamente distinta, ao contrário das tendências

apresentadas entre os ouvintes das outras comunidades. Comparados ao mesmo intercepto, os ouvintes porto-alegrenses e paulistanos apresentam tendência significativamente menor à escolha da variante palatoalveolar para representar a forma como eles mesmos pronunciariam a fricativa, na medida em que a tendência entre os ouvintes cariocas é significativamente maior (em menor proporção quando comparada aos resultados referentes à primeira questão). No que se refere ao contexto seguinte às fricativas, observa-se que, tendo como referência a opção pela fricativa palatoalveolar quando precedia a consoante /d/, houve uma tendência significativamente menor para a escolha dessa variante quando precedida pelas consoantes /k/ e /n/, ao contrário do padrão observado quando precedia /t/, que parece assemelhar-se ao padrão de referência e cujos intervalos de confiança cruzam a linha do intercepto (representado pelo 0 no gráfico).

Gráfico 27 - Gráfico de efeitos do modelo de regressão logística misto considerando a escolha da variante palatoalveolar pelos ouvintes para caracterizar a sua fala

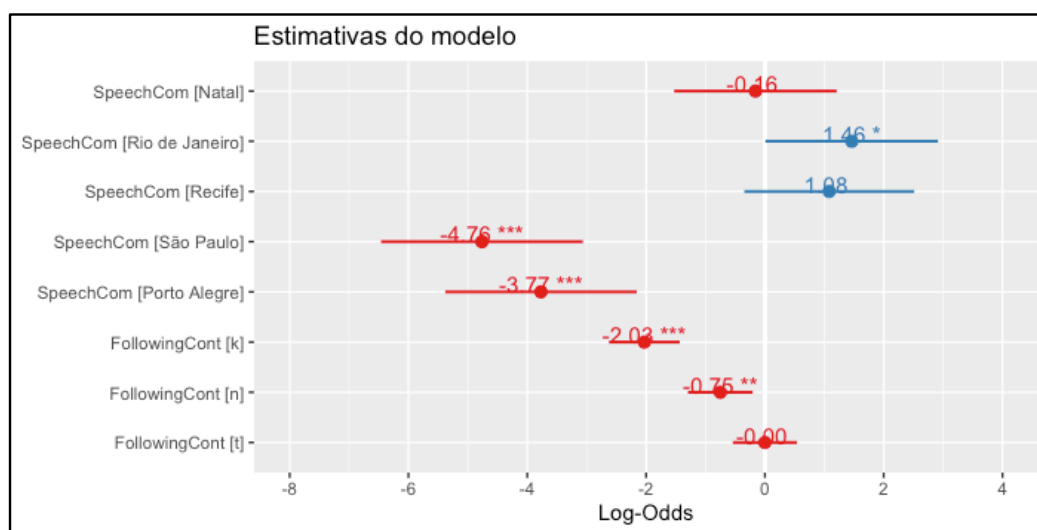


Gráfico plotado a partir de glmer (Aouvinte ~ SpeechCom +FollowingCont + (1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa")).

Intercept: Comunidade de fala[João Pessoa]; Contexto seguinte [d].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

O Gráfico 28 apresenta os valores preditos pelo modelo até então discutido para a escolha da variante palatoalveolar entre os ouvintes das seis comunidades de fala e entre os contextos fonéticos que acompanhavam as fricativas a eles apresentadas. Percebe-se que os valores são menores e com intervalos de confiança mais encurtados entre os ouvintes de São Paulo e Porto Alegre e maiores e espaços de confiança mais abrangentes entre as outras

comunidades, padrões coerentes aos verificados no Gráfico 24. Apesar disso, percebe-se que os intervalos de confiança estão maiores entre os valores preditos para as outras capitais, principalmente entre os dados que representam a escolha das fricativas quando precedidas da dorsal /k/ e a coronal /n/, ambiente no qual a probabilidade de escolha foi inferior à estipulada pelo modelo relativo aos dados da primeira questão. Entre os ouvintes de João Pessoa e Natal, essa variabilidade é ainda maior, perceptível pelos intervalos de confiança mais abrangentes. Entre os ouvintes de Recife, nota-se uma queda na probabilidade de escolha para a fricativa palatoalveolar em contexto precedente à /k/ quando se compara este modelo com o modelo descrito na Tabela 11.

Gráfico 28 - Valores preditos pelo modelo de regressão logística misto considerando a escolha da variante palatoalveolar pelos ouvintes para caracterizar a própria fala

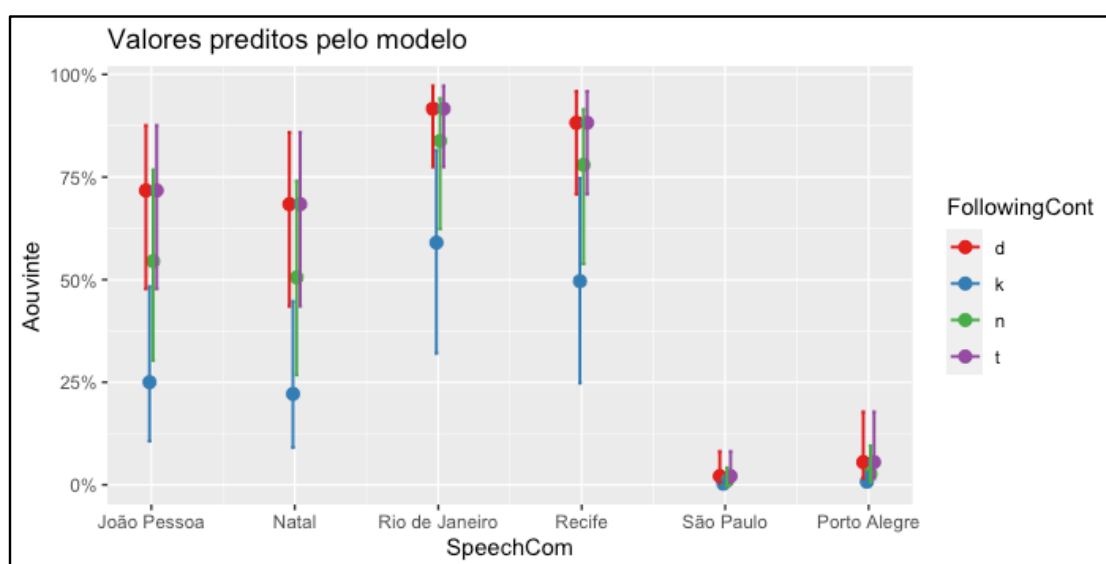
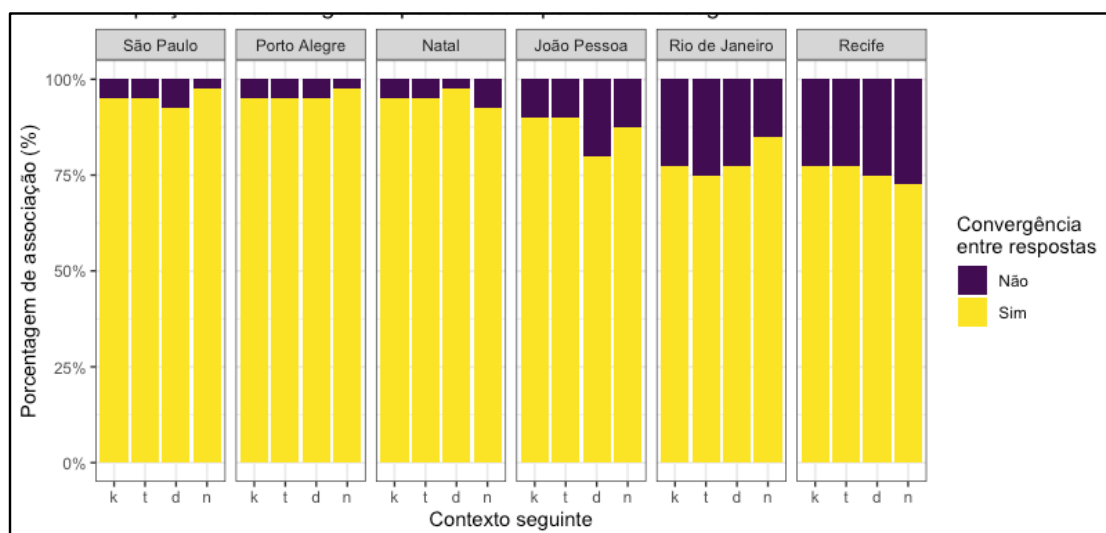


Gráfico plotado a partir de glmer (Aouvinte ~ SpeechCom +FollowingCont + (1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa")).
 Fonte: Elaboração própria, 2022.

Considerando as análises envolvendo os resultados do segundo teste, percebe-se que, como esperado, os padrões categorização aferidos entre os ouvintes considerando seu dialeto de origem corresponderam, em grande parte, aos padrões de categorização aferidos considerando a sua própria forma de falar. As diferenças detectadas aconteceram principalmente entre as respostas dos participantes de Recife e entre as avaliações envolvendo os estímulos nos quais as fricativas eram precedidas por /n/, consoante aos resultados já reportados por Henrique (2016).

Os padrões discutidos até agora compararam a distribuição da escolha dos ouvintes considerando a comunidade de fala a que pertencem e os contexto fonético seguintes de forma separada para cada uma das perguntas realizadas no teste. Pretendia-se, dessa forma, verificar se as distribuições seguiam as mesmas tendências com o intuito de analisar se há indícios de que existe algum grau de identificação dialetal por parte dos ouvintes com relação à variável aqui discutida. Uma outra maneira de verificar a existência dessa identificação seria criar uma outra variável resposta, aqui chamada de "identificação", que apresentaria valor positivo (Sim) quando as escolhas para a primeira e segunda tarefas fossem convergentes (alveolar e alveolar ou palatoalveolar e palatoalveolar) e negativo (Não) quando as respostas divergissem na avaliação do ouvinte (alveolar e palatoalveolar ou palatoalveolar e alveolar). O Gráfico 29 resume as proporções de convergência entre as respostas da primeira e segunda perguntas por comunidade de fala do ouvinte e por contexto seguinte.

Gráfico 29 - Proporção da convergência de escolhas da variante mais frequente na comunidade do ouvinte e na sua própria fala considerando sua cidade natal e o contexto seguinte

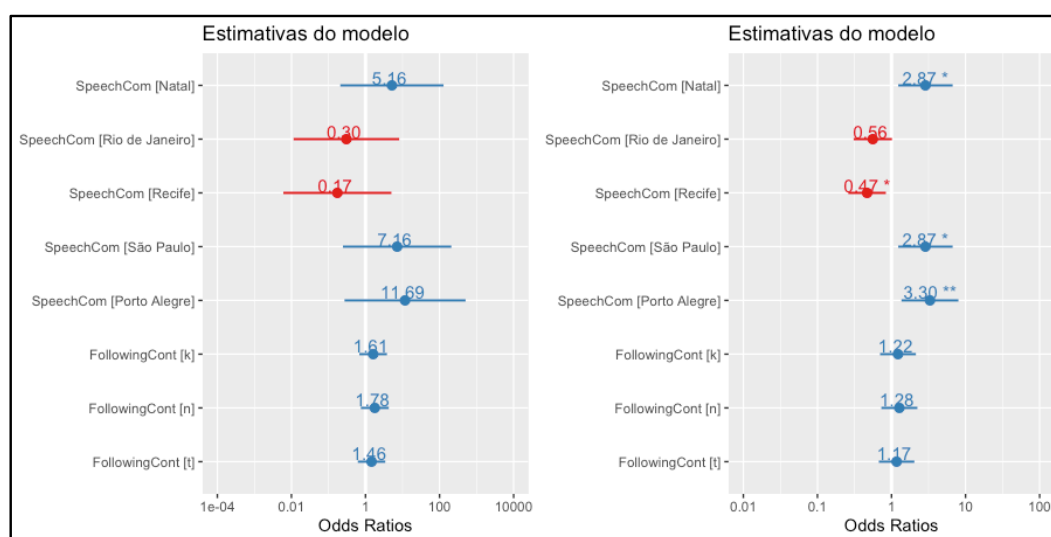


Fonte: Elaboração própria, 2022.

Observa-se que entre os ouvintes das comunidades de São Paulo, Porto Alegre e Natal pareceu haver uma maior convergência entre as respostas do que entre os ouvintes de Recife e Rio de Janeiro, e em menor proporção entre os ouvintes de João Pessoa. Para verificar se essas distribuições se dão de forma aleatória, foi ajustada uma regressão logística tomando a convergência entre as repostas para a primeira e segunda tarefas de categorização (Identidade)

como variável resposta, a comunidade de fala do ouvinte (SpeechCom) e o contexto seguinte (FollowingCont) como efeitos fixos e interceptos aleatórios por participante (ouvinte)⁷¹. O contraste dos níveis dos efeitos fixos foi feito por meio de *dummy coding*, com a variante "Sim" (que representava a convergência entre as respostas) como nível de referência. Uma comparação com modelos aninhados a partir de testes do tipo Anova mostrou que modelos incluindo comunidade de fala ($\chi^2 = 7,20$ $p = 0,21$) e contexto seguinte ($\chi^2 = 2,11$ $p = 0,54$) não apresentaram efeito significativo quando comparados ao modelo sem a presença dessas variáveis⁷². Um modelo de regressão logística sem as variáveis informante e os estímulos como efeitos aleatórios foi rodada apenas como teste⁷³ e nele as diferenças entre as convergências das respostas apresentadas no Gráfico 29 são significativamente distintas, o que leva a crer que elas podem ser frutos de respostas atípicas de alguns informantes. As diferentes estimativas entre os dois modelos podem ser verificadas no Gráfico 30.

Gráfico 30 - Estimativas referentes ao modelo com (à esquerda) e sem (à direita) a variável "ouvinte" como efeito aleatório



Fórmula do modelo do primeiro gráfico: `glmer (Identificação ~ SpeechCom + FollowingCont + (1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa"))`.

Fórmula do modelo do segundo gráfico: `glm (Identificação ~ SpeechCom + FollowingCont, data=Dtest, family=binomial)`.

Intercept: Comunidade de fala[João Pessoa]; Contexto seguinte [d].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

⁷¹ `modelo.completo.identidade <- glmer(Identidade ~ SpeechCom + FollowingCont + (1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa"))`

⁷² Modelo de referência a partir do qual a comparação foi estabelecida por meio de Anova: `modelo.nulo.identidade = glmer(Identidade ~ 1 + (1|ouvinte), data=Dtest, family=binomial(link="logit"), control = glmerControl(optimizer = "bobyqa"))`

⁷³ `glm(Identidade ~ SpeechCom+FollowingCont, data=Dtest, family=binomial)`

Tendo por base o modelo de regressão com efeitos fixos e aleatórios (cujas estimativas estão apresentadas à esquerda no Gráfico 30) e considerando a amostra analisada, bem como as condições experimentais a partir das quais foi levantada, refuta-se a hipótese alternativa de que as diferenças entre as convergências das respostas apresentadas no Gráfico 29 são significativamente distintas entre as comunidade de fala e entre os contextos seguintes. Esse resultado reforça a tese de que há relativa estabilidade entre a convergência das respostas independentemente da origem dos ouvintes, o que revela a existência de identificação entre eles e sua comunidade de fala no que se refere ao comportamento do /S/ em coda silábica.

4.2 RESULTADOS DO EXPERIMENTO DE PERCEPÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS

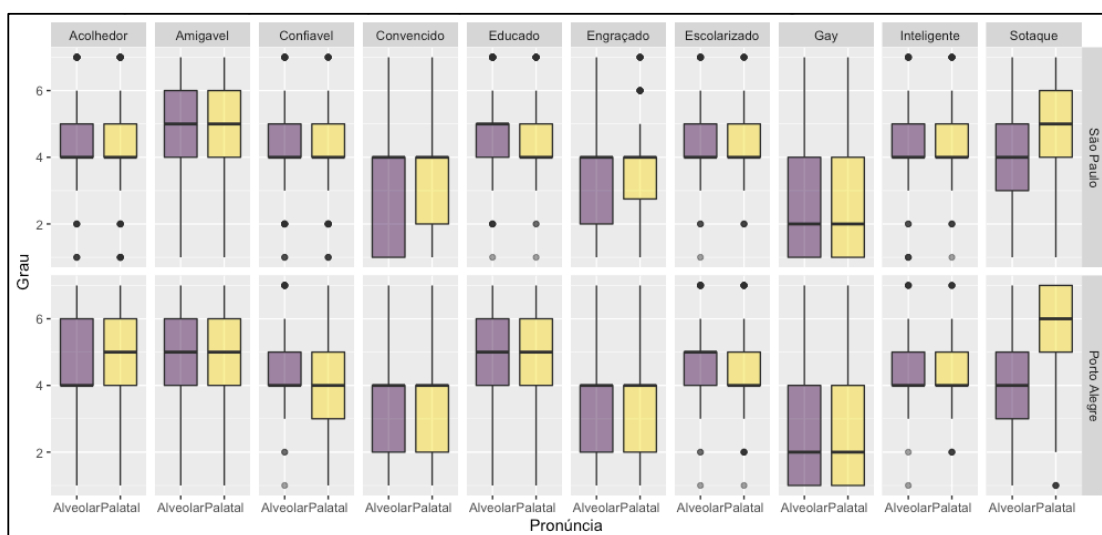
Como descrito na seção de metodologia, o primeiro bloco de testes consistia num experimento de percepções sociolinguísticas criado para observar que significados sociais poderiam ser associados aos falantes quando pronunciavam o /S/ em coda silábica como consoante alveolar ou como palatoalveolar. O design experimental para sua elaboração foi baseado na técnica de estímulos pareados, a partir da qual são apresentados a grupos de avaliadores estímulos praticamente idênticos, diferenciando-se apenas com relação à variável que se pretende investigar. Nesse ínterim, os ouvintes de cada uma das comunidades de fala foram divididos em dois grupos, aos quais eram apresentadas as mesmas frases pronunciadas pelas mesmas pessoas: um grupo ouvia o falante pronunciar o /S/ em coda na forma alveolar e o outro, na forma palatoalveolar. O objetivo era averiguar se, a depender da pronúncia das fricativas em posição de coda silábica, os informantes seriam avaliados de forma diferente a partir de determinados atributos, bem como se identificariam esses falantes como pertencentes a determinadas comunidades de fala considerando as variantes utilizadas.

Nesta seção serão descritos os padrões de avaliação dos pares de pronúncia considerando os atributos pré-estabelecidos e os padrões de escolha sobre a comunidade a que os informantes julgados poderiam pertencer, bem como as análises estatísticas desenvolvidas considerando as hipóteses a serem testadas por meio desse instrumento. Com vistas a melhor organizar essas discussões, as análises serão separadas em blocos considerando os pares de comunidade que apresentam configuração semelhante no que se refere ao uso do /S/ em coda silábica.

4.2.1 Resultados para avaliação dos atributos entre as cidades onde a forma alveolar predomina

A distribuição das respostas dos ouvintes de São Paulo e Porto Alegre (comunidades que representam aquelas onde as variantes alveolares predominam) considerando cada atributo e a variante utilizada pelo falante podem ser observadas a partir dos bloxplots apresentados na Figura 35.

Figura 35 - Bloxplots com distribuição das avaliações de cada pronúncia por atributo entre os ouvintes de São Paulo e Porto Alegre



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Nota-se, a partir da observação do contraste entre as medianas das avaliações, que não parece haver diferenças na caracterização dos informantes quando escutados pronunciando variantes alveolares ou palatoalveolares, com exceção dos rótulos "educado" e "sotaque", entre os ouvintes paulistanos, e "acolhedor", "escolarizado" e "sotaque" entre os ouvintes portoalegrenses. Entretanto, apenas o último atributo apresentou diferenças mais expressivas considerando o tipo de pronúncia ouvido: os falantes, quando pronunciavam as fricativas como palatoalveolares, foram caracterizados como apresentando mais sotaque do que quando ouvidos pronunciando-as como alveolares. Esse resultado era esperado, dado que os falantes dessas cidades têm a pronúncia alveolar como prototípica.

A partir de testes de Anova que comparavam modelos lineares mistos com cada atributo como variável dependente, a variável pronúncia como preditora e o ouvinte como efeito aleatório com modelos nulos, verificou-se diferença significativa apenas para o atributo "sotaque" ($\chi^2 = 42.15$, $p < 0.01$), entre os ouvintes paulistanos⁷⁴, e "confiável" ($\chi^2 = 13.77$, $p < 0.01$), "inteligente" ($\chi^2 = 6.16$, $p = 0.01$) e "sotaque" ($\chi^2 = 83.62$, $p < 0.01$), entre os ouvintes porto-alegrenses⁷⁵. Também foram comparados modelos com e sem a presença da variável "frase do estímulo" (que representa, ao mesmo tempo, a frase e o informante escutado, conforme explicado no Quadro 11) para a avaliação desses atributos em ambas as comunidades, e, segundo os resultados dos testes de Anova, os modelos não foram significativamente distintos, o que leva a crer que o estímulo/falante não parecem, associados à pronúncia, afetar as avaliações dos atributos⁷⁶.

Conhecendo os rótulos para os quais foram atribuídas avaliações significativamente distintas a depender da pronúncia ouvida pelos participantes, pretendeu-se averiguar se e quais outras variáveis controladas (contexto seguinte - e, por conseguinte, vozeamento da fricativa - posição da coda, gênero do ouvinte e gênero do falante) interagem de forma significativa na atribuição desses valores para cada um desses atributos. Como entre os ouvintes paulistanos apenas o "sotaque" apresentou distribuições de avaliação significativamente distintas a depender da pronúncia escutada, um modelo de regressão linear misto com todas essas variáveis⁷⁷ foi rodado e comparado, através de uma Anova, a um modelo que continha apenas a pronúncia como variável preditora⁷⁸ (aquele comparado ao modelo nulo na etapa anterior). O teste mostrou que os dois modelos não apresentam resultados significativamente distintos ($\chi^2 = 13.75$, $p = 0.32$), o que significa dizer que as diferenças das respostas considerando os níveis dos grupos de fatores controlados não foram distintas do padrão geral previsto pelo modelo mais simples, sendo este o mais indicado para analisar os dados. A Tabela 12 apresenta os seus resultados.

⁷⁴ Resultados referentes aos atributos que não apresentaram resultados significativamente distintos na comparação entre modelos: Acolhedor ($\chi^2 = 0.24$, $p = 0.62$); Amigável ($\chi^2 = 0.26$, $p = 0.61$); Confiável ($\chi^2 = 2.70$, $p = 0.10$); Convencido ($\chi^2 = 2.88$, $p = 0.08$); Educado ($\chi^2 = 0.93$, $p = 0.33$); Engraçado ($\chi^2 = 1.05$, $p = 0.30$); Gay ($\chi^2 = 0.04$, $p = 0.83$) e Inteligente ($\chi^2 = 0.10$, $p < 0.74$).

⁷⁵ Resultados referentes aos atributos que não apresentaram resultados significativamente distintos na comparação entre modelos: Acolhedor ($\chi^2 = 0.96$, $p = 0.32$); Amigável ($\chi^2 = 1.28$, $p = 0.26$); Convencido ($\chi^2 = 0.33$, $p = 0.56$); Educado ($\chi^2 = 2.23$, $p = 0.11$); Engraçado ($\chi^2 = 2.89$, $p = 0.08$) e Gay ($\chi^2 = 1.15$, $p = 0.28$).

⁷⁶ Por exemplo, para o atributo "sotaque" entre os falantes de São Paulo, o modelo de efeitos mistos com "lmer(Sotaque ~ Pronúncia*Frase + (1|Ouvinte), data = Dtest1.SãoPaulo)" foi comparado com o modelo nulo "lmer(Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.SãoPaulo)". Isso foi feito com todos os atributos que apresentaram diferenças significativas para a avaliação da pronúncia palatoalveolar.

⁷⁷ lmer (Sotaque ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.SãoPaulo.

⁷⁸ lmer (Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.SãoPaulo).

Tabela 12 - Resultados de um modelo de regressão linear misto tendo como VD a avaliação do "sotaque", "pronúncia" escutada pelos ouvintes paulistanos como VI e o ouvinte e estímulo como efeitos aleatórios

<i>Predictors</i>	<i>Estimates</i>	Sotaque	
		<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	4.02	3.65 – 4.40	<0.001
Pronúncia [Palatal]	1.05	0.74 – 1.36	<0.001
Random Effects			
σ^2	1.95		
τ_{00} Ouvinte	0.98		
ICC	0.34		
N Ouvinte	40		
Observations	320		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.086 / 0.393		

Fórmula: lmer(Sotaque ~ Pronúncia +(1|Ouvinte)), data = Dtest1.SãoPaulo).

Intercept: Pronúncia[Alveolar].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Analizando os resultados reportados, é possível notar uma estimativa relativamente alta no intercept (acima de 3.5, que seria o ponto neutro na escala apresentada), que representa os estímulos com pronúncias alveolares. Observa-se, porém, a estimativa de crescimento de 1,05 unidade para o atributo "sotaque" quando os ouvintes escutavam a versão das frases com pronúncia palatoalveolar, e essa diferença é significativa (Gráfico 31).

Gráfico 31 - Valores preditos pelo melhor modelo de regressão linear misto para o atributo "sotaque" entre as respostas dos ouvintes paulistanos.

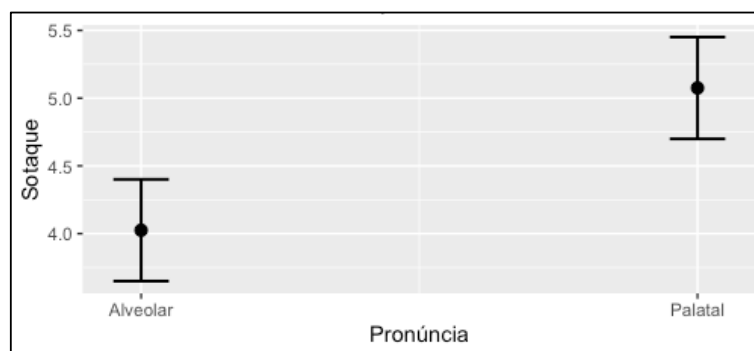


Gráfico plotado a partir de lmer(Sotaque ~ Pronúncia +(1|Ouvinte)), data = Dtest1.SãoPaulo).

Fonte: Elaboração própria, 2022.

No que se refere às respostas dos ouvintes porto-alegrenses, os rótulos "confiável", "inteligente" e "sotaque" apresentaram distribuições de avaliação significativamente distintas a depender da pronúncia escutada. Considerando as avaliações sobre o rótulo "confiável", um modelo de regressão linear misto com "contexto seguinte", "posição da coda", "gênero do ouvinte", "gênero do falante", como efeitos fixos, e "ouvinte" e "estímulo", como efeitos aleatórios⁷⁹, foi rodado e comparado, através de uma Anova, a um modelo que continha apenas a pronúncia como variável preditora⁸⁰ (aquele comparado ao modelo nulo na etapa anterior). O teste mostrou que os dois modelos não apresentam resultados significativamente distintos ($\chi^2 = 6.72$, $p = 0,87$), o que significa dizer que as diferenças das respostas considerando os níveis dos grupos de fatores controlados não foram distintas do padrão geral previsto pelo modelo mais simples, sendo este o mais indicado para analisar os dados desse rótulo. O mesmo aconteceu com relação ao tratamento das respostas dadas considerando o rótulo "inteligente" ($\chi^2 = 12.30$, $p = 0.42$)⁸¹. Entretanto, considerando as respostas dos ouvintes de Porto Alegre para o atributo "sotaque", o modelo mais completo⁸² apresentou resultados significativamente distintos com relação ao modelo mais simples⁸³ ($\chi^2 = 26.72$, $p < 0.01$), mas o modelo com as variáveis "gênero do ouvinte" e "gênero do falante" e sua interação com a "pronúncia"⁸⁴ não apresentou diferença significativa ($\chi^2 = 14.38$, $p = 0.07$) comparada ao modelo mais completo. Dessa forma, este foi o escolhido para analisar os dados referentes às avaliações segundo o atributo "sotaque". Os resultados dos melhores modelos, a partir das técnicas aqui utilizadas, para analisar as respostas para os três atributos estão resumidos na Tabela 13.

⁷⁹ lmer (Confiavel ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte), data = Dtest1.PortoAlegre).

⁸⁰ lmer (Confiavel ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.PortoAlegre).

⁸¹ Modelo completo: lmer (Inteligente ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.PortoAlegre).

Modelo mais simples: lmer (Inteligente ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.PortoAlegre).

⁸² lmer (Sotaque ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.PortoAlegre).

⁸³ lmer (Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.PortoAlegre).

⁸⁴ lmer (Sotaque ~ Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte), data = Dtest1.PortoAlegre).

Tabela 13 - Resultados de modelos de regressão linear mistos para as respostas dos ouvintes porto-alegrenses considerando os atributos "confiável", "inteligente" e "sotaque"

<i>Predictors</i>	Confiável			Inteligente			Sotaque		
	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	4.54	4.29 – 4.80	<0.001	4.61	4.39 – 4.83	<0.001	4.20	3.72 – 4.68	<0.001
Pronúncia [Palatal]	-0.41	-0.63 – -0.20	<0.001	-0.22	-0.39 – -0.05	0.013	1.63	1.20 – 2.06	<0.001
Gênero.ouvinte [Masculino]							0.11	-0.63 – 0.86	0.764
Gênero.falante [Masculino]							-0.34	-0.72 – 0.04	0.132
Pronúncia [Palatal] * Gênero.ouvinte[Masculino]							-0.70	-1.26 – -0.13	0.015
Pronúncia [Palatal] * Gênero.falante[Masculino]							-0.01	-0.55 – 0.53	0.969
Random Effects									
σ^2	0.97			0.62			1.52		
τ_{00}	0.43 Ouvinte			0.35 Ouvinte			0.94 Ouvinte		
ICC	0.31			0.36			0.38		
N	40 Ouvinte			40 Ouvinte			40 Ouvinte		
Observations	320			320			320		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.030 / 0.338			0.012 / 0.372			0.182 / 0.494		

Fórmula do primeiro modelo: lmer (Confiável ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.PortoAlegre).

Fórmula do segundo modelo: lmer (Inteligente ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.PortoAlegre).

Fórmula do terceiro modelo: lmer (Sotaque ~ Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.PortoAlegre).

Intercept: Pronúncia[alveolar]; Gênero do ouvinte[Feminino]; Gênero do falante [Feminino].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Considerando os dados observados na tabela acima, percebe-se que as estimativas de avaliação dos estímulos com pronúncias palatoalveolares para o atributo "confiável" ($\beta = -0,41$) e "inteligente" ($\beta = -0,22$) foram levemente inferiores (mas significativas) às previstas pelo modelo para a avaliação dos estímulos com pronúncias alveolares. Com relação ao atributo "sotaque", as estimativas apresentadas para o modelo escolhido apontam que, quando os ouvintes são apresentados a pronúncias palatoalveolares tendem a caracterizar o falante como tendo mais sotaque ($\beta = 1,63$) do que aqueles que pronunciam as fricativas como alveolares. Um resultado bastante interessante está relacionado à interação entre a pronúncia ouvida e o gênero do ouvinte. Segundo o modelo, quando os ouvintes são homens, a estimativa para a avaliação dos falantes que utilizam pronúncias palatoalveolares é menor ($\beta = -0,70$) quando comparadas às avaliações das mulheres. Os valores preditos por esse modelo podem ser observados no Gráfico 32.

Gráfico 32 - Valores preditos considerando o gênero dos ouvintes gerado a partir o modelo escolhido para analisar a avaliação do "sotaque" por ouvintes porto-alegrenses

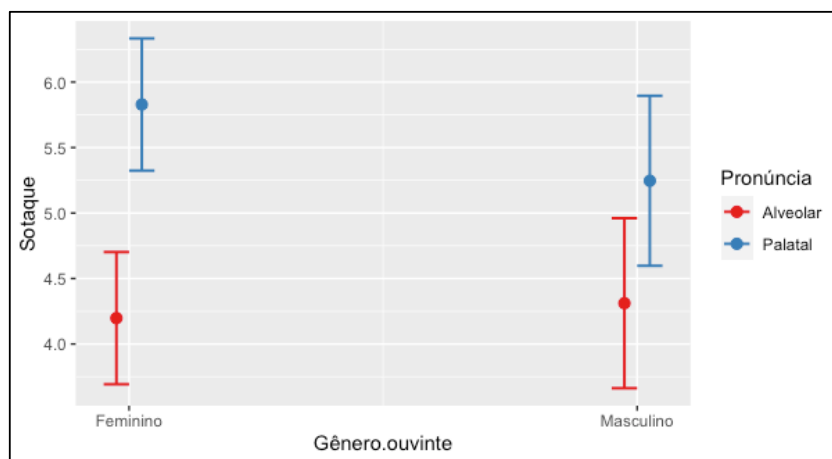
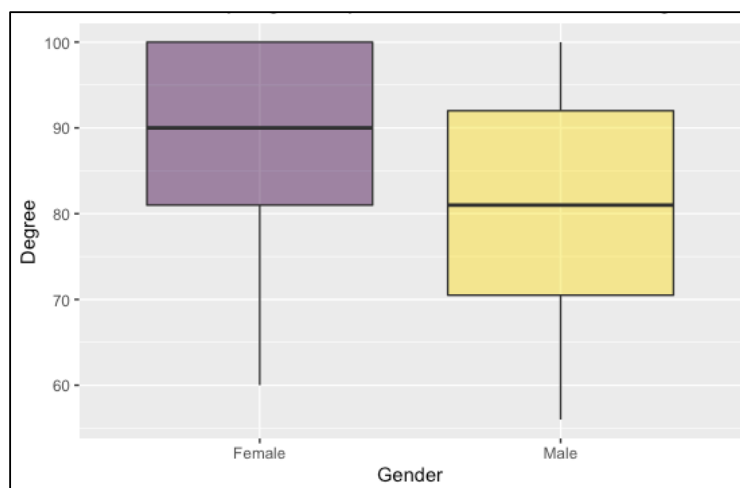


Gráfico plotado a partir de lmer (Sotaque ~ Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte), data = Dtest1.PortoAlegre).

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Analisando o gráfico, nota-se que as diferenças preditas para as avaliações de sotaque dos falantes pelas mulheres quando escutaram diferentes pronúncias foram maiores que as preditas para os homens. Esses resultados podem ser discutidos levando em consideração os achados de Biasibetti (2018) em seu experimento de percepção com ouvintes de Porto Alegre, no qual a distinção entre as fricativas alveolares e palatoalveolares foi mais robusta entre as mulheres do que entre os homens, tanto em ataque quanto em coda silábica. Sendo os contrastes maiores entre as mulheres, elas tenderiam a ser mais precisas com relação à variável e, assim, mais incisivas na avaliação dos falantes considerando o seu sotaque quando comparadas aos homens. Durante as análises dos testes de discriminação descritos na seção 5.1.1, o gênero do ouvinte não foi incluído como variável preditora para implementação dos modelos. A distribuição dos graus de distinção entre os ouvintes de Porto Alegre por gênero pode ser observada no Gráfico 33, plotado a partir dos resultados do teste de discriminação.

Gráfico 33 - Distribuição da distinção entre os pares de fricativas por gênero dos ouvintes de Porto Alegre



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Percebe-se que a discriminação dos pares de fricativas foi maior entre as mulheres do que entre os homens também entre os dados coletados no experimento apresentado na seção 5.1.1. Uma regressão linear simples⁸⁵ com esses dados apresenta uma diferença de estimativa de distinção significativamente menor entre os homens ($\beta = -6.81$, $p < 0.001$) do que entre as mulheres. Entretanto, utilizando-se uma regressão linear mista⁸⁶, com ouvinte como efeito aleatório, tem-se uma diferença não significativa ($p=0,831$) entre os níveis dessa variável. Isso pode ser explicado por que a amostra não foi balanceada segundo essa variável (dos 20 ouvintes participantes nesse teste, 15 se identificaram como mulheres e 5 como homens). Apesar disso, esses resultados podem indicar uma pista sobre como as diferenças na discriminação das fricativas entre homens e mulheres de Porto Alegre podem estar relacionadas à forma como cada um dos grupos avalia falantes com pronúncias distintas.

4.2.2 Resultados para avaliação dos atributos entre as cidades onde a forma palatoalveolar predomina

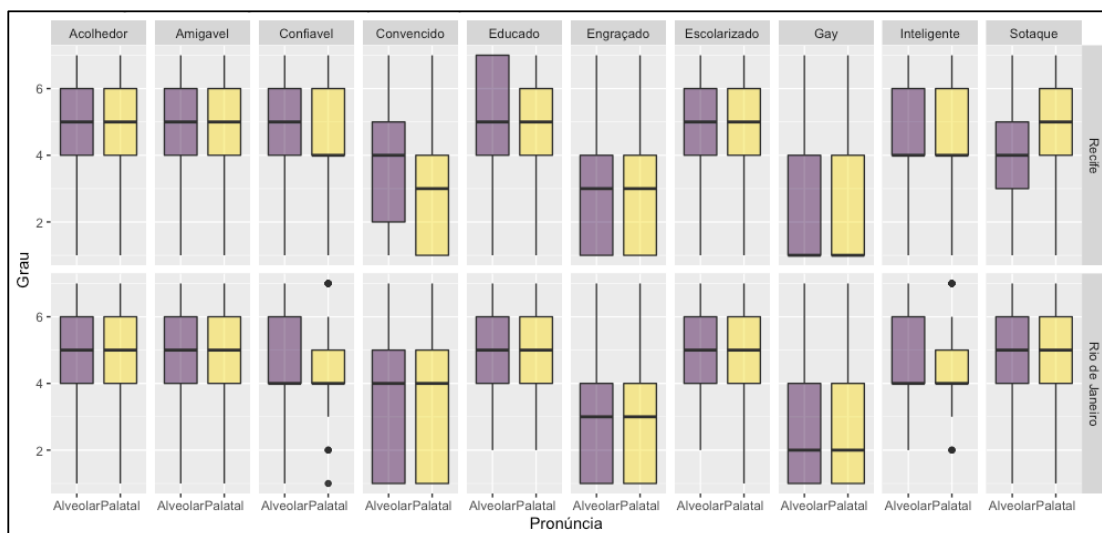
A distribuição das respostas dos ouvintes de Recife e Rio de Janeiro (comunidades que representam aquelas onde as variantes palatoalveolares predominam) considerando cada

⁸⁵ `lm(Degree ~ Gender, data = Dtest%>% filter(SpeechCom %in% c("Porto Alegre"), Degree>50)).`

⁸⁶ `lmer(Degree ~ Gender +(1|ouvinte), data = Dtest%>% filter(SpeechCom %in% c("Porto Alegre"), Degree>50)).`

atributo e a variante escutada podem ser observadas a partir dos bloxplots apresentados na Figura 36.

Figura 36 - Bloxplots com distribuição das avaliações de cada pronúncia por atributo entre os ouvintes de Recife e Rio de Janeiro



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Considerando a posição das medianas entre os pares de pronúncia para cada atributo averiguado, nota-se uma pequena diferença na avaliação dos rótulos "confiável" (falantes com pronúncias palatoalveolares sendo avaliados como mais confiáveis), "convencido" (mesma situação descrita anteriormente) e "sotaque" (falantes com pronúncias alveolares sendo julgados como apresentando menos sotaque) entre os ouvintes recifenses, e nenhuma variação perceptível entre os ouvintes cariocas. Entretanto, os testes estatísticos mostraram efeitos um pouco diferentes. Seguindo a mesma técnica de modelos aninhados para as avaliações considerando cada atributo, verificou-se diferença significativa apenas para os rótulos "convencido" ($\chi^2 = 8.75$, $p < 0.01$) e "sotaque" ($\chi^2 = 7.89$, $p < 0.01$), entre os ouvintes de Recife⁸⁷, e "sotaque" ($\chi^2 = 9.75$, $p < 0.01$) entre os ouvintes do Rio de Janeiro⁸⁸.

⁸⁷ Resultados referentes aos atributos que não apresentaram resultados significativamente distintos na comparação entre modelos: Acolhedor ($\chi^2 = 0.05$, $p = 0.82$); Amigável ($\chi^2 = 0.06$, $p = 0.81$); Confiável ($\chi^2 = 1.53$, $p = 0.22$); Educado ($\chi^2 = 3.22$, $p = 0.07$); Engraçado ($\chi^2 = 0.06$, $p = 0.81$); Gay ($\chi^2 = 1.66$, $p = 0.20$); Inteligente ($\chi^2 = 0.12$, $p = 0.73$) e Sotaque ($\chi^2 = 3.033$, $p = 0.081$).

⁸⁸ Resultados referentes aos atributos que não apresentaram resultados significativamente distintos na comparação entre modelos: Acolhedor ($\chi^2 = 1.54$, $p = 0.21$); Amigável ($\chi^2 = 0.27$, $p = 0.60$); Confiável ($\chi^2 = 0.11$, $p = 0.73$);

Entre as avaliações dos ouvintes de Recife, um modelo⁸⁹ com interação entre as variáveis "pronúncia" e "frase estímulo" não apresentou resultados significativamente distintos com relação à avaliação do atributo "convencido" quando comparado às previsões do modelo mais simples, apenas com a pronúncia como variável preditora⁹⁰. Já para o atributo "sotaque", o modelo com a frase estímulo⁹¹ apresentou resultados significativamente distintos daqueles apresentados pelo modelo mais simples⁹²: o falante F, que pronunciava a frase 6, foi percebido com mais sotaque independente da pronúncia ouvida, diferentemente dos outros falantes (Gráfico 34). Dessa forma, para as discussões desse atributo entre os ouvintes de Recife, a variável será incluída no modelo completo como uma das variáveis aleatórias. Com relação às avaliações dos participantes cariocas, não foram observadas diferenças significativas entre os resultados do modelo que considerava a interação entre pronúncias e as frases estímulos para comportamento da avaliação do sotaque⁹³ com os resultados do modelo nulo⁹⁴.

Gráfico 34 - Valores preditos considerando a frase estímulo e a pronúncia gerado a partir de um modelo para avaliação do "sotaque" por ouvintes recifenses

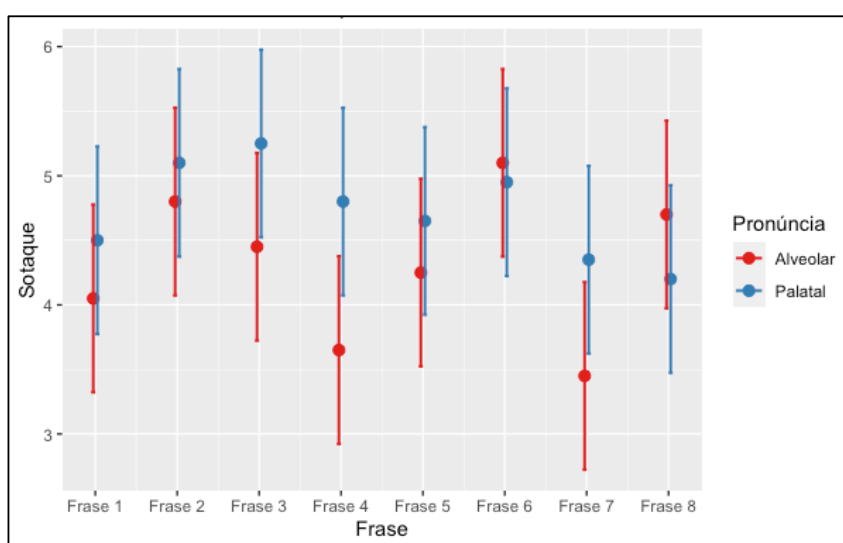


Gráfico plotado a partir de `lmer(Sotaque ~ Pronúncia*Frase +(1|Ouvinte), data = Dtest1.Recife)`.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Convencido ($\chi^2 = 0.31$, $p = 0.58$); Educado ($\chi^2 = 3.14$, $p = 0.07$); Engraçado ($\chi^2 = 2.12$, $p = 0.14$); Gay ($\chi^2 = 0.17$, $p = 0.68$) e Inteligente ($\chi^2 = 2.10$, $p = 0.14$).

⁸⁹ `lmer(data = Dtest1.Recife, Convencido ~ Pronúncia*Frase +(1|Ouvinte))`.

⁹⁰ `lmer(data = Dtest1.Recife, Convencido ~ Pronúncia +(1|Ouvinte))`.

⁹¹ `lmer(data = Dtest1.Recife, Sotaque ~ Pronúncia*Frase +(1|Ouvinte))`.

⁹² `lmer(data = Dtest1.Recife, Sotaque ~ Pronúncia +(1|Ouvinte))`.

⁹³ `lmer(data = Dtest1.RiodeJaneiro, Sotaque ~ Pronúncia*Frase +(1|Ouvinte))`

⁹⁴ `lmer(data = Dtest1.RiodeJaneiro, Sotaque ~ Pronúncia +(1|Ouvinte))`

Com o intuito de averiguar se outras variáveis também poderiam explicar as diferenças entre avaliação das pronúncias para o atributo "convencido" aferidas nas respostas dos ouvintes recifenses, um modelo de regressão linear misto com todas as variáveis⁹⁵ foi comparado a um modelo que continha apenas a pronúncia como variável preditora⁹⁶. O teste mostrou que os dois modelos não apresentam resultados significativamente distintos ($\chi^2 = 9.85$, $p = 0.62$), o que significa dizer que as diferenças das respostas considerando os níveis das variáveis controladas não foram distintas do padrão geral previsto pelo modelo mais simples, sendo este o mais indicado para analisar os dados. Com relação às avaliações dadas pelos mesmo ouvintes considerando o atributo "sotaque", o mesmo procedimento foi realizado e o modelo mais completo⁹⁷, ao qual foi acrescida "frase estímulo" como variável aleatória, não apresentou resultados significativamente distintos com relação ao modelo mais simples⁹⁸ ($\chi^2 = 17.92$, $p = 0.12$). Os resultados do melhor modelo ajustado para a avaliação dos rótulos "convencido" e "sotaque" entre os ouvintes recifenses podem ser vistos na Tabela 14. Ela também apresenta os resultados de um modelo para a avaliação do atributo "sotaque" sem "frase estímulo" como efeito aleatório, apenas para efeitos de comparação.

Tabela 14 - Resultados de modelos de regressão linear mistos para as respostas dos ouvintes recifenses, considerando o atributo "convencido" e "sotaque" (com e sem a frase estímulo como efeito aleatório)

<i>Predictors</i>	Convencido			Sotaque			Sotaque		
	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	3.57	3.07 – 4.07	<0.001	4.31	3.86 – 4.75	<0.001	4.31	3.92 – 4.69	<0.001
Pronúncia [Palatal]	-0.41	-0.67 – -0.14	0.003	0.42	0.14 – 0.70	0.003	0.42	0.13 – 0.71	0.005
Random Effects									
σ^2	1.49			1.64			1.76		
τ_{00}	2.23	Ouvinte		1.11	Ouvinte		1.09	Ouvinte	
				0.11	Frase				
ICC	0.60			0.43			0.38		

⁹⁵ lmer (Convencido ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte), data = Dtest1.Recife).

⁹⁶ lmer (Convencido ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.Recife).

⁹⁷ lmer (Sotaque ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte) + (1|Frase), data = Dtest1.Recife).

⁹⁸ lmer (Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte) + (1|Frase), data = Dtest1.Recife).

N	40 Ouvinte	40 Ouvinte 8 Frase	40 Ouvinte
Observations	320	320	320
Marginal R ² / Conditional R ²	0.011 / 0.604	0.015 / 0.435	0.015 / 0.392

Fórmula do primeiro modelo: lmer (Convencido ~ Pronúncia + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.Recife).

Fórmula do segundo modelo: lmer (Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte) + (1|Frase)), data = Dtest1.Recife).

Fórmula do terceiro modelo: lmer (Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.Recife).

Intercept: Pronúncia[alveolar].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

A partir dos dados expostos na tabela acima, percebe-se que, entre os ouvintes de Recife, a estimativa para o julgamento do falante como convencido quando os ouvintes escutam as frases com as variantes palatoalveolares ($\beta = -0.41$, $p < 0.01$) é significativamente inferior quando comparada à estimativa para a avaliação desse atributo quando os falantes pronunciam, o /S/ em coda como fricativa alveolar. O mesmo não acontece na avaliação do sotaque: os falantes foram percebidos com mais sotaque ao utilizarem as formas palatais ($\beta = 0.42$, $p < 0.01$) tanto no modelo com quanto no modelo sem a "frase estímulo" como efeito aleatório. O impacto dessa variável ("frase estímulo") não parece ser tão grande entre os resultados, dado que o R² condicional não difere muito entre o modelo com (0.435) e sem (0.392) essa variável como efeito aleatório. O Gráfico 35 apresenta os valores preditos pelos dois primeiros modelos exposto na Tabela 14.

Gráfico 35 -Valores preditos pelos melhores modelos de regressão linear mistos para os atributos "convencido" e "sotaque" entre os ouvintes recifenses

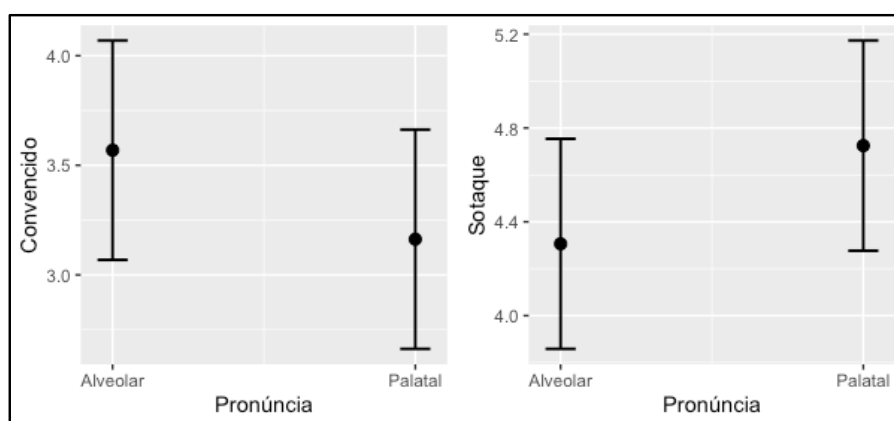


Gráfico à esquerda plotado a partir de lmer (Convencido ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.Recife).

Gráfico à direita plotado a partir de lmer (Sotaque ~ Pronúncia (1|Ouvinte)+(1|Estímulo), data = Dtest1.Recife).

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Com relação às avaliações dadas pelos ouvintes do Rio de Janeiro considerando o atributo "sotaque", o mesmo procedimento de comparação de modelos foi realizado e o modelo mais completo⁹⁹ não apresentou resultados significativamente distintos com relação ao modelo mais simples¹⁰⁰ ($\chi^2 = 10,20$, $p = 0,60$). Os resultados do melhor modelo para a avaliação do rótulo entre os ouvintes cariocas podem ser vistos na Tabela 15.

Tabela 15 - Resultados do melhor modelos de regressão linear misto ajustado para as respostas dos ouvintes cariocas considerando o atributo "sotaque"

<i>Predictors</i>	<i>Estimates</i>	Sotaque	
		<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	4.64	4.31 – 4.97	<0.001
Pronúncia [Palatal]	0.45	0.17 – 0.73	0.002
Random Effects			
σ^2	1.64		
τ_{00} Ouvinte	0.72		
ICC	0.31		
N _{Ouvinte}	40		
Observations	320		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.021 / 0.320		

Fórmula do modelo: lmer (Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.RiodeJaneiro).

Intercept: Pronúncia[alveolar].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Assim como aconteceu entre os ouvintes recifenses, os falantes com pronúncias palatoalveolares foram percebidos entre os cariocas como possuindo mais sotaque ($\beta = 0,45$, $p = 0,017$). Os valores preditos por esses modelo podem ser observados na Gráfico 36.

⁹⁹ lmer (Sotaque ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte), data = Dtest1.RiodeJaneiro).

¹⁰⁰ lmer (Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte)), data = Dtest1. RiodeJaneiro).

Gráfico 36 - Valores preditos pelo melhor modelo de regressão linear misto para o atributo "sotaque" entre os ouvintes cariocas

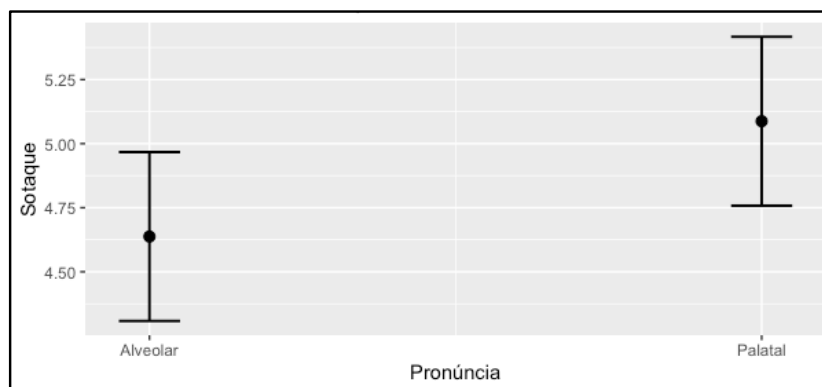


Gráfico à direita plotado a partir de lmer (Sotaque ~ Pronúncia (1|Ouvinte), data = Dtest1.RiodeJaneiro).

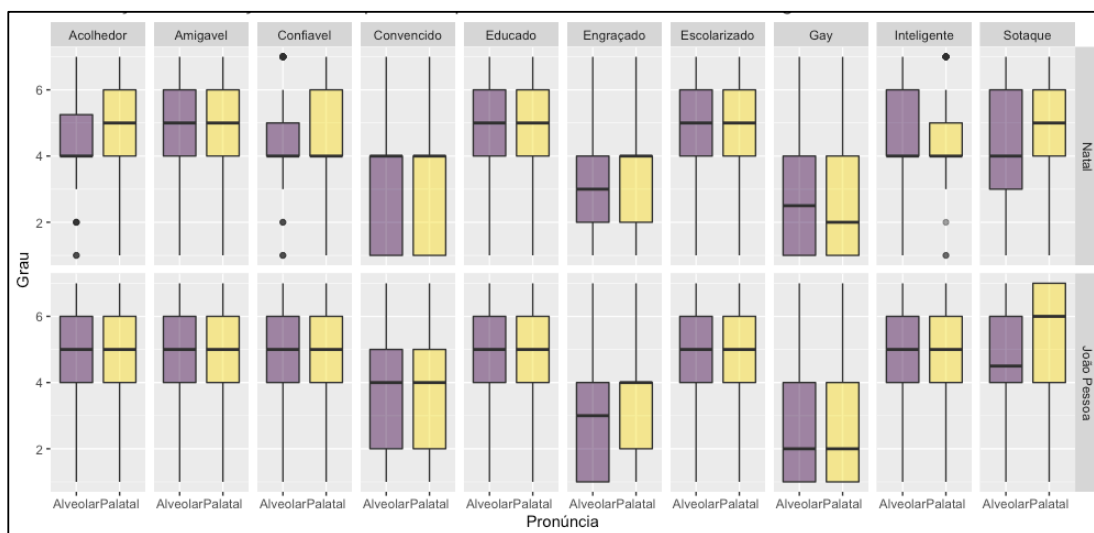
Fonte: Elaboração própria, 2022.

Com base nos resultados até então reportados sobre as avaliações dos falantes quando ouvidos com pronúncias alveolares ou palatoalveolares segundo os atributos discutidos, alguns apontamentos podem ser feitos. O fato de, entre os ouvintes de Recife, os falantes terem sido julgados como mais convencidos quando utilizavam as variantes alveolares é coerente com o fato de que essas variantes não são as prototípicas nessa comunidade de fala e que os seus falantes reconhecem isso (conforme os resultados discutidos na seção 5.1.2). Com relação à avaliação do atributo sotaque por ambas as comunidades, observou-se que seus ouvintes avaliaram os falantes que usavam as variantes palatoalveolares como tendo mais sotaque.

4.2.3 Resultados para avaliação dos atributos entre as cidades onde as duas formas são produtivas

A Figura 37 apresenta as distribuições observadas para avaliação dos ouvintes de Natal e João Pessoa (comunidades que representam aquelas com altas taxas de ambas as pronúncias alveolares e palatoalveolares), considerando cada atributo e as variantes pronunciadas pelos falantes nos estímulos.

Figura 37 - Bloxplots com distribuição das avaliações de cada pronúncia por atributo entre os ouvintes de Natal e João Pessoa



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Observando-se a posição das medianas entre os pares de pronúncia para cada atributo averiguado, nota-se uma pequena diferença na avaliação dos rótulos "acolhedor" (falantes com pronúncias palatoalveolares sendo avaliados como mais acolhedores), "engraçado" (falantes com pronúncias palatoalveolares sendo avaliados como mais engraçados) e "sotaque" (falantes com pronúncias palatoalveolares sendo julgados como apresentando mais sotaque) entre os ouvintes natalenses. Entre os ouvintes pessoenses, é perceptível uma diferença entre as avaliações para os rótulos "engraçado" e "sotaque", seguindo o mesmo padrão apresentado pelos ouvintes de Natal. A partir da técnica de modelos aninhados, verificou-se diferença significativa apenas para os rótulos "engraçado" e "sotaque" tanto para os ouvintes de Natal ($\chi^2 = 8.35$, $p < 0.01$ e $\chi^2 = 9.98$, $p < 0.01$, respectivamente)¹⁰¹ quanto para os de João Pessoa ($\chi^2 = 10.10$, $p < 0.01$ e $\chi^2 = 12.06$, $p < 0.01$, respectivamente)¹⁰².

¹⁰¹ Resultados referentes aos atributos que não apresentaram resultados significativamente distintos na comparação entre modelos: Acolhedor ($\chi^2 = 3.15$, $p = 0.07$); Amigável ($\chi^2 = 1.75$, $p = 0.18$); Confiável ($\chi^2 = 0.94$, $p = 0.33$); Convencido ($\chi^2 = 0.09$, $p = 0.76$); Educado ($\chi^2 = 0.89$, $p = 0.35$); Gay ($\chi^2 = 0.10$, $p = 0.75$); Inteligente ($\chi^2 = 1.96$, $p = 0.16$).

¹⁰² Resultados referentes aos atributos que não apresentaram resultados significativamente distintos na comparação entre modelos: Acolhedor ($\chi^2 = 0.18$, $p = 0.67$); Amigável ($\chi^2 = 0.10$, $p = 0.76$); Confiável ($\chi^2 = 0.38$, $p = 0.54$); Convencido ($\chi^2 = 0.90$, $p = 0.34$); Educado ($\chi^2 = 0.98$, $p = 0.32$); Gay ($\chi^2 = 0.04$, $p = 0.84$); Inteligente ($\chi^2 = 0.56$, $p = 0.45$).

Também foram comparados modelos com e sem a presença da variável "frase do estímulo" (que representa, ao mesmo tempo, a frase e o informante escutado, conforme explicado no Quadro 11) interagindo com a pronúncia para a avaliação desses atributos em ambas as comunidades. Segundo os resultados dos testes de Anova, esses modelos não foram significativamente distintos dos modelos mais simples, o que leva a crer que o estímulo/falante não parecem, associados à pronúncia, afetar as avaliações dos falantes com relação aos atributos em questão. Houve uma única exceção: o modelo¹⁰³ que incluía a variável "frase estímulo" interagindo com a "pronúncia" apresentava resultados para a avaliação do atributo "sotaque" por ouvintes pessoenses de forma distinta em relação ao modelo¹⁰⁴ sem a variável estímulo ($\chi^2 = 33.37$, $p < 0.01$).

Sabendo que para os rótulos "engraçado" e "sotaque" foram atribuídas avaliações significativamente distintas a depender da pronúncia ouvida pelos participantes de ambas as comunidades, pretendeu-se averiguar se e quais outras variáveis controladas também explicam as diferenças na avaliação em cada grupo de ouvintes. Com relação aos ouvintes natalenses, considerando as avaliações sobre o rótulo "engraçado", a Anova que comparou o modelo de regressão linear misto com todas as variáveis¹⁰⁵ a um modelo que continha apenas a pronúncia como variável preditora¹⁰⁶ mostrou que eles não apresentam resultados significativamente distintos ($\chi^2 = 15.74$, $p = 0.20$), sendo este o mais indicado para analisar os dados desse rótulo. Entretanto, considerando as respostas desses mesmos ouvintes para o atributo "sotaque", o modelo mais completo¹⁰⁷ apresentou resultados significativamente distintos com relação ao modelo mais simples¹⁰⁸ ($\chi^2 = 25.18$, $p = 0.014$), mas o modelo com as variáveis "gênero do ouvinte", "gênero do falante" e sua interação com a "pronúncia"¹⁰⁹ não apresentou diferença significativa ($\chi^2 = 13.91$, $p = 0.08$) comparada ao modelo mais completo. Dessa forma, este último foi o escolhido para analisar os dados referentes às avaliações segundo o atributo "sotaque" entre esses ouvintes. A Tabela 16 apresenta os resultados dos melhores modelos, a partir das técnicas aqui utilizadas, para analisar as respostas para os dois atributos.

¹⁰³ lmer(Sotaque ~ Pronúncia*Frase +(1|Ouvinte), data = Dtest1.JoãoPessoa).

¹⁰⁴ lmer(Sotaque ~ Pronúncia +(1|Ouvinte), data = Dtest1.JoãoPessoa).

¹⁰⁵ lmer (Engraçado ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte), data = Dtest1.Natal).

¹⁰⁶ lmer (Engraçado ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = data = Dtest1.Natal).

¹⁰⁷ lmer (Sotaque ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.Natal).

¹⁰⁸ lmer (Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.Natal).

¹⁰⁹ lmer (Sotaque ~ Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante (1|Ouvinte)+(1|Estímulo), data = Dtest1.Natal).

Tabela 16 - Resultados de modelos de regressão linear mistos para as respostas dos ouvintes natalenses considerando os atributos "engraçado" e "sotaque"

<i>Predictors</i>	Engraçado			Sotaque		
	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	3.09	2.71 – 3.46	<0.001	4.21	3.74 – 4.67	<0.001
Pronúncia [Palatal]	0.46	0.15 – 0.76	0.004	1.17	0.57 – 1.77	0.001
Gênero.ouvinte [Masculino]				0.07	-0.50 – 0.64	0.809
Gênero.falante[Masculino]				0.02	-0.49 – 0.54	0.933
Pronúncia [Palatal] * Gênero.ouvinte[Masculino]				-0.93	-1.68 – -0.18	0.015
Pronúncia [Palatal] * Gênero.falante[Masculino]				-0.41	-1.13 – 0.32	0.276
Random Effects						
σ^2	1.96			2.76		
τ_{00}	0.97 Ouvinte			0.30 Ouvinte		
ICC	0.33			0.10		
N	40 Ouvinte			40 Ouvinte		
Observations	320			320		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.017 / 0.343			0.060 / 0.153		

Fórmula do primeiro modelo: lmer (Engraçado ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = Dtest1.Natal).

Fórmula do segundo modelo: lmer (Sotaque ~ Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte), data = Dtest1.Natal).

Intercept: Pronúncia[alveolar]; Gênero do ouvinte[Feminino].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Analisando os resultados acima reportados, é possível notar que as estimativas de avaliação dos falantes com pronúncias palatoalveolares para o atributo "engraçado" ($\beta = 0.46$, $p=0.004$) e "sotaque" ($\beta = 1.17$, $p=0.001$) foram significativamente superiores às previstas pelos modelos para a avaliação dos estímulos com pronúncias palatoalveolares. Com relação à avaliação do atributo "sotaque", um resultado curioso foi verificado na interação entre a pronúncia ouvida e o gênero do ouvinte. Segundo o modelo, quando os ouvintes são homens, a estimativa para a avaliação dos falantes que utilizam pronúncias palatoalveolares é menor ($\beta = -0.93$, $p=0.015$) quando comparadas a avaliações das mulheres. Os valores preditos por esse modelo podem ser observados no Gráfico 37.

Gráfico 37 - Gráfico de valores preditos considerando o gênero dos ouvintes gerado a partir o modelo escolhido para analisar a avaliação do "sotaque" por ouvintes natalenses

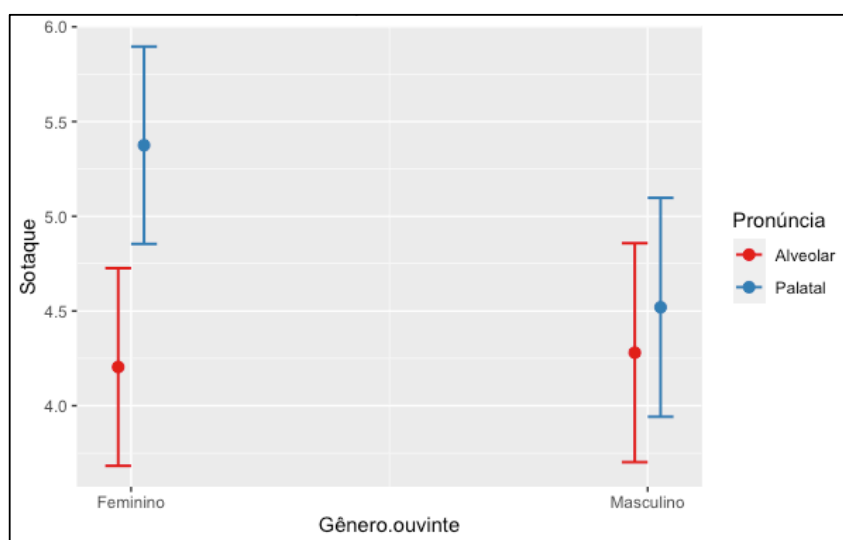
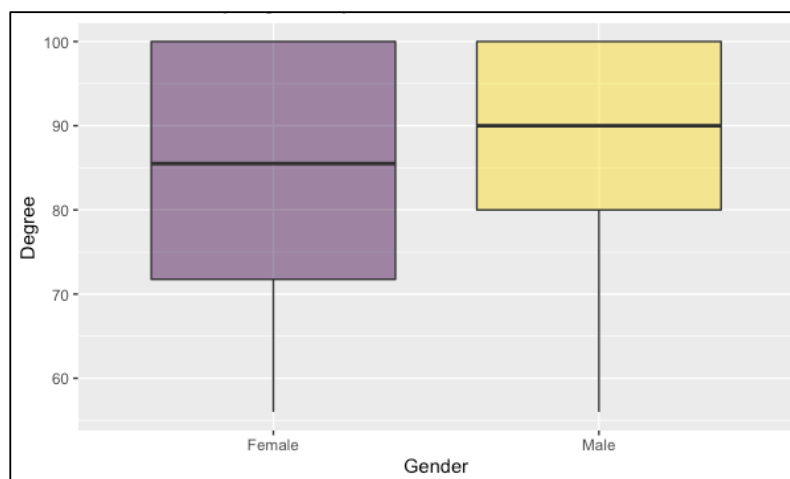


Gráfico plotado a partir de lmer (Sotaque ~ Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.Natal).
 Fonte: Elaboração própria, 2022.

Encarando os valores preditos expressos no gráfico, percebe-se que as diferenças nas avaliações de sotaque para o par de pronúncias foram maiores entre as mulheres do que entre os homens, consoante os resultados encontrados nas respostas dos ouvintes de Porto Alegre. Como nenhum estudo prévio foi realizado com essa comunidade a partir do qual se pudessem comparar esses resultados, foi realizada uma pequena análise para verificar a existência de distribuições diferentes para o grau de distinção de fricativas alveolares e palatoalveolares considerando o gênero dos ouvintes, tendo por base os resultados dos testes de discriminação descritos na seção 4.1.1 (Gráfico 38).

Gráfico 38 - Distribuição da distinção entre os pares de fricativas por gênero dos ouvintes de Natal



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Percebe-se, a partir dos dados expostos no bloxpot, que a discriminação dos pares de fricativas não parece ser distinta entre os dois grupos (homens e mulheres). Tanto uma regressão linear simples ($\beta = 3.943$, $p = 0.10$)¹¹⁰ quanto uma mista, com ouvintes e palavra como efeitos aleatórios ($\beta = 4.23$, $p = 0.36$)¹¹¹, mostram a ausência de efeito significativo entre os níveis da variável gênero do ouvinte para o grau de distinção dos pares de fricativas entre os ouvintes de Natal.

No que diz respeito aos ouvintes pessoenses, estes avaliaram de forma significativamente distinta os falantes considerando a pronúncia por eles utilizada nos rótulos "engraçado" e "sotaque", na mesma direção dos falantes natalenses. Com relação ao atributo "engraçado", a Anova que comparou o modelo de regressão linear misto com todas as variáveis¹¹² a um modelo que continha apenas a pronúncia como variável preditora¹¹³ mostrou que os dois modelos não apresentam resultados significativamente distintos ($\chi^2 = 17.85$, $p = 0.12$). Entretanto, considerando as respostas desses mesmos ouvintes para o atributo "sotaque", o modelo mais completo¹¹⁴ apresentou resultados significativamente distintos com relação ao modelo mais simples¹¹⁵ ($\chi^2 = 31.24$, $p < 0.01$), mas o modelo com a variável "contexto seguinte"

¹¹⁰ `lm(Degree ~ Gender, data = Dtest%>% filter(SpeechCom %in% c("Natal"), Degree>50))`

¹¹¹ `lmer(Degree ~ Gender + (1|ouvinte), data = Dtest%>% filter(SpeechCom %in% c("Natal"), Degree>50)).`

¹¹² `lmer (Engraçado ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.JoãoPessoa).`

¹¹³ `lmer (Engraçado ~ Pronúncia + (1|Ouvinte), data = data = Dtest1.JoãoPessoa).`

¹¹⁴ `lmer (Sotaque ~ Pronúncia * ContSeg + Pronúncia * Coda + Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.JoãoPessoa).`

¹¹⁵ `lmer (Sotaque ~ Pronúncia + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.JoãoPessoa).`

e sua interação com a "pronúncia"¹¹⁶ não apresentou diferença significativa ($\chi^2 = 8.25$, $p = 0.22$) quando comparado ao modelo mais completo. Testou-se, também, se o modelo com interação entre "pronúncia" e "frase estímulo" apresentava estimativas diferentes do modelo com interação entre "pronúncia" e "contexto seguinte", o que não detectado ($\chi^2 = 10.37$, $p = 0.24$). Dessa forma, acredita-se que as frases foram avaliadas de forma diferente justamente porque apresentavam palavras com contextos seguintes distintos para as fricativas, e o modelo com esta variável foi o escolhido para analisar os dados referentes às avaliações segundo o atributo "sotaque" entre esses ouvintes. A Tabela 17 apresenta os resultados dos melhores modelos, a partir das técnicas aqui utilizadas, para analisar as respostas para os dois atributos.

Tabela 17 - Resultados de modelos de regressão linear mistos para as respostas dos ouvintes pessoenses considerando os atributos "engraçado" e "sotaque"

<i>Predictors</i>	Engraçado			Sotaque		
	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Estimates</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	2.94	2.47 – 3.41	<0.001	4.08	3.44 – 4.71	<0.001
Pronúncia [Palatal]	0.41	0.16 – 0.65	0.014	1.90	1.00 – 2.80	<0.001
ContSeg [t]				0.80	-0.10 – 1.70	0.081
ContSeg [d]				0.55	-0.04 – 1.14	0.068
ContSeg [n]				0.43	-0.47 – 1.32	0.354
Pronúncia [Palatal] * ContSeg [t]				-2.23	-3.82 – -0.63	0.006
Pronúncia [Palatal] * ContSeg [d]				-1.68	-2.51 – -0.84	<0.001
Pronúncia [Palatal] * ContSeg [n]				-1.53	-3.12 – 0.07	0.061
Random Effects						
σ^2	1.29			1.82		
τ_{00}	1.96 Ouvinte			1.20 Ouvinte		
ICC	0.60			0.40		
N	40 Ouvinte			40 Ouvinte		
Observations	320			320		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.013 / 0.608			0.080 / 0.445		

Fórmula do primeiro modelo: lmer (Engraçado ~ Pronúncia + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.JoãoPessoa).

¹¹⁶ lmer (Sotaque ~ Pronúncia * Gênero.ouvinte + Pronúncia * Gênero.falante + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.JoãoPessoa).

Fórmula do segundo modelo: $\text{lmer}(\text{Sotaque} \sim \text{Pronúncia} * \text{ContSeg} + (1|\text{Ouvinte}))$, data = Dtest1.JoãoPessoa).

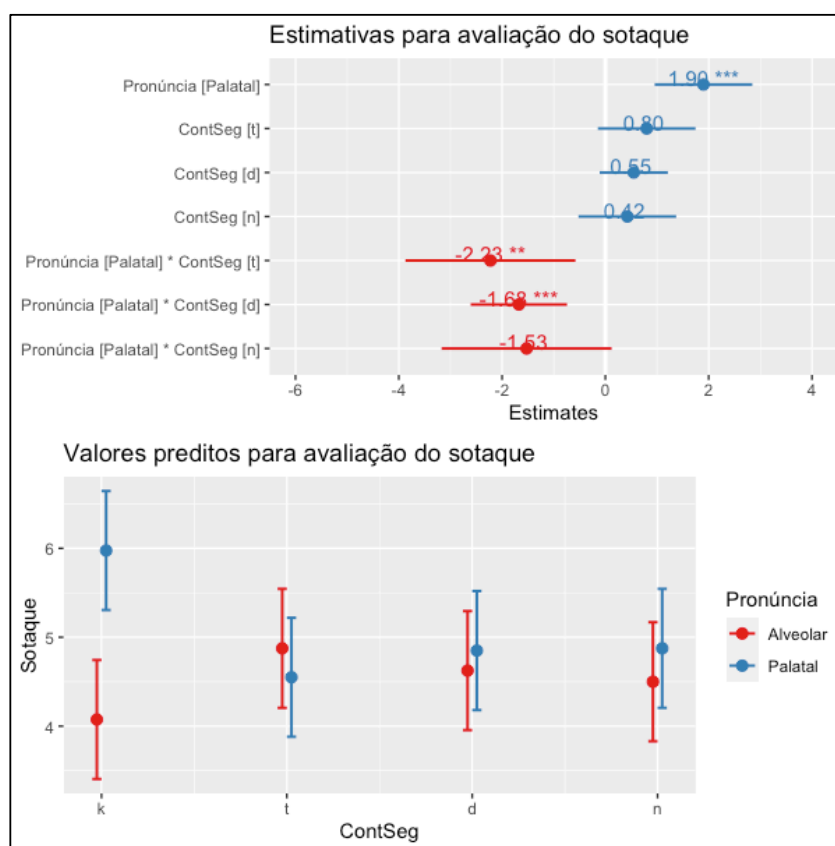
Intercept: Pronúncia[alveolar]; Contexto seguinte[k].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Observando os resultados dos modelos, nota-se que os modelos apresentaram estimativas estatisticamente distintas para a avaliação dos ouvintes quando estes escutaram os falantes pronunciando as fricativas como palatoalveolares, tanto para o atributo "engraçado" ($\beta = 0.41$, $p = 0.014$) quanto para "sotaque" ($\beta = 1.90$, $p < 0.01$), quando comparadas às avaliações diante de fricativas alveolares.

Ainda considerando o rótulo "sotaque", observa-se que quando o /S/ em coda precede as consoantes [t] ($\beta = -2.23$, $p = 0.008$) e [d] ($\beta = -1.68$, $p < 0.01$), a estimativa de avaliação para estímulos com pronúncias palatais é significativamente menor quando comparada a estimada para avaliação das pronúncias diante da consoante [k], conforme o gráfico de estimativas presente na Figura 38. Nessa mesma figura, também se pode observar um gráfico de valores preditos que ilustra com clareza o comportamento dessas avaliações nesse contexto: os ouvintes pessoenses tendem a jogar pessoas que pronunciam as fricativas pós-vocálicas como palatoalveolares como tendo mais sotaque quando o contexto seguinte à fricativa é a consoante [k], o que é coerente com o comportamento da variável nessa comunidade de fala.

Figura 38 - Gráfico de efeitos e gráfico de valores preditos a partir do modelo de regressão linear misto para avaliação do atributo "sotaque" entre ouvintes pessoenses



Gráficos plotados a partir de lmer (Sotaque ~ Pronúncia * ContSeg + (1|Ouvinte)), data = Dtest1.JoãoPessoa).

Intercept: Pronúncia[alveolar]; Contexto seguinte[k].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Os resultados até agora analisados para as duas comunidades onde pronúncias alveolares e palatoalveolares (contextualmente restritas) são frequentes no vernáculo de seus falantes apontam que as avaliações seguiram padrões parecidos, pelo menos no que se refere ao rótulo "engraçado"¹¹⁷. Tanto os ouvintes natalenses como os pessoenses julgaram como mais engraçados os falantes que usavam fricativas palatoalveolares. Com relação ao "sotaque", apesar de o padrão geral também apresentar as mesmas características (os falantes foram julgados como tendo mais sotaque quando ouvidos pronunciando variantes palatoalveolares), variáveis distintas apresentaram relevâncias também distintas durante as análises de cada grupo:

¹¹⁷ A partir dos comentários metalinguísticos a respeito da realização palatoalveolar associada à fala de cariocas e recifenses pelos ouvintes pessoenses, tem-se o entendimento de que o rótulo "engraçado" não diz respeito exatamente a uma característica da personalidade do falante, como sinônimo de divertido, por exemplo. Ele parece fazer referência a um modo de falar do informante, que soa como engraçado.

enquanto para a comunidade de Natal, o gênero do ouvinte (condição de natureza social) parece afetar a forma como eles avaliam o falante com relação ao sotaque, entre os ouvintes de João Pessoa, o contexto seguinte à fricativa (condição de natureza estrutural) parece exercer papel determinante para o julgamento do falante com relação ao seu sotaque, em linha com a compreensão do funcionamento do comportamento linguístico da variável em sua comunidade de fala.

Antes de partir para a discussão dos resultados referentes à indicação da origem dos falantes escutados no experimento, vale a pena observar com mais atenção a escala de "sotaque", que apresentou diferenças significativas em todos os grupos de ouvintes. Para isso, foi criado um modelo para prever a avaliação desse atributo com "pronúncia" e "comunidade de fala do ouvinte" como variáveis preditoras, bem como a interação entre elas. Esse modelo apresentou resultados significativamente distintos em relação ao modelo que apresentava apenas a pronúncia como variável preditora ($\chi^2 = 35.54$, $p < 0.01$) e seus resultados podem ser observados na Tabela 18.

Tabela 18 - Resultados do modelo de regressão linear misto para as respostas para o atributo "sotaque" considerando a pronúncia ouvida e a comunidade de fala do ouvinte

<i>Predictors</i>	<i>Estimates</i>	Sotaque	
		<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercept)	4.24	3.88 – 4.60	<0.001
Pronúncia [Palatal]	0.60	0.29 – 0.90	<0.001
Cidade [João Pessoa]	0.28	-0.23 – 0.79	0.287
Cidade [Recife]	0.07	-0.45 – 0.58	0.801
Cidade [Rio de Janeiro]	0.40	-0.12 – 0.91	0.129
Cidade [São Paulo]	-0.22	-0.73 – 0.30	0.410
Cidade [Porto Alegre]	-0.17	-0.68 – 0.34	0.512
Pronúncia [Palatal] *Cidade [João Pessoa]	-0.05	-0.49 – 0.38	0.806
Pronúncia [Palatal] *Cidade [Recife]	-0.18	-0.61 – 0.25	0.416
Pronúncia [Palatal] *Cidade [Rio de Janeiro]	-0.15	-0.58 – 0.28	0.502
Pronúncia [Palatal] *Cidade [São Paulo]	0.45	0.02 – 0.88	0.040
Pronúncia [Palatal] *Cidade [Porto Alegre]	0.78	0.35 – 1.22	<0.001

Random Effects

σ^2	1.94
τ_{00} Ouvinte	0.88
ICC	0.31
N Ouvinte	240
Observations	1920
Marginal R^2 / Conditional R^2	0.062 / 0.355

Fórmula do modelo: lmer (Sotaque ~ Pronúncia * Cidade + (1|Ouvinte)), data = Dtest1).

Intercept: Pronúncia[alveolar]; Cidade[Natal].

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Analisando os resultados do modelo, percebe-se uma estimativa estatisticamente distinta para a avaliação geral das pronúncias palatoalveolares quando comparadas às avaliações de estímulos com as fricativas alveolares ($\beta = 0.60$, $p < 0.01$): os ouvintes, de forma geral, tendem a ser avaliados com mais sotaque quando ouvidos pronunciando formas palatais. Observa-se também que entre os ouvintes das comunidade e São Paulo ($\beta = 0.45$, $p = 0.04$) e Porto Alegre ($\beta = 0.78$, $p < 0.01$), a estimativa de avaliação para os estímulos com pronúncias palatoalveolares é significativamente maior quando comparada a estimada para a avaliação dos ouvintes natalenses. O gráfico 39 apresenta os valores preditos pelo modelo da tabela Tabela 18.

Gráfico 39 - Valores preditos a partir de um modelo que regressão linear misto para avaliação do sotaque considerando a pronúncia ouvida e a comunidade de fala do ouvinte

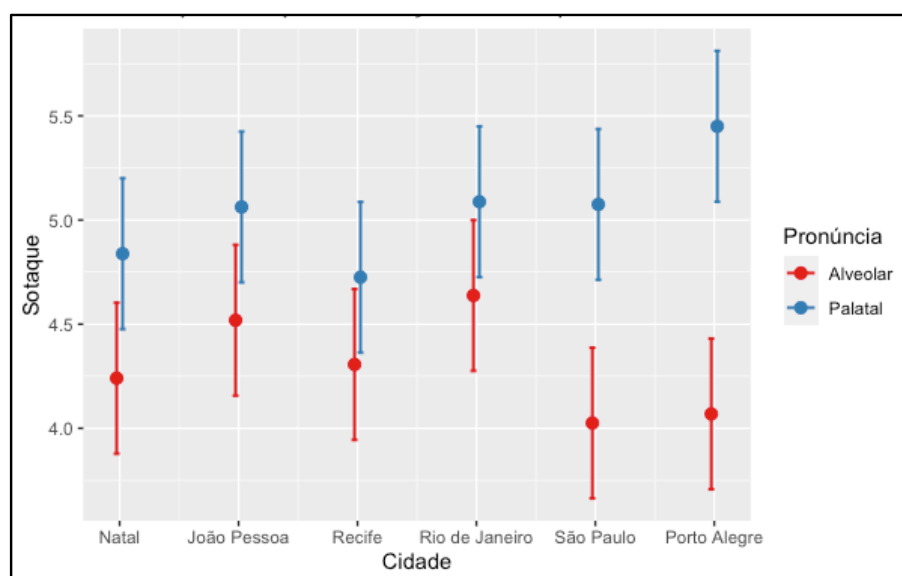


Gráfico plotado a partir de lmer (Sotaque ~ Pronúncia * Cidade + (1|Ouvinte)), data = Dtest1).

Fonte: Elaboração própria, 2022.

O gráfico de valores preditos pelo modelo apresenta um padrão interessante com relação à avaliação das formas apresentadas aos ouvintes. Em primeiro lugar, percebe-se uma tendência para avaliação de sotaque entre todos os ouvintes e independente da pronúncia escutada acima do ponto neutro (3,5) na escala disponível para avaliação. Como havia uma outra pergunta na mesma página do teste perguntando sobre a origem do informante escutado, esse resultado pode indicar que a noção de sotaque pode ter sido reforçada por essa condição experimental.

Entre as comunidade de São Paulo e Porto Alegre, onde as formas alveolares predominam, houve diferenças maiores entre as avaliações por pronúncia escutada. Essas diferenças não foram tão grandes entre as outras comunidades, o que pode indicar que a avaliação desse traço pode ser mais socialmente saliente para distinção de sotaque entre comunidades onde a variante palatoalveolar é pouco produzida. Apesar de esperado, esse resultado (comunidades em que predomina a variante alveolar julgam a palatal como "mais sotaque" do que as demais comunidades), caminha na direção contrária do que foi reportado por Oushiro (2015). Em seu estudo de percepção considerando o /R/ em coda, a pesquisadora verificou que os ouvintes do interior de São Paulo apresentaram avaliações mais severas para a variante retroflexa com relação ao atributo sotaque do que aqueles provenientes de comunidades onde essa variante não é produzida. A interpretação feita desse resultado foi a de que, como os ouvintes do interior do Estado estavam mais suscetíveis à avaliação por utilizarem com frequência a pronúncia retroflexa, a variante se tornava um índice de sotaque ainda mais forte para eles. Comparando esses resultados com os aqui reportados, acredita-se que a variante palatoalveolar não possui um estigma tão forte quanto a variante retroflexa a ponto de que os ouvintes que as utilizam avaliem como tendo "mais sotaque" falantes que possuam esse traço recorrente na sua própria fala.

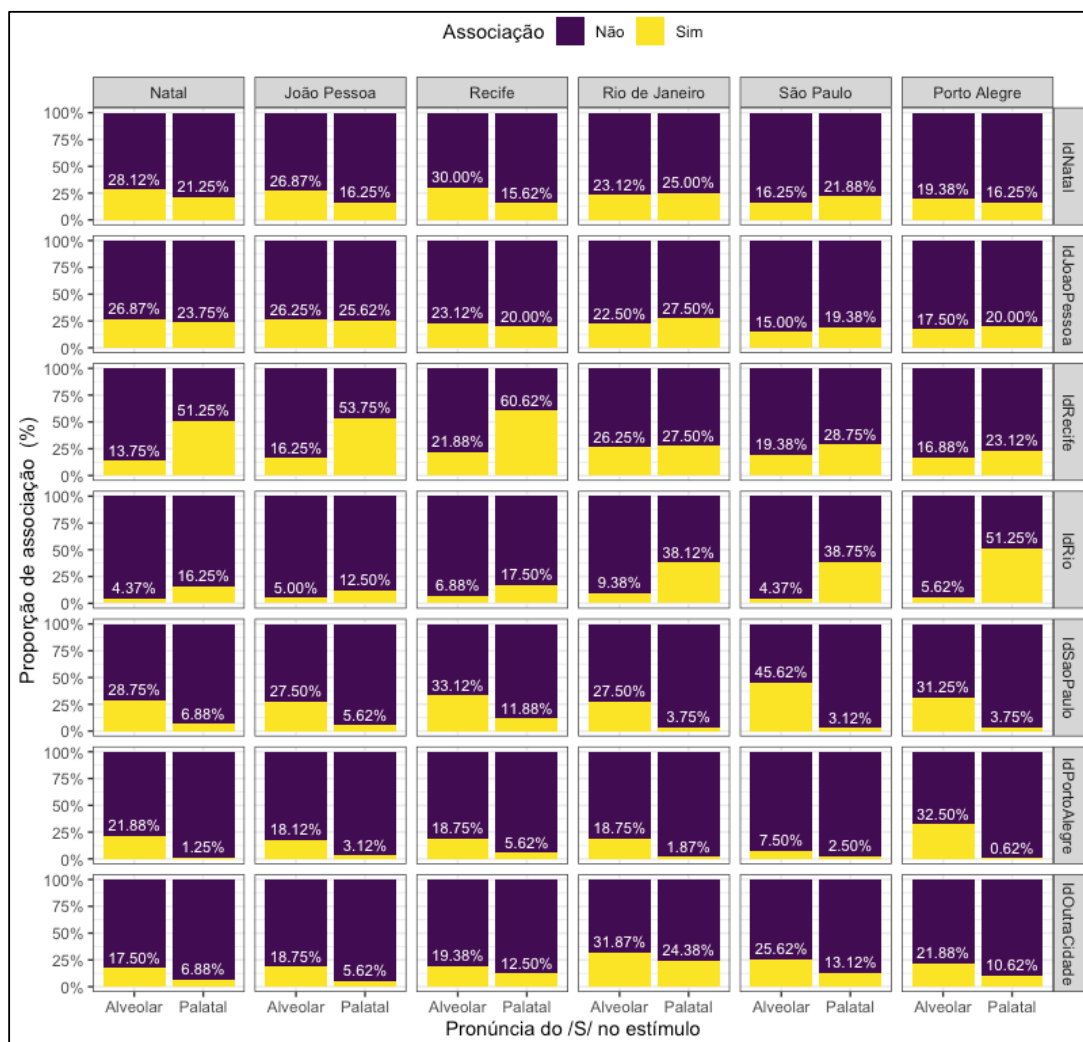
4.2.4 Resultados para a indicação da origem dos falantes escutados no experimento

Os resultados reportados nesta subseção estão relacionados às respostas dadas pelos ouvintes à pergunta "De onde você acha que essa pessoa é?", para a qual poderiam escolher uma ou mais alternativas, dentre as quais: "Natal", "João Pessoa", "Recife", "Rio de Janeiro", "São Paulo", "Porto Alegre" ou "Outra cidade". O intuito era verificar se cidades onde as variantes palatoalveolares predominam seriam mais escolhidas quando o estímulo escutado

apresentasse pronúncias palatoalveolares, bem como se cidades onde as pronúncias alveolares predominam seriam mais escolhidas quando estímulos com essas pronúncias fossem escutados. Além disso, objetivou-se verificar se essas escolhas seriam diferentes a depender da origem dos ouvintes, levando em consideração os padrões de uso de sua comunidade e o de comunidades próximas.

Para verificar as proporções de identificação de cada cidade, cada uma delas foi considerada como uma variável com níveis "sim", quando escolhida pelo ouvinte para indicar a origem do falante, e "não", quando não escolhida. Dessa forma, pôde-se calcular as proporções de escolha voluntária para cada uma das cidades nos formulários de resposta e analisar essas distribuições de acordo com a pronúncia ouvida e a comunidade de fala à qual o ouvinte pertencia, conforme o Gráfico 40. Nele, o eixo horizontal apresenta a distribuição de escolhas para a origem do falante avaliado considerando cada uma das opções disponível (IdCidade). O eixo vertical corresponde às distribuições considerando a comunidade de fala a que o ouvinte pertencia (Cidade). Cada ouvinte poderia marcar quantas opções quisesse dentre as oferecidas, inclusive nenhuma. As porcentagens foram calculadas considerando o número de escolhas para cada conjunto de estímulos (separados por tipo de pronúncia) escutados pelos ouvintes de cada comunidade (N= 160). Por exemplo, na primeira linha, observa-se o número de escolhas da opção "Natal" como indicativo da origem do falante considerando as pronúncias ouvidas (se alveolares ou palatoalveolares) e a comunidade de fala dos quais os ouvintes fazem parte.

Gráfico 40 - Proporções de escolhas das cidades por pronúncia escutada e comunidade de fala do ouvinte



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Analisando o gráfico, alguns padrões já podem ser observados: as comunidades de Natal e João Pessoa foram menos escolhidas independentemente da pronúncia presente nos estímulos e da origem dos ouvintes. Esse padrão muda de figura no que diz respeito à escolha das comunidades de Recife e Rio de Janeiro: enquanto aquela é mais escolhida pelos ouvintes de Natal, João Pessoa e da própria Recife quando os estímulos apresentavam pronúncias palatoalveolares, esta foi mais escolhida entre os ouvintes de São Paulo, Porto Alegre e do próprio Rio de Janeiro quando os estímulos apresentavam estas pronúncias. A cidade de São Paulo foi mais escolhida quando os estímulos apresentavam pronúncias alveolares entre todos

os ouvintes, mas em uma maior proporção entre os ouvintes da própria capital, mesmo padrão verificado para a escolha de Porto Alegre.

Realizada a primeira inspeção dos dados, segue-se para investigação sobre a relevância de modelos que levem em consideração a interação entre a pronúncia escutada e a comunidade de origem do ouvinte quando comparados a modelos nulos (sem a presença de nenhuma variável preditora). Seguindo a mesma técnica de modelos aninhados, testes de Anova mostraram que modelos com essa interação para a escolha das cidades de Natal ($\chi^2 = 26.018$, $p = 0.0064$), Recife ($\chi^2 = 205.94$, $p < 0.001$), Rio de Janeiro ($\chi^2 = 290.1$, $p < 0.0001$), São Paulo ($\chi^2 = 277.49$, $p < 0.001$) e Porto Alegre ($\chi^2 = 207.04$, $p < 0.001$) apresentaram resultados significativamente distintos aos estimados pelos modelos nulos, o que não aconteceu com o modelo para escolha de João Pessoa ($\chi^2 = 12.801$, $p = 0.306$). Os resultados dos modelos relevantes estão expostos na Tabela 19¹¹⁸.

¹¹⁸ Os valores de Odds Ratios (chances), presentes na Tabela 19, devem ser interpretados da seguinte forma: valores acima de 1 indicam favorecimento, abaixo de 1 desfavorecimento em relação ao *intercept*.

Tabela 19 - Resultados de modelos de regressão logística utilizados para estimar a probabilidade de escolhas para a origem dos falantes considerando a pronúncia escutada e a comunidade de fala dos ouvintes

<i>Predictors</i>	IdNatal			IdRecife			IdRio			IdSãoPaulo			IdPortoAlegre		
	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Odds Ratios</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>
(Intercep)	0.37	0.25–0.55	<0.001	0.15	0.09–0.24	<0.001	0.04	0.02–0.10	<0.001	0.37	0.24–0.56	<0.001	0.24	0.15–0.38	<0.001
Pronuncia [Palatal]	0.67	0.40–1.13	0.134	7.18	4.10–12.56	<0.001	4.27	1.79–10.18	0.001	0.17	0.08–0.34	<0.001	0.04	0.01–0.17	<0.001
Cidade [João Pessoa]	0.92	0.52–1.61	0.764	1.21	0.62–2.35	0.575	1.15	0.40–3.27	0.796	0.92	0.50–1.70	0.794	0.78	0.39–1.54	0.469
Cidade [Recife]	1.08	0.62–1.89	0.773	1.76	0.93–3.34	0.081	1.61	0.60–4.30	0.341	1.23	0.68–2.25	0.495	0.80	0.40–1.58	0.515
Cidade [Rio de Janeiro]	0.74	0.42–1.31	0.300	2.26	1.21–4.23	0.010	2.26	0.89–5.76	0.087	0.93	0.50–1.71	0.812	0.80	0.40–1.58	0.521
Cidade [São Paulo]	0.47	0.25–0.86	0.014	1.49	0.78–2.85	0.227	1.00	0.34–2.94	0.997	2.25	1.24–4.06	0.007	0.26	0.11–0.59	0.001
Cidade [Porto Alegre]	0.58	0.32–1.05	0.074	1.26	0.65–2.43	0.500	1.30	0.47–3.61	0.614	1.12	0.61–2.05	0.714	1.83	0.96–3.47	0.066
Pronuncia [Palatal] * Cidade [João Pessoa]	0.76	0.36–1.64	0.490	0.91	0.42–1.98	0.820	0.64	0.19–2.16	0.470	0.84	0.29–2.42	0.750	3.36	0.58–19.57	0.177
Pronuncia [Palatal] * Cidade [Recife]	0.62	0.29–1.33	0.218	0.85	0.40–1.79	0.662	0.68	0.22–2.12	0.503	1.44	0.56–3.70	0.443	5.90	1.12–31.13	0.036
Pronuncia [Palatal] * Cidade [Rio de Janeiro]	1.67	0.79–3.50	0.177	0.15	0.07–0.32	<0.001	1.42	0.49–4.14	0.519	0.55	0.17–1.74	0.307	1.85	0.28–12.39	0.526
Pronuncia [Palatal] * Cidade [São Paulo]	2.20	1.01–4.77	0.047	0.24	0.11–0.52	<0.001	3.31	1.00–10.97	0.050	0.18	0.05–0.61	0.006	7.61	1.18–49.29	0.033
Pronuncia [Palatal] * Cidade [Porto Alegre]	1.19	0.54–2.62	0.658	0.21	0.10–0.46	<0.001	4.26	1.36–13.39	0.013	0.43	0.14–1.38	0.156	0.26	0.02–3.14	0.291
σ^2	3.29			3.29			3.29			3.29			3.29		
τ_{00}	0.31 <i>Ouvinte</i>			0.26 <i>Ouvinte</i>			0.07 <i>Ouvinte</i>			0.55 <i>Ouvinte</i>			0.65 <i>Ouvinte</i>		
ICC	0.09			0.07			0.02			0.14			0.16		
N	240 <i>Ouvinte</i>			240 <i>Ouvinte</i>			240 <i>Ouvinte</i>			240 <i>Ouvinte</i>			240 <i>Ouvinte</i>		
Observations	1920			1920			1920			1920			1920		
Marginal R ² / Conditional R ²	0.025 / 0.110			0.139 / 0.203			0.254 / 0.270			0.278 / 0.382			0.336 / 0.445		

Modelo IdNatal: glmer(Natal~Pronuncia*Cidade + (1|Ouvinte), data=AvCidade, family = "binomial")
Modelo IdRecife: glmer(IdRecife~Pronuncia*Cidade + (1|Ouvinte), data=AvCidade, family = "binomial")
Modelos IdRio: glmer(IdRio~Pronuncia*Cidade + (1|Ouvinte), data=AvCidade, family = "binomial")
Modelos IdSãoPaulo: glmer(IdSãoPaulo~Pronuncia*Cidade + (1|Ouvinte), data=AvCidade, family = "binomial")
Modelos IdPortoAlegre: glmer(IdPortoAlegre~Pronuncia*Cidade + (1|Ouvinte), data=AvCidade, family = "binomial")
Intercept: Pronuncia[alveolar]: Cidade[Natal].
Fonte: Elaboração própria, 2022.

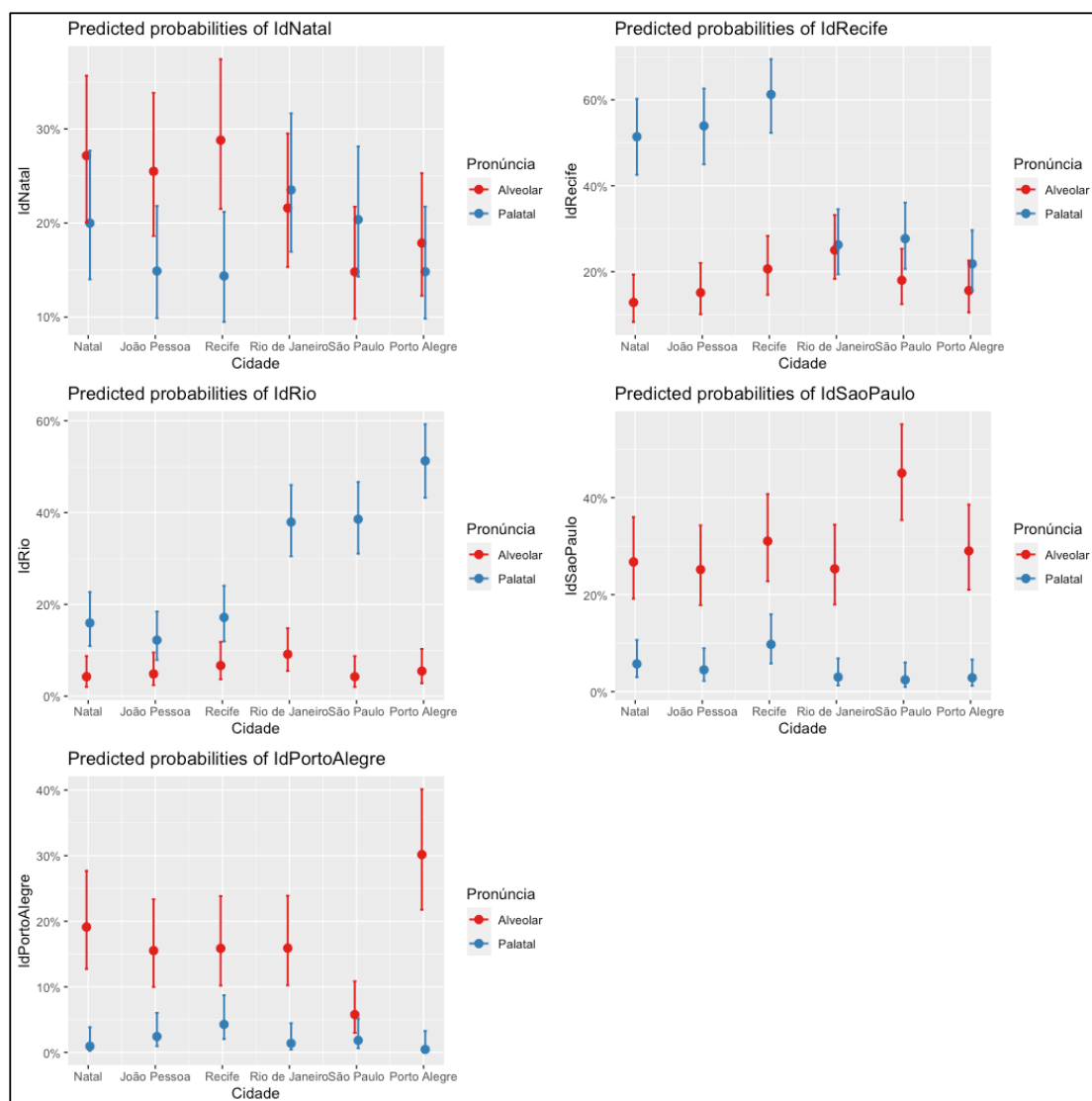
A partir dos resultados apresentados na Tabela 19, é possível analisar as estimativas de escolha para cada cidade a partir das variáveis consideradas. Com relação à escolha da cidade de Natal para designar a origem do falante escutado, o modelo indica que a probabilidade disso acontecer é significativamente menor entre ouvintes paulistanos ($odds = 0.47$, $p < 0.01$) quando comparados ao valor de referência (os próprios ouvintes de Natal), mas é significativamente maior entre esses mesmos ouvintes de São Paulo quando estes escutam os estímulos com pronúncias palatoalveolares ($odds = 2.20$, $p < 0.001$).

No que se refere à cidade de Recife, o melhor modelo ajustado indicou que, de forma geral, há uma maior probabilidade de escolherem-na para designar a origem dos falantes quando estes utilizavam pronúncias palatoalveolares ($odds = 7.18$, $p < 0.001$). Entretanto, entre os ouvintes do Rio de Janeiro ($odds = 0.15$, $p < 0.001$), São Paulo ($odds = 0.24$, $p < 0.001$), e Porto Alegre ($odds = 0.21$, $p < 0.001$), essa probabilidade foi significativamente menor quando comparadas a avaliações para estímulos com variantes palatalizadas feitas pelos natalenses. Considerando a escolha do Rio de Janeiro, houve um padrão semelhante ao verificado para a escolha de Recife: de modo geral, houve uma probabilidade significativamente maior dela acontecer quando os ouvintes escutavam as pronúncias palatoalveolares ($odds = 4.27$, $p = 0.001$). Por outro lado, o inverso aconteceu entre as respostas dos ouvintes mais ao sul do Brasil: houve uma probabilidade significativamente maior na escolha do Rio de Janeiro para os estímulos com variantes palatais entre os ouvintes de São Paulo ($odds = 3.31$, $p = 0.05$) e Porto Alegre ($odds = 4.26$, $p = 0.006$) quando comparados a escolhas feitas pelos natalenses.

Analisando os dados referentes à escolha da cidade de São Paulo para indicar a origem dos falantes, nota-se que houve uma tendência significativamente negativa para a escolha dessa cidade entre todos os participantes quando ouviam pronúncias palatoalveolares ($odds = 0.17$, $p < 0.001$). Percebe-se também que houve uma tendência significativamente positiva para essa escolha quando os participantes paulistanos ouviam variantes alveolares ($odds = 2.25$, $p = 0.006$), em comparação com os ouvintes natalenses quando escutaram estímulos com a mesma variante (valor de referência). Por fim, é possível verificar uma tendência significativamente negativa entre a associação ao dialeto paulistano e o uso da variante palatalizada pelos próprios ouvintes paulistanos ($odds = 0.18$, $p = 0.006$) em comparação com os valores do intercepto. Para as associações feitas à cidade de Porto Alegre, o melhor modelo ajustado aponta a existência de uma menor probabilidade de elas acontecerem quando os ouvintes de modo geral escutam pronúncias palatoalveolares ($odds = 0.04$, $p < 0.001$). Em comparação com os ouvintes de Natal, a probabilidade de acontecerem é menor entre os ouvintes paulistanos quando estes são expostos a variantes alveolares ($odds = 0.026$, $p = 0.001$). Por outro lado, essa probabilidade

aumenta entre ouvintes recifenses ($odds = 5.90$, $p = 0.036$) e paulistanos ($odds = 7.61$, $p = 0.033$) quando estes escutam falantes produzindo fricativas palatoalveolares quando comparados aos padrões de escolha dos ouvintes natalenses quando escutam as mesmas variantes. A Figura 39 apresenta gráficos de valores preditos plotados a partir dos modelos apresentados na Tabela 19.

Figura 39 - Gráficos de valores preditos pelos modelos de regressão logística utilizados para estimar a probabilidade de escolhas para a origem dos falantes considerando a pronúncia escutada e a comunidade de fala dos ouvintes



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Observando as distribuições dos valores preditos pelos modelos entre os ouvintes de cada comunidade de fala e entre as pronúncias ouvidas, alguns apontamentos parecem pertinentes. Apesar de significativas dentro do modelo analisado, as proporções de escolha previstas para a cidade de Natal considerando a origem do ouvinte e a pronúncia escutada não foram tão grandes (com estimativas de probabilidade na casa dos 30%). Percebe-se uma tendência maior de escolha entre os ouvintes das cidades do Nordeste quando escutavam pronúncias alveolares, principalmente entre os recifenses. O mesmo não pode ser dito com relação à escolha das cidades do Recife e do Rio de Janeiro. No que diz respeito à capital pernambucana, esta foi mais escolhida para representar a origem de falantes com pronúncias palatoalveolares principalmente por ouvintes de cidades do Nordeste, com probabilidades estimadas na casa dos 60%. Um padrão inverso foi verificado para a escolha da cidade do Rio de Janeiro: apesar de todos os ouvintes escolherem mais essa cidade quando ouviram falantes que pronunciavam variantes palatoalveolares, entre as capitais do Sul e Sudeste, as probabilidades estimadas foram muito maiores, principalmente entre os ouvintes de Porto Alegre. Esses resultados, além de evidenciarem a força da estereotipia da variante palatoalveolar, reforçada constantemente pelas suas representações na grande mídia, também podem estar relacionados à proximidade das capitais e das relações (sociais, econômicas etc.) estabelecidas entre elas. Alguns estudos de percepção já mostraram que ouvintes são mais proficientes em reconhecer dialetos de lugares próximos ou de sua região (PRESTON, 1986, 1989; WILLIAMS; GARRETT; COUPLAND, 1999), e esses dados podem ser mais uma evidência nesse sentido. Com relação às probabilidades previstas para a escolha das cidades de São Paulo e Porto Alegre, nota-se um padrão parecido. Apesar de haver, entre todos os ouvintes, uma maior probabilidade de escolha dessas cidades para designar a origem dos falantes quando ouvidos pronunciando fricativas alveolares, entre os ouvintes das cidades de São Paulo e Porto Alegre, essa probabilidade passava a ser ainda maior: os ouvintes paulistanos apresentaram maior probabilidade de escolher a cidade de São Paulo para designar a origem dos falantes com pronúncias alveolares, bem como os porto-alegrenses apresentaram mais chances de escolher Porto Alegre quando ouviam a mesma pronúncia.

De forma geral, é possível refletir sobre a forte indicialização das variantes palatalizadas aos sotaques dos falantes de Recife (principalmente para os nordestinos) e do Rio de Janeiro (principalmente para os sudestinos). Isso pode estar relacionado à escolha de graus mais elevados de Sotaque conferidos pelos ouvintes aos falantes com essas pronúncias nos estímulos apresentados.

4.3 DISCUSSÃO GERAL: EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS, IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E LIMITAÇÕES

Considerando os resultados descritos nas seções anteriores, faz-se necessário pontuar as contribuições empíricas que eles oferecem para o estado da arte que investiga o comportamento da fricativa em coda nas línguas naturais, bem como o seu papel como variável linguística em diversas comunidades de fala no Brasil. Além de chamar atenção para as evidências empíricas documentadas e o seu papel em novas testagens de hipóteses, também é essencial refletir sobre as implicações teóricas desses achados para a observação do /S/ em coda do ponto de vista da percepção sociolinguística. Por fim, pretende-se destacar as limitações de cada um dos experimentos e, por conseguinte, de alguns resultados, bem como sugestões para estudos futuros com vistas a retificar, ratificar ou expandir leituras e interpretações desenvolvidas com base nesses achados.

O teste de discriminação foi o primeiro a ter seus resultados explorados e discutidos neste capítulo. Entre os principais achados, identificou-se que o vozeamento da fricativa e tipo de coda parecem diminuir o contraste entre a fricativa alveolar e palatoalveolar para os ouvintes de todas as comunidades de fala. Estudos de produção apontam diferenças acústicas entre fricativas em posição de coda medial e final e entre fricativas vozeadas e desvozeadas (RUSSO; BEHLAU, 1993; COSTA, 2016). No entanto, o controle da distância entre os picos espectrais e os centros de gravidade para cada par de fricativas apresentado evidencia que, talvez, as fronteiras para discriminação apontadas por Kent e Read (1992), Russo e Behlau (1993), Jesus (1999), Jongman, Wayland e Wong (2000), Haupt (2007), Cristofolini (2013), Ferreira-Silva, Pacheco e Cagliari (2015), Silva, Henrique e Lopes (2015) e Bassi e Seara (2017) podem ser suficientes para estabelecer contrastes categóricos, que são amalgamados por questões mais fonológicas que fonéticas, propriamente. O fato de os graus de distinção não mudarem a depender do tipo de comunidade de fala - na direção oposta dos resultados de Soriano (2016), por exemplo - também pode ser encarado como uma evidência no sentido da estabilidade das pistas acústicas controladas como critérios para distinção das fricativas no PB como um todo. Entretanto, generalizações mais confiáveis nesse sentido só seriam possíveis com testes envolvendo gradientes controlados entre as fricativas, e estímulos de mesma natureza (ou a partir de palavras criadas ou a partir de palavras reais, como frequências de ocorrência semelhantes na fala espontânea).

Henrique (2016), em suas análises sobre a percepção da fricativa em João Pessoa, descartou a hipótese de que os falantes pessoenses palatalizam o /S/ antes de /t/ e /d/ por

perceberem menos o contraste entre formas alveolares e palatais nesses contextos, e sugeriu a transferência do foco de análise para questões de outra ordem que não a perceptual-auditiva, como as estruturais da própria fonologia do português pessoense que atuariam no momento da produção¹¹⁹. Os resultados do experimento de discriminação analisados nesta tese parecem sugerir, por outro lado, que categorias estruturais na ordem do segmento (vozeamento) e do suprasegmento (sílabas) podem operar dentro do sistema perceptual, contribuindo para uma saliência estrutural da variável. Como essas variáveis também aparecem como favorecedoras em estudos de produção envolvendo comunidades de fala onde as variantes palatoalveolares predominam (CALLOU; MORAES, 1996b, 1996a; SCHERRE; MACEDO, 2000; MACEDO, 2004), a hipótese que engloba uma relação entre produção e percepção, em termos sociolinguísticos, não pode ser descartada, e seus mecanismos precisam ser investigados com maior detalhamento.

No que se refere aos testes de categorização, algumas leituras podem ser feitas à luz de conceitos discutidos no capítulo 2. Observou-se, primeiramente, que as distribuições das escolhas das variantes tanto para a caracterização dos dialetos das comunidades dos ouvintes com o de sua própria forma de falar dialogam com as proporções aferidas nos estudos de produção realizados nessas comunidades. Essa congruência entre produção e percepção, nesse sentido, aponta para o reconhecimento, por parte dos ouvintes, do padrão de uso das variantes em sua comunidade de fala, ou seja, revela a sua saliência distribucional, nos termos discutidos por Freitag (2018). Cruzando esses resultados com os aferidos entre as respostas dadas aos ouvintes para o atributo "sotaque", percebe-se que a saliência dessa variável também opera na esfera sociocognitiva (SCHMID; GÜNTHER, 2016, *apud* FREITAG, 2018), na medida em que (i) a variante palatoalveolar é saliente para todos os grupos (ii) por ser altamente esperada entre falantes de determinadas comunidades, (iii) confirmando as expectativas derivadas das probabilidades de ocorrência na fala das pessoas dessas comunidades (iv) ativadas por determinados contextos linguísticos, principalmente entre os ouvintes pessoenses. Esses resultados são indicativos do processo de registramento entre as formas palatoalveolares e a noção de origem do falante, que se consolida, segundo Silverstein (2003), nas práticas metapragmáticas conjuntas entre os falantes se estabiliza, segundo Agha (2006), quando há

¹¹⁹ como a aplicação de regras fonológicas num estágio mais subjacente – dentro de uma abordagem derivacional –, ou como um ranqueamento que coloca restrições de marcação ou restrições sensório-motoras com peso maior do que restrições de pista acústica no que se refere à percepção e produção das fricativas coronais em coda – dentro de uma abordagem de restrições com aplicação em paralelo, como a da Teoria da Otimalidade Bidirecional (HENRIQUE, 2016, p. 79).

certa concordância entre os contextos e as motivações para o uso dessas variantes por parte dos indivíduos, o que parece ser o caso da variável aqui observada.

Comparando as respostas dos ouvintes para a fala da sua comunidade e para a sua própria fala, observa-se, num primeiro momento, que elas caminham na mesma direção. Isso aponta para uma relativa identificação dialetal no que se refere as variantes do /S/ pós-vocálico entre os ouvintes desse experimento. Apesar de utilizado para analisar graus de filiação a partir da observação do uso das variantes, o papel agentivo do falante/ouvinte também pode ser evocado na observação de uma escolha direcionada da variante da qual acredita fazer uso, em comparação com a percepção sobre a fala de sua comunidade. Ao perceber duas pronúncias como distintas, usar uma delas para caracterizar a sua comunidade e utilizar a mesma para caracterizar a própria fala, num experimento que forçava o ouvinte a prestar atenção nessas pronúncias, o ouvinte parece agir no sentido de vincular-se a esse grupo, inserido, segundo Kiesling (2013), num nível mais amplo de categorização: a origem regional.

Por outro lado, esse grau de filiação, apesar de alto, não foi absoluto: houve desalinhamento entre respostas da primeira e da segunda pergunta, e essas proporções aumentavam entre ouvintes de comunidades onde as variantes palatalizadas predominavam. Resultados nessa linha dialogam com os encontrados por Silveira (2022) com relação à percepção do /r/ entre ouvintes de São Bernardo, que, apesar de identificarem a variante retroflexa como marca do município, não se identificavam com ela ao avaliarem sua própria fala. Segundo o pesquisador, o estigma social associado a essa variante no Brasil pode justificar esse resultado. Pensando nesses termos, é possível imaginar que a saliência social, nesse caso, pode ajudar a entender as menores proporções de escolha da variante palatoalveolar para a própria fala dos ouvintes, mesmo em contextos que favorecem sua ocorrência em dados de produção.

No que diz respeito ao experimento de percepções sociolinguísticas, o resultado que mais se destaca é a avaliação do atributo "sotaque", que se mostrou relevante para os ouvintes de todas as comunidade de fala. Esse resultado corrobora com a hipótese de que, no PB, essa variável funciona como um forte índice de primeira ordem, nos termos propostos por Silverstein (2003). Observou-se que o julgamento tende a ser maior entre os participantes de comunidades onde predominam as variantes alveolares, resultado esperado considerando a maior acurácia em se identificar aquilo que não é frequente na sua realidade. Entretanto, o padrão inverso não aconteceu: onde as variantes palatoalveolares predominam, esperava-se que a avaliação do sotaque fosse maior para os estímulos com pronúncias alveolares. Uma possível leitura para esse resultado é a de que, ao contrário das formas palatais, que podem ter se estabelecido como

índices para determinados sotaques regionais, as formas alveolares não o são. Como as formas alveolares são mais frequentes no PB, elas tenderiam a ser menos marcadas e menos disponíveis para avaliação do atributo "sotaque", sendo socialmente entendidas como "neutras". Já as pronúncias palatoalveolares parecem ter sido registradas, nos termos de Agha (2003, 2005), como índices de origem/lugar de forma mais abrangente, e por isso as respostas acabaram convergindo mesmo entre comunidades onde isso não precisaria acontecer.

Entre os ouvintes de Porto Alegre e Natal, a avaliação do sotaque foi mais severa entre mulheres do que entre homens, resultados que dialogam com outros na literatura que apontam diferenças na forma de avaliar determinadas escalas considerando o gênero do ouvinte (HAY; DRAGER, 2010; LABOV *et al.*, 2011; SANTOS, 2020). Soriano (2016) e Biassibetti (2018), por exemplo, chamam atenção para o fato de as mulheres estabelecerem maiores contrastes entre variantes fonéticas em determinadas comunidades de fala. Entre os ouvintes de João Pessoa, as avaliações de sotaque foram mais severas quando a variável era precedida por /k/, o que dialoga com os resultados do teste de categorização entre os ouvintes dessa comunidade e com a hipótese da saliência distribucional e sociocognitiva da variável para essa comunidade.

Ainda considerando os resultados para o rótulo "sotaque", algumas ressalvas precisam ser mencionadas. Em primeiro lugar, é possível observar que, de uma forma geral, as médias gerais de avaliação para esse atributo foram relativamente altas (acima do ponto médio da escala) em todas as comunidades. Estudos já têm apontado que a forma como os estímulos são apresentados aos ouvintes podem influenciar sua percepção da variável (NIEDZIELSKI, 1999; CAMPBELL-KIBLER, 2006, 2010b; HAY & DRAGER, 2010). Como na mesma página do teste havia uma pergunta referente à origem do falante, essa condição experimental pode ter influenciado a avaliação dessa variável para o atributo "sotaque", o que só poderia ser confirmado a partir de uma nova aplicação desses testes com uma condição experimental diferente (sem a pergunta sobre a comunidade de fala). Uma outra hipótese a ser testada é a de que outros traços fonéticos podem ter sido responsáveis pelas altas taxas de avaliação de sotaque para comunidades do sudeste independente da variante pronunciada pelo falante, como a prosódia das frases ou coarticulações específicas. Estudos futuros podem utilizar estímulos produzidos por falantes naturais de todas as comunidades de fala observadas, o que não foi possível nesse estudo.

Com relação aos outros atributos avaliados de formas distintas considerando as pronúncias apresentadas, constatou-se que os ouvintes de Porto Alegre, onde a variante alveolar predomina, julgaram os falantes como mais confiáveis e mais inteligentes quando ouvidos sob o disfarce alveolar. Entre os participantes de Recife, onde a variante palatoalveolar predomina,

os falantes foram avaliados como mais convencidos quando ouvidos com os mesmos disfarces alveolares. Esses resultados apontam para possíveis índices de segunda ordem se consolidando entre os falantes dessas comunidades. Para os ouvintes de João Pessoa e Natal, os falantes soavam mais engraçados quando ouvidos com disfarces palatais. Analisando esses resultados em conjunto com os comentários metalinguísticos a respeito dessa variante em entrevistas sociolinguísticas, é possível inferir que o rótulo "engraçado" não parece estar relacionado a um traço de personalidade do informante, mas à sua forma de falar, que soa como "engraçada". Essa percepção está alinhada, de certa forma, à avaliação do atributo "sotaque", e pode ser avaliada como um possível percurso de transição entre um índice de primeira ordem para um índice de segunda ordem, ainda associado à primeira. Considerando os resultados de uma forma mais geral, as variantes palatoalveolares e alveolares para o /S/ em coda não parecem alocar-se em pontos extremos de uma escala estigma-prestígio no português brasileiro, o que de fato não seria esperado, visto que ambas são recorrentes em dialetos de cidades de prestígio social, cultural e econômico para o país: Rio de Janeiro (variantes palatoalveolares) e São Paulo (variantes alveolares).

Por fim, tem-se os resultados para indicação da origem dos falantes. Recife foi cidade mais escolhida para indicar a origem dos falantes quando estes eram ouvidos com pronúncias palatoalveolares por ouvintes de todas as capitais do Nordeste (Natal, João Pessoa e Recife). Nas mesmas condições, o Rio de Janeiro foi escolhido por ouvintes das capitais do Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). São Paulo e Porto Alegre foram mais escolhidos para indicar a origem dos participantes quando escutados com pronúncias alveolares entre os ouvintes de todas as comunidades, mas em uma frequência maior entre os ouvintes dessas mesmas comunidades (São Paulo foi mais escolhida entre os paulistanos e Porto Alegre, entre os porto-alegrenses). Esses resultados alinham-se com diversos outros advindos da dialetologia perceptual, que apontam para uma maior proficiência, por parte dos integrantes de uma comunidade, em reconhecer padrões dialetais de lugares geograficamente mais próximos (WILLIAMS; GARRETT; COUPLAND, 1999; PRESTON, 2002; MONTGOMERY, 2012). Em estudos futuros, seria interessante que todas as capitais do país fossem apresentadas como possibilidade de escolha para a origem do falante, o que poderia fornecer evidências mais fortes na direção apontada pelos resultados aqui discutidos.

Os resultados de todos os testes tratados neste capítulo conversam em si e convergem para as mesmas conclusões a respeito da percepção interdialetoal do /S/ em coda silábica: a variável parecer ser saliente no PB, indicia dialetos regionais, está sujeita à avaliação social e questões de natureza estrutural e social parecem mediar sua percepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese teve o objetivo de investigar como ouvintes de comunidades de fala distintas com relação ao uso das variantes mais recorrentes do /S/ pós-vocálico percebem, processam e avaliam as variantes alveolares e palatoalveolares na fala de outras pessoas. Especificamente, pretendeu verificar a proporção de contraste entre alveolares e palatoalveolares considerando o tipo de comunidade de fala de onde o falante é proveniente e variáveis que restringem o uso da variante palatalizada nessas comunidades, avaliar a consciência dos ouvintes sobre o comportamento da variável em seu dialeto, investigar a sua identificação dialetal com relação a variável e analisar se significados sociais estão a ela vinculados a partir de avaliações inconscientes considerando atributos positivos e negativos.

No capítulo primeiro capítulo, foram discutidos resultados de estudos de produção de natureza dialetológica e sociolinguística a respeito da variável objeto de análise central desta tese: a fricativa pós-vocálica em coda silábica no PB. Foram apresentadas, preliminarmente, as possíveis realizações desse segmento documentadas em uma quantidade expressiva de estudos, assim como uma breve síntese histórica sobre a entrada das consoantes palatalizadas no sistema fonológico do PB. Em um segundo momento, foram apresentados resultados de estudos com foco na produção do segmento fricativo nas seis capitais brasileiras escolhidas considerando a configuração de distribuição das variantes fonéticas dessa variável entre seus falantes: Porto Alegre - RS, São Paulo - SP, Rio de Janeiro - RJ, Recife - PE, João Pessoa - PB e Natal - RN. Também foram reportados resultados de trabalhos sobre acomodação dialetal envolvendo as fricativas entre falantes migrantes para comunidades distintas em relação ao comportamento dessa variável no vernáculo de sua comunidade. Por último, foram discutidos resultados de estudos de percepção com foco no /S/ em coda silábica realizados com falantes do PB, situadas na interface entre percepção de fala e sociolinguística.

O segundo capítulo apresentou estudos envolvendo a percepção da variação linguística. Num primeiro momento, a atenção voltou-se a pesquisas envolvendo a identificação e avaliação de variedades regionais, grande parte deles compondo uma agenda conhecida por "dialetologia perceptual". Num segundo momento, o foco recaiu sobre o lugar da percepção nos estudos sociolinguísticos, bem como seu papel na investigação do significado social da variação. Questões envolvendo identidade, estilo, crenças, avaliações e atitudes frente a variantes de diversas naturezas foram discutidas a partir da apresentação de conceitos como indicialização e campo indicial, registro, agentividade e saliência sociocognitiva. O terceiro

momento foi dedicado à apresentação de resultados de estudos recentes envolvendo percepções sociolinguísticas desenvolvidos no Brasil.

O terceiro capítulo descreve os princípios metodológicos sob o quais este trabalho foi desenvolvido, o design experimental dos testes aplicados, o detalhamento sobre a preparação, edição e manipulação dos estímulos, a definição das variáveis a partir das perguntas de pesquisa e os testes estatísticos escolhidos para os testes de hipóteses. A primeira seção deste capítulo concentrou-se no primeiro grupo de testes apresentado aos ouvintes, composto por um teste de atitudes e outro de categorização. O design experimental para o teste de percepções sociolinguísticas foi baseado na técnica dos estímulos pareados (LAMBERT *et al.*, 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2006, 2010; OUSHIRO, 2015; MENDES, 2016; SORIANO, 2016; CANEVER, 2018), a partir da qual 32 estímulos praticamente idênticos gravados por falantes treinados, diferenciando-se apenas com relação à materialidade fonética do segmento alvo, foram apresentados a dois grupos distintos de cada comunidade de fala para que fossem julgados pelos ouvintes a partir de alguns atributos positivos e negativos. Entre esses estímulos, 16 apresentavam pronúncias alveolares e palatoalveolares do /S/ pós-vocálico produzidas por pelo(a)s mesmo(a)s informantes. Dessa forma, cada grupo executou oito avaliações referentes ao /S/ em coda, cada uma produzida por um(a) informante diferente. Após ouvirem o(a) falante o(a) avaliarem segundo os atributos apresentados numa escala Likert, ou participantes deveriam escolher uma ou mais cidades dentre as apresentadas para indicar suposta origem da pessoa avaliada.

A segunda seção do capítulo dedicado à metodologia detalhou os testes dispostos no segundo bloco de tarefas apresentado aos ouvintes participantes. Esse bloco, inspirado no experimento elaborado por Henrique (2016), consistia numa combinação entre testes de discriminação e identificação: os mesmos juízes, após completarem a primeira tarefa, deveriam julgar o quão diferentes soavam duas pronúncias do /S/ em 16 pares de estímulos gravados por um mesmo informante, 8 dos quais eram compostos por uma pronúncia palatoalveolar e outra alveolar em diferentes condições experimentais (considerando o tipo de coda, o vozeamento da fricativa, o contexto seguinte etc.). Após indicarem o grau de distinção percebido numa escala em cujas extremidades estavam os indicadores "totalmente igual" e "totalmente diferente", os ouvintes deveriam escolher qual das duas pronúncias percebiam como proeminente em sua comunidade e qual delas era mais usada por eles mesmos.

O bloco experimental que apresentava os testes de discriminação e categorização foi elaborado com o objetivo de investigar se variáveis de natureza linguística ou a comunidade de fala do informante poderiam afetar a forma como os ouvintes distinguem o par alveolar vs.

palatoalveolar na posição de coda silábica. Além disso, pretendia verificar se esses ouvintes seriam capazes de reconhecer os padrões de distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico de sua comunidade de fala considerando os contextos favorecedores ao uso de uma ou outra variante, bem como se apresentariam forte identificação dialetal frente a essa variável, na medida em que escolhessem para sua fala os mesmos padrões escolhidos para a comunidade.

Com relação aos resultados do experimento de discriminação, constatou-se que algumas restrições linguísticas como o vozeamento da fricativa e a posição da coda na sílaba, que se mostraram favoráveis ao uso de uma variante nas comunidades de fala analisadas, parecem exercer influência sobre a percepção do contraste entre os pares, independente da comunidade de fala do ouvinte. No que se refere aos testes de categorização, verificou-se que os participantes têm consciência da forma como sua comunidade se comporta com relação ao fenômeno sob análise, na medida em que os padrões de distribuição das variantes palatoalveolares e alveolares encontrados em dados de produção nas comunidades analisadas correspondem aos padrões de categorização aferidos entre os ouvintes considerando seu dialeto de origem. Além disso, verificou-se que os ouvintes apresentam identificação dialetal frente à variável, já que os padrões de categorização aferidos entre eles considerando seu dialeto de origem correspondem aos aferidos para a própria forma de falar. Entretanto, algumas diferenças foram detectadas principalmente entre as respostas dos participantes de Recife e entre as avaliações envolvendo os estímulos nos quais as fricativas eram precedidas por /n/, consoante aos resultados já reportados por Henrique (2016).

Considerando os resultados desse bloco, é possível destacar que (i) os picos espectrais e os centros de gravidade funcionam como fortes pistas acústicas para a distinção de fricativas alveolares e palatoalveolares em coda, reiterando os achados de Kent e Read (1992), Russo e Behlau (1993), Jesus (1999), Jongman, Wayland e Wong (2000), Haupt (2007), Cristofolini (2013), Ferreira-Silva, Pacheco e Cagliari (2015), Silva, Henrique e Lopes (2015), Henrique (2016) e Bassi e Seara (2017); (ii) esses contrastes parecem ser amalgamados por categorias estruturais na ordem do segmento (vozeamento) e do suprasegmento (sílabas), que acabam operando no do sistema perceptual, contribuindo para uma saliência estrutural da variável; (iii) o reconhecimento, por parte dos ouvintes, do padrão de uso das variantes em sua comunidade de fala revela a saliência distribucional e sociocognitiva da variável, nos termos discutidos por Freitag (2018); (iv) existe uma relativa identificação dialetal entre os ouvintes e suas comunidades e fala, o que sugere que eles parecem agir no sentido de vincular-se ao grupo regional a que pertencem; (v) o desalinhamento entre as respostas, principalmente entre participantes de comunidades onde as variantes palatoalveolares predominam, chama atenção

para a saliência social da variante no PB, que pode justificar essa menor congruência entre as respostas.

O experimento que apresentava o teste de percepções sociolinguísticas objetivou averiguar se, a depender da pronúncia das fricativas em posição de coda silábica, os falantes seriam avaliados de forma diferente a partir de determinados atributos, bem como se os ouvintes identificariam esses informantes como pertencentes a determinadas comunidades de fala considerando as variantes utilizadas. Com relação aos atributos, foi detectada diferença na avaliação do rótulo "sotaque" entre os ouvintes de todas as comunidades de fala, para os quais os falantes eram avaliados como tendo mais sotaque quando ouvidos pronunciando fricativas palatoalveolares. Entre os ouvintes de Porto Alegre e Natal, a avaliação foi mais severa entre mulheres do que entre homens, e entre os pessoenses, foi maior em contextos em que a fricativa era precedida pela consoante [k]. Os falantes, quando pronunciaram as fricativas como palatoalveolares, foram julgados pelos ouvintes de Porto Alegre como menos confiáveis e menos inteligentes, pelos ouvintes de Recife como menos convencidos e pelos ouvintes de Natal e de João Pessoa como mais engraçados. No que diz respeito à escolha das cidades para representar a origem do falante ouvido, verificou-se que Recife foi mais escolhida para representar a origem daqueles com pronúncias palatoalveolares, principalmente por ouvintes de cidades do Nordeste, enquanto o Rio de Janeiro foi mais escolhido nessas mesmas condições entre os ouvintes do Sul e Sudeste, principalmente entre os de Porto Alegre. São Paulo e Porto Alegre foram mais escolhidos quando os falantes pronunciavam as fricativas como alveolares, principalmente entre os ouvintes dessas comunidades de fala.

Considerando os resultados desse bloco, é possível destacar que (i) as variantes palatoalveolares parecem funcionar como índices de primeira ordem no PB, segundo a classificação proposta por Silverstein (2003); (ii) as variantes alveolares parecem ser menos marcadas no que se refere à avaliação dessa escala; (iii) o gênero dos ouvintes, em algumas comunidades, influenciam na avaliação de alguns atributos, consoante a achados prévios (HAY; DRAGER, 2010; LABOV *et al.*, 2011; SANTOS, 2020), e essas diferentes avaliações podem ser reflexos de diferentes contrastes entre variantes percebidos por cada um dos grupos (SORIANO, 2016; BIASIBETTI, 2018); (iii) a saliência distribucional parece operar na avaliação do sotaque em comunidades onde o comportamento da variável é restrito por contexto específicos; (iv) outros significados sociais podem estar se vinculando a variantes da variável discutida em algumas comunidades de fala; e (v) parece haver uma maior proficiência, por parte dos ouvintes, em reconhecer padrões dialetais de lugares geograficamente mais próximos

(WILLIAMS; GARRETT; COUPLAND, 1999; PRESTON, 2002; MONTGOMERY, 2012), ou pelo menos estes dialetos servem como modelo para a identificação da variação.

Considerando os apontamentos feitos acima, é preciso chamar atenção para as limitações dos testes aqui discutidos e relativizar alguns de seus resultados. Com relação ao teste de discriminação, generalizações mais confiáveis no sentido da estabilidade das pistas acústicas controladas como critérios para distinção das fricativas no PB poderiam ser feitas a partir de testes envolvendo estímulos com produções gradientes com relação ao ponto de articulação desses segmentos em coda. Esse tipo de teste também poderia oferecer evidências sobre a forma como diferentes comunidades de fala estabelecem a distinção entre alveolares e palatais, considerando o tipo e a frequência do *input* linguístico nessas comunidades. Nesse sentido, dados de produção sobre essas medidas acústicas em cada uma das capitais para efeitos de comparação com esses novos dados de percepção seriam fundamentais nesse sentido.

Com relação aos testes de percepções sociolinguísticas, foi possível perceber que as avaliações considerando o atributo "sotaque" apresentaram médias gerais relativamente altas (acima do ponto médio da escala) em todas as comunidades. Como na mesma página das avaliações havia uma pergunta referente à origem do falante, essa condição experimental pode ter influenciado a avaliação dessa variável para esse atributo, já que a forma como os estímulos são apresentados aos ouvintes podem influenciar sua percepção da variável (NIEDZIELSKI, 1999; CAMPBELL-KIBLER, 2006, 2010b; HAY & DRAGER, 2010). Seria interessante que o mesmo teste fosse aplicado com uma nova condição experimental (sem a pergunta sobre a comunidade de fala) para que essa hipótese seja testada. Uma outra explicação para as altas avaliações de sotaque entre os ouvintes das comunidades do sudeste independente da variante ouvida seria a presença de outros traços que condicionassem essa avaliação, como a prosódia. Estudos futuros podem utilizar estímulos produzidos por falantes naturais de todas as comunidades de fala observadas para testar essa hipótese, o que não foi possível nesse estudo nas condições em que ele foi elaborado. Por fim, com relação à indicação da origem dos falantes escutados nesta etapa do experimento, seria interessante que todas as capitais do país fossem apresentadas como possibilidade de escolha para os ouvintes, o que poderia fornecer evidências mais fortes sobre a maior proficiência no reconhecimento de dialetos de comunidades de fala mais próximas dos entrevistados.

Apesar das limitações apresentadas, esta tese oferece resultados importantes para a análise da variação socialmente estruturada do /S/ em diversas comunidades de fala do Brasil. Ao observá-la do ponto de vista do ouvinte, amplia o conhecimento sobre as fricativas em coda no PB e coloca a variação no centro do processamento linguístico. Por ser o primeiro trabalho

brasileiro na seara da percepção a investigar esse fenômeno considerando tantas comunidades de fala com realidades distintas no que se refere à produção dessa variável, seus resultados trazem luz sobre reconhecimento interdialetoal entre falantes do PB e a formação de índices relacionados à sua origem. Eles também apontam para possíveis significados sociais vinculados a variantes dessa variável e sua saliência distribucional e sociocognitiva, ratificando a sua disponibilidade em ser utilizada pelos falantes para evocarem novos significados e contribuindo para estudos futuros que investiguem campos indiciais associados a essa variável em comunidades brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGHA, A. **Language and social relations**. Cambridge University Press, 2003.

AHLERS, W.; MEER, P. Sibilant variation in New Englishes: A comparative sociophonetic study of Trinidadian and American English /s(tr)/-retraction. **Proceedings of the Annual Conference of the International Speech Communication Association**, INTERSPEECH. 2019.

AMARAL, K. O. Práticas linguísticas, significados sociais e expressão de identidades: o caso de (-ste). **Organon**, v. 37, n. 73, p. 125–149, 2022.

BAILEY, G. ; NICHOLS, S.; TURTON, D.; BARANOWSKI, M. Affrication as the cause of /s/-retraction: Evidence from Manchester English. **Glossa: a journal of general linguistics** v.7, n.1, 2022.

BAKER, A.; ARCHANGELI, D.; MIELKE, J. Variability in American English s-retraction suggests a solution to the actuation problem. **Language Variation and Change**, v. 23, n. 3, p. 347–374, 2011.

BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. **Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BARCELLOS, M. E. M. **O falar paulist[ɐ:]no e os significados sociais de (AN): correlações entre origem do ouvinte e percepção**. 147f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - FFLCH, USP, 2020.

BASSI, A. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca: uma abordagem fonológica e geolinguística**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

BASSI, A. **A realização da fricativa alveolar em coda silábica no português brasileiro e no português europeu - abordagem geolinguística**. Tese (Doutorado em Linguística) - Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

BASSI, A.; SEARA, I. C. A produção das fricativas alveolar, ápico-alveolar e palato-alveolar em coda silábica no PB e no PE. **Letras de Hoje**, v. 52, n. 1, p. 77–86, 2017.

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org). **Metodologia de coleta em manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Blucher, p. 36–40, 2014.

BENOR, S. B. The Learned /t/: Phonological Variation In Orthodox Jewish English. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 7, n. 3, 2001.

_____. Ethnolinguistic repertoire: Shifting the analytic focus in language and ethnicity. **Journal of Sociolinguistics**, v. 14, n. 2, p. 159-183, 2010.

BIASIBETTI, A. P. C. S. **Produção e percepção das fricativas simbilantes em Porto Alegre/RS e Florianópolis/SC**. Doutorado em letras - Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2018.

_____. Cognitive biases on the social perception of the allophonic variation of coda /S/ in Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 19, 2020.

BISOL, L. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. Tese de doutorado - Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L.; HORA, D. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. **Letras**, n. 5, p. 26–40, 1993.

BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization** (Cambridge Approaches to Language Contact). Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BOERSMA, P.; HAMANN, S. **Phonology in perception**. Berlin: Walter de Gruyter, 2009.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: **Doing phonetics by computer** (Version 6.0. 14). 2016.

BOURDIEU, P.; NICE, R. **Outline of a Theory of Practice**. Cambridge University Press, 1977.

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 1035–1064, 2012.

BRESCANCINI, C. R. A aspiração da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano - variação e teoria. **Organon**, v. 18, n. 36, 2004.

BRITO, E. P. **A sociolinguistic study of postvocalic /S/ variation in a Rio de Janeiro favela: race/color, place and stance**. Tese (Doutorado em Linguística). Washington, DC - Georgetown University, 2016.

BUCHOLTZ, M. “Why be normal?”: Language and identity practices in a community of nerd girls. **Language in Society**, v. 28, n. 2, p. 203–223, 1999.

_____. The Whiteness of Nerds: Superstandard English and Racial Markedness. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 11, n. 1, p. 84–100, 1 jun. 2001.

_____. From 'sex differences' to gender variation in sociolinguistics. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 8, n. 3, p. 4, 2002.

BUKMAIER, V.; HARRINGTON, J.; KLEBER, F. An analysis of post-vocalic /s-/ neutralization in Augsburg German: evidence for a gradient sound change. **Frontiers in Psychology**, v. 5, 2014.

CALLOU, D.; MARQUES, M. H. D. O s implosivo na pronúncia do Rio de Janeiro. **Littera**, v. 5, p. 9–137, 1975.

CALLOU, D.; MORAES, J. A. Para uma nova dialectologia: a realização do /S/ e do /R/ pós-vocálicos no português do Brasil. In: DUARTE, I. L. (Ed.) **Anais do Congresso Internacional sobre o Português**. Lisboa: Colibri, 1996a.

_____. A norma de pronúncia do -S e -R pós- vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, S. (Ed.). **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, p. 133–147, 1996b.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Falar Português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Eds.). **Gramática do Português Falado**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, v. 8, p. 537–556, 2002.

_____. Variação dialetal no português do Brasil: aspectos fonéticos e morfossintáticos. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n. 14, p. 106–118, 1995.

CAMPBELL-KIBLER, K. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)**. Tese de doutorado. Stanford University, 2006.

_____. Accent, (ING), and the social logic of listener perceptions. **American Speech**, v. 82, n. 1, p. 32–64, mar. 2007.

_____. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change**, v. 21, n. 1, p. 135–156, 2009.

_____. Sociolinguistics and Perception. **Linguistics and Language Compass**, v. 4, n. 6, p. 377–389, 2010a.

_____. The sociolinguistic variant as a carrier of social meaning. **Language Variation and Change**, v. 22, n. 3, p. 423–441, nov. 2010b.

_____. Intersecting Variables and Perceived Sexual Orientation in Men. **American Speech**, v. 86, n. 1, p. 52-68, 1 fev. 2011.

_____. The Implicit Association Test and sociolinguistic meaning. **Lingua**, v. 122, n. 7, p. 753–763, 1 maio 2012.

_____. Connecting attitudes and language behavior via implicit sociolinguistic cognition. In: GRONDELAERS, S.; KRISTIANSEN, T. (Eds.). **Experimental Studies of Changing Language Standards in Contemporary Europe**. Oslo: Novus Press, 2014.

CANEVER, F. **Infinitivo flexionado em português brasileiro: frequência e percepções sociolinguísticas**. Tese de Doutorado - São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

CARDEIRA, E. Alguns dados sobre o sistema de sibilantes do português. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Eds.). **Razões e emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mateus**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003. v. 1p. 129–145.

CARDOSO, S. A. M. S. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, v. 1, 2014.

CARVALHO, B. B. A.; LOPES, C. R. S. “Esse uso está adequado?”: a percepção dos cariocas sobre as formas tu e você. **Organon**, v. 37, n. 73, p. 59–79, 2022.

CHACON, K. DE A. **Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa**. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012.

CHAFE, W. L. Language and Consciousness. **Language**, v. 50, n. 1, p. 111, 1974.

CLOPPER, C. G.; PISONI, D. B. Effects of Talker Variability on Perceptual Learning of Dialects. **Language and speech**, v. 47, n. 3, 2004.

_____. Perception of Dialect Variation. In: **The Handbook of Speech Perception**. p. 314–337, 2005.

COSTA, S. S. **A fricativa coronal /S/ do português do Sul do Brasil: abordagem fonológica e fonético-acústica**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2016.

COUPLAND, N.; BISHOP, H. Ideologised values for British accents. **Journal of Sociolinguistics**, v. 11, n. 1, p. 74–93, 2007.

CRISTOFOLINI, C. **Gradiência na fala infantil: caracterização acústica de segmentos plosivos e fricativos e evidências de um período de "refinamento articulatório**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

CUNHA, C. M.; SALES, G. Produção do /s/ pós-vocálico em São José do Mipibu-RN. **Revista do GELNE**, v. 22, n. 2, p. 78–92, 2020.

CUNHA, C. M.; SILVA, P. S. M. A palatalização do /S/ em coda em registro de fala natalense. In: HORA, D. DA *et al.* (Eds.). **Estudos linguísticos (teorias e aplicações): Contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – AFAL**. São Paulo: Terracota Editora, p. 45–62, 2019.

DAILEY, R. M.; GILES, H.; JANSMA, L. L. Language attitudes in an Anglo-Hispanic context: the role of the linguistic landscape. **Language and Communication**, v. 1, n. 25, p. 27–38, 2005.

DAILEY-O'CAIN, J. The Perception of Post-Unification German Regional Speech. In: PRESTON, D. R. (Ed.). **Handbook of perceptual dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, p. 227–242, 15 out. 1999.

DRAGER, K. Sociophonetic variation in speech perception. **Linguistics and Language Compass**, v. 4, n. 7, p. 473–480, 2010.

DRAGER, K. Experimental Research Methods in Sociolinguistics. **Experimental Research Methods in Sociolinguistics**, 2017.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, p. 453–476, 2008.

_____. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. 2012.

_____. **Linguistic variation as social practice: the linguistic construction of identity in Belten High**. New Jersey: Blackwell Publishers, 2000.

EDWARDS, J. Refining our understanding of language attitudes. **Journal of Language and Social Psychology**, v. 18, n. 1, p. 101–110, 1999.

FERREIRA-SILVA, A.; PACHECO, V.; CAGLIARI, L. C. Descritores estatísticos na caracterização das fricativas do Português Brasileiro: Características espectrais das fricativas. **Scopus**, v. 37, n. 4, p. 371–379, 2015.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G.; KHATTAB, G.; YAEGER-DROR, M. Sound judgements: Perception of Indexical Features in Children's Speech. In: PRESTON, D.; NIEDZIELSKI, N. (Eds.). **A Reader in Sociophonetics**. Berlin: De Gruyter, 2010.

FOULKES, P.; SCOBIE, J. M.; WATT, D. Sociophonetics. **The Handbook of Phonetic Sciences: Second Edition**, p. 703–754, 2010.

FREEMAN, V.; DECKER, P. DE. Remote sociophonetic data collection: Vowels and nasalization over video conferencing apps). **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 149, n. 2, 2021.

FREIRE, J. B. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística**: o caso das laterais /ʎ/ e /l/ no falar paraibano. Doutorado em Linguística—João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**, p. 17–74, nov. 2015.

_____. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445–460, 19 dez. 2016.

_____. Structural, distributional and sociocognitive salience. **Acta Scientiarum Language and Culture**, v. 40, n. 2, 4 set. 2018.

_____. Effects of the Linguistics Processing: Palatals in Brazilian Portuguese and the Sociolinguistic Monitor. v. 25, n. 2, p. 1–15, 2020.

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**, 2015.

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, A. O. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**, p. 109–122, 2016.

FREITAG, R. M. K.; CARDOSO, P. B.; PINHEIRO, B. F. M. Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos. **Gragoatá**, v. 23, n. 46, 2018.

FURLAN, O. A. **Influência Açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1989.

GENUINO, W. R. A. Reflexões acerca do sexo/gênero na sociolinguística variacionista: uma abordagem ensaística. **Web Revista Sociodiaeto**, v. 9, n. 26, p. 387–401, 2019.

GILES, H.; BILLINGS, A. C. Assessing Language Attitudes: Speaker Evaluation Studies. **The Handbook of Applied Linguistics**, p. 187–209, 2004.

GILES, H.; COUPLAND, K.; COUPLAND, J. **Contexts of Accommodation: Developments in applied sociolinguistics**. Cambridge University Press, 1991.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. In: HAIMAN, J. (Ed.) **Iconicity in Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, p. 187 - 219, 1985.

GODOY, M. Introdução aos modelos lineares mistos para os estudos da linguagem. PsyArXiv. <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/9T8UR>. 2019.

GODOY, M. C.; NUNES, M. A. Uma comparação entre ANOVA e modelos lineares mistos para análise de dados de tempo de resposta. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 1, p. 1–23, 2020.

GOEMAN, A. C. M. Dialects and the subjective judgments of speakers: Remarks on controversial methods. In: PRESTON, D. R. (Ed.). **Handbook of perceptual dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, v. 1, p. 135–144. 1999.

GOULD, P.; WHITE, R. **Mental maps**. Harmondsworth, Middlesex: Penguin, 1974.

GRAFF, D.; LABOV, W.; HARRIS, W. A. Testing listeners' reactions to phonological markers of ethnic identity: a new method for sociolinguistic research. In: SANKOFF, D. (Ed.). **Diversity and Diachrony**. John Benjamins Publishing Company, v. 1, p. 45–58, 1986.

GUMPERZ, J. J. Linguistic and Social Interaction in Two Communities. **American Anthropologist**, v. 66, n. 6.2, p. 137–153, 1964.

HARRIS, K. S. Cues for the discrimination of American English fricatives in spoken syllables. **Language and speech**, v. 1, n. 1, p. 1–7, 1958.

HAUPT, C. AS FRICATIVAS [s],[z], [ʃ] E [ʒ] DO PORTUGUÊS BRASILEIRO. **Estudos Linguísticos**, v. 1, n. 36, p. 37–46, 2007.

HAY, J.; DRAGER, K. Sociophonetics. **Annual Review of Anthropology**, v. 36, p. 89–103, 2007.

_____. Stuffed toys and speech perception. **Linguistics**, v. 48, n. 4, p. 865–892, 1 jul. 2010.

HAY, J.; WARREN, P.; DRAGER, K. Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. **Journal of Phonetics**, v. 34, n. 4, p. 458–484, 2006.

HENRIQUE, P. F. L. **A percepção da fricativa coronal em coda medial por falantes pessoenses**. Dissertação—João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

HENRIQUE, P. F. L.; AMORIM, A. W. D. DE; HORA, D. DA. O papel do estilo no uso do /S/ pós-vocálico em uma amostra de recontato. **Cadernos de Linguística**, v. 3, n. 1, 2022.

HENRIQUE, P. F. L.; HORA, D. Identidade e língua: a realização da fricativa /S/ em coda silábica como marca identitária. **em Revista**, v. 1, p. 40–60, 2015.

_____. Estudo Sobre a Percepção da Fricativa Coronal Pós-Vocálica em João Pessoa. **Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura**, v. 18, n. 2, p. 147–164, 2016.

HENRIQUE, P. F. L.; NASCIMENTO, I. C.; OLIVEIRA, L. P. A mudança na produção de fricativas em coda medial por uma criança recifense residente em João Pessoa. **Domínios de Linguagem**, v. 13, n. 4, p. 1526–1556, 2019.

HORA, D. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: cd-rom, 1993.

_____. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Eds.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 69–89, 2003.

_____. Variação dialetal e atitude. In: HORA, D.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). **Estudos da Linguagem: Casamento entre temas e perspectivas**. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, p. 15–36, 2011.

HORA, D.; HENRIQUE, P. F. L.; AMORIM, A. W. D. Produção e percepção: o processo de palatalização em jogo. **Revista Diadorim**, v. 20, n. 2, p. 280–296, 2018.

HORA, D.; PEDROSA, J. L. R. Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. **Dos sons às palavras**. Salvador: EDUFBA, p. 111–128, 2009.

INOUE, F. English and Japanese: Classification of Dialects by Image. In: PRESTON, D. R. (Ed.). **Handbook of perceptual dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, p. 147–159, 1999.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (Ed.). **Regimes of Language**. Santa Fe, NM: School for Advanced Research Press, v. 1, p. 35–83, 2000.

JESUS, C. S. DE; MOTA, J. A. O /S/ em coda silábica no nordeste a partir dos inquéritos do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). In: AGUILERA, V. DE A.; ISQUERDO, A. N.

(Eds.). **Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores**. Londrina: Ed. Eletrônica, p. 40–45. 2009a.

JESUS, C. S. DE; MOTA, J. A. Conservadorismo e mudança: o /S/ em coda silábica no nordeste, a partir dos inquéritos do projeto Atlas Linguístico do Brasil (projeto ALiB). In: AGUILERA, V. DE A.; ISQUERDO, A. N. (Eds.). **Atlas Linguístico do Brasil: descrevendo a língua, formando jovens pesquisadores**. Londrina: Ed. Eletrônica, p. 31–34, 2009b.

JESUS, L. M. T. **Analysis of Portuguese Fricative Consonants**. Tese—Southampton: University of Southampton, 1999.

JESUS, L. M. T.; SHADLE, C. H. A parametric study of the spectral characteristics of European Portuguese fricatives. **Journal of Phonetics**, v. 30, n. 3, p. 437–464, 2002.

JONGMAN, A.; WAYLAND, R.; WONG, S. Acoustic characteristics of English fricatives. **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 108, n. 3, 2000.

KECSKES, I. Salience in language production. In: JASZCZOLT, K.; ALLAN, K. (Eds.). **Salience and Defaults in Utterance Processing**. Berlin: De Gruyter, p. 81–102, 2011.

KENT, R. D.; READ, C. **Acoustic Analysis of Speech**. San Diego: Singular Publishing Group, 1992.

KIESLING, S. F. Constructing Identity. In CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (Eds.). **The Handbook of Language Variation and Change**. 2 ed. Oxford, U.K.: Blackwell, p. 448–468, 2013.

KUIPER, L. Parisian Perceptions of Regional French: Variation and the Norm. In: PRESTON, D. In: PRESTON, D. R. (Ed.). **Handbook of perceptual dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, p. 243–262, 1999.

LABOV, W. **The Social Motivation of a Sound Change**. *WORD*, 19, p. 273–309, 1963.

_____. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W.; ASH, S.; RAVINDRANATH, M.; WELDON, T.; BARANOWSKI, M.; NAGY, N. Properties of the sociolinguistic monitor. **Journal of Sociolinguistics**, v. 15, n. 4, p. 431–463, 2011.

LADEGAARD, H. J. Language attitudes and sociolinguistic behaviour: Exploring attitude-behaviour relations in language. **Journal of Sociolinguistics**, v. 4, n. 2, p. 214–233, 2000.

LAMBERT, W. E. *et al.* Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 60, n. 1, p. 44–51, 1960.

LANCE, D. M. Variation in American English. In: LANCE, D. M.; KINGSBURY, S. (Eds.). **American pronunciation**. 12. ed. Ann Arbor: George Wahr Publishing Company, p. 345–374, 1999.

LEVON, E.; BUCHSTALLER, I. Perception, cognition, and linguistic structure: The effect of linguistic modularity and cognitive style on sociolinguistic processing. **Language Variation and Change**, v. 27, n. 3, p. 319–348, 2015.

LEVON, E.; FOX, S. Social Salience and the Sociolinguistic Monitor: A Case Study of ING and TH-fronting in Britain. **Journal of English Linguistics**, v. 42, n. 3, p. 185–217, 2014.

LIEBSCHER, G.; DAILEY-O'CAIN, J. Language attitudes in interaction. **Journal of Sociolinguistics**, v. 13, n. 2, p. 195–222, 2009.

LIMA, I. DE S. **Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife**. Dissertação (Mestrado em Linguística)—João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013.

LONG, D. Geographical Perceptions of Japanese Dialect Regions. In: PRESTON, D. R. (Ed.). **Handbook of perceptual dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, p. 177–198, 15 out. 1999.

LOPES, L. W. **Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo**. Tese (Doutorado em Linguística)—João Pessoa: Universidade Federa da Paraíba, 2012.

LOUDERMILK, B. C. Implicit attitudes and the perception of sociolinguistic variation. In PRIKHODKINE, A.; PRESTON, D. (Eds.). **Responses to language varieties: Variability, processes and outcomes**. Amsterdam: Benjamins, p. 137–156, 2015.

MACEDO, S. S. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense**. Recife-PE: Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: UFPE, 2004.

MARTINEZ, S. Dialectal variation in spanish phonology: a literature review. **Echo**, v. 6, n. 2, 2011.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico**: fonologia. São Paulo: Contexto, 1996.

MCELHINNY, B. Theorizing gender in sociolinguistics and linguistic anthropology. In: EHRLICH, S.; MEYERHOFF, M.; HOLMES, J. **The handbook of language, gender, and sexuality**. 2. ed. Oxford: Wiley, p. 48–67, 2014.

MCKENZIE, R. M.; MCNEILL, A. **Implicit and explicit language attitudes**: mapping linguistic prejudice and attitude change in England. London: Routledge, 2022.

MELO, M. A. S. L. **Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala**: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro. Dissertação (mestrado em Letras)—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

MELO, M. A. S. L. DE; GOMES, C. A. Percepção da variação da coda (S) na comunidade de fala do Rio de Janeiro: acessando o significado social da variante fricativa posterior. In: **Dimensões e Experiências em Sociolinguística**. [s.l.] Editora Blucher, 2019. p. 129–148.

MENDES, R. B. Diphthongized (en) and the indexation of femininity and Paulistinity. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 58, n. 3, 2016.

MENDES, R. B. A terceira onda da sociolinguística. In: FIORIN, J. L. (Ed.). **Novos caminhos da Linguística**. São Paulo: Contexto, p. 103–123, 2017.

MENDES, R. B. **Percepção e performance de masculinidades**: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal. Tese (Livre-docência em Sociolinguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MENDONÇA, J. DE J.; BORGES, C. K. V. Percepção da palatalização do /S/ em coda: atitudes linguísticas de universitários. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 3, p. 114–127, 2018.

MENDOZA-DENTON, N. Language and Identity. **The Handbook of Language Variation and Change**, p. 475–499, 2008.

MILROY, L. **Language and Social Networks**. 2. ed. Wiley-Blackwell, 1987.

MONTGOMERY, C. The effect of proximity in perceptual dialectology. **Journal of Sociolinguistics**, v. 16, n. 5, p. 638–668, 2012a.

MONTGOMERY, C. Perceptions of dialects: Changing attitudes and ideologies. **The Oxford Handbook of the History of English**, p. 457–469, 2012b.

MONTGOMERY, C.; STOECKLE, P. Geographic information systems and perceptual dialectology: a method for processing draw-a-map data. **Journal of Linguistic Geography**, v. 1, n. 1, p. 52–85, 2013.

NASCIMENTO, I. C.; HENRIQUE, P. F. DE L. A relação entre a percepção das vogais médias pretônicas e a escrita do Português Brasileiro (PB). **Cuadernos de la ALFAL**, v. 12, n. 1, p. 33–52, 2020.

NIEDZIELSKI, Nancy. The effect of social information on the perception of sociolinguistic variables. **Journal of Language and Social Psychology**, vol. 18, n. 1, p. 62–85, 1999.

NOLL, V. **O português brasileiro: formação e contrastes**. São Paulo: Globo, 2008.

NÖTH, W. **Panorama da semiótica: de Platão a Pierce**. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

OCHS, E. Indexing gender. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds.). **Rethinking context: Language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 335–358.

OLIVEIRA, L. P. **Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística**. Dissertação (mestrado em Linguística)—João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2020.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na Sociolinguística. **Estudos Linguísticos e Literários**, v. 63, n. 63, p. 304–325, 2019.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 50, n. 1, p. 318–336, 2021.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia de (–r) em coda silábica no português paulistano. **Revista do GEL**, v. 8, n. 2, p. 66–95, 2011.

PEAR, T. **Voice and personality**. London: Chapman and Hall, 1931.

PEDROSA, J. L. R. **Análise do /S/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?** Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

PEDROSA, J. L. R.; LUCENA, R. M. Convergências entre o espanhol americano e o português brasileiro: o caso da fricativa /S/ em coda silábica. **Linguística**, v. 35, n. 1, p. 149–166, 2019.

PESSOA, M. A. O s pós-vocálico na fala de Natal. **Anais do I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil**. Salvador: 1986.

PIERCE, C. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1975.

PLICHTA, B.; PRESTON, D. R. The /ay/s have It: The perception of /ay/ as a north-south stereotype in United States English. **Acta Linguistica Hafniensia**, v. 37, n. 1, p. 107–130, 2005.

PODESVA, R. J.; ROBERTS, S. J.; CAMPBELL-KIBLER, K. Sharing resources and indexing meanings in the production of gay styles. **Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice**, p. 175–189, 2001.

PODESVA, R. Intonational variation and social meaning: Categorical and phonetic aspects. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 12, n. 2, 2006.

PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. **Journal of Sociolinguistics**, v. 11, p. 478–504, 2007.

POVINELLI, E. Pragmáticas íntimas: linguagem, subjetividade e gênero. Tradução de Joana Plaza Pinto. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 1, p. 205–237, 2016.

PRESTON, D. R. Mental maps of language distribution in Rio Grande do Sul (Brazil). **The Geographical Bulletin**, v. 27, p. 46–67, 1985.

_____. Five visions of America. **Language in Society**, v. 15, n. 2, p. 221–240, 1986.

_____. **Perceptual Dialectology: Nonlinguists' Views of Areal Linguistics**. Providence: Forice, 1989.

_____. Where the worst English is spoken. In: SCHNEIDER, E. (Ed.). **Focus on the USA**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 297–360, 1996.

_____. **Handbook of Perceptual Dialectology**. Amsterdam: John Benjamins John Benjamins Publishing Company, 1999a.

_____. A Language Attitude Approach to the Perception of Regional Variety. In: PRESTON, D. R. (Ed.). **Handbook of perceptual dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, p. 359–373, 1999b.

_____. Perceptual dialectology: Aims, Methods, findings. **Trends in Linguistics studies and monographs**, v. 137, p. 57–104, 2002.

_____. Language, people, salience, space: Perceptual Dialectology and Language Regard. **Dialectologia**, v. 5, p. 87–131, 2010.

_____. Language with an Attitude. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (Eds.). **The Handbook of Language Variation and Change**. Malden/MA: Wiley-Blackwell, p. 157–182, 2013.

PRISTA, L. Tentativa de cenário para $tʃ > ʃ$. In: Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade. **Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Linguística**. Miranda do Douro: Edições Colibri, p. 183–226, 1994.

PURNELL, T.; IDSARDI, W.; BAUGH, J. Perceptual and phonetic experiments on American English dialect identification. **Journal of Language and Social Psychology**, v. 18, n. 1, p. 10–30, 1999.

REIS, I. Retraction in Cariocan Portuguese. **Kansas Working Papers in Linguistics**, v. 17, n. 1, p. 25–53, 1992.

RIBEIRO, S. R. **Apagamento da sibilante final em lexemas**: uma análise variacionista do falar pessoense. Dissertação de mestrado—João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006.

ROCHA, W. J. C.; PACHECO, V. Entre sibilos e chiados do /S/ em coda silábica: um estudo sociofonético de percepção dialetal na Bahia. **Organon**, v. 37, n. 73, p. 80–101, 2022.

RODGERS, E. A rhetorical analysis of folk linguistic discourse: The case of twang. **American Speech**, v. 91, n. 4, p. 393–424, 2016.

ROGERS, B. M. A. The state of Spanish /s/ variation in Concepción, Chile: Linguistic and social trends. **Open Linguistics**, v. 6, n. 1, 2020.

RUSSO, L.; BEHLAU, M. **Percepção da fala**: análise acústica do português brasileiro. 1. ed. São Paulo: Lovise, 1993.

SANTOS, W. S. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo**. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2020.

SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. V. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In: MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Eds.). **Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 52–78, 2000.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. **Fórum linguístico**, v. 1, n. 1, p. 45–71, 1998.

_____. Marking in discourse: “Birds of a feather”. **Language Variation and Change**, v. 3, n. 1, p. 23–32, 1991.

_____. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **Scripta**, v. 9, n. 18, p. 107–129, 2006.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no Português Brasileiro. **Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 23, Special issue, p. 283–317, 2007.

SCHERRE, M. P. P.; TARALLO, F. Sobre a saliência fônica na concordância nominal em português. In: TARALLO, F. (Ed.). **Fotografias sociolinguísticas**. São Paulo: Pontes, p. 301–332, 1989.

SCHMID, H. J.; GÜNTHER, F. Toward a unified socio-cognitive framework for salience in language. **Frontiers in Psychology**, v. 7, n. aug, 2016.

SENE, M. G. **A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022.

SEVERO, C. G. Sobre o significado identitário na Sociolinguística: a construção do gênero. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Orgs.). **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blucher Open Access, p. 75–90, 2015.

SHADLE, C. H. **The acoustics of fricative consonants**. PhD thesis—Cambridge : Massachusetts Institute of Technology, 1985.

SILVA, G. B. DA; HENRIQUE, P. F. DE L.; LOPES, L. W. Percepção das fricativas estridentes: a pista acústica para a distinção entre alveolares e palatais utilizadas pelos ouvintes pessoenses. **Revista Intersecções**, v. 8, n. 17, p. 116–134, 2015.

SILVA, M. R. **Contato dialetal: atitudes do falar paraibano em São Paulo**. Dissertação (mestrado em Linguística)—João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1976.

SILVEIRA, G. C. P. Efeitos do abaixamento na frequência do terceiro formante na pronúncia aproximante do /r/ em coda sobre a percepção social de falantes em São Bernardo do Campo. **Domínios de Lingu@gem**, v. 16, n. 3, p. 928–952, 17 jun. 2022.

SILVERSTEIN, M. Shifters, linguistic categories, and cultural description. In BASSO, K. H.; SELBY, H. A. **Meaning in Anthropology**. Albuquerque: University of New Mexico Press, p. 11-55, 1976.

SILVERSTEIN, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In LUCY, J. A. **Reflexive Language: Reported speech and metapragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 33–58, 1993.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, v. 23, n. 3–4, p. 193–229, 2003.

SORIANO, L. G. M. **Percepções sociofonéticas do (-R) em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

STEVENS, M.; HARRINGTON, J. The phonetic origins of /s/-retraction: Acoustic and perceptual evidence from Australian English. **Journal of Phonetics**, v. 58, 2016.

STEVENS, M.; HARRINGTON, J.; SCHIEL, F. Associating the origin and spread of sound change using agent-based modelling applied to /s/-retraction in English. **Glossa**, v. 4, n. 1, 2019.

STRAND, E. A. Uncovering the Role of Gender Stereotypes in Speech Perception: **Journal of Language and Social Psychology**, v. 18, n. 1, p. 86–100, 2016.

STUART-SMITH, J. Changing perspectives on/s/and gender over time in Glasgow. **Linguistics Vanguard**, v. 6, n. s1, 2020.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. **Revista Linguística**, v. 6, n. 1, 2010.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

THOMAS, E. R. Sociophonetic applications of speech perception experiments. **American Speech**, v. 77, n. 2, p. 115–147, 2002.

TRUDGILL, PETER. **Sociolinguistic patterns in British English**. London: Edward Arnold, 1978.

VERNEY, L. A. **Verdadeiro Metodo de Estudar, para Ser util à Republica, e à Igreja**. Valensa: Antonio Balle, 1746.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. BAGNO, Marcos. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WENGER, E. **Communities of Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WILLIAMS, A.; GARRETT, P.; COUPLAND, N. Dialect Recognition. In: PRESTON, D. R. (Ed.). **Handbook of perceptual dialectology**. Amsterdam: John Benjamins, p. 345–358, 1999.

WINTER, B. **Linear models and linear mixed effects models in R with linguistic applications**. 2013. Disponível em [arXiv:1308.5499](https://arxiv.org/abs/1308.5499), acesso em maio de 2022.

WORTHAM, S. E. F. **Narratives in Action: A Strategy for Research and Analysis**. New York: Teachers College Press, 2001.

ANEXOS

Anexo A - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CCS/UFPB									
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP									
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA Título da Pesquisa: A PERCEPÇÃO DO /S/ EM CODA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO Pesquisador: PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE Área Temática: Versão: 1 CAAE: 44583121.7.0000.5188 Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP DADOS DO PARECER Número do Parecer: 4.675.846 Apresentação do Projeto: bem apresentado e delineado em sua estruturação Objetivo da Pesquisa: coerente aos passos da pesquisa Avaliação dos Riscos e Benefícios: inerentes a pesquisa dessa natureza Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: interessante o estudo dos sotaques em relação as diversas pronuncias nas regiões brsileiras Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: atende as exigencias institucionais Recomendações: divulgar os resultados Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: nenhuma Considerações Finais a critério do CEP: Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim,									
<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="border: none;">Endereço: UNIVERSITARIO S/N</td> <td style="border: none;">CEP: 58.051-900</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">Bairro: CASTELO BRANCO</td> <td style="border: none;">Município: JOAO PESSOA</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">UF: PB</td> <td style="border: none;">Telefone: (83)3216-7791</td> </tr> <tr> <td style="border: none;">Fax: (83)3216-7791</td> <td style="border: none;">E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br</td> </tr> </table>		Endereço: UNIVERSITARIO S/N	CEP: 58.051-900	Bairro: CASTELO BRANCO	Município: JOAO PESSOA	UF: PB	Telefone: (83)3216-7791	Fax: (83)3216-7791	E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br
Endereço: UNIVERSITARIO S/N	CEP: 58.051-900								
Bairro: CASTELO BRANCO	Município: JOAO PESSOA								
UF: PB	Telefone: (83)3216-7791								
Fax: (83)3216-7791	E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br								

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 4.675.846

informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1717865.pdf	16/03/2021 11:54:20		Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	16/03/2021 11:53:35	PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE	Aceito
Outros	Teste.pdf	16/03/2021 11:51:18	PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa.docx	16/03/2021 11:40:48	PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Consentimento.pdf	16/03/2021 11:40:18	PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	16/03/2021 11:36:25	PEDRO FELIPE DE LIMA HENRIQUE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

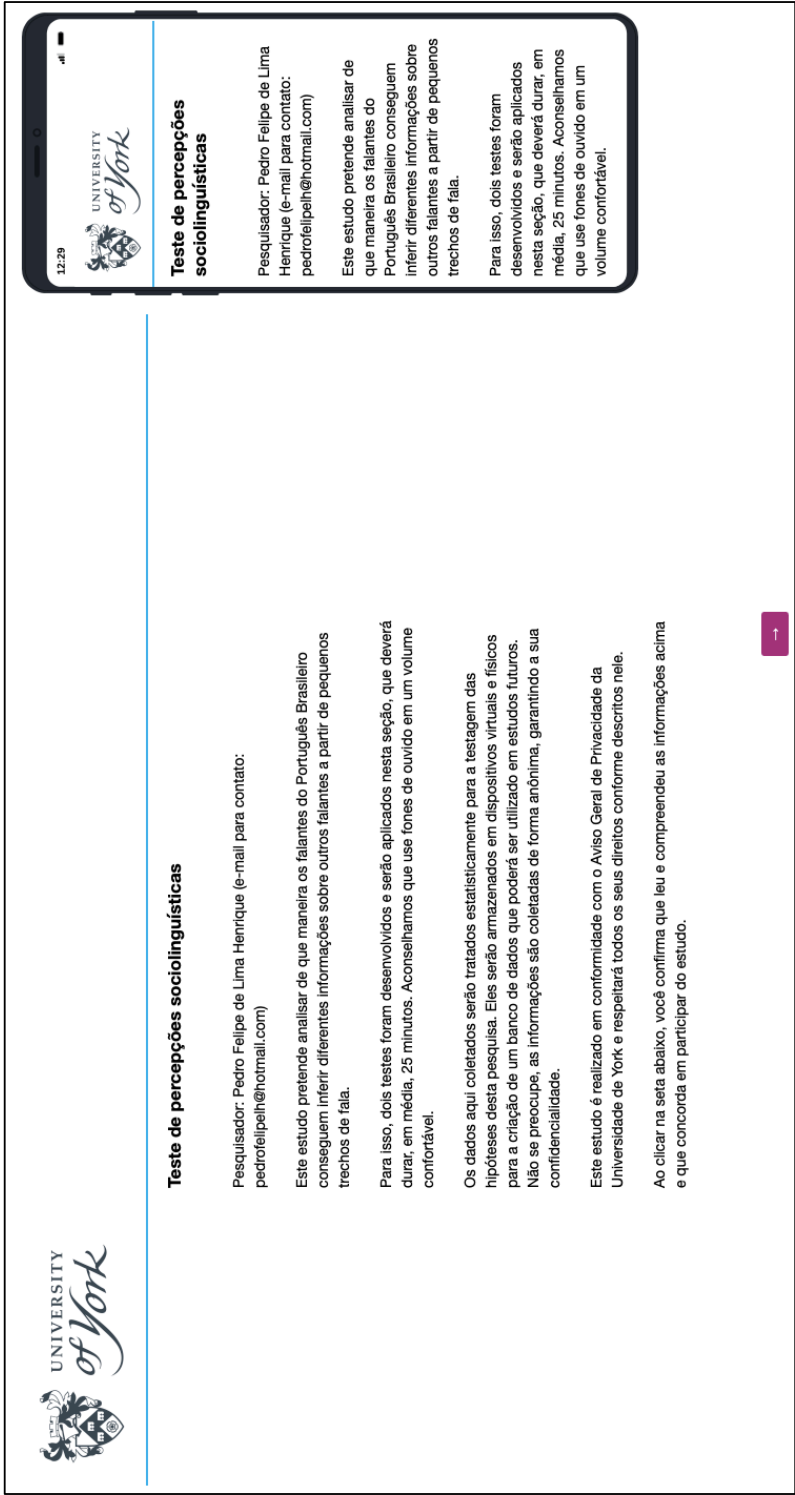
JOAO PESSOA, 28 de Abril de 2021

Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

APÊNDICES

Apêndice A - Página de apresentação do teste de percepção



Apêndice B - Página de instrução a respeito da primeira tarefa



UNIVERSITY
of York

Tarefa 1

A tarefa que você realizará consiste em avaliar 16 pessoas, considerando alguns atributos, a partir de pequenos trechos de fala.

Em cada página do teste, o áudio que contém o trecho começará a tocar assim que você clicar no botão "play" (pode repetir quantas vezes precisar). Depois de ouvir, você deverá escolher uma posição numa escala de sete pontos que melhor representa como essa pessoa soa de acordo com cada característica listada. Você também deve responder de onde acha que essa pessoa é e, caso queira, compartilhar que outras características você acredita que ela possui. Quando concluir a avaliação dessa pessoa, basta clicar no botão "next" para avaliar a próxima.

Vamos fazer um pré-teste para saber se você entendeu?

12:29



UNIVERSITY
of York

Tarefa 1

A tarefa que você realizará consiste em avaliar 16 pessoas, considerando alguns atributos, a partir de pequenos trechos de fala.

Em cada página do teste, o áudio que contém o trecho começará a tocar assim que você clicar no botão "play" (pode repetir quantas vezes precisar). Depois de ouvir, você deverá escolher uma posição numa escala de sete pontos que melhor representa como essa pessoa soa de acordo com cada característica listada. Você também deve responder

Apêndice C - Página de instrução a respeito da segunda tarefa



Tarefa 2

Esta é a segunda parte do teste de percepção.

A tarefa que você realizará consiste em identificar o quão diferente soam duas pronúncias de uma mesma palavra com relação ao S no meio ou no final dela, como em "caSca" ou "maiS tapa".

Em cada página do teste, o áudio que contém as duas pronúncias da palavra começará a tocar assim que você clicar no "play" (você pode repetir quantas vezes precisar). Depois de ouvir, você deverá clicar na bolinha e arrastá-la sobre a linha até o lugar que melhor representa a diferença das pronúncias numa escala que vai de "muito igual" a "muito diferente". Quando tiver concluído a tarefa, basta clicar no botão "next".

Se você julgar as pronúncias como diferentes, duas outras perguntas serão feitas sobre elas. Só clique em "next" quando responder a essas perguntas.

Vamos fazer um pré-teste para saber se você entendeu?

12:29



Tarefa 2

Esta é a segunda parte do teste de percepção.

A tarefa que você realizará consiste em identificar o quão diferente soam duas pronúncias de uma mesma palavra com relação ao S no meio ou no final dela, como em "caSca" ou "maiS tapa".

Em cada página do teste, o áudio que contém as duas pronúncias da palavra começará a tocar assim que você clicar no "play" (você pode repetir quantas vezes precisar). Depois de ouvir, você deverá clicar na bolinha